# UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

#### Luís Ricardo Araujo da Costa

### BOTA O RETRATO DO VELHO GETÚLIO OUTRA VEZ

A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1950 NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO

Niterói

#### Luís Ricardo Araujo da Costa

# BOTA O RETRATO DO VELHO GETÚLIO OUTRA VEZ

A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1950 NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do grau de mestre em História.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Juniele Rabêlo de Almeida

Niterói

2014

#### Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C837 Costa, Luís Ricardo Araujo da.

Bota o retrato do velho Getúlio outra vez: a campanha presidencial de 1950 na imprensa do Rio de Janeiro / Luís Ricardo Araujo da Costa. – 2014.

186 f.; il.

Orientadora: Juniele Rabêlo de Almeida.

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2014.

Bibliografia: f. 180-186.

1. Brasil. 2. Eleição presidencial. 3. Vargas, Getúlio, 1882-1954. 4. Imprensa; aspecto político. 5. Imprensa; aspecto histórico. I. Almeida, Juniele Rabêlo de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 981.061

#### Luís Ricardo Araujo da Costa

# BOTA O RETRATO DO VELHO GETÚLIO OUTRA VEZ

A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1950 NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do grau de mestre em História.

#### Banca examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juniele Rabêlo de Almeida (Orientadora) Universidade Federal Fluminense

> Prof. Dr. Jorge Luiz Ferreira Universidade Federal Fluminense

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marialva Carlos Barbosa Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Mauad (Suplente) Universidade Federal Fluminense

À minha mãe, Palmira, e à memória de meu pai, José.

A Aline, minha mulher.

#### Agradecimentos

À professora Juniele Rabêlo de Almeida, pela orientação sempre precisa e minuciosa.

Aos professores Jorge Ferreira e Marialva Carlos Barbosa, pela generosidade e peso das contribuições que deram a esse trabalho, como arguidores.

Aos professores Mario Grinszpan (UFF), Américo Freire (CPDOC/FGV), Beatriz Catão (UFRJ), Marcos Guedes Veneu (Fundação Casa de Rui Barbosa) e Gizlene Neder (UFF), pelas reflexões que provocaram em suas aulas.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da UFF, da Biblioteca Central da PUC-Rio, da Biblioteca Central do Gragoatá (UFF), da Fundação Biblioteca Nacional, do CPDOC/FGV e da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), pela atenção e cortesia do atendimento.

À minha mulher, Aline, pela companhia, paciência e amor.

Resumo

Esta dissertação propõe uma narrativa e uma análise da campanha presidencial de 1950 a

partir da leitura dos principais jornais do Rio de Janeiro. Do reaparecimento de Getúlio

Vargas no teatro político, em 1949, até as suas entrevistas já como presidente

democraticamente eleito, o trabalho procura apresentar e discutir os cenários e as tensões que

marcaram o retorno do ex-ditador ao Palácio do Catete, de onde fora deposto em 1945. Os

jornais, como tribuna, apresentaram a contenda que opunha o ex-presidente aos principais

adversários: o udenista Eduardo Gomes e o pessedista Cristiano Machado. Os perfis

partidários, a definição das alianças, a campanha nas ruas e, sobretudo, as disputas simbólicas

da imprensa - locus privilegiado do debate público - formaram o mosaico narrativo e

interpretativo desta dissertação.

Palavras-chave: História Política; Eleições presidenciais no Brasil; Getúlio Vargas; História

da Imprensa.

**Abstract** 

This dissertation proposes a narrative and an analysis of the 1950 Brazilian presidential

campaign by reading the major newspapers of Rio de Janeiro. From the reappearance of

Getúlio Vargas in the political theater, in 1949, to his interviews as a democratically elected

president, this work aims to present and discuss the scenarios and tensions that marked the

return of the former dictator to the Presidential Palace, from which he was deposed in 1945.

The newspapers, as tribune, presented the feud that pitted the former president to his main

adversaries: UDN's candidate, brigadier Eduardo Gomes, and PSD's Cristiano Machado.

Profiles of the political parties, the establishment of alliances, the campaign on the streets and

specially the symbolic disputes on the press - privileged *locus* of public debate - formed the

narrative and interpretive mosaic of this dissertation.

**Key-words:** Political History; Electoral Campaign; Getúlio Vargas; History of the Press.

7

# Sumário

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 – O solitário de Itu	18
1.1 A churrascada de São Borja: os Diários Associados no rastro do queremismo	31
1.2 À procura do consenso: o regime periclita na retórica editorial	36
1.3 Convite ao banquete: a fórmula Jobim	40
1.4 Os dois excomungados da democracia: Getúlio e Adhemar se cortejam	44
1.5 O manicômio político: a sucessão em desatino	47
1.6 Sphinx Gaetuli: leituras da esfinge	54
1.7 Getúlio marcha nos jornais, mas não sai das coxilhas	57
1.8 Daqui não saio, daqui ninguém me tira: o 'fico' de Adhemar	60
1.9 A "rebelião queremista"	64
1.10 A lição do umbuzeiro: a rota para o Catete está desimpedida	71
Capítulo 2 – A democracia no prelo	75
2.1 O brigadeiro Eduardo Gomes: um retrato hagiográfico do Correio da Manhã	79
2.2 Anauê, Brigadeiro!	85
2.3 O contragolpe dos queremistas: o pequenino O Radical se quer notável	87
2.4 Democracia, essa palavra: a peleja de liberais e trabalhistas	92
2.5 De Itu para o Catete: Getúlio sai em campanha	100
2.6 Ele falará: em São Januário, o reencontro com o Rio de Janeiro	104
2.7 Cristianizar: a propósito de um verbo	108
2.8 O caso Café Filho	116
2.9 O ditador e a flor de lótus: estudos de anatomia da imprensa carioca	119
2.10 A pedra começa a rolar da montanha: a cruzada getulista	124
2.11 Um personagem e dois roteiros: retratos do velho	131
CAPÍTULO 3 – O Três de Outubro	137

	3.1 Do brigadeiro aos "Trabalhadores do Brasil"	139
	3.2 Um espectro ronda o brigadeiro: ecos do marmiteiro	145
	3.3 A cruz e a espada: Getúlio remove as últimas cercas ao Catete	150
	3.4 Atrás da cortina, os destinos do país: a hora de votar	156
	3.5 Tramas de um crime perfeito: golpear a democracia para preservá-la	160
	3.6 Fazenda São Pedro, Uruguaiana: o último manifesto	169
ΕI	PÍLOGO	175
В	IBLIOGRAFIA	180

#### **INTRODUÇÃO**

Em agosto de 1950, o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) foi às ruas do Rio de Janeiro com a seguinte pergunta: Quais as fontes de informação pelas quais o(a) sr.(a) se orienta sobre política? Entre homens e mulheres, 66% responderam "jornal". Outros 43,6% dos entrevistados assinalaram "rádio", enquanto "amigos" foi a resposta de 25% deles.<sup>1</sup>

Estava em curso, naquele mês, a campanha presidencial brasileira, contenda que opunha o ex-presidente Getúlio Vargas, o brigadeiro udenista Eduardo Gomes e o mineiro Cristiano Machado, candidato da situação dutrista, além de João Mangabeira, do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Os números indicam o papel que as folhas impressas desempenhavam na disseminação de informações — e orientações — políticas. Aliada aos números trazidos pela pesquisa, uma perspectiva parece incontornável: a compreensão de que a imprensa brasileira vinculava-se, à época, a um jornalismo com posições políticas e editoriais sensivelmente aclaradas.

Vozes múltiplas, convivendo em um ambiente político de acirramento ideológico, compuseram na imprensa do período um quadro simbólico do "tempo da experiência democrática".<sup>2</sup> Os atores, tradicionais ou neófitos no palco de disputas políticas, encontram nos jornais uma plataforma, uma tribuna. Forjados em diferentes linhas editoriais e orientações políticas, os símbolos, as ideias e narrativas da campanha presidencial, que mobilizou o país em 1950, são os elementos que este trabalho procura compreender e discutir.

A abertura política que emerge da queda do Estado Novo devolveu à imprensa a forma de *locus* do debate público.<sup>3</sup> Ao lado de novas folhas, jornais tradicionais, agora em um contexto democrático, afirmam-se no campo dos embates políticos. Trabalhistas, liberais, comunistas, etc. valem-se da imprensa como tradutora de ideais e aspirações. Disseminam os seus símbolos e alimentam os seus mitos, em uma atmosfera democrática, de franco enfrentamento verbal.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> LAVAREDA, Antônio. *A democracia nas urnas: o processo partidário eleitoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. IUPERJ, 1991, p. 128.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Cf. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro: Epapers, 2006.

O recurso à analise das fontes jornalísticas revela nossa escolha teórico-metodológica – relações estabelecidas entre história e imprensa<sup>4</sup> –, cara a um trabalho que pretende discutir tensões políticas em uma eleição renhida, como a de 1950. Um ex-presidente deposto reaparece para o pleito democrático. Um ex-tenentista traduz aspirações liberais. Um mineiro tem o apoio de um império de comunicação. Milhões de brasileiros são convocados às urnas. Embebida de tudo isso, uma imprensa loquaz.

O uso da fonte jornalística enseja algumas reflexões, ainda mais urgentes quando nos aproximamos dos jornais considerando-os, a um só tempo, fonte primária e objeto de investigação. Sustentamos que a imprensa, sobretudo com o papel que assumiu na política liberal-democrática do período, revela vestígios, sinais e impressões. Afinal, "o que entendemos efetivamente por documentos senão um 'vestígio', quer dizer, a marca, perceptível, aos sentidos deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar?" A apreciação dos documentos, seguindo os rastros de que nos fala Carlo Ginzburg, supera certa perspectiva de apreensão da realidade: "Escavando os meandros dos textos, contra as intenções de quem os produziu, podemos fazer emergir vozes incontroladas".6

O recorte metodológico aqui proposto abarca a análise da produção jornalística recorrendo aos seus "vestígios". Ou seja, não se trata aqui de perscrutar a verdade ou falsidade dos documentos, mas de entendê-los como produção simbólica, capaz de fomentar um exercício epistemológico mais compreensivo sobre a democracia, a imprensa e a paisagem política nacional.

Convém aproximarmo-nos da imprensa, como já apontou Robert Darnton, antes como possibilidade de questionamento do processo histórico do que como mero registro dos acontecimentos. Adotamos, em sentido semelhante, as perspectivas teóricas da "história política". É no político – no sentido que lhe deram Claude Lefort e Pierre Rosanvallon –, compreendido na constelação de mecanismos de representação e poder engendrados por uma coletividade, que se conforma o cenário no qual se desenvolvem as atividades de imprensa.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Cf. LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas.* São Paulo: Contexto, 2008; FERREIRA, Tânia; MOREL, Marco; NEVES, Lúcia (Org.). *História e Imprensa - representações culturais e práticas de poder.* Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<sup>5</sup> BLOCH, March. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.73. <sup>6</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.11

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n.35, dez. 2007, p.257.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Cf. RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

No período pós-1945, na qual os nascentes partidos institucionalizavam famílias políticas diversas, os jornais reverberavam os conflitos ideológicos e os desacordos de um período de agudo acirramento político.

Diferentes "culturas políticas" – no sentido dado por Serge Berstein — convivem nas páginas dos periódicos brasileiros, alimentando os debates de uma eleição politicamente tensa nos bastidores e verbalmente áspera nos jornais. Este trabalho procura acercar-se dos fenômenos políticos com uma abordagem compreensiva. Isto significa compreendê-los — suas falas, suas imagens, suas representações, enfim — dentro de um contexto particular de produção de sentido. Pierre Rosanvallon sublinha que

(...) a compreensão no campo da história implica reconstruir o modo pelo qual os atores entendem sua própria situação, redescobrindo as afinidades e as oposições a partir das quais eles projetam suas ações, configurando genealogias de possibilidades e impossibilidades que, implicitamente, estruturam seus horizontes.<sup>11</sup>

Trata-se de uma "empatia controlada", pela qual nos acercaremos dos problemas políticos por meio da compreensão dos contextos no qual emergem. Ou, como escreve Marialva Barbosa, no contexto específico da imprensa, a partir "dos sinais que chegam até o presente, cabe tentar compreender a mensagem produzida dentro de suas próprias teias de significação". <sup>12</sup>

Se, portanto, o período investe-se, como demonstram os jornais aqui pesquisados, de aguerridas posições políticas, em um contexto de democratização pós-1945, é com esta compreensão que nos debruçamos na leitura do manancial simbólico produzido por uma imprensa de posições políticas eloquentes. Quando encontrarmos os vocábulos "ditadura" e "democracia", aos quais a imprensa da época recorreu tão largamente, o faremos considerando, como adverte Rosanvallon, que "nenhum conceito político (seja ele

12

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> O conceito de cultura política, na historiografia brasileira, pode ser estudado em MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *História e Culturas Políticas*. Belo Horizonte: Editora Argumentum, 2009; DUTRA, Eliana de Freitas. História e culturas políticas: definições, usos, genealogias. In: *Varia História*, Belo Horizonte, nº 28, dez. 2002; GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In SOIHET, R.; BICALHO, M.F.; GOUVÊA, M.F. (org.) *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> BERSTEIN, Serge. A cultura política. In SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> ROSANVALLON, Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010, p.48.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 13.

democracia, liberdade ou outros) pode ser dissociado de sua história". <sup>13</sup> O debate político não se alija, assim, de seu lugar de origem.

O primeiro capítulo desta dissertação – "O solitário de Itu" – funciona como o primeiro ato da campanha presidencial de 1950. Aqui se descortinam as principais forças, as tensões políticas tornam-se mais sensíveis, a imprensa é mais eloquente. O desenrolar do pleito tem um fato fundamental: as aspirações queremistas encontram novo fôlego na manhã do dia 3 de março de 1949, quando as palavras do ex-presidente Getúlio Dornelles Vargas vão às páginas dos jornais de Assis Chateaubriand. O queremismo punha-se em marcha novamente, antecipava a intensa refrega das eleições presidenciais de 1950 e reacendia sentimentos contrários.

Esperanças e temores eclodiram com as palavras que Samuel Wainer trouxe do "Q.G. de São Borja", como os jornais dos Diários Associados passariam a chamar a estância Santos Reis, onde o repórter fora encontrar o então senador, em seu "exílio". Com as tensões açuladas pela gargalhada de Getúlio na capa do *Diário da Noite*, a sucessão dificilmente comportaria indiferença ou desinteresse – na imprensa ou nas ruas. A entrevista, que abre o livro de memórias do jornalista Samuel Wainer, revelava um Getúlio sereno, apaziguador, bem humorado, farto em sorrisos e amenidades. Da sucessão, é apenas um "simples observador", sugere. Cauteloso, o então senador, afastado do centro da política nacional desde 1945, quando deposto, habilmente precipitava o seu nome nas eleições presidenciais do ano seguinte, sem, contudo, confirmá-lo. "Não sou propriamente um líder de partidos. Sou, isto sim, um líder de massas", definia-se. O nome de ex-ditador de fato apareceria, dali a pouco mais de um ano, nas cédulas de um escrutínio presidencial democrático.

Sem sair de São Borja, Getúlio é apresentado como o mais proeminente personagem de todo o período que antecede a definição dos partidos para a corrida sucessória. Paciente e com a maestria de "dizer tudo e nada ao mesmo tempo" – como Wainer deduz –, ele é pertinazmente interpretado pelo repórter dos Diários Associados, numa relação que daria em amizade confidente dali por diante.

Ao mesmo tempo em que investiga essa relação pelas reportagens que interpretaram de diferentes formas as aspas reticentes e os gestos desse esfíngico Getúlio, o capítulo analisa as tratativas para a consecução do chamado "acordo interpartidário", solução conciliatória

-

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> ROSANVALLON, Pierre. Op. cit., p. 52.

encontrada pelos próceres da União Democrática Nacional (UDN), do Partido Social Democrático (PSD) e do Partido Republicano (PR) para construir uma base de apoio ao governo Dutra e encontrar, para o pleito de 1950, um candidato único, saído do consenso entre os chamados "Três Grandes". As fórmulas que daí surgem para resolver o imbróglio – como a fórmula Jobim e a fórmula mineira –fracassariam rotundamente, deixando a cada um dos partidos um caminho próprio.

É deste cenário no qual irrompem tensões políticas irresolvíveis, de batalhas verbais na imprensa, de expectativas e receios com o prenúncio da volta daquele que fora deposto havia menos de quatro anos, que o primeiro capítulo desta dissertação extrai suas preocupações. O queremismo, a essa altura um neologismo devidamente assentado no vocabulário político nacional, ecoava no país como uma voz que apenas um ouvido incauto suporia de todo sufocada em 1945, quando clamores não impediram que Getúlio Vargas fosse posto para fora do Catete e afastado da Constituinte.

Com base na cobertura dos Diários Associados, que publicam a ruidosa entrevista de Vargas a Wainer, procuramos compreender o cenário político no qual o nome do expresidente irrompe após a debacle de 1945 – e como o "solitário de Itu" estremece a política nacional. O capítulo procura problematizar o contexto político nacional no qual ele reaparece como peça-chave. As fórmulas fracassadas de alianças, os debates de coalização e consenso, a tese do candidato único, os partidos nacionais e seus principais quadros: esse capítulo retoma o painel político nacional que sustenta as discussões sobre a sucessão do general Eurico Dutra e o impacto que um queremismo revigorado causa nos círculos políticos e na imprensa.

O segundo capítulo deste trabalho – "A democracia no prelo" – analisa aspectos das campanhas dos três principais candidatos ao Catete em 1950 – Getúlio Vargas (PTB), Eduardo Gomes (UDN) e Cristiano Machado (PSD) –, revisitadas por meio da cobertura diária, textual e fotográfica, e dos editoriais e artigos que formam o corpo documental desta pesquisa. Getúlio tinha a seu lado o jornal *O Radical* e a cobertura dos Diários Associados, com Samuel Wainer destoando da crítica feroz que Assis Chateaubriand dirigia à campanha do ex-ditador. O brigadeiro contava com as páginas da quase unânime imprensa antigetulista, como em 1945. Ressoava nela o apoio irrestrito de um jornal já quase cinquentenário, influente e reconhecido pela combatividade e orientação liberal – o *Correio da Manhã*. O pessedista Cristiano Machado foi o candidato da cadeia dos Diários Associados, da qual *O Jornal* e o *Diário da Noite* eram os principais veículos impressos.

A escolha dos jornais pesquisados obedece ao papel e à influência que desempenharam na política brasileira e, mais precisamente, nas eleições presidenciais de 1950. Segundo Marialva Barbosa, com base no Anuário Brasileiro de Imprensa (1950-1958), no início da década de 1950, entre os jornais com maior poder de difusão, figuravam os matutinos *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Diário de Notícias*, *O Dia* e a *Luta Democrática*. Em números, liderava *O Jornal*, comprado em 1924 por Assis Chateaubriand e principal veículo dos Diários Associados. Em 1951, o periódico vendia a média de 70 mil exemplares diários. O *Correio da Manhã*, tradicional folha liberal e uma das principais vozes no movimento que derrubou Getúlio em 1945, era impresso com a tiragem média de 56 mil exemplares. Entre os vespertinos, jornais que valorizavam as manchetes e as notícias locais, eram mais vendidos, no começo da década, *A Notícia*, *O Globo*, *Diário da Noite*, *Tribuna da Imprensa e Última Hora*. Foi no *Diário da Noite*, também de Chateaubriand, que algumas das principais reportagens da campanha de Getúlio, coberta por Samuel Wainer, foram impressas.

Este capítulo parte principalmente dos jornais *O Radical*, *Correio da Manhã*, *O Jornal* e *Diário da Noite*, além de recorrer ao *Diário de Notícias* e ao *Diário Carioca*, para analisar, por meio da cobertura diária, os fatos (ou suas variantes) e as batalhas verbais que desenharam a eleição. Há dois aspectos a que devemos aludir para justificar a escolha destes jornais: o primeiro, que sustentamos com base no Anuário Brasileiro de Imprensa, é de ordem aritmética e editorial. São periódicos (com exceção de *O Radical*) com algumas das mais altas tiragens do Distrito Federal e com uma editoria política de largo espaço e acentuado prestígio.

O segundo aspecto é mais subjetivo e, por isso mesmo, definidor do caráter desta pesquisa. Sem exceção, as folhas elencadas lançaram-se intensamente ao embate eleitoral. Adotaram posições de combate, formularam e defenderam teses as mais diversas, despejaram verborragia belicista aos adversários e loas infladas aos seus candidatos. Enfrentaram-se abertamente e lutaram em torno dos fatos, de suas versões e inferências. Fizeram-se atores do processo eleitoral.

Aqui se justifica, com mais clareza, o uso de *O Radical*, jornal de baixa tiragem, mas de alta veia política. O pequeno matutino carioca era o único jornal "queremista" que circulava no Rio de Janeiro, onde as bancas vertiam títulos quase sempre de confronto ao getulismo. Além de traduzir, nas suas páginas, o ideário e as visões dos trabalhadores pró-Getúlio, o jornal embrenhou-se aberta e contundentemente na militância de rua: imprimiu

-

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> BARBOSA, Marialva. Op. cit., p.155.

folhetos, distribuiu cédulas, organizou comícios e reuniu queremistas em frente à sua sede para ouvir os discursos do candidato petebista.

Das primeiras palavras e atos depois das convenções partidárias, das caravanas nacionais aos detalhes dos bastidores das campanhas, este trabalho procura analisar os debates, as especulações e toda uma miríade de aspectos do pleito que estes jornais se dedicaram a cobrir. Getúlio Vargas reuniu multidões queremistas em comícios históricos. Os olhos de Samuel Wainer e as lentes de *O Radical* testemunharam, com linhas grandiloquentes, a campanha petebista. O brigadeiro Eduardo Gomes, signo das oposições de 1945, saiu em cruzada pelos ares do Brasil – e teve de explicar o indigesto apoio de Plínio Salgado, ex-chefe da Ação Integralista Brasileira, organização de cunho fascista que fizera barulho na década de 1930. Cristiano Machado, abandonado (ou "cristianizado") tinha pouca retórica de palanque e quase nenhuma projeção. Só contava com a máquina do PSD e a fidelidade Assis Chateaubriand ao Catete.

Um conceito fomenta a peleja verbal e imprime tons diversos aos fatos: democracia. Getúlio Vargas atravessava o país com a marcha queremista e os temores de sua volta logo alimentaram teses de inelegibilidade e de intervenção de militar. Enquanto *O Radical* recorre com vigor à definição de Lincoln – democracia como governo do povo, pelo povo e para o povo –, a imprensa antigetulista vê uma contradição na hipótese de se eleger, pelo voto democrático, um ditador. É este o embate mais visceral das eleições de 1950.

Como a imprensa, neste momento traduzindo e disseminando plataformas políticoideológicas diversas, abarcou o termo "democracia", tão polissêmico e complexo? Parte dela, capitaneada por Chateaubriand, recorria a um paradoxo: golpear a democracia com o fim de preservá-la. As disputas políticas em torno do conceito, tendo os jornais como atores políticos e como documento farto em representações — ou, como propõe este trabalho, imprensa como tribuna, como palco de conflitos discursivos — são apresentadas e discutidas nesta dissertação.

O terceiro e último capítulo – "O três de outubro" – surge como o ato derradeiro de uma campanha que, desde as primeiras insinuações, revestia-se de tensão e incerteza. Com as últimas aparições, as entrevistas derradeiras, o último fôlego de expectativas e embates, as eleições caminhavam para o aguardado desenlace. Esse quadro de intensa refrega não seria de todo desfeito depois de três de outubro, quando as urnas puseram Getúlio Vargas novamente no Catete.

O quadro da imprensa carioca vê movimentar-se, com ascendente mordacidade, um jornal comandado pela verrina do então vereador Carlos Lacerda. A *Tribuna da Imprensa* já havia começado a urdir os acenos e os cortejos às hipóteses de golpe que, dali em diante, rondariam o segundo governo Vargas. Um primeiro chamado à luta fora dado, enquanto seu mentor fincava aos poucos seu nome na vida política nacional.

Em outros jornais, queremistas e brigadeiristas – e o então "cristianista" Assis Chateaubriand – expuseram impressões e especulações sobre o que já deixara de ser mera conjectura. Aquele que saíra deposto do Catete, a quem uma quase uníssona imprensa tratava como ditador e totalitário, tornava ao palácio presidencial sufragado em uma eleição democrática e aberta. Samuel Wainer estará ao lado de Getúlio Vargas todo o tempo para escrever o último capítulo da história de uma campanha que começara na tarde de 3 de março de 1949, com a lendária entrevista de Santos Reis.

Ditadura e democracia serão palavras escritas à exaustão nos jornais cariocas. À medida que as cédulas são contadas, os editoriais e as reportagens se tornam, na imprensa antigetulista, mais e mais preocupantes, às vezes sombrios. Os diários investem em especulações de toda sorte: encontrar os erros, entender os votos, compreender o fato e inquirir o futuro. Como explicar a vitória expressiva de Vargas? O que será – indagam – a democracia sob as mãos de um ex-ditador, a quem essa mesma democracia teria derrubado? A posse de Vargas é democrática? O que é, enfim, para a imprensa brasileira, o três de outubro de 1950?

#### Capítulo 1 - O solitário de Itu

Espero a próxima eleição presidencial para votar em seu nome. Peço encarecidamente não indicar candidato. Já votei a seu pedido em 2 de dezembro de 1945 e chega!<sup>15</sup>

Dácio Martins Torres, funcionário da Radiobrás, em carta a Getúlio Vargas, 1949.

Era o dia 3 de março de 1949, manhã seguinte à Quarta-Feira de Cinzas de um Carnaval que deixara a Avenida Presidente Vargas, no centro do Rio, como sempre apinhada de gente. Democráticos, Fenianos, Tenentes, Pierrots, Socego e Cariocas haviam desfilado, numa inovação daquele ano, depois de uma ruidosa queima de fogos em dois arranha-céus da avenida. As fantasias, os enredos, os *flashs* dos cortejos e da pirotecnia, naquela quinta-feira que celebrava os campeões do Carnaval, ficariam confinados às páginas internas do *Diário da Noite*. Com uma pauta-bomba, o jornal carioca foi às ruas com a primeira página coberta por fotografias de um homem em gargalhada franca, olhos semicerrados e dentes à mostra. Acima de uma delas, no centro da página, em tipos imensos, o título: "Vargas anuncia: Darei o meu apoio a quem aceitar o programa do PTB. Não tenho emissários". <sup>16</sup>

Uma entrevista com o então senador Getúlio Vargas rompia o silêncio, poucas vezes desfeito, que o ex-presidente se impusera desde deposto do Palácio do Catete, em outubro de 1945, com a queda do Estado Novo. <sup>17</sup> Distante do furor político do Distrito Federal e assentado na pequena São Borja, no sudoeste gaúcho, Getúlio emergiu do ocaso nas folhas dos Diários Associados, conglomerado de comunicação de Assis Chateaubriand, o Chatô. <sup>18</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Trecho de carta enviada pelo funcionário da Radiobrás Dacio Martins Torres ao então senador Getúlio Vargas. Cf: O HOMEM da carta a Getúlio. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1949, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> WAINER, Samuel. Vargas anuncia: Darei o meu apoio a quem aceitar o programa do PTB. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1949, p. 1

<sup>17</sup> Cf. PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999; TAVARES, José Nilo. *Getúlio Vargas e o Estado Novo*. *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> A trajetória de Assis Chateaubriand foi narrada em biografia pelo repórter Fernando Moraes. Cf. MORAES, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Para a análise historiográfica das biografias escritas por jornalistas, cf. SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo biografias - historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos.* Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 3-21, 1997.

Levadas às páginas azuis do *Diário da Noite* e impressas no influente *O Jornal*, as palavras repuseram o ex-ditador na cena política nacional.

Senador eleito em 1946 pelos estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, e deputado federal por outros sete, Getúlio recolhera-se às terras onde nascera e adotara o silêncio como regra. Parlamentar isolado, o ex-presidente frequentemente se recusava a receber jornalistas e mantinha relações com o poder por meios de correspondências ou encontros com lideranças políticas que desciam à sua procura nas coxilhas de São Borja. Ao Senado, há muito não se apresentava, com licenças sucessivas. A filha Alzira Vargas foi um dos principais interlocutores nesse período. Getúlio também passaria a receber, para longas conversas, o bem sucedido invernista João Goulart, o Jango, filho do amigo e vizinho de estância Vicente Goulart. O ex-presidente e o jovem de menos de 30 anos desenvolveriam uma amizade profunda naqueles anos de quase isolamento. <sup>21</sup>

Com a repercussão da entrevista aos Diários Associados, Getúlio finalmente emergiu da debacle que experimentara quando deposto e firmou-se como a mais proeminente figura da campanha presidencial que se avizinhava. As palavras do ex-presidente foram colhidas dois dias antes de o *Diário da Noite* chegar às bancas do Rio com a gargalhada estampada na primeira página. Estava perto do fim da tarde da terça-feira de Carnaval quando o *Cessna* bimotor desceu em meio à manada de bois e ovelhas que pastava ao redor da fazenda Santos Reis. Como a caminhonete do lugar estivesse na cidade, o piloto Nelson e os jornalistas Samuel Wainer, Thadeu Onar e Lauro Porto – todos dos Diários Associados –, acompanhados por um peão, tiveram de campear por dois quilômetros até a modesta estância. Vinte minutos depois, bateram à porta da casa, em cuja entrada um "belo e acolhedor jardim convidava ao mais justo dos refúgios do sol abrasador que àquela hora – 17 horas – ainda ardia no horizonte".<sup>22</sup>

Getúlio Vargas banhava-se naquele momento. Chegara havia pouco de longo passeio a cavalo, como costumava fazer todas as tardes. Tinha apenas a companhia do irmão Protásio, dono das terras na qual ele, Getúlio, fora se refugiar enquanto a sua estância, no município

Pela legislação da época, era possível candidatar-se a mais de um cargo eletivo, e por mais um de estado.
O Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) guarda no arquivo "Getúlio Vargas" correspondências do ex-presidente, divididas por seções

temáticas. (Acervo textual reunido por Alzira Vargas do Amaral Peixoto, doado em 1985 – CPDOC/FGV).

<sup>21</sup> Cf. FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 52.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> WAINER, Samuel. O debate da sucessão presidencial não poderá mais ser contido. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1949, p. 1.

vizinho de Itaqui, passava por reformas. A 80 km de São Borja, a lendária estância Itu, que margeia o rio de mesmo nome, havia sido solicitada por Getúlio em processo de inventário, pouco depois que deixara o Governo e desembarcara na fazenda do irmão.<sup>23</sup> O "solitário de Itu", alcunha que lhe pespegaram na imprensa, estava naquela tarde em Santos Reis quando foi avisado de que lhe procuravam. Getúlio mandou que se servisse água gelada aos homens e perguntou de quem se tratavam. Samuel Wainer entregou a um funcionário de Protásio o cartão em que se apresentava como repórter dos Diários Associados.

De blusão gaúcho, tostado pelo sol, como Wainer o descreve na reportagem de O Jornal, o senador apareceu, segundos depois, à porta onde os forasteiros o esperavam. Getúlio parecia, segundo as memórias do jornalista publicadas mais tarde, um autêntico boneco gaúcho, desses que se vendem como lembranças no Rio Grande do Sul: "Baixinho, bombachas azuis, camisa xadrez, lenço no pescoço, chapéu, botas pretas, charuto na boca". 24

"Então, como vai o petróleo? Espero que não tenha vindo para me entrevistar", disparou o anfitrião a Samuel Wainer, repórter que vira pela primeira e única vez em 1947, quando o jornalista publicara reportagens sobre a questão do petróleo nos jornais de Chateaubriand. "Não, senador, vim conceder-lhe uma entrevista", devolveu Wainer. "Que deseja saber?". Getúlio riu. O riso passou a gargalhada quando Wainer lhe disse que, percorrendo o Rio Grande do Sul para estudar de perto a situação de um dos produtos gaúchos mais valorizados naquele momento no resto do Brasil – o trigo – não poderia deixar de saber também como ia ele - Getúlio Vargas -, outro produto gaúcho altamente valorizado nos grandes mercados da política nacional.<sup>25</sup>

Existem versões diferentes sobre os bastidores da entrevista de Santos Reis. Samuel Wainer reafirmaria, em suas memórias, que dera ordens de pouso quando Nelson, o ex-piloto da FAB que sobrevoava a fazenda com o Cessna, contou que ali embaixo morava "o homem", alcunha pela qual Getúlio Vargas era conhecido no Rio Grande do Sul. Segundo Wainer, um roteiro pelo sul do país fazia parte de uma série de viagens, a mando de Assis Chateaubriand, com o objetivo de apurar reportagens sobre a questão do trigo.<sup>26</sup> Chatô, naquele momento. não se oporia à história.<sup>27</sup> Somente quatro anos depois, escreveria um artigo afirmando que o

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 51.

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> WAINER, Samuel. *Minha...*, op. cit., p. 21.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> Idem. O debate da sucessão presidencial não poderá mais ser contido. O Jornal, Rio de Janeiro, 03 mar. 1949, p. 1.
<sup>26</sup> Idem. *Minha...*, op. cit., p. 19.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. E mesmo do barulho. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 04 mar. 1949, p. 6.

repórter fora enviado a São Borja com a tarefa preparada de encontrar o ex-ditador, com quem uma conversa, segundo ele, já havia sido previamente combinada. Essa segunda versão seria confirmada por Carlos Castelo Branco, Austregésilo de Athayde e Freddy Chateaubriand, colegas de direção dos Diários Associados à época.<sup>28</sup>

Espontânea ou premeditada, a conversa naquele fim de tarde em São Borja vagueou, primeiramente, pela situação do trigo e do petróleo, com um Getúlio mais inquiridor do que o repórter. Wainer traça um retrato do homem que, desde moço, era conhecido pelo comportamento de esfinge, indecifrável.

A sua agilidade mental está num dos seus pontos mais altos e seu magnífico vigor físico proporciona-lhe um controle nervoso excepcional, controle esse que é ainda mais facilitado pela sua clássica manobra, uma boa e alegre gargalhada que quer dizer tudo e nada ao mesmo tempo.<sup>29</sup>

O trigo e o petróleo, como meros preâmbulos, somem sem demora da conversa. A pauta era outra: a sucessão presidencial. O cenário partidário das eleições do ano seguinte era incerto, com candidaturas ainda em hipótese. Por meio de um acordo interpartidário entre o Partido Social Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN) e o pequeno Partido Republicano (PR), assinado em 1948, a tese da "união nacional" orientou os debates eleitorais.<sup>30</sup> Um candidato único, vindo dessa base interpartidária, fora aventado como saída para a sucessão do general Eurico Dutra.

"A turma está querendo saltar da bainha. Não acredito que o problema da sucessão possa ser contido por muito mais tempo. Muito antes de 1950, o problema estará na rua", sentenciou Getúlio, com um típico vocabulário gaúcho.<sup>31</sup> Àquela altura, pouco avançara a fórmula do candidato único, emperrada nas exigências de lado a lado. "Melhor assim", comentaria o ex-presidente na entrevista a Wainer. "Um candidato único não ficaria bem. Seria antidemocrático".

<sup>29</sup> WAINER, Samuel. O debate da sucessão presidencial não poderá mais ser contido. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1949, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> MORAES, Fernando. Op. cit., p. 495.

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> O sentido de "união nacional" em favor da democracia já estivera na retórica eleitoral de 1945, quando a UDN lançou a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência. Cf. BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 42.

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> WAINER, Samuel. O debate da sucessão presidencial não poderá mais ser contido. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1949, p. 1.

A hipótese do pacto nacional fora aventada em Minas Gerais, ainda em 1947. Pelas bases do acordo, o PSD indicaria o nome à corrida presidencial, e a UDN, o candidato ao governo mineiro. A costura interpartidária deu ao governo Dutra uma ampla base de apoio no Congresso Nacional, mas o ensejo da sua criação – um nome para o pleito de 1950 – não era alcançado. Desencontros políticos entre os dois partidos e o espírito getulista de quadros do PSD frustravam o objetivo primeiro do acordo interpartidário.<sup>32</sup>

Getúlio Vargas continuava a ser, apesar da distância e do silêncio, o principal nome a rondar os possíveis arranjos políticos para as eleições presidenciais de 1950. Para o brasilianista Thomas Skidmore, "a personalidade central do período não era o presidente recém-eleito, mas o recém-deposto". Ao cair do Estado Novo, o legado de poder getulista dera forma à criação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com inspiração no Labour Party inglês e sustentação na máquina do Ministério do Trabalho e nos sindicatos. O PSD, formado nas bases de oligarquias estaduais, tinha no seu documento fundador a assinatura de Getúlio e, nas suas lideranças, aliados umbilicais do ex-presidente. Com orientação liberal clássica, a UDN reuniu tendências distintas, mas cordatas em um ponto: a oposição a Vargas. A criação dos principais partidos brasileiros estabelecidos com o desmoronar do Estado Novo encontrou no getulismo – ou na sua antítese – uma das razões de sua gênese.

Desmontado o Estado Novo, o pluralismo político nascente deu sinais de ambiguidade. Ao mesmo passo em que a ditadura de Vargas era desfeita, os mais influentes partidos políticos que emergiam na esteira da democratização eram, de um modo ou de outro, referenciados pelo legado do ex-ditador. Como observa Lucilia de Almeida Neves Delgado, a transição despontava, desse modo, paradoxal. Comportava, a um só tempo, continuidade e ruptura da ordem.<sup>35</sup> Ainda que posto no ostracismo, Getúlio Vargas serviu de elemento polarizador nas definições partidárias em curso no Brasil.<sup>36</sup>

Quando Samuel Wainer desceu a São Borja para encontrar o ex-presidente, os Diários Associados alimentavam rumores de que poderia haver um entendimento entre a UDN e o

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989, p 87.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 102.

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> Estudos sobre os principais partidos do período 1945-1965 podem ser encontrados em DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit.; HIPPOLITO, Lúcia. *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit. <sup>35</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit., p. 29.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 71.

PTB para o apoio de Vargas ao brigadeiro Eduardo Gomes, candidato udenista derrotado nas eleições de 1945 e quadro maior do partido de contumaz antigetulismo. As articulações, segundo a imprensa, eram coordenadas pelo deputado udenista Gabriel Passos, líder do partido na Câmara e ex-procurador da República no governo Vargas, entre 1935 e 1946.

A Wainer, Getúlio desdiz os rumores. Define-se um simples observador da situação política do país, mas anuncia a disposição de conversar com quem defenda um programa de defesa dos trabalhadores brasileiros. "Estará o sr. também disposto a perdoar a UDN?", indagou-lhe o repórter. "Perdoar o quê? Todo o mundo sabe que não guardo ódios nem rancores contra ninguém, nem tenho contas a ajustar com quem quer que seja", respondeu-lhe Getúlio. Com o brigadeiro na pauta, o ex-presidente soa amistoso. "Considero-o um grande nome e um grande valor moral. Pessoalmente tenho por ele o maior apreço", diz. "Entretanto", ele emenda, "não considero que baste um grande nome e um grande valor moral para consagrar um candidato perante o povo. É preciso saber qual o programa e é preciso que este programa atenda às reivindicações dos trabalhadores brasileiros".<sup>37</sup>

O diretor do jornal *Correio Manhã*, Paulo Bittencourt, afirmara dias antes que Getúlio Vargas e o brigadeiro Eduardo Gomes estavam acima das contingências partidárias. Eram "imposições da opinião pública". Wainer leva o comentário à entrevista. "Sim, com efeito, ele tem razão", começa Getúlio. "Eu não sou propriamente um líder político. Sou, isto sim, um líder de massas", define-se. Questionado sobre a oportunidade de se lançar à presidência em 1950, o senador responde, depois de outra gargalhada: "Bem, responder-lhe-ei a esta pergunta quando estivermos no Rio". 39

Samuel Wainer relataria, nas suas memórias, aspas um tanto diversas das que estavam impressas nos jornais dos Diários Associados na manhã de 3 de março de 1949. Uma manchete estrondosa, segundo o repórter, fora levada aos jornais: "Eu voltarei como líder de massas", frase que Getúlio teria dado, com naturalidade e clareza, naquela tarde em São Borja. O sentido da entrevista, como a leitura dos jornais permite ver, era exatamente outro: o senador fugia a qualquer afirmação mais clara sobre a sua candidatura e escondia, entre gargalhadas e rodeios, a rota dos seus passos na sucessão.

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> WAINER, Samuel. O debate da sucessão presidencial não poderá mais ser contido. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 mar. 1949, p. 6.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Idem.

Ao justapor duas passagens da entrevista (quando Getúlio diz que voltaria em breve ao Rio e quando ele se arvora um líder de massas), o depoimento de Wainer deu um sentido exatamente oposto ao pretendido pelo entrevistado em Santos Reis. Como Lira Neto, biógrafo de Getúlio, contrapõe, o senador dera "uma aula política de como não se comprometer com nada e com ninguém, inclusive com a própria candidatura, deixando assim uma margem enorme para futuras manobras, como lhe era peculiar".<sup>40</sup>

A entrevista, cuidadosamente equilibrada por um comedido Getúlio, prenunciava o intenso debate que teria ressonância nos círculos políticos e no cotidiano das ruas. Àquela altura, entretanto, o queremismo já começara a sua marcha. Quem o narra é o próprio Samuel Wainer. Em encontro com o jovem deputado petebista João Goulart, na noite do mesmo dia em que descera ao retiro de Vargas, ele é apresentado a volumes de cartas, telegramas e cartões acumulados sobre uma mesa. Em uma delas, segundo o próprio Getúlio, um eleitor lhe pedia que não o orientasse uma vez mais a votar em outro nome que não o dele, como fizera em 1945, quando, já posto para fora do Catete, o ex-presidente apoiou a candidatura do general Eurico Dutra, pelo PSD. "Uma vez já segui o seu conselho, dr. Getúlio, e basta!", dizia a carta. João Goulart apresenta a Samuel Wainer o queremismo em manuscritos:

Só no dia 31 de dezembro, o sr. Getúlio Vargas recebeu mais de 53 mil mensagens de todos os cantos do país. Ele teve que gastar mais de 8 mil cruzeiros, de seu próprio bolso, para responder, uma a uma, a todas essas mensagens. Pois bem, mais de uma vez, ouvi o chefe dizer que não se sentia com coragem de desapontar e frustrar as esperanças de tantos brasileiros. Eis o que ainda o faz hesitar sobre se deve ou não lançar o seu nome na grande batalha da sucessão.<sup>41</sup>

Reaviva-se o fragor queremista. Em idos de 1945, quando o regime instalado oito anos antes se esgotava à medida que a atmosfera democrática do pós-guerra destituía ditaduras, o neologismo político emergiu das ruas para ganhar as páginas da imprensa e da história do país. O "Queremos Getúlio", expressão que resumia a vontade de trabalhadores naquele momento, quando Vargas cambaleava no Palácio do Catete, deu em novo vocábulo. O "queremismo", primeiro um movimento popular contrário à deposição de Getúlio, saraivado pela oposição que exigia sua renúncia, fez-se depois um libelo pela presença do presidente na

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> NETO, Lira. *Getúlio (1945-1954): da volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 160. Para uma análise das biografias sobre Getúlio Vargas, cf. STEFFENS, Marcelo Hornos. *Getúlio Vargas biografado: análise de biografias publicadas entre 1939 e 1988*. Tese (Doutorado em História).

Belo Horizonte: UFMG, 2008. <sup>41</sup> WAINER, Samuel. O debate da sucessão presidencial não poderá mais ser contido. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 mar. 1949, p. 6.

Assembleia Constituinte convocada e, finalmente, desaguou na criação do Partido Trabalhista Brasileiro.<sup>42</sup>

Se os queremistas assistiram à renúncia do presidente e viram uma nova Constituinte sem sua assinatura, deram, contudo, uma demonstração de *vontade política*. Sua entrada definitiva no cenário político do país alteraria a paisagem das eleições dali em diante. Fora um fato político extenso, o queremismo. O ruído das manifestações de 1945 não terminara quando a campanha eleitoral de 1950 ainda se definia. A profética frase "Ele voltará" era lida com frequência, pichadas em muros pelo país.

O reaparecimento sereno e cauteloso do ex-ditador nas páginas dos Diários Associados deflagrou, ainda que timidamente, a possibilidade de uma candidatura ao Catete em 1950, pelo PTB, à época presidido pelo senador gaúcho Salgado Filho. Wainer, na mesma reportagem, deduzira das palavras de Getúlio o sentido do possível:

Sem dúvida, apesar de afirmar o contrário, o sr. Vargas está plenamente convencido de sua ascendência sobre as grandes massas brasileiras. E, por isso mesmo, recusa-se categoricamente a pronunciar qualquer palavra que signifique uma exclusão de seu nome como eventual sucessor do general Dutra. 46

Com tiragens extraordinárias, os jornais da cadeia de Chateaubriand passariam a ressoar o nome do ex-presidente como hipotético candidato à presidência. Esgundo Samuel Wainer, o magnata paraibano atinava com a possibilidade de estremecer os ânimos do país com os passos do ex-ditador em direção ao Palácio do Catete. Então, senhor Wainer, vamos engordar este porco até levar o pânico à nossa estúpida burguesia", tripudiou Chateaubriand,

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Lucília de Almeida Neves observa que conclusões precipitadas levaram a crer que o "queremismo" e PTB fossem a mesma coisa. "Entretanto, o Queremismo não foi mais que um movimento conjuntural, uma mobilização político-social que coincidiu, em seus objetivos, com uma das propostas iniciais do PTB: a preservação da mística de Getúlio e de sua obra social e trabalhista". DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit., p. 47.

Segundo um parlamentar da época, chefes políticos republicanos tinham sido derrotados em seus próprios "currais", algo inédito na tradição política brasileira. FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática.* Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 43.

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> Sobre o queremismo, cf.: MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento queremista e a democratização de 1945: trabalhadores na luta por direitos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> WAINER, Samuel. *Minha...* Op. cit., p. 22.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> Idem. Vargas anuncia: darei o meu apoio a quem aceitar o programa do PTB. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1949, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> Idem. *Samuel Wainer I (depoimento, 1996)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Associação Brasileira de Imprensa (ABI), 2010, p. 18.

segundo as memórias do jornalista, quando recebeu a reportagem com a entrevista do "Q.G de São Borja". Ainda de acordo com Wainer, Chateaubriand imaginava que o pânico com o possível retorno de Vargas levaria ao cancelamento das eleições de 1950 e a ascensão do general Canrobert Pereira da Costa, ministro da Guerra do governo Dutra e real candidato do dono dos Diários Associados.

A pequena São Borja, que encontra a Argentina no sudoeste rio-grandense, desde o fim de 1945 se convertera em uma espécie de Meca getulista. A ela acorriam queremistas dos mais diversos matizes, políticos de inclinações variadas, beija-mãos à procura de favores, conselheiros. Ainda em março de 1949, visitou-a o correspondente da revista americana *Time*, à época já uma das mais influentes publicações do mundo. Getúlio recebeu o repórter William White com o vestuário gaúcho típico: uma camisa branca desbotada metida em largas bombachas azuis.<sup>49</sup>

Os dois conversam sobre a bucólica estância. "Agora que sou um homem velho, é bom estar de volta às cenas de minha infância", comenta Vargas. Depois, entram em pauta as relações entre Brasil e Estados Unidos e a situação dos comunistas no país. À maneira de Wainer, o repórter americano enfim joga a pergunta fundamental, que ouriçava os meios políticos no Brasil:

Se o povo demandar seu retorno ao poder, concorreria à presidência? Vargas contorceu-se. Ele balançou uma caixa de fósforos em torno de suas mãos. Olhou para fora da porta. Finalmente, disse: "O povo brasileiro está sofrendo, particularmente os trabalhadores. A crise, em tempo, pode passar." E então, como um adendo: "Talvez eles precisem de um homem mais novo do que eu". <sup>50</sup>

Impreciso e vazio, o seu "talvez" lhe fazia fugidio. O ex-ditador caminhava pelas palavras, há muito não ouvidas, com tato e habilidade. A atmosfera política não era de todo estável e sabiam-se as possibilidades de reação à sua volta. A seu lado, o impulso do queremismo, alentado pelo horizonte do "Ele voltará". De outro, as hipóteses de intervenção – que parte da imprensa abraçaria durante a campanha – no caso de um eventual retorno ao poder. Com a discrição que convinha ao clima tenso que o seu nome provocava, ele dissera a Wainer, em *O Jornal*:

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> WAINER, Samuel. *Minha...* Op. cit., p. 24.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> DICTATOR at home. *Time (Latin American Edition)*, Nova York, 4 abr. 1950, p. 25. (Tradução do autor).

O sr. Dutra conta com apoio político e militar suficiente para poder garantir uma eleição democrática. Os que agitam uma saída extralegal são certos meios políticos que não dispõem de nenhum apoio popular. Eles sabem disso e procuram desesperadamente uma saída que lhes evita o risco de uma competição eleitoral. <sup>51</sup>

Cordial com os adversários – entre eles o brigadeiro Eduardo Gomes, embebido do mais renhido antigetulismo –, Getúlio desenha uma ainda discreta oposição a Dutra, seu exaliado e ministro da Guerra. Seu alvo principal é o então presidente do Banco do Brasil, Guilherme da Silveira, que seria nomeado ministro da Fazenda em junho de 1949. "Meteram na cabeça do Presidente Dutra que a inflação era a responsável pela alta constante do custo de vida. Veio então a chamada política deflacionária. E o que se viu? O custo de vida nunca esteve tão alto no Brasil", resume a Wainer. <sup>52</sup>

O seu caminho ao Catete era feito a passos apenas na aparência tímidos, mas seguros e sensatos. Um retorno por demais ruidoso poderia atiçar os espíritos mais temerosos da volta do ditador deposto quatro anos antes. Aos poucos, Getúlio precipitava o seu nome nas cédulas das eleições de 1950, sustentado pelo apoio queremista e preocupado em revelar uma face amistosa, democrata e republicana.

A entrevista de Santos Reis fora um fato político. Os exemplares dos jornais de Chatô caíram como bombas no Rio de Janeiro. No prédio da Câmara dos Deputados, na tarde do dia 3 de março, parlamentares "devoravam sofregamente" as colunas do *Diário da Noite*, contava o líder da bancada petebista, Segadas Viana. Ato contínuo, a paisagem da sucessão apresentou-se em novo desenho. Murilo Marroquim, articulista de *O Jornal*, escreve no dia seguinte à publicação das palavras do "solitário de Itu" que "as declarações de Vargas, maliciosas mas bem medidas, servem, sem dúvida, a todos os rumos, mas permitem prever algumas rotas políticas na base dos movimentos partidários conhecidos." E alerta, adiante: "Já agora, é necessário que os partidos ou grupos políticos tomem posição: o tempo começa a ficar curto." \*\*

\_

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> WAINER, Samuel. Vargas anuncia: darei o meu apoio a quem aceitar o programa do PTB. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1949, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> Idem. Para melhor compreensão da história econômica do período, cf.: LEOPOLDI, Maria Antonieta. A economia política no primeiro governo Vargas (1930-1945): a política econômica em tempos de turbulência. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit.; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Vargas: o capitalismo em construção*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

 <sup>&</sup>lt;sup>53</sup> Carta de José de Segadas Viana a Getúlio Vargas, 03 de março de 1949. Arquivo CPDOC (GV c 1949.03.03).
 <sup>54</sup> MARROQUIM, Murilo. Aberta a sucessão sob as vistas alarmadas do Catete. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 4 set. 1949, p. 3.

Chateaubriand dedica sua coluna no mesmo jornal a tratar da reportagem de véspera. "A entrevista que ele acaba de conceder ao enviado especial dos Diários Associados, Samuel Wainer, é um documento que não é para ser lido", começa Chatô. "Quem não conheceu o chefe do Estado Novo terá dificuldade em tirar conclusões daquele cipoal que são as suas declarações, arrancadas de surpresa", continua. Pouco cerimonioso – como sempre –, definiria o antigo aliado como um "homem do barulho", pronto a perturbar o espírito de conciliação que a redemocratização adotara como retórica:

O enviado Wainer, ao contrário do que poderiam pensar os gaúchos de São Borja, e os campeiros e os peões de Santos Reis, não disturbou em coisa alguma a normalidade da vida do ditador. Seu emprego, sua paixão, sua esperança, sua tortura e seu feitiço se integram numa só palavra: política. Ele é o animal aristotélico. (...) Recolhido ao asilo de São Borja, aguarda a sua hora, dormindo na pontaria. (...) Homem do barulho, herói de mil confusões, é na fé do barulho que ele pretende ir em 50, como foi infalivelmente em várias outras datas republicanas.<sup>55</sup>

A repercussão não cessaria naquela semana. Aliados e adversários do ex-presidente eram ouvidos pelos repórteres dos *Diários*. Em entrevista, Plínio Salgado, então senador e presidente do Partido Republicano Paulista (PRP), definiu-se "anticomunista e antiqueremista" e atacou a posição de "socialização das riquezas", defendida por Getúlio em Santos Reis. "Por conseguinte, nunca o PRP poderia dar o seu apoio a um candidato que adotasse as doutrinas totalitárias do sr. Getúlio Vargas", <sup>56</sup> resumiu o político gaúcho, ex-chefe da extinta Ação Integralista Brasileira (AIB). <sup>57</sup>

Com a entrevista de São Borja, desequilibrou-se o quadro já confuso da sucessão. Dissecado pelos jornais e intrincado nos gabinetes, o "problema da sucessão" foi expressão rotineira nas linhas da imprensa política. O problema traçava-se em variáveis com um objetivo declarado: a escolha de um nome capaz de preservar o regime instaurado em 29 de outubro de 1945.

<sup>-</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. E mesmo do barulho. *O pensamento de Assis Chateaubriand*. Vol. 26. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000, p. 204-207.

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> CONFLITO ideológico entre Plínio e Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 09 mar. 1949, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>57</sup> Cf. BRANDI, Paulo. Plínio Salgado. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010; VICTOR, Rogério Lustosa. *Entre o veto e a coesão: memórias em disputa no surgimento do PRP*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH - SP, 2011.

Nas páginas dos Diários Associados, que levaram às ruas o verbo que desfizera o silêncio de Getúlio, a hipótese do candidato saído do acordo interpartidário foi apresentada como solução para o "problema". O conglomerado de Chateaubriand aliou-se à retórica de defesa da democracia, em risco – sustentavam os jornais – com o roncar do queremismo. Em editorial de 22 de março, O Jornal clarificava essa posição, ecoando os esforços políticos pela solução pessedista-udenista:

> Quando se fizer a história da República, no período que sucedeu imediatamente à queda do senhor Getúlio Vargas, ver-se-á que foi o acordo interpartidário que travou o edifício político e administrativo do Brasil, que teria desmoronado, indubitavelmente, como se observou em países vizinhos do nosso, se os grêmios democráticos de maior tomo e responsabilidade se encarniçassem uns contra os outros, nas disputas estéreis que abrem as portas às aventuras caudilhescas e justificam as ditaduras militaristas na América do Sul. 58

Com a peculiar pena ácida e um tanto galhofeira, Chateaubriand deu cores mais vívidas à tese ao ironizar o tom amistoso com que Getúlio se pusera a falar do brigadeiro, na entrevista a Wainer. O "Bruxo de São Borja", segundo Chateaubriand, assumira a presidência da UDN ao insuflar a candidatura udenista. "A missão do sr. Getúlio Vargas, neste momento, consiste em pôr cunhas entre o general Dutra, o PSD e a UDN, de modo a torpedear a linha vital da democracia, que se chama o acordo interpartidário", sustentou o magnata, sabedor de que a candidatura do pessedista Nereu Ramos era um dado considerável naquele momento.<sup>59</sup>

Como expõe Maria do Carmo Campelo Souza, alianças entre partidos, não raro compreendidas como elementos de deslegitimação do sistema partidário, podem sugerir racionalidade no processo decisório das lideranças. Segundo autora, na conjuntura pós-1945, o comportamento aliancista foi resultado, em uma de suas faces, da inexistência de um partido hegemônico e da incerteza sobre os resultados eleitorais. Legendas com divergências ideológicas aproximaram-se estabelecendo distinções entre seus objetivos mais imediatos e os demais, posteriores aos pleitos. O pragmatismo, dessa forma, foi um dos orientadores da formação de coligações.<sup>60</sup>

Ao despertar de Vargas, aceleraram-se as tratativas para o acordo interpartidário, que parecia a mais segura aposta eleitoral para conter a candidatura do então senador. O

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> ESFORÇO pela democracia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1949, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. O Bruxo de São Borja assume a presidência da UDN. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 06 mar. 1949, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>60</sup> SOUZA, Maria do Carmo Campelo de. Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930-1964). São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 154-156.

presidente Eurico Dutra, entusiasta da hipótese do candidato único, encontrou-se em Petrópolis, no dia 19 de março, com o governado mineiro Milton Campos, um dos artífices da articulação. O objetivo era delinear bases do acordo para a sucessão. Em entrevista, Campos defendeu uma "frente democrática poderosa, contra uma possível união das forças desagregadoras". O fito era claro e anunciado: a "extinção de queremismos". Pedro Aleixo, então secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais, que fora a Petrópolis para o encontro, era igualmente ecoado pelos *Diários*: "A conciliação geral é amplamente desejada. Este deve ser o desejo de todos os democratas, cuidando-se das condições, na ocasião dos entendimentos próprios". 62

O então deputado Alberto Pasqualini, um dos mais influentes ideólogos do trabalhismo, 63 revelaria mais tarde curiosidade com o fato de a sucessão, um rito ordinário nos países democráticos, ser no Brasil chamada de "problema". Exaustivamente debatido, o "problema da sucessão" foi pauta constante no Congresso e na imprensa. Cogitavam-se combinações e as articulações ensaiadas nos jornais desatavam-se, por vezes, no espaço de um dia. Prado Kelly, presidente da UDN, e os governadores de Minas Gerais, Milton Campos, e da Bahia, Otávio Mangabeira, eram nomes escritos com alguma frequência na lista dos presidenciáveis udenistas, ao lado do quadro maior do partido, o brigadeiro Eduardo Gomes. O PSD já insinuava a candidatura do governador catarinense Nereu Ramos, mas eram audíveis os rumores sobre o nome do então ministro da Guerra, general Canrobert Pereira da Costa. Laboriosa tessitura, o "problema da sucessão" desenrolava-se sem solução aparente no começo de 1949. Em entrevista aos Diários Associados, o líder do Partidor Libertador, Raul Pilla, resumia: "Não creio que nunca se tenha processado a sucessão presidencial em ambiente tão confuso. Que sairá deste caos? Novo mundo? Tudo é possível". 65

O esforço por fazer do acordo interpartidário um dado concreto em 1950 resultava inócuo, com o que os jornais já chamavam de "rebelião queremista" no PSD, quando quadros ligados umbilicalmente a Getúlio Vargas passaram a reclamar uma candidatura própria do partido. E a hipótese Vargas, nunca de todo esquecida, desenhara-se mais nitidamente com a entrevista de Santos Reis. A aparição do ex-presidente nas páginas dos Diários Associados,

-

<sup>&</sup>lt;sup>61</sup> ABRE-SE oficialmente o debate da sucessão. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1949, p. 6

<sup>63</sup> Cf. GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

 <sup>&</sup>lt;sup>64</sup> SUPRAPARTIDÁRIO, não! *O Radical*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1950, p. 2.
 <sup>65</sup> SOUZA, Ademar. Jamais a campanha se processou em ambiente tão confuso. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1949, p. 3.

embora cautelosa, ressoara com clareza. Os cenários da sucessão, já incertos, se revolviam em hipóteses várias, no caos de que Raul Pilla falava, não sem algum exagero. O imponderável estava nos passos que se faziam ouvir de São Borja.

Raros eram, no entanto, os que davam nome à coisa — Chateaubriand, aliás, foi o menos sutil. O leitor mais atento saberia que o "problema" era antes um eufemismo para um temor nunca de todo esquecido com o 29 de outubro. O que se velava era o "problema" no possível retorno de Getúlio Vargas ao Palácio do Catete, com os não cessados ecos do queremismo já fazendo barulho no país.

Ensaiada com vagar, logo a estratégia dos Diários Associados daria os matizes da cobertura da campanha presidencial: os jornais insistiriam na defesa do regime democrático, cuja existência – como sustentariam com mais clareza adiante – ameaçava-se à medida que Getúlio caminhava em direção ao pleito. Escolhido um candidato conservador, com a articulação entre pessedistas e udenistas, acreditava-se superado o perigo queremista, sem força eleitoral suficiente para ganhar as urnas.

O quadro político em que Getúlio Vargas emergiu tinha-o como sombra, como espectro que, num átimo, tomaria corpo. Supô-lo retirado de cena, entregue à frugalidade da vida nos pampas, era apostar no improvável. "Assombração", título de uma charge de Augusto Rodrigues, publicada em *O Jornal* dias depois da entrevista que mexera com o panorama político do país, ilustrava o papel antinômico de Getúlio, a um só tempo distante e presente. Nos traços de Rodrigues, um repórter pergunta a Adhemar de Barros, governador de São Paulo, que já instilava a sua própria candidatura ao Catete: "O Vitorino Freire diz que Getúlio é um defunto!" E Adhemar: "É. Mas todo mundo acende vela pra ele!". 66

# 1.1 A churrascada de São Borja: os Diários Associados no rastro do queremismo

Estampados nas primeiras páginas dos jornais dos Diários Associados, as palavras e o sorriso do "solitário de Itu" deram ao conglomerado de Assis Chateaubriand um assunto rentável. Segundo Samuel Wainer, naquele 3 de março de 1949, *O Jornal* venderia 180 mil cópias, quando a média era de 9 mil.<sup>67</sup> O vespertino *Diário da Noite* amealharia, com a pauta

<sup>67</sup> WAINER, Samuel. Minha... Op. cit., p. 25.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>66</sup> RODRIGUES, Augusto. Assombração. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1949, p. 3.

Getúlio Vargas, vendas de 200 mil exemplares diários. <sup>68</sup> O velho era pauta, rendia. Em 1952, o jornalista potiguar e estudioso da imprensa Genival Rabelo escreveria sobre o então presidente: "É assunto. Vende jornais, quando aparece nas primeiras páginas, com seu riso aberto, charuto entre os dentes, no seu característico traje de fronteiriço gaúcho". <sup>69</sup>

Corriam 25 anos desde que Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello debutara como dono de folha. A primeira fora *O Jornal*, comprado de Renato Toledo Lopes em 1924 e cujo nome provocava o influente e sisudo *Jornal do Commercio*, conhecido pela alcunha portentosa de "o jornal". Primeiro conglomerado jornalístico do país, os Diários Associados eram, nos anos 1950, a maior cadeia de comunicação da América Latina. Em 1952, contavam-se 28 jornais, uma agência de notícias e três revistas, além de 19 emissoras radiofônicas e duas televisivas.<sup>70</sup> Imprimia-se neles a marca de Chatô, uma das figuras mais controversas do jornalismo brasileiro.

O veio editorial da cadeia era determinado por uma linha doutrinária, espécie de unidade geral de pensamento, baseada no anticomunismo, na defesa da iniciativa privada e do capital internacional, e na repulsa a qualquer forma de estatismo. Com Getúlio, Chateaubriand manteve uma relação claudicante. Apoiou a Aliança Liberal em 1930 e formou fileira com São Paulo dois anos depois, no levante constitucionalista. Com *O Jornal* ocupado pelas forças do Governo Provisório, reataria com o presidente, a quem apoiaria até o ruir do Estado Novo, em 1945. Liderados pelo matutino *O Jornal* e pelo vespertino *Diário da Noite*, os Diários Associados entram na campanha eleitoral de 1950 com um papel particularmente de relevo: precipitam a entrada de Getúlio nos debates da sucessão e, pelos olhos de Samuel Wainer, testemunham os passos do ex-presidente em direção ao Catete. Ao mesmo tempo, os jornais trazem a pena ácida de um Chateaubriand que se acerca do desafeto como um "velho totalitário incorrigível".

Com Getúlio de volta ao cartaz, os jornais de Chatô passaram a amplificar cada palavra ou gesto do ex-presidente. Samuel Wainer foi seu ouvinte e confidente, responsável por trazer de São Borja o que pensava e fazia o ex-ditador. Farmacêutico por formação –

<sup>&</sup>lt;sup>68</sup> WAINER, Samuel. *Samuel Wainer I (depoimento, 1996)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Associação Brasileira de Imprensa (ABI), 2010, p. 18.

<sup>&</sup>lt;sup>69</sup> RABELO, Genival. Temos já no Brasil uma grande imprensa. In: *Anuário Brasileiro de Imprensa*. Rio de Janeiro: Revista Publicidade & Negócios, 1952, p. 14.

<sup>&</sup>lt;sup>70</sup> Os números constam do Anuário Brasileiro de Imprensa do mesmo ano.

<sup>&</sup>lt;sup>71</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006, p. 73.

ofício que jamais exerceu –, Wainer começou a carreira de repórter ainda na faculdade, escrevendo para o *Diário de Notícias*. Em 1938, fundaria a revista mensal *Diretrizes* – feita depois semanário –, que faria oposição ao Estado Novo e cujas edições os emissários do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) se fartaram de apreender. A repressão ao periódico recrudesce em 1944, após a publicação de uma entrevista na qual o ex-ministro do Trabalho Lindolfo Collor afirmava esperar que a queda do nazismo na Europa se fizesse acompanhar pelo fim da ditadura no Brasil. O governo corta o suprimento de papel de *Diretrizes*, a publicação é suspensa e Wainer parte para o exílio no Chile e nos Estados Unidos, onde trabalha como correspondente de *O Globo*.

Desfeito o regime ditatorial, Wainer retorna ao Brasil e reabre a revista, que seria vendida em 1947, quando Assis Chateaubriand lhe chama para escrever nos Diários Associados. O altíssimo salário de 20 mil cruzeiros e a oportunidade de experimentar o cotidiano de um jornal diário superam o desgosto da ideia de trabalhar para Chatô, perspectiva que dizia lhe repugnar. Wainer cuidou, de início, da questão do petróleo, já responsável por algum rebuliço no país. Depois de ler uma de suas reportagens, em 1947, o senador Getúlio Vargas lhe chama ao gabinete: ele queria recortes das reportagens para subsidiá-lo em um discurso na tribuna do Senado. 75

O reencontro em São Borja, dois anos depois, é o laço primeiro de uma relação de confiança e cumplicidade que estaria impressa nas folhas dos Diários Associados. Samuel Wainer passaria a ser, ao lado do ex-ditador, um personagem das eleições. Suas fotos ao lado do sempre sorridente Getúlio de trajes gauchescos e cuia em mãos, e a ressonância que alcançavam suas entrevistas, fariam dele um jornalista requisitado e bajulado. Políticos e anônimos lhe procuravam nas redações ou o detinham nas ruas à procura de saber como andava e o que pretendia o senador em "exílio". Da fronteira gaúcha, Wainer colhia e disseminava as palavras que mais saracoteavam a sucessão de Dutra.

Cauteloso e pouco afeito a precipitações, Getúlio parecia calcular os seus movimentos cuidando de não arrefecer nem insuflar a onda queremista. Sucedeu de as cenas de São Borja, trazidas na pena de Wainer, denunciarem pouco a pouco a sua entrada irrevogável na corrida ao Catete. Suas declarações, não raro notas de descrédito ao governo Dutra, começariam a

33

<sup>&</sup>lt;sup>72</sup> Cf. CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: Dulce Pandolfi. *Repensando o Estado Novo*. Rio do Janeiro: Ed. FGV, 1999.

<sup>&</sup>lt;sup>73</sup> LEMOS, Renato. Samuel Wainer. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>74</sup> MORAES, Fernando. Op. cit., p. 494.

<sup>&</sup>lt;sup>75</sup> WAINER, Samuel. *Minha...* Op. cit., p. 19-20.

ocupar as primeiras páginas dos Diários Associados, ladeadas dos retratos de uma vida bucólica. Em conversas com o jornalista que invadiam a madrugada em São Borja, Getúlio esquivava-se, entretanto, de posições mais límpidas, como a confirmação do suposto apoio que daria à candidatura pessedista do governador catarinense Nereu Ramos. Acuado pelas perguntas mais incisivas, socorria-se na gargalhada evasiva.

Com as palavras escasseando clareza, começaram a irromper os gestos de eloquência. Rumores inundaram os jornais quando foi noticiada a suposta existência de uma lista que pretendia reunir um milhão de assinaturas — uma conclamação à candidatura — para ser entregue a Getúlio no dia 19 abril, quando completaria 67 anos. A tática imitava a campanha "Constituinte com Getúlio", quando abaixo-assinados, em 1945, perfizeram-se pelas ruas do país à cata de assinaturas para que o então presidente não se afastasse do Catete. O queremismo parecia ensaiar seu retorno. O cenário da festa de 19 de abril de 1949 era a mesma São Borja de onde irradiavam, traduzidos por Wainer, os fatos mais eloquentes da précampanha presidencial. De lá, naquele dia, Getúlio Vargas faria o primeiro discurso público depois de sair da ribalta política.

A churrascada de São Borja, como a chamou Wainer, foi um fato político tão extenso quanto a entrevista de Santos Reis. As cenas descritas nas memórias do jornalista foram, segundo ele mesmo, gigantes como as que John Reed verteu em *Os dez dias que abalaram o mundo*, relato vivo dos dias da revolução de outubro de 1917. "Milhares de gaúchos marchavam sobre a fazenda numa gigantesca procissão. Chegavam a cavalo, chegavam a pé, vinham de longe, trajando ponchos vistosos. Era o povo marchando ao encontro de seu líder", escreve Wainer. A estatura da festa de São Borja revela-se em seus números, trazidos no *Diário da Noite*: 14 toneladas de carne, mil litros de chope, três mil garrafas de cerveja, mil litros de vinho. Cinco mil pessoas abarrotadas na Granja São Vicente, propriedade do deputado estadual João Goulart, distante 80 km da fazenda de Itu. Aos 30 anos, Jango era uma das figuras mais próximas do ex-presidente, que o convencera a se candidatar à Assembleia Legislativa nas eleições de 1947, um ano depois de sua filiação ao PTB. Vem de João Goulart, do alto de uma árvore e com a voz de menino que Wainer lhe percebe, o prefácio do discurso de Getúlio naquele 19 de abril de 1949:

\_

<sup>&</sup>lt;sup>76</sup> GETULIO e o Catete. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 08 abr. 1949, p.6.

<sup>&</sup>lt;sup>77</sup> WAINER, Samuel. *Minha...* Op. cit., p. 27.

Hoje, graças à instituição do voto secreto, criado no governo de v. excia., o povo sabe que poderá, livremente, decidir sobre a sorte de sua pátria. A própria atitude de elevação e dignidade e de nobreza, assumida pelas nossas gloriosas forças armadas, além de representar uma garantia, veio dissipar as últimas esperanças dos velhos politiqueiros, que, divorciados da opinião pública, imaginavam, a custa de golpes, afogar os anseios do nosso povo. <sup>78</sup>

Era há muito sabido que a hipótese Getúlio Vargas intimidava partidos e fazia alarido nos quartéis. Desde o retorno do ex-presidente à cena pública, cresciam nos jornais os rumores de intervenção das Forças Armadas no destino político do país. <sup>79</sup> Os fantasmas do Estado Novo e o ressurgir do queremismo tornavam a embaraçar o horizonte político nacional. Jango só fez antecipar, na churrascada de São Borja, a posição legalista a que os partidários de Getúlio Vargas se aferrariam dali em diante — posição, de resto, já muito conhecida dos queremistas de origem. O medo a Getúlio, segundo os getulistas, era o medo ao povo. Frustrar a sua vontade seria não menos do que crime de lesa-democracia.

Getúlio discursa em seguida. Cercado por muitos, com o traje de montaria e calçado em botas de cano justo, vai ao microfone. "Desambientado da tribuna", o senador diz preferir a conversa ao discurso. Por seu temperamento – ele sublinha –, sempre fora arredio a festas de aniversário. "Mas por que mudei? Por que abri exceção a estas normas de conduta? Porque era esta uma festa do povo!", explica-se. Seu alvo inominado é Dutra, cuja distância e oposição já se tornavam contumazes. "Sou um homem que já ocupou as mais altas posições do governo e hoje sou quase um exilado político, nos confins da minha pátria, sentindo contra mim a malquerença dos poderosos que açulam contra mim os seus apaniguados", denuncia o ex-presidente. É a reafirmação de sua aliança com o trabalhador brasileiro o que mais intensamente colore o seu primeiro discurso no esboço da campanha de 1950:

Era, pois, com este interesse pelo povo que eu pretendia dirigir os destinos do Brasil, mas acharam que não devia continuar no governo e que não devo voltar para ele!

Mas tudo isto é passado e não é assunto sujeito à discussão. O que está diante de nós, diante de nossos olhos e corações, é esta manifestação do

<sup>79</sup> Sobre os militares na Era Vargas, cf. CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares. In: PANDOLFI, Dulce (org.) Op. cit., p. 341-345; KUNHAVALIK, José Pedro. *Os Militares e o Conceito de Nacionalismo: disputas retóricas na década de 1950 e início dos anos 1960.* (Tese - Doutorado em Sociologia Política). Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

<sup>&</sup>lt;sup>78</sup> WAINER, Samuel. A churrascada de São Borja. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1949, p.6.

povo de São Borja, tão espontânea, tão entusiasta e à qual se agregaram as delegações de vários municípios do Estado e de vários Estados do Brasil, de tal modo que está aqui já não somente o povo de São Borja, mas o povo brasileiro!<sup>80</sup>

Se a entrevista de Santos Reis fez eclodir o nome de Getúlio no cenário da sucessão presidencial, a churrascada de São Borja marcou o reencontro do ex-presidente com os seus. A festa mereceu toda a primeira página da segunda edição do *Diário da Noite* de 20 de abril. Na reportagem que faz para o jornal, Wainer crava o nome de Getúlio ao dizer que "a candidatura do ex-chefe do Estado Novo tomou novo e vigoroso impulso, parecendo cada vez mais difícil conter a onda que o levará, com ou contra a sua vontade, a concorrer à sucessão do general Dutra". <sup>81</sup> Getúlio, apesar da renitente recusa de apresentar-se ao pleito, era o ás do jogo sucessório. Do seu sim – ou do seu não – dependia todo o engendramento da paisagem política nacional em 1950.

#### 1.2 À procura do consenso: o regime periclita na retórica editorial

Reanimado o queremismo, retomaram-se as discussões da candidatura de consenso. Pretendia-se uma resposta imediata da oposição a Getúlio, com a definição do nome e a corporificação da tese do candidato único. Os partidos que sustentaram o acordo interpartidário de 1948 agitaram-se para encontrar o homem para a sucessão. Seu perfil era sabido e propalado: um nome que escapasse às amarras partidárias e fosse capaz de pacificar as tensões entre as legendas. Como quis o presidente da UDN, Prado Kelly, endossado por quadros pessedistas, "uma solução mais para o Brasil que para os partidos". 82

Refugar o caráter partidário da sucessão foi uma preocupação constante na retórica impressa. Acima dos partidos e de suas dissensões, estaria o princípio basilar da preservação do regime democrático. Haver disputas, pelejas, dissensos, não raro confundia-se com o precipitar de golpes e quarteladas, na democracia que tentava se equilibrar sob os restos institucionais do Estado Novo. Vigia a ideia segundo a qual os conflitos políticos desabonavam a estabilidade democrática. Na análise de Maria Celina D'Araujo, revelava-se aí

-

<sup>&</sup>lt;sup>80</sup> WAINER, Samuel. A churrascada de São Borja. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1949, p.6.

<sup>&</sup>lt;sup>81</sup> Ibidem, p. 1.

<sup>82</sup> CANDÍDATO que seja mais do Brasil que dos partidos. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1949, p.6.

o resíduo autoritário do pensamento político brasileiro, que vê apenas no consenso a condição para as soluções legítimas, e que considera a imprevisibilidade como sinônimo de caos.<sup>83</sup>

Ao confronto, opunha-se o consentimento; à disputa, o acordo. Amparada nessa compreensão pactual da vida política, ergueu-se a ideia da união nacional, conhecida dos palanques e dos jornais brasileiros. Em 1945, quando o brigadeiro Eduardo Gomes foi indicado pela UDN à presidência, o signo da união foi o seu alicerce retórico. Cinco anos depois, seria novamente invocado em nome da sobrevivência do regime.

O dia seguinte à entrevista de Santos Reis, em março, já produzira novas hipóteses de solução, com a expectativa de que o udenista José Américo de Almeida e o pessedista Nereu Ramos, em articulação, indicassem um candidato único e civil pelo acordo interpartidário. Promessa de todo frustrada. Nereu Ramos, aliás, era o nome em torno do qual as indefinições se agudizavam. Deputado federal e senador eleito por Santa Catarina em 1946, Nereu comandou o executivo daquele estado de 1935 a 1945, os sete últimos anos como interventor nomeado por Getúlio Vargas. Exercia desde 1946 a vice-presidência da República, eleito pelo Congresso Nacional. Era membro do quadro jocosamente alcunhado de queremo-pessedista.

A agitação política alimentava-se dos rumores desencontrados das alianças. Embora o presidente Dutra advogasse abertamente a ideia do candidato único, a heterogeneidade política de seu partido punha em suspenso a consumação do acordo. Um primeiro movimento formal de resposta à indefinição dos partidos para a sucessão aconteceria em 19 de março de 1949, quando a chamada Conferência de Petrópolis reuniu a portas fechadas, no Palácio Rio Negro, o presidente da República e o governador mineiro Milton Campos, da UDN. Idealizado pelo senador Artur Bernardes Filho, do PR, o encontro pretendeu ratificar as bases do documento assinado no Catete, pouco mais de um ano antes.

Em Petrópolis, entretanto, nomes não foram cogitados. As disputas internas nos partidos desencorajavam a projeção de candidaturas. Setores queremistas do PSD se haviam agarrado à prerrogativa de lançar um candidato – e seu nome não era segredo: Nereu Ramos. A UDN não repetira o consenso de 1945 em torno do brigadeiro Eduardo Gomes. Ao lado dos brigadeiristas, disputavam espaço a ala civilista e uma terceira, capitaneada por Juracy Magalhães, favorável a outro candidato militar: Canrobert Pereira da Costa. A prudência em

<sup>&</sup>lt;sup>83</sup> D'ARAUJO, Maria Celina. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 64.

Petrópolis era justificável; afinal, o acordo dava sinais de descosedura. Sobre o candidato único, Dutra foi lacônico com os repórteres, como de hábito: "Devemos pelo menos tentar". 84

O raciocínio era tão político quanto matemático: se os três partidos do acordo convergissem a um candidato, Getúlio correria isolado ao Catete, sem fôlego necessário para alcançá-lo. O acordo queria fazer ainda outro corredor solitário: Adhemar de Barros, governador paulista e chefe do Partido Social Progressista (PSP). Sem o alcance nacional de Getúlio, no entanto, Adhemar era um azarão. Em *O Jornal*, Murilo Marroquim define a conjuntura: "Se o entendimento interpartidário se processar, Getúlio e Adhemar poderão ficar isolados". Medeiros Lima, no "Panorama Político" do mesmo jornal, assina: "Disputar um pleito isoladamente, sem o apoio de outras correntes ponderáveis da opinião pública, seria correr os riscos de uma derrota que ao sr. Getúlio Vargas seria fatal". 87

Longe dos consensos, as conversações desencontradas acenderam o alerta. As notícias que chegavam de São Borja e o tempo que se espremia tornavam a hipótese Getúlio sempre mais verossímil. Pacificar as tensões nos partidos do acordo – PSD, UDN e PR – passou a se confundir, nas narrativas de imprensa, com a própria salvaguarda do regime de 29 de outubro de 1945. Editorial de *O Jornal*, em 26 de março, faz conclamação ao entendimento. O acordo aparece como sustentáculo da democracia, e a responsabilidade dos "democratas brasileiros", como "testemunho do seu amor ao regime". O verbo é eloquente, quase dramático. Omite, contudo, o nome dos "inimigos inescrupulosos":

O que está em causa não são as vantagens individuais da UDN ou do PSD, a preponderância de um grupo sobre o outro, mas o destino do regime que, nas condições atuais, cercado de inimigos inescrupulosos, não poderia certamente resistir a uma luta entre seus mais valiosos sustentáculos.

Assim a união de ambos é um postulado da sobrevivência da legalidade republicana que soçobraria, se os chefes da UDN e do PSD não estivessem à altura dos seus deveres, esquecendo as razões e interesses particulares de cada partido, em benefício do bem geral, representado nesse caso pela segurança das instituições.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>84</sup> FILHO, Barreto Leite. Favorável o presidente Dutra à candidatura única na sucessão. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1949, p.1.

<sup>85</sup> Cf. SAMPAIO, Regina, Ademar de Barros e o PSP. São Paulo: Global Editora, 1982.

<sup>&</sup>lt;sup>86</sup> MARROQUIM, Murilo. PTB e PSP necessitam disputar as eleições presidenciais. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1949, p.3.

<sup>&</sup>lt;sup>87</sup> LIMA, Medeiros. Panorama Político. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1949, p.3.

Um dissídio entre os partidos de centro só aproveitaria às facções extremistas, às aventuras demagógicas, e teria de refletir-se fatalmente sobre o prestígio do regime democrático que não vive apenas da ficção dos seus órgãos institucionais, mas principalmente do espírito com que o praticam os seus adeptos. Os democratas brasileiros, encarnados especialmente na UDN e no PSD, estão sendo chamados a dar um testemunho do seu amor ao regime, pondo de lado as suas paixões personalistas, para escolher um candidato à presidência que mereça e tenha de fato o apoio de todos, desfraldando nas futuras não a bandeira dos partidos mas a da própria democracia.<sup>88</sup>

Um horizonte inóspito no processo da democratização foi desenhado pelas tintas dramáticas dos diários. Essa, a índole discursiva que formou o escopo editorial das folhas de Chateaubriand no contexto da sucessão do presidente Dutra. Os jornais ora amplificavam as vozes das profecias mais sinistras, ora acudiam às teses que entreviam na disputa eleitoral um risco à democracia. Deputado da linha dutrista cogitado pelo PSD mineiro à sucessão ao Catete, Bias Fortes, assumindo a verve um tanto dramática daqueles dias, resumiu a paisagem quase apocalíptica que se tingia para as eleições de 1950. "A hora que estamos vivendo indica que não pode haver soluções individuais — ou nos salvaremos em bloco ou em bloco pereceremos". 89

Era uma posição sem nuances tonais. Ou venceria o acordo ou a democracia estaria exposta a seus algozes. Ao grupo dos chamados "democratas" ou "centristas", signatários do acordo, opunham-se os "populistas" Getúlio Vargas e Adhemar de Barros – próximos de Luís Carlos Prestes, como queriam demonstrar os jornais. Com o Partido Comunista do Brasil (PCB)<sup>90</sup> na ilegalidade e o alinhamento francamente soviético de Prestes, encontrar proximidades entre o líder revolucionário e Vargas fez-se logo uma estratégia narrativa. Chegou-se a cogitar, ainda, uma reaproximação entre Getúlio Vargas e o integralista Plínio Salgado, que haviam ensaiado alguma afinidade antes de 1937, quando sobreveio o golpe do

-

<sup>&</sup>lt;sup>88</sup> A RESPONSABILIDADE dos partidos. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1949, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>89</sup> O CANDIDATO que o Brasil precisa. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 16 jun. 1949, p.6.

Off. SILVA, Fernando Teixeira e SANTANA, Marco Aurélio. "O equilibrista e a política: o Partido da Classe Operária (PCB) na democratização (1945-1964)". In AARÃO REIS, Daniel; FERREIRA, Jorge (orgs.). Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964). As esquerdas no Brasil, volume 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

Estado Novo e a dissolução da Ação Integralista Brasileira. A atmosfera simbólica em torno do ex-presidente era densamente habitada pelos fantasmas do passado recente.

Em abril de 1949, editorial de *O Jornal* separava com aguda clareza duas correntes inconciliáveis – a dos que preservam e a dos que ameaçam a democracia. "A tese da candidatura única", expunha o jornal, "justificada por uma escolha superpartidária, aplica-se tão só aos grêmios democráticos e não àqueles que, pela sua doutrina ou escopos, se colocam nas extremas ou perseguem fins que eventualmente poderão conduzir à destruição do regime". A medida que as eleições de 1950 se avizinhavam, despertavam-se nos jornais, buliçosos – Getúlio à frente –, os espectros da ditadura.

## 1.3 Convite ao banquete: a fórmula Jobim

Com o problema da sucessão envolto no mais absoluto emaranhado de nomes e indefinições, começava a procura das fórmulas. Como sair do labirinto em que se encontravam os chamados "partidos centristas", com o queremismo já em movimento de retorno e o tempo se espremendo? A primeira das fórmulas partiu de um raciocínio talvez um tanto indigesto para os quadros antigetulistas. O propósito era frear a escalada queremista ao convidar o ex-ditador à mesa de discussões. Getúlio tinha de ser ouvido.

O artesão dessa primeira costura chamava-se Válter Jobim, governador gaúcho cujo nome batizaria a primeira das fórmulas concertadas para encontrar o candidato do acordo interpartidário. Quadro do antigo Partido Libertador (PL), um dos sustentáculos do movimento revolucionário de 1930, ex-deputado federal e ex-secretário de estado do Rio Grande do Sul, Jobim alcançou a chefia do executivo gaúcho nas eleições de 1947, pelo PSD. Com as *démarches* da sucessão em polvorosa – a sombra cada vez mais insinuante de Getúlio e a dificuldade de se concretizar o acordo interpartidário –, ele propõe pacificar as tensões políticas em alvoroço.

A chamada fórmula Jobim nasce no dia 19 de junho, proposta pelo governador gaúcho ao presidente Eurico Dutra, no Palácio do Catete. A estratégia era inovadora: com Getúlio Vargas e Adhemar de Barros no páreo, a saída que se apresentava era, afinal, convidá-los ao chamado "banquete da sucessão". O convite, contudo, lhes tolhia os movimentos em direção

<sup>&</sup>lt;sup>91</sup> Cf. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução. O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

<sup>&</sup>lt;sup>92</sup> A TESE da candidatura única. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 abr. 1949, p.4.

ao Catete. É o que se deduz das diretrizes da fórmula, já antecipadas em entrevista aos Diários Associados. "Não seria lógico nem justo, portanto, que dirigentes políticos com a responsabilidade do sr. Getúlio Vargas e do sr. Adhemar de Barros não fossem convidados a participar desta grande mesa redonda, onde se vai decidir, não há dúvida, a estabilidade do nosso regime democrático", pondera o governador pessedista, em entrevista a Samuel Wainer. Suas divergências com Getúlio e a já estrondeada oposição que se fazia a qualquer entendimento com o chefe do PTB suspendiam-se ali, segundo Jobim, em razão da responsabilidade com a estabilidade de um regime democrático ainda instável.

Entrevistas eram como missivas que, embora tornadas públicas pelas páginas dos jornais, miravam com frequência alvos certos. Wainer, em suas memórias, escreve que na célebre entrevista de São Borja havia subjacente um recado de Vargas para que viessem procurá-lo na estância. O senador queria dizer que não pretendia ser alijado das combinações que se sucediam. Dadas as demonstrações de vigor queremista já nos primeiros meses de 1949, Jobim lhe devolve a carta, também em entrevista a Wainer, publicada no *Diário da Noite*:

O sr. Getúlio Vargas, mesmo pela grande soma de experiência que adquiriu no poder pelo conhecimento dos homens e das coisas do Brasil, assim como pela oportunidade que agora teve de refletir sobre a situação nacional, no ambiente repousante de sua fazenda de São Borja, estou certo, também, de que ele conhece os perigos a que o país pode ser levado por uma agitação incontrolada, por uma efervescência de paixões e entrechoque de opiniões mais profundas. E, por isso mesmo, desejo ressaltar, aqui, sua responsabilidade neste momento.<sup>94</sup>

Estavam dadas as condições pelas quais se franqueava a Getúlio um lugar na mesa das discussões majoritárias. Ou o senador recuava das pretensões de disputar o Catete e de inflamar as paixões políticas ou sua insistência poria em risco o regime democrático. Certo é que a fórmula Jobim pôs as conversações em termos originais. O chamamento a Getúlio para a conversa parecera coisa impensável até ali, apesar das inclinações queremistas de quadros do PSD. Antes, essa possibilidade ficara restrita a conversas de gabinete, a murmúrios sem muita convicção na imprensa. Um aceno mais explícito iria de encontro ao propósito primeiro do acordo interpartidário: desidratar o queremismo. Como Murilo Marroquim anotara pouco

<sup>&</sup>lt;sup>93</sup> WAINER, Samuel. O R.G. do Sul quer Getúlio e Ademar. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1949, p.6.
<sup>94</sup> Idem

antes em *O Jornal*, restava certa incoerência chamar às tratativas do acordo aquele a quem o mesmo acordo pretendia derrotar. Entre confuso e surpreso, o jornalista escreve que "os partidos ou grupos partidários chamados populistas e perturbadores estão sendo precisamente convocados pelos partidos do acordo, para a frente presidencial". E conclui: "Ou a campanha contra os mesmos é falsa ou o acordo está sendo falseado". <sup>95</sup>

Válter Jobim foi o personagem a tentar uma primeira reviravolta na sucessão desde o reaparecimento de Getúlio Vargas nas páginas dos Diários Associados. Cordiais, os dois líderes gaúchos passariam a "conversar" pelos jornais. Entretanto, ao expor de modo público o teor das conversações políticas, as "cartas" impressas terminavam por exigir respostas, refutações, gestos ou posturas. Ao sair da esfera restrita das cartas privadas, lidas e respondidas na confortável intimidade de gabinetes, o verbo que ia aos jornais colocava os personagens em xeque. Era como se a grafia política, ao deixar o lápis e ir às rotativas da imprensa, intimasse publicamente os seus destinatários.

O efeito da fórmula Jobim não foi devastador, como se esperava. A proposta parecia não perturbar os propósitos de conciliação na base do acordo original – sem Getúlio, portanto. É o mesmo Samuel Wainer que volta a São Borja para ouvir do senador a resposta a Jobim. O ex-presidente, segundo o repórter, ainda não soubera da fórmula lançada pelo governador gaúcho no Catete. Com o mau tempo, os jornais da capital não haviam chegado à estância. Wainer lhe serve de mensageiro e lê, com o *Diário da Noite* em mãos, os termos da proposta. Desafiado pela fórmula Jobim, que lhe chamava a conversar, Getúlio responderia a Wainer, tal como desse um bilhete endereçado ao governador gaúcho: "Marque hora e local". <sup>96</sup> Pela imprensa, as cartas continuavam a ser trocadas.

"O sr. sabe que tenho vivido até agora calmamente na minha fazenda", começa Getúlio, depois da leitura de Wainer, caminhando pelos jardins de Santos Reis. "Não tomei nem tomarei a iniciativa de procurar quem quer que seja. Mas se eu for procurado, não me recusarei a conversar". Getúlio salienta que o PTB – e não ele próprio – deveria compor a mesa de discussões para a costura programática. Wainer intervém e diz que a proposta de Jobim prevê também a escolha do candidato. Getúlio é incisivo: "Quando falo em mesa redonda, desejo deixar bem entendido que falo de uma reunião a que todos compareçam leal e sinceramente dispostos a encontrar uma solução que corresponda às aspirações do Brasil". E a

<sup>95</sup> MARROQUIM, Murilo. Onde o acordo interpartidário foi um logro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 03 mai. 1949, p. 3

<sup>96</sup> WAINER, Samuel. Marque hora e local. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1949, p. 1.

usual parcimônia é temporariamente abandonada: "Insisto, por isso mesmo, que todos compareçam inicialmente com seu programa, mas que ninguém traga escondido no bolsinho do colete o seu candidatozinho... Vamos discutir em termo de pontos de vista e não de nomes". <sup>97</sup>

Sabedor da retórica que o punha como ameaça ao regime, Getúlio usa da tese do candidato único para devolver a acusação: "Os que defendem esta tese estão pensando muito menos na defesa do nosso regime democrático do que na defesa das posições que eles estão ocupando", sustenta. "Um regime democrático pressupõe, antes de mais nada, o embate de ideias e princípios. E um candidato único consiste exatamente na eliminação desse embate", raciocina Vargas. A tonalidade do discurso começava a dar sinais mais inteligíveis: democracia seria frustrar o embate eleitoral, como até ali propunham as concertações partidárias? Via-se uma fagulha do contra-ataque queremista.

Era a primeira entrevista depois da churrascada de São Borja. O suposto silêncio do solitário de Itu era rompido quando Samuel Wainer ia ouvi-lo em Santos Reis. O estreitamento dessa relação já era visto nas páginas dos Diários Associados. Wainer era tão personagem quanto Getúlio. Quando voltava de São Borja, os jornais lhe reservavam a primeira página, destinadas às "sensacionais revelações" ou "palpitantes declarações" que trazia da estância. O senador gaúcho raramente aparecia sozinho nas fotografias: a seu lado, sempre a figura de Wainer – sentados à varanda, caminhando pelas alamedas da estância, à mesa do almoço. Quando o repórter fora levar a Getúlio os termos da fórmula Jobim, encontrou um homem "menos sorridente e com o semblante mais preocupado". 101

Os rumos da sucessão o tinham tornado mais grave, segundo Wainer. "Acho muito louváveis todos os esforços que se faça para a criação de um ambiente de concórdia no Brasil", pondera Getúlio. "Não vejo, porém, porque tanta preocupação em torno da possibilidade de amanhã haver mais de um candidato", continua o senador, antes de lançar a pedra fundamental da resistência discursiva do queremismo: "Democracia é isso, é consulta livre à opinião pública, é um embate de ideias e princípios", sublinha. "Afinal de contas, que

\_

<sup>97</sup> WAINER, Samuel. Marque hora e local. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 21 jun. 1949, p. 6.

<sup>98</sup> Idem

<sup>&</sup>lt;sup>99</sup> Idem. Porque fui deposto. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1950, p. 1.

<sup>100</sup> Idem. Decifrado o enigma do sul. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 31 mai. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>101</sup> Idem. – Mas, afinal, que espécie de democracia é esta? *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1949, p.1.

espécie de democracia é essa que teme a mais larga participação do povo num choque de ideias como poderá ser a próxima campanha da sucessão?" <sup>102</sup>

A resposta fora dada. Enquanto Jobim propunha uma ampla conversação com o propósito de frustrar os embates eleitorais – pois o convite a Getúlio e Adhemar pretendia demovê-los da ideia de se aventurarem na sucessão –, Getúlio abraçava-se a duas teses centrais da democracia representativa: a pluralidade política e a soberania das urnas. O seu tom ameno não escondia a posição firmada de contrapor-se ao candidato único e de não arredar do raciocínio legalista. O ocaso que experimentara depois do regime de 1945 é o mote para um comentário irônico de quem se sabe fundamental para os caminhos da sucessão presidencial. Quando o nome do cogitado Adhemar de Barros vem à conversa, Getúlio não titubeia: "Até agora, éramos os dois excomungados da chamada democracia. Mas, como vê, os tempos estão passando". <sup>103</sup>

# 1.4 Os dois excomungados da democracia: Getúlio e Adhemar se cortejam

Adhemar de Barros experimentara uma ascensão política meteórica. Em 1934, assumira uma cadeira na Assembleia Legislativa de São Paulo e, três anos mais tarde, já articulava pela primeira vez uma candidatura à presidência da República. Com o golpe do Estado Novo, foi levado por Getúlio a assumir a interventoria paulista, aos 37 anos. O Palácio do Catete continuava, entretanto, uma ideia fixa e declarada. Médico sanitarista, ex-funcionário do Instituto Osvaldo Cruz, Adhemar entrou na política pelas fileiras do movimento constitucionalista de 1932. Dois anos depois, convidado pelo tio José Augusto de Resende, chefe de uma seção regional do Partido Republicano Paulista, seria candidato a deputado estadual. Eleito, prometera, entretanto, sair depois de três meses para voltar à medicina. Quando o tio veio lhe cobrar a promessa, respondeu: "Tomei gosto pela danada". 104 Ela, a política.

Adhemar teria seu nome desenhado no imaginário político nacional pela faceta de obreiro e pelas suspeitas de desvio de dinheiro público, caricaturadas na epígrafe do "rouba, mas faz". <sup>105</sup> Foi por uma acusação de corrupção que, em 1941, terminou exonerado da

<a href="http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/rouba-mas-faz">http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/rouba-mas-faz</a>>.

<sup>&</sup>lt;sup>102</sup> WAINER, Samuel. Mas, afinal, que espécie de democracia é esta? *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1949, p. 6.

<sup>103</sup> Idem.

<sup>104</sup> HAYASHI, Marli. Rouba, mas faz. In: *Revista de História*. Disponível em:

<sup>&</sup>lt;sup>105</sup> Cf. COTTA, Luiza Cristina Villaméa. *Adhemar de Barros (1901-1969): A origem do "Rouba, mas faz"*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

interventoria paulista. Com a redemocratização, filiado à recém-criada União Democrática Nacional, apoiaria a fracassada tentativa do brigadeiro Eduardo Gomes de chegar ao Catete. No ano seguinte, funda o Partido Republicano Progressista, cuja fusão com o Partido Popular Sindicalista e o Partido Agrário Nacional formaria o Partido Social Progressista. O primeiro sinal de solidez política viria nas eleições estaduais de 1947, quando Adhemar de Barros assume, pelo voto, o governo de São Paulo, e ainda ajuda a eleger como vice-governador Novelli Jr., derrotando o candidato bafejado por Getúlio Vargas, o pessedista Cirilo Jr.

Ao contrário de Getúlio, Adhemar era figura fácil na imprensa. Encontrava-se frequentemente com os jornalistas e lhes dava declarações quase sempre eloquentes. Fazia um tipo algo boquirroto. Acometido pelos repórteres, não tergiversava. "E se Vargas fosse candidato, qual seria sua reação?", perguntou um jornalista durante coletiva convocada pelo governador. "Iria à luta, isto é, o meu partido, se assim o decidisse. Iria à luta contra Vargas com o seu candidato", devolve-lhe Adhemar. E a candidatura única? "Isto seria fascismo, e eu sou contra o fascismo". Cogitava candidatar-se ao Catete? "Todo coronel deseja chegar a general, todo político deseja alcançar a presidência. Quem disser que estou errado, é um mentiroso, porque não estará falando de acordo com a sua própria consciência". <sup>106</sup> Mais tarde, com a habitual sem-cerimônia, diria que "só um cretino pode pensar que eu não desejo ser presidente da República". <sup>107</sup>

Getúlio e Adhemar eram, em 1949, hipóteses tratadas separadamente para a sucessão. O primeiro contava com o refeito vigor do queremismo e o lastro político do trabalhismo. Do segundo, sabia-se do alcance de seu nome no eleitorado de São Paulo, estado historicamente resistente ao getulismo. As tratativas e as combinações debatidas ainda não consideravam uma aliança mais próxima. Adhemar fora particularmente belicoso no processo de afastamento do ex-ditador, em 1945. Em discurso dois anos depois, quando estava em flanco oposto na sucessão estadual paulista, chamaria Vargas de "o maior perseguidor de São Paulo". As movimentações pareciam indicar que os ex-aliados poderiam concorrer sozinhos, embora Adhemar fosse nome ainda sem ressonância fora dos limites de São Paulo.

Eram chamados populistas, quando o adjetivo ainda não adquirira a carga pejorativa das décadas seguintes. A semântica era favorável: as agremiações chegavam a brigar pelo uso

<sup>106</sup> ADEMAR afirma que irá à luta se Getúlio for candidato. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1949, p.

<sup>6.

107</sup> SÓ um cretino pode afirmar que eu não desejo ser presidente da República. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro,
11 mar 1950 p. 6.

<sup>108</sup> JULGUE o eleitorado. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 19 ago. 1950, p. 3.

termo. O repórter Wilson Aguiar narraria uma cena bem curiosa que testemunhara na Câmara dos Deputados: em uma roda política, um deputado do PRP requereu a seu partido a qualidade de populista, que, segundo ele, não caberia ao PSP de Adhemar. "Um outro deputado presente, pertencente aos quadros da UDN", escreve o jornalista, "também protestando contra a denominação, disse que populista são todos os partidos, não podendo haver privilégios de A ou B para essa denominação, uma vez que não há partidos sem povo". 109

Em estudo panorâmico sobre o percurso da ideia de "populismo" como categoria explicativa de dado período da história do país, Jorge Ferreira aduz que o termo passaria a ser, a partir da segunda metade dos anos 1960, empregado antes como peça acusatória para atingir o adversário político. "Mas, afinal, quem são os populistas? Difícil saber, pois depende do lugar político em que o personagem que acusa se encontra. (...) O populista, portanto, é o adversário, o concorrente, o desafeto", pontua o autor. 110

Sem reservas, Adhemar de Barros, ainda em 1949, arrogava-se um populista. "Que é o populismo?", indaga Murilo Marroquim em O Jornal.

> O governador responde que é, ou será, um movimento de mangas de camisas, de visitas domingueiras ao eleitor desamparado do interior, de engenheiros abrindo estradas e arquitetos levantando modernos hospitais com centenas de leitos. Populismo, enfim, é política a serviço direto do povo, sem nenhum traço de demagogia.<sup>111</sup>

Um tanto mais prudente, o petebista Alberto Pasqualini dizia saber o que significava conservadorismo, mas não populismo. Ele conjecturaria, em entrevista a O Jornal: "É possível que se queira significar o anticonservadorismo, isto é, uma tendência mais acentuada para o exame dos problemas sociais e para oferecer as respectivas soluções". 112 Contudo, o doutrinador trabalhista já antevia o uso meramente acusativo da palavra, até ali um bom predicado: "Aliás, tenho a impressão de que o termo está sendo empregado como um rótulo

<sup>109</sup> AGUIAR, Wilson. Brigam integralistas e ademaristas em disputa do termo populismo. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 07 jul. 1949, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>110</sup> FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). O populismo e sua história. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2001, p. 61-124.

MARROQUIM, Murilo. Ademar desfecha a chama da campanha populista. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14 mai.

<sup>1949,</sup> p. 3.

<sup>112</sup> QUASE certa a candidatura Vargas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 01 jun. 1949, p. 7.

político pejorativo. Atrás dele, enxergam adversários que se pretendem combater, não propriamente ideias com as quais se está em oposição". 113

O primeiro rumor da aliança entre Getúlio e Adhemar sai da pena de Samuel Wainer, ao escrever, em agosto, que emissários do governador paulista já haviam se encontrado quatro vezes com o ex-presidente em São Borja. Com o tempo, a aliança já não mais se segredava nos jornais. "Podemos hoje divulgar um fato político verdadeiramente sensacional", trazia o *Diário Noite*, em 7 de outubro. "Getúlio e Adhemar estão se articulando rapidamente para formar uma frente de resistência e ação aos três grandes, no encaminhamento do problema sucessório". 114 Com a repelência à dupla Getúlio-Adhemar, os "excomungados da democracia" aproximavam-se paulatinamente dos jogos sucessórios. O choque, anunciado aos quatro ventos, entre duas correntes inconciliáveis – a dos "democratas" e a dos "populistas" – era o pressuposto para as novas tessituras em torno do candidato único. Enquanto os dois exdesafetos aparavam arestas do passado recente e, acenando ao diálogo, se diziam prontos a conversar pelos termos da proposta de Válter Jobim, PSD e UDN estavam ainda distantes de vislumbrar alguma saída para o imbróglio do acordo interpartidário.

### 1.5 O manicômio político: a sucessão em desatino

A fórmula de ampla conciliação parecia mesmo não comover os próceres do pacto de união nacional. Não era possível, entretanto, esconder o desconforto com a indefinição do nome que estaria impresso nas cédulas presidenciais em 3 de outubro de 1950. A pacificação caminhava trôpega. O problema era demover Nereu Ramos – cuja proximidade com Getúlio fizera Dutra vetar seu nome – da ideia de disputar o Catete. Se o governador catarinense não recuasse, os rumos do acordo ficariam nas mãos de UDN e PR, articulados com o próprio Dutra. Nereu e os queremistas do PSD cairiam no colo de Vargas. Adhemar marcharia sozinho. "Eis como se esboça o tabuleiro de xadrez da sucessão presidencial: verificada a impossibilidade de uma aliança entre os três partidos, o presidente da República fará um levantamento no PSD, separando o joio do trigo e promoverá um acordo com a UDN e o PR", lia-se no *Diário da Noite* em 26 de julho. <sup>115</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>113</sup> QUASE certa a candidatura Vargas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 01 jun. 1949, p. 7.

<sup>114</sup> S. BORJA – Campos Elíseos contra os três grandes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 07 out. 1949, p. 1.

AGUIAR, Wilson. Decidirá Dutra pelo PSD. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 26 jul. 1949, p. 6.

O PSD dutrista e a UDN faziam ouvidos moucos à fórmula de conciliação de Jobim. As declarações do governador gaúcho eram tratadas como desafios à lógica do acordo, repelente à ideia de ter o getulismo e o ademarismo como comensais. Jobim dizia insistir na tentativa de levar aos entendimentos interpartidários "um pouco de sal para o seu completo destempero". Em seu próprio partido, a candidatura Nereu Ramos já contava com franco apoio da seção gaúcha. Em 17 de outubro, uma nota da executiva nacional – com articulação de Batista Luzardo, João Neves da Fontoura, Agamenon Magalhães e do próprio Nereu – foi certeira: o PSD era maioria nos governos estaduais, nas prefeituras e nas casas legislativas. O candidato ao Catete deveria sair de seus quadros, portanto, depois de consulta a todos os partidos registrados, como preconizava a fórmula Jobim.

Enquanto o partido majoritário fincava a prerrogativa de indicar o candidato único, a UDN não mais continha o movimento pró-brigadeiro, o que provocava insatisfação nos quadros dutristas, ainda agarrados à expectativa de um acordo cada vez mais distante. A teimosia era uma questão de sobrevivência e o tempo não permitia estender-se indefinidamente. A aliança Getúlio-Adhemar começava a ser tratada como um fato político. No Rio de Janeiro, o Movimento Nacional Popular Pró-Eduardo Gomes já organizava comícios. O acordo interpartidário estagnava em ponto morto, entretanto.

Dada a confusão no cenário da sucessão, o *Diário da Noite* faria uma enquete com quadros dos principais partidos do país. Nereu Ramos reafirmaria a posição já conhecida: "O PSD tem a grande responsabilidade de fazer o presidente da República". Batista Luzardo, da seção gaúcha do partido, foi mais longe: "Levarei o Nereu ao Getúlio e estou muito otimista". Nereu foi mesmo a Getúlio, cuja estância era destino de périplos os mais diversos. Adhemar também dormira em São Borja, dizia reportagem do mesmo dia. Só a UDN não fora procurá-lo. Pouco depois da conversa com Nereu em São Borja, Getúlio falou a um grupo de jornalistas. Com a conhecida habilidade de esquivar-se das perguntas mais diretas, despista sobre a própria candidatura: "O que posso dizer é que o panorama político está muito confuso. E eu sou, como já disse e torno a repetir, apenas um espectador. Estou observando". Estou observando".

\_

<sup>&</sup>lt;sup>116</sup> O ESTOURO do Sul. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1949, p.1.

<sup>&</sup>lt;sup>117</sup> 10 OPINIÕES e 8 candidatos à sucessão. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 08 nov. 1949, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>118</sup> Ibidem, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>119</sup> NEREU levou nas mãos um presentinho a Getúlio. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1949, p. 6.

O que Getúlio observava era a demolição do acordo. A UDN não continha a candidatura do brigadeiro, e a cisão do PSD – dividido entre dutristas e nereusistas – desacreditava o consenso nacional. O já conturbado desentendimento seria ainda esgarçado quando o ex-governador e deputado mineiro Benedito Valadares lança em novembro nova proposta aos pares do PSD: o candidato ao Catete deveria sair dos quadros do partido em Minas Gerais. Em reunião "tempestuosa e dramática", segundo o *Diário da Noite*, a chamada fórmula mineira confronta-se com as pretensões da ala pessedista ligada a Nereu Ramos. A proposta, no entanto, é aceita pela maioria. "Irritadíssimo", Nereu Ramos renuncia na mesma hora à presidência do partido, entregue interinamente ao próprio Valadares. Aos gritos de "Viva Nereu", os nereusistas abandonam a reunião. <sup>120</sup> O acordo descaminhava. Num último fôlego, o PSD enviou à UDN a proposta de Valadares. Às 11h30 do dia 7 de dezembro, o acordo interpartidário sofre novo e decisivo golpe. "Caiu a fórmula", noticiava o *Diário da Noite*, trazendo detalhes da reunião do diretório nacional da UDN que dera como "natural" a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes – cujo retrato, na reunião, pendia à cabeceira da presidência da mesa do partido. <sup>121</sup>

Nereu Ramos, Eduardo Gomes, Válter Jobim, Otávio Mangabeira, Milton Campos, Bias Fortes, Adhemar de Barros, Getúlio Vargas, Canrobert Pereira da Costa, Prado Kelly, Adroaldo Costa, Cristiano Machado, Ovídio de Abreu, Israel Pinheiro, Carlos Luz e Oswaldo Aranha. A miríade de nomes cogitados até aquele momento perturbava qualquer previsão mais segura. A torrente reunia candidatos poucos expressivos, de voo curto, e outros cuja influência permeava conversações e cenários diversos. Em entrevista a Nahum Sirotsky, o senador Góes Monteiro via o cenário desconjuntar-se na sucessão de nomes que se apresentavam ao Catete. Língua ferina, o ex-chefe do Estado Maior do Exército dirá que "se juntarmos os candidatos artificiais, aos naturais, aos acidentais e aos eventuais, o Brasil ficará sempre aquilo que eu já desconfiava que era: 'um vasto manicômio político'". 123

-

<sup>&</sup>lt;sup>120</sup> DIÁRIO da Noite recolhe detalhes da tempestuosa e dramática reunião do PSD. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1949, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>121</sup> CAIU a fórmula. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 07 dez. 1949, p.1.

<sup>122</sup> O levantamento foi realizado pelo *Diário da Noite*. 10 opiniões e 8 candidatos à sucessão. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 08 nov. 1949, p. 6. Verbetes biográficos sobre alguns dos nomes citados podem ser consultados em ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>123</sup> SIROTSKY, Nahum. Suicídio à porta. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1949, p. 1.



**Imagem 1**: Getúlio reaparece com a clássica gargalhada (*Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1949. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).



**Imagem 2**: A churrascada de São Borja: o queremismo ensaia o seu retorno. (*Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1949. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).



**Imagem 3**: Getúlio e Wainer estreitam a amizade em Santos Reis. (*Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1949. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).



**Imagem 4**: Getúlio e Adhemar: "o país na vertigem da sucessão". (*Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1949. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

#### 1.6 Sphinx Gaetuli: leituras da esfinge

"O sr. Getúlio Vargas está fisicamente sólido e espiritualmente forte para a grande luta que se aproxima. E mesmo que não seja ele o general que venha à frente das suas eventuais tropas oposicionistas, ninguém se iluda, a sua estratégia e a sua tática nasceram em São Borja". O diagnóstico é de Samuel Wainer, na volta de mais uma viagem à cidadezinha da fronteira argentina. Wainer já se apresentava como interlocutor do ex-presidente, com quem palestrava ora como repórter, ora como mensageiro. A esfinge Getúlio era pouco a pouco desvelada pelo jornalista, que procurava extrair da habitual parcimônia do entrevistado qualquer coisa mais palpável. "O sr. Getúlio não estava disposto desta vez a conceder uma entrevista", adianta Wainer, na reportagem do *Diário de Noite*, ainda em setembro de 1949. "Desejava, isto sim, bater um papo, trocar informações, ouvir as últimas da vida carioca de que, inegavelmente, sente profundas saudades". O Getúlio que se desenhava por Wainer era de posições por vezes arredias, mas cujos gestos e palavras deixavam transparecer o movimento de retorno à lida política.

O Getúlio de Wainer não era o Getúlio dos Diários Associados. O primeiro era um político hábil e cauteloso, farto em gargalhadas e amenidades. Um personagem dúbio, mas aberto à conversa e ao encontro. Dizia tudo e nada ao mesmo tempo, como Wainer aduzira logo na primeira entrevista em Santos Reis. Enigmava. O repórter *lia* o ex-presidente nas suas entrelinhas – nos gestos que denunciavam uma intenção inconfessada, nos silêncios, nas disposições de humor, nas gargalhadas que fugiam às investidas do repórter. Levava aos Diários Associados suas hipóteses de decifrar a esfinge. Na escrita de Wainer, Getúlio era retratado por inteiro: seu semblante, os diálogos mais triviais, os aspectos da vida no campo. O Getúlio de Wainer era um personagem deslindado na intimidade.

O ex-presidente era descrito como fosse ele ator oblíquo, cuja personalidade e maneiras eram inquiridas quase antropologicamente. Era, sem dúvida, um personagem invulgar, de quem se esperava mais do que meras aspas. Fernando Ferrari, então deputado estadual do PTB gaúcho e futuramente um dos ideólogos da legenda, foi a São Borja como enviado especial da agência de notícias Meridional, de Chatô, ouvir o ex-presidente sobre as relações do partido com a Igreja. Ele seguiria ali o protocolo de Wainer. "O sr. Getúlio, em trajes típicos, não demonstra cansaço", escreve Ferrari, em janeiro de 1950. O correspondente lhe descreve as pausas, as entonações, o franzir da testa quando fala sobre a sensível questão

<sup>&</sup>lt;sup>124</sup> WAINER, Samuel. Choque de Vargas com o Catete. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 01 set. 1949, p. 6.

do divórcio. Nem o comportamento à mesa lhe escapa: "O sr. Getúlio Vargas tem bom apetite e come de tudo", anota. 125

Eram, antes de entrevistas, o deslindamento e a narrativa de um personagem. Outro a visitar São Borja é o repórter Maury Medeiros, também dos Diários Associados. No fim de abril de 1950, com a balbúrdia da sucessão na capital federal, ele aterrissa no solo pastoril de São Borja. "Encontramos o ex-presidente bem humorado, alegre e de fisionomia completamente desanuviada, não dando a impressão, nem de leve, ser ele, Vargas, o centro para onde convergem todas as atenções do mundo político nacional", escreve Medeiros, que observa a rotina do ex-presidente, dedicado a cultivar uma horta nos seus jardins. "Parece um nédio hortelão despreocupado com o que marcha atrás das coxilhas silenciosas", compara. Como Wainer, ele se propõe a especular sobre as hesitações e a quietude do ex-presidente: "Nesta aparência simples e alheamento do mundo, neste manusear delicado entre as sementeiras, não estará trabalhando, introspectivamente, algum outro 'eu' do senador que vê, em cada planta, um homem e, em cada 'brotinho' uma esperança, que pode ser frustrada?" 126

O segundo Getúlio, que se desenhava nos editoriais e nos artigos de Chateaubriand, era um ditador rematado apenas, sequioso de golpear as instituições democráticas, à espreita de tomar novamente o poder. Ardiloso, manobrava em São Borja para tumultuar o espírito de conciliação nacional, deter o acordo interpartidário e fincar seu nome na sucessão de 1950. Chateaubriand se dizia "perito em artes de Getúlio Vargas" e se folgava de interpretar, de um modo muito seu, o homem conhecido pelo pensamento impenetrável. "Seu prazer é fechar-se, dizer um décimo das coisas que carrega na cabeça, e deixar que os companheiros, os adversários e a opinião traduzam os planos de ação ou as ideias, que lhe borbulham no pensamento", desenha-o Chatô. 128

Conhecera-o no fim da década de 1920, quanto o já influente deputado federal Getúlio Dornelles Vargas pedira ao colega de bancada Lindolfo Collor para encontrar o jornalista que tanto rebuliço provocava na capital. Encontraram-se pela primeira vez no apartamento em que Getúlio morava com dona Darcy e o os filhos, no bairro do Flamengo. Depois, já em meio

<sup>&</sup>lt;sup>125</sup> FERRARI, Fernando. A Igreja não deve intervir na política. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1950, p. 6.

o. 126 MEDEIROS, Maury. Getúlio é agora um nédio hortelão preocupado com as couves, os repolhos e os brotinhos. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>127</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. *O pensamento de Assis Chateaubriand*. Vol. 27. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000, p. 356.

<sup>&</sup>lt;sup>128</sup> Idem. Vol. 26. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000, p. 369.

<sup>&</sup>lt;sup>129</sup> MORAES, Fernando. Op. cit., p. 144.

à conspiração contra o governo de Washington Luís, o futuro líder da Aliança Liberal ia prosear com o Chateaubriand na redação de *O Jornal*, semeando notícias que invadiam as manchetes dos *Diários* e alvejavam a República que cairia em outubro de 1930. "Ele estava longe de ser o crocodilo que nos devoraria mais tarde", escreveria o jornalista quase três décadas depois. <sup>130</sup>

Entre a conspiração vitoriosa de 1930 e a deposição do ditador, em 1945, os Diários Associados só se afastariam de Vargas com as costuras para a chamada Revolução Constitucionalista, em 1932, quando dissidentes da Aliança Liberal pegaram em armas para derrubar o governo. Aliado ao grupo dos que pediam à constitucionalização do país, Chatô foi preso e teve os jornais censurados ou retirados de circulação. Derrotado, ele reataria com o presidente durante a Assembleia Nacional Constituinte, em novembro do ano seguinte, e só romperia com Getúlio na turbulência de 1945, quando pôs a máquina dos *Diários* à disposição da candidatura oposicionista de Eduardo Gomes.

Revelara-se, nesse interregno, um entusiasmado adesista do Estado Novo. Era tamanha a simpatia dos artigos que passara a escrever para justificar o golpe, que a ditadura resolvera distribui-los, pelos serviços da Agência Nacional, a jornais de todo o país. Chateaubriand também abrira os microfones das duas rádios Tupi a homens do governo e ordenara a criação de um programa semanal de doutrina dos princípios do regime. A já imponente revista *O Cruzeiro* vertia, do mesmo modo, a propaganda da ditadura recémimplantada. Confrontado pelo colega Dario de Almeida Magalhães, liberal de quatro costados, Chatô proporia uma justificativa para a sua lua-de-mel com o autoritarismo: "Os homens públicos passam, seu Dario, mas os jornais são permanentes. Nós vamos ter que atravessar esse túnel juntos. Vamos ter que apoiar o Estado Novo para que os nossos jornais possam sobreviver." 131

Em 1948, quando Chateaubriand já se derramava em elogios à presidência de Eurico Dutra, um dos engenheiros daquele túnel metafórico, Getúlio voltaria a seus artigos como um espectro em vias de se materializar. "O programa traçado pelo caudilho de Santos Reis obedece a dois tempos", escreve em 11 de setembro daquele ano. "Primeiro, alcançar o Catete pelo sufrágio universal, se necessário por uma rebelião de massas. Empalmado o governo,

<sup>&</sup>lt;sup>130</sup> Citado por CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro: história dos Diários Associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999, p. 121.

<sup>&</sup>lt;sup>131</sup> MORAES, Fernando. Op. cit., p. 376.

restabelecer a democracia autoritária, nas linhas do Estado Novo". Dali a seis meses, quando o ex-ditador mal voltara aos seus jornais, Chatô tornaria a exibir sua conhecida verve ferina: "A simples presença do caudilho em cena, disputando a presidência, já de si abre o conflito do caudilhismo com a legalidade". O possível retorno de Getúlio era traçado pelas linhas da ameaça bruta à democracia:

Se um ditador vencido pelas armas vem às urnas para disputar o poder, esse gesto cumpre considerá-lo como uma fase preparatória da nova ditadura. Discutir se ele pode ou não reassumir o poder equivale a discutir se o assassino com o punhal na mão deverá ou não trucidar a sua vítima. <sup>134</sup>

#### 1.7 Getúlio marcha nos jornais, mas não sai das coxilhas

Adhemar de Barros certa vez gracejou de dizer que os cordeiros da fazenda Santos Reis, ao ouvirem o ronco de um avião que se aproximava, tratavam os mais velhos de fugir e os mais novinhos de chorar, porque sabiam que terminariam churrasqueados. Foi com uma churrascada guasca que Getúlio Vargas recebeu Adhemar de Barros para mais uma das conferências abertas à imprensa. Até ali vagando em incertezas, a ameaça da volta de Getúlio desanuvia-se nas páginas dos Diários Associados.

Com a gargalhada que lhe parecia fincada às faces, o ex-presidente estampa, em 15 de dezembro, a primeira página do *Diário da Noite*. Ele surge, sorridente, em abraços com Adhemar, agora na intimidade da estância Itu, em Itaqui. Getúlio receberia Adhemar para o abraço mais incendiário das eleições de 1950, impresso com largueza no *Diário da Noite*. O jornal, em nova tática editorial, passa a publicar a coluna de Assis Chateaubriand logo na primeira página. "Reaparece, em letras gordas e berrantes, no cartaz, o presidente Getúlio Vargas", assina o dono dos Diários Associados, esquecendo-se de dizer que Getúlio, em letras gordas e berrantes, reaparecia nas folhas e rádios do seu próprio conglomerado. <sup>136</sup>

Com a aliança que se desenhava no rastro do desfazimento do acordo, as folhas de Chatô começavam a assumir novo fôlego narrativo. A defesa da solução conciliatória e das ameaças sem nome deu lugar ao perigo palpável, manifesto, indisfarçável. A linha de ataque

<sup>&</sup>lt;sup>132</sup> Citado por MORAES, Fernando. Op. cit., p. 492.

<sup>&</sup>lt;sup>133</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. *O pensamento...* (Vol. 26). Op. cit., p. 246.

<sup>134</sup> Idem.

<sup>135</sup> Carta de Nelson Fernandes a Getúlio Vargas, 14 dez. 1949. Arquivo CPDOC (GV c 1949.12.14/1).

<sup>&</sup>lt;sup>136</sup> POPULISMO em marcha. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1949, p. 1.

às ameaças antidemocráticas passava a tangenciar o binômio Getúlio-Adhemar. "Populismo em marcha", lia-se na estrondosa manchete da edição do *Diário da Noite* que trouxera as cenas do churrasco em Itu. "Os dois chefes populistas mais em evidência atualmente, Adhemar e Getúlio, cortejam-se mutuamente nos pagos do sul". Feita a aliança entre os exdesafetos, os rumos da sucessão lançavam-se à "vertigem". Um perigo insofismável sublinhava-se: "Afirma-se a existência de um pacto secreto entre os dois chefes populistas, cujas forças eleitorais, inegavelmente, somam milhões de votos". <sup>137</sup>

Getúlio recusava esse papel. Econômico nas aparições e no verbo, fincado nos pampas, chegava à capital nas impressões trazidas pelos hóspedes da estância – seus leitores. Liam-no porque Getúlio, ele mesmo, rareava de se dar. Samuel Wainer - confidente e mensageiro – descobrira em setembro uma tuberculose e se afastara do jornal. Desfalcado do ledor da esfinge, os Diários Associados remediam-se nos olhos e ouvidos de terceiros. Salgado Filho chegava ao Rio em dezembro com notícias da reunião entre Getúlio e Amaral Peixoto, um dos líderes do PSD fluminense e genro do ex-presidente, casado com Alzira Vargas. O fim seria discutir costuras de um programa comum entre os partidos, sem aventar candidatos. "A massa trabalhista e o povo pedem pela volta do senador Getúlio Vargas ao poder", sublinha Salgado em entrevista a Nahum Sirotsky. "Deste, porém, partiu a grande demonstração de desprendimento admitindo-se que se pensasse em outros nomes que pudessem harmonizar os partidos políticos nacionais". 138 O próprio Amaral Peixoto faz o retrato do sogro: "Encontrei o sr. Getúlio Vargas muito tranquilo. Gente que lá foi retornou com impressão errada sobre o senador Vargas, atribuindo-lhe frases pessimistas". É um Getúlio desinteressado do poder, preocupado com a solução do dilema interminável da sucessão. "O ex-presidente não guarda rancor de ninguém e está perfeitamente disposto a encontrar uma solução que mais convenha ao Brasil", resume Amaral Peixoto. 139

Desinteressado, cuidando de desemaranhar o quadro político da sucessão, Getúlio procurava a solução pacífica, fruto das deliberações conjuntas. Esse era o Getúlio que chegava ao Rio pelos hóspedes de Itu. O senador desconversava da presidência, acudia-se no programa do partido, propunha a conversação despojada de animosidades estéreis. Àquela hora, o PSD fora lhe buscar em São Borja. A aproximação escancarava-se. O partido estava com a fissão

-

<sup>137</sup> POPULISMO em marcha. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1949, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>138</sup> SIROTSKY, Nahum. Base dos entendimentos: o programa do partido. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1949, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>139</sup> SIROTSKY, Nahum. Nomes, programas, objetivos e convenções nos debates de S. Borja. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1949, p. 6.

descoberta, indissimulável. Danton Coelho, fabricador de costuras e alianças no PTB, compararia o partido de Dutra ao famoso navio Madalena, naufragado em abril daquele ano: encalhado e partido ao meio. 140

O Diário da Noite torna a publicar o ex-ditador ao lado de Samuel Wainer na segunda edição do dia 11 de janeiro de 1950. Refeito da tuberculose, o repórter retomara o hábito de ter com o senador, agora na fazenda Itu. Ali passara os últimos três dias, em conversas, retratadas na imagem costumeira: Getúlio em bombachas, Wainer a seu lado, ouvindo-lhe as "confidências", como se lê na legenda. Da estância, o jornalista envia as reportagens às redações dos Diários Associados no Rio de Janeiro, publicadas em série nas folhas de Chateaubriand. "O Sr. Getúlio Vargas estava com veia das confidências", escreve Wainer na primeira das entrevistas – uma visita aos dias conturbados de 1945 que apearam o ditador do poder. Getúlio afirmava que sua deposição passara pelo crivo do então subsecretário do Departamento de Estado americano, Spruille Braden, que dera ao embaixador Adolfo Berle o aval para aliar-se ao movimento oposicionista.

A segunda entrevista de Getúlio a Wainer, publicada dali a dois dias, reafirmou a posição já insinuada de resolver o problema da sucessão por meio do engendramento de um programa único – não de um candidato. Essa era a nova fórmula que Salgado Filho, então presidente do PTB e representante do partido nos tratos políticos, traria de São Borja. "Um máximo de candidatos e um mínimo de agitação", como a reportagem deduzia. Na entrevista, Samuel Wainer insistira que os novos termos corriam o risco de terminar no mesmo "cemitério das fórmulas" em que dormiam a fórmula Jobim e a fórmula mineira. Teimoso em tirar do ex-presidente algum sinal sobre a própria candidatura, quer saber: e se fracassar a nova proposta? O PTB lançaria candidato?

"Neste caso, iremos para a luta", sentencia Getúlio, ideando a criação de uma chamada "Frente Democrático-Trabalhista". O PTB daria o candidato da Frente? — quer saber Wainer. "Não faltam bons nomes para suceder o general Dutra", desconversa Getúlio. "A UDN, por exemplo, possui o nome do brigadeiro, um nome por todos os títulos respeitável. Aliás, penso que mesmo na eventualidade de uma multiplicidade de candidatos, a UDN não poderá deixar de apresentar o nome do brigadeiro Eduardo Gomes", analisa. O ex-presidente fugia com desassombro à pergunta elementar, que perturbava o país desde o seu reaparecimento nas

<sup>&</sup>lt;sup>140</sup> SIROTSKY, Nahum. Encalhado e partido ao meio. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 05 abr. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>141</sup> WAINER, Samuel. Porque fui deposto. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1950, p. 6.

<sup>142</sup> Idem. G.V. apresenta a sua fórmula. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1950, p. 1.

páginas dos Diários Associados. Wainer então argumentaria que, estabelecida a "Frente Democrático-Trabalhista", o nome de Getúlio poderia ser inevitável. "Sim, temos no PTB nomes como os do senador Salgado Filho e do sr. Alberto Pasqualini, perfeitamente capazes de ocuparem aquele posto", esquiva-se. <sup>143</sup> O ex-presidente ocupava-se de afastar qualquer ilação mais sonora que antecipasse o seu nome nas cédulas eleitorais de 1950.

Resta a Wainer, uma vez mais, decifrar a esfinge. Sua leitura é de uma precisão inegável. "O seu objetivo, tudo indica, é o de provar ao país que as resistências para um acordo não partiram do PTB, e que se luta houver, a culpa não será dele, Vargas, nem de seu poderoso partido de massas", escreve o repórter. Getúlio traçava-se mesmo assim: sem arroubos, afoiteza, despojado de rancores, o ex-presidente queria-se um mero artífice do consenso, capaz de desmobilizar os riscos de uma corrida presidencial azafamada. Se a coisa degringolasse, haveria de provar que tudo fizera para alcançar o entendimento. Ele se desfazia de qualquer assomo beligerante, de qualquer intenção perturbadora. Curiosos eram seus recorrentes afagos à figura do brigadeiro Eduardo Gomes, uma das insígnias do antigetulismo.

# 1.8 Daqui não saio, daqui ninguém me tira: o 'fico' de Adhemar

Longe de São Borja, as tratativas para um acordo continuavam tão apressadas quanto inócuas. Os udenistas de Minas Gerais queriam fazer do governador Milton Campos o nome para a sucessão, enquanto o deputado Pedro Aleixo já conversava com o brigadeiro Eduardo Gomes para o caso de um possível recuo de sua candidatura. Em Porto Alegre, Salgado Filho encontrava-se com o governador Válter Jobim para lhe apresentar a fórmula tramada em Itu, com Getúlio. Bias Fortes era o nome da vez do PSD mineiro.

O quadro desordenado da sucessão faria com que anedotas começassem a circular pelos corredores e gabinetes políticos. Conta-se que Agamenon Magalhães, numa roda de conversa, virara-se para o contínuo que vinha servir o café e tascara: "Vai-te embora, que daqui a pouco você vira candidato!". Outro chiste contava que o senador Ernesto Dornelles, em conversa com o colega de PSD Ovídio de Abreu, cotado pela fórmula mineira, brincara: "Puxa! Eu fui candidato 24 horas. Você já está há mais de uma semana. Assim não vale!". 144

WAINER, Samuel. G.V. apresenta a sua fórmula. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1950, p. 6.
 PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. *Alzira Vargas do Amaral Peixoto (depoimento, 1979)*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC – História Oral, 1981, p. 101.

As conversas, por inacabáveis, não mais comoviam as edições dos jornais. O repórter Marcelo Pimentel falava de um "marasmo absoluto, tendo curso apenas encontros sem maiores pretensões entre chefes políticos, procurando soluções bizantinas para o problema máximo nacional". O espaço editorial dado às deliberações partidárias, já cansáveis, foi restrito. As páginas do *Diário da Noite* passaram a ser inundadas pelos desdobramentos ainda renitentes das revelações de Getúlio a Wainer, por outras reportagens de fôlego, por outras paragens.

Algum rebuliço torna a acontecer quando chega de São Paulo a notícia de que Adhemar de Barros retirara definitivamente sua candidatura do páreo. Ele não pretendia deixar o governo nas mãos do vice-governador e adversário Novelli Jr., cunhado do presidente Dutra — com quem já rompera — porque temeroso de uma devassa na sua administração. Se não concorresse ao Catete, o horizonte àquela altura era previsível: Getúlio teria seu apoio. "Unem-se os generais do populismo", lia-se no *Diário da Noite* de 20 de janeiro. Como hábito sempre que o nome do ex-ditador pairava sobre os cenários da sucessão, os repórteres foram saber da repercussão, percorrendo os gabinetes à procura das impressões. Um líder pessedista alertava: "A UDN, o PR e o meu partido precisam se convencer de que os populistas estão em plena atividade e que nesta oportunidade a união do PTB com o PSP significa um sério obstáculo aos desígnios da democracia". 147

Era um fato estabelecido na imprensa, metaforizado na imagem bélica: os comandantes do populismo já movimentavam as suas tropas. Samuel Wainer mesmo costumava acercar-se de Getúlio como general, cujos comandados aguardariam a ordem para se lançar à refrega. Ele recorreria também à paisagem de uma "sombra sinistra da guerra, que se aproxima" para descrever os dias confusos que antecederam as definições partidárias. <sup>148</sup> Ainda em 1949, João Goulart revelava a dúvida de Getúlio entre aceitar ou refugar a "batalha da sucessão". Faltando meses para as eleições, Dutra anunciaria um "gabinete de guerra" para o período eleitoral. <sup>149</sup> Os passos acanhados do ex-ditador na cena política, cautelosíssimos, soavam como atos de hostilidade. O jornalista Wilson Aguiar, em reportagem de 3 de

\_

<sup>&</sup>lt;sup>145</sup> PIMENTEL, Marcelo. Dutra, no Sul, conversará com Jobim sobre a sucessão. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>146</sup> UNEM-SE os generais do populismo. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1950, p. 1.

UDN e PSD precisam de candidato. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>148</sup> WAINER, Samuel. Rebelião Queremista. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 10 abr. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>149</sup> PIMENTEL, Marcelo. Dutra organiza gabinete de guerra para enfrentar o pleito de outubro. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1950, p.1

fevereiro, escrevia que "os populistas desensarilham as suas armas para entrar no combate da sucessão presidencial com toda a sua força, comandando a ofensiva da campanha eleitoral". <sup>150</sup>

Getúlio continuava a recusar-se ao pleito. Entretanto, nos jornais da capital, tudo queria dizer o contrário. Olavo de Oliveira, senador pessepista, afirmava, já em março: "Adhemar marcha para a candidatura Vargas e desafio que me contradigam". Veio do próprio Adhemar a negativa, no dia seguinte: "O senador Vargas não é candidato. Afirmou com uma sinceridade que não deixa dúvidas. Digam o que disserem, ele não é candidato". Era um jogo de desmentidos que se desenrolava diariamente nas páginas dos jornais. Batista Luzardo falava como emissário da candidatura Vargas, com o que era prontamente desautorizado. Ao jornal *Correio do Povo*, Getúlio respondia que, caso o PTB lançasse a sua candidatura, o faria à sua revelia. A tática do desmentido era um artifício de prudência: desde novembro de 1949, Adhemar e Getúlio passaram a encarnar, nos jornais, o perigo "populista", a aliança das correntes demagógicas, infensas à democracia.

O silêncio e a cautela não davam de acalmar o cenário confuso e conturbado que se desenhava para o pleito. "Não espiam a maré apenas; provocam ressacas violentas neste tumulto da sucessão", conclui o *Diário da Noite*. Chegava ao fim o prazo constitucional para a desincompatibilização de candidatos, quando Samuel Wainer escreve nos Diários Associados segredos guardados de São Borja. Um tremendo furo jornalístico: as negativas de Getúlio e Adhemar eram mesmo um blefe, uma tática de despiste.

Wainer conta o que testemunhou em uma tarde de março daquele ano. Emissários de Adhemar de Barros foram a Getúlio propor a formação de uma frente comum, da qual emergiria o candidato da oposição a Dutra. Com a simpatia do ex-presidente em relação à proposta e as linhas gerais da aliança já traçadas, foi a vez de Adhemar de Barros aterrissar em segredo na estância do chefe trabalhista. Firmaram um acordo segundo o qual Adhemar encabeçaria a frente única de oposição, caso demovesse, política ou juridicamente, o vicegovernador Novelli Jr. da pretensão de ocupar a chefia do Executivo paulista. Sucedeu, porém, de fracassar a investida e Adhemar já confessava a Getúlio, no último dos encontros, a impossibilidade de deixar o Palácio dos Campos Elíseos para concorrer à presidência. Ocorreu-lhe ainda de sugerir uma terceira via, um candidato endossado pelos dois. No

150 AGUIAR, Wilson. Prontas as baterias. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 fev. 1950, p. 6.

<sup>151</sup> SIROTSKY, Nahum. Ademar está com tudo e com Getúlio também. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 08 mar. 1950, p.1.

<sup>152</sup> GETULIO não é nem eu sou candidato. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 09 mar. 1950, p.1.

<sup>&</sup>lt;sup>153</sup> ATÉ hoje não declarou a ninguém que é candidato. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1950, p. 1.

entanto, Getúlio afasta essa possibilidade e sua candidatura resta consolidada. Aguardava-se apenas o momento mais favorável para desembainhá-la. 154

As primeiras páginas das edições do *Diário da Noite* já haviam começado a publicar, naquele momento, uma contagem regressiva para a desincompatibilização. O cenário era retratado como absolutamente confuso, inextrincável e tenso. Adhemar era o fiel da balança. A disposição das peças no tabuleiro dependeria do que decidisse no dia 2 de abril, prazo final para sair do governo paulista e disputar o Catete. Do lado dos "centristas", o cenário se repetia: um périplo de funerais de candidatos. A candidatura Afonso Pena Jr., proposta por Milton Cunha, não empolgava o PSD. Canrobert Pereira da Costa estava de longe ser unanimidade na UDN. Outros nomes até ali afiançados estavam às portas do dia 2 de abril, a um passo de confirmar-se ou extinguir-se de vez. O quiproquó e o destino da sucessão eram resumidos por Samuel Wainer, que enxergava a possibilidade de um "desentendimento geral ou o salve-se quem puder". 155

Na madrugada do dia 31 de março, chegam aos Diários Associados telegramas de São Paulo. Adhemar, na sua particular retórica beligerante, diz que vai à luta: "Estou me preparando para deixar o governo". O cerco dos jornalistas a Adhemar era asfixiante. Encalçavam-no onde quer que estivesse, dos gabinetes do palácio às missas de domingo. Em almoço oferecido pelo Clube Militar da Força Pública de São Paulo, às vésperas do prazo derradeiro, um repórter dos Diários Associados, matreiro, faz a orquestra ensaiar a marchinha "Daqui não saio, daqui ninguém me tira", um dos sucessos do carnaval daquele ano. Adhemar aceita sorridente a provocação e, terminada a execução, sem perder tempo, ordena outra canção: "A Valsa do Adeus". 157

Uma blague. Às 22h do dia 2 de abril, Adhemar diz que fica. O caminho da chamada frente popular desassombra-se: o nome de Getúlio é quase inevitável. Samuel Wainer, no Rio, sabe a quem ouvir. Ao passo que os demais jornalistas dedicam olhos e ouvidos aos Campos Elíseos, ele vai à casa do general Canrobert Pereira da Costa. Duas perguntas pairavam no país àquele momento: a primeira, Getúlio será candidato? Essa resposta Wainer tentava arrancar do ex-ditador, em São Borja. A segunda, Getúlio será empossado? Canrobert tem a

<sup>154</sup> WAINER, Samuel. O enigma Vargas-Ademar. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 24 mar. 1950, p. 1, 6.

 <sup>155</sup> Idem. Panorama da confusão. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1950, p. 6.
 156 PIMENTEL, Marcelo. Lançamento de manifesto em Campos do Jordão. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>157</sup> GONÇALVES, Heitor. – Daqui não saio, daqui ninguém me tira. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 abr. 1949, p. 6.

palavra. O ministro da Guerra confirma o Exército como fiador do regime e garante as eleições. As aspas do ministro caem como torpedos nas edições dos Diários Associados. Entrevistas e impressões sucedem-se nas primeiras páginas.

Em Itu, tudo na ordinária pacatez. Getúlio não costumava ouvir rádio. Preferia a vitrola. Os jornais lhe demoravam e o que se passava no turbilhão da capital era sabido com algum atraso. Dois dias depois do "fico" de Adhemar e da entrevista de Canrobert, o expresidente recebe em Itu o repórter Maury Medeiros. Em pé, atento à leitura do *Diário da Noite* que lhe faz o jornalista, Getúlio toma conhecimento das palavras do ministro da Guerra a Samuel Wainer. "Evidentemente, sem dúvida, trata-se de uma grande entrevista. Ela veio tranquilizar o ambiente nacional tão cheio, ultimamente, boatos inquietadores", avalia. <sup>158</sup>

Getúlio evocava pavores. Desde que seu nome despontara, as páginas da imprensa alimentavam a contenda do "empossa ou não empossa". Duvir a caserna foi uma constante nos meses que antecederam as eleições. Canrobert já desautorizara qualquer intenção de golpe. Para o general Góes Monteiro, Getúlio não era uma ameaça, mas um candidato. Em outro flanco, o general Pedro Cavalcanti, um dos articuladores de sua queda em 1945, julgava que o ex-ditador tratava-se de "um antidemocrata por temperamento e vocação". O general Renato Paquet, no espectro oposto, disparava: "É esse o fantasma que lhes perturba o sono. Eles têm certeza da vitória de Vargas".

#### 1.9 A "rebelião queremista"

Liquidada a candidatura Adhemar e com os arranjos para o candidato único cada dia mais encruados, o nó da sucessão dependia irreversivelmente de São Borja. O horizonte que se encobria pelo silêncio de Getúlio era, no entanto, desvelado nos jornais. Samuel Wainer anunciava, para o dia 19 de abril, "a segunda grande rebelião do chamado queremismo nacional". O repórter contava de comícios relâmpagos, discursos queremistas nas tribunas parlamentares, paralisações de trabalho país afora. Tudo para impor a Getúlio o aceite da

<sup>&</sup>lt;sup>158</sup> MEDEIROS, Maury. Ademar, Vargas e Canrobert. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 04 abr. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>159</sup> NASSER, Davi; MANSON, Jean. Se vencer as eleições, Vargas poderá tomar posse? *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 mai. 1950, p. 1.

<sup>160</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>161</sup> NASSER, Davi; MANSON, Jean. Se vencer as eleições, Vargas poderá tomar posse? *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 03 mai. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>162</sup> SIROTSKY, Nahum. Vargas eleito tomará posse. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 04 mai. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>163</sup> WAINER, Samuel. Rebelião queremista. *Diário da Noite*, 10 abr. 1950, p. 1.

candidatura. O PTB estava mesmo resoluto em lançar o ex-presidente, que ainda hesitava em dar qualquer mostra de querer embrenhar-se na batalha da sucessão. O deputado Segadas Viana, presidente do diretório do partido no Distrito Federal, expunha o que já não mais se escondia nos círculos petebistas: "Para os trabalhistas, a candidatura de Vargas é apenas uma formalidade". <sup>164</sup>

Fora em meados abril de 1945 que os leitores dos jornais cariocas deram com um neologismo que, aos poucos, incendiaria as ruas de todo o país. O queremismo, substantivação política do verbo "querer", começara como resposta de trabalhadores à crescente hostilidade das oposições a Getúlio Vargas, cujo já regime cambaleava. À medida que o governo ameaçava cair, um movimento popular irrompia para sustentar a defesa do legado getulista e a necessidade de o presidente não se afastar. "Queremos Getúlio com ou sem Constituinte", dirá um manifesto publicado em 17 de agosto daquele ano. Mais tarde, ao lado dos comunistas liderados por Luís Carlos Prestes, os queremistas viriam a assumir a luta por uma Assembleia Constituinte a ser convocada pelo presidente. Era a campanha da "Constituinte com Getúlio".

O queremismo, que começara como reação à escalada da oposição que mirava em Vargas, aos poucos tomaria contornos políticos mais definidos. Trabalhadores de todo o país saíram às ruas e inundaram páginas de jornal com cartas, manifestos e palavras de ordem em defesa da soberania popular e dos direitos de cidadania como fundamentos básicos da democracia. Valores, crenças e ideias combinaram-se no caldo de uma cultura política popular que encontrou, no "Querer Getúlio", um signo do protagonismo político que os trabalhadores requeriam no contexto da redemocratização. 166

O queremismo resistiu à queda de Getúlio. Ao passo que as eleições presidenciais de 1950 se aproximavam, o movimento começou de novo a borbulhar. "O povo não quer saber. Só interessa uma coisa, saber se 'Ele volta'", escreveria de São Paulo o deputado estadual Nélson Fernandes, em carta remetida a São Borja em maio de 1949. 167 "Devo dizer-lhe que já está na época de reacender a chama do queremismo. Estou com a corda toda e o povo espera

<sup>164</sup> GETULIO Vargas será candidato. *Diário da Noite*, 18 abr. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>165</sup> FERREIRA, JORGE. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular (1945-1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 43.

<sup>166</sup> Cf. MACEDO, Michelle Reis de. Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>167</sup> Carta de Nélson Fernandes a Getúlio Vargas, 16 mai. 1949. Arquivo CPDOC/FGV (GV c 1949.05.16/1).

uma decisão mais firme dos audazes queremistas de 1945", afirmaria, também em carta, o vereador carioca José Junqueira. <sup>168</sup>

De Porto Alegre, o deputado João Goulart descrevia, em outubro de 1949, o modo como a fórmula Jobim caíra na opinião das ruas: "O senhor não pode e não deve se nivelar de qualquer espécie, com politiqueiros fracassados e que no fundo, como medo do povo, desejam comprometê-lo. O povo continua não admitindo outro candidato que não seja o senhor", informava Jango, em carta ao mestre e amigo. Se a tal mesa proposta por Jobim fosse realizada, "todos com quem tenho falado (getulistas) dizem que irão para a frente do local onde ela estiver se realizando e que ali permanecerão dia e noite gritando: 'Queremos Getúlio. Ele é o nosso candidato", alertava. Ao ecoar a voz dos queremistas, Jango parecia tentar demolir a resistência do chefe a entrar de vez na batalha da sucessão. "Enfim, Dr. Getúlio, a coisa parece que pegou fogo. É por tudo isto que eu tenho medo, Dr. Getúlio, desta mesaredonda com a sua presença. Isto iria desencantar todos aqueles que veem no senhor um homem muito superior a esses políticos de 3ª e sem prestígio eleitoral e que vêm de recente fracasso", pontuara o aprendiz político de Getúlio. 169

No Rio de Janeiro, era Segadas Viana que comandava o esforço de militância. Às quartas-feiras, o deputado carioca ocupava o Rádio Club com um programa radiofônico de propaganda queremista. Com um pesado aparelhamento de cinema, ele também saía todas as semanas em direção aos subúrbios e aos morros para exibir filmes do PTB. Tenho contato direto com os trabalhadores não só do Rio como do interior, pois recebo inúmeras cartas e todas se manifestam no mesmo sentido: Vargas, Vargas e só Vargas, escreveria em carta ao chefe político.

Cartões com o retrato de Getúlio, rostos de 1 cruzeiro com o perfil do ex-presidente e a inscrição "Ele voltará" eram disputados na Capital Federal. Um brinquedo, antigamente chamado João Paulino – que consistia em um homenzinho disposto sobre uma base esférica feita de chumbo, de modo a sustentar o boneco em pé –, era então vendido com uma

<sup>&</sup>lt;sup>168</sup> Carta de José Monteiro Ribeiro Junqueira a Getúlio Vargas, 02 set. 1949. Arquivo CPDOC/FGV (GV c 1949.09.02/1).

<sup>&</sup>lt;sup>169</sup> FERREIRA, Jorge. João Goulart... Op. cit., p. 61.

<sup>170</sup> Carta de José Segadas Viana a Getúlio Vargas, 15 set. 1949. Arquivo CPDOC/FGV (GV c 1949.09.15/4).

pequenina estátua de Vargas. "O povo tem verdadeira sede de tudo quanto se refere a Getúlio Vargas", afirmaria, exultante, o deputado. <sup>172</sup>

À meia-noite do dia 19 de abril de 1950, aniversário de Getúlio, deflagra-se a segunda "rebelião queremista". Cinco mil foguetes estouraram no céu carioca naquela noite. Contavam-se 250 mil cartazes espalhados pela cidade do Rio de Janeiro, presos a muros, paredes e automóveis. "A pátria convoca Getúlio", lia-se em um deles. Era uma convocação, um chamamento. Àquela hora, toda a bancada queremista das câmaras federal e municipal já estava reunida na casa de Segadas Viana para assinar o manifesto da candidatura. O documento invocava o nome do ex-presidente e impunha-lhe esse "sacrifício" de que tão ardorosamente dava mostras de querer se desvencilhar: "Inspirador do Partido Trabalhista Brasileiro e seu Chefe supremo, GETÚLIO VARGAS não se poderá eximir ao sacrifício do seu justo repouso, quando a nação inteira lhe faz um apelo, recordando-lhe de que seus únicos compromissos são com o povo". 173

A guerra prenunciada nos jornais espocava. Na manhã seguinte, em missa pelo aniversário de Getúlio, na Igreja de São Francisco de Paula, no centro do Rio de Janeiro, queremistas e brigadeiristas trocavam vaias, apupos, caretas e algumas pedradas. Estudantes de engenharia da Escola Politécnica, vizinha à igreja, empunhavam e exibiam retratos do brigadeiro. Os trabalhistas devolviam com quadros e vivas a Getúlio. À saída da missa, Salgado Filho exclamava: "É o povo quem escolherá o seu presidente, e não esses garotos que não trabalham, que vivem à custa dos pais". Dentro da igreja, Segadas Viana dizia que havia chegado "a hora da desforra". O ex-deputado Barreto Pinto – cassado por falta de decoro após ter posado de cueca para a revista *O Cruzeiro* – fez da capota de um carro uma tribuna improvisada: "Em 1945, tiraram Getúlio do governo porque disseram que 15 anos era muito tempo. Agora, esse povo que aí está, trará Getúlio de volta ao governo, também em outubro". Ao carro dos oradores, sobe também Grande Otelo, estrela consagrada no cinema nacional: "É com Getúlio que eu vou". 174

Enquanto queremistas e brigadeiristas se ouriçavam no Rio de Janeiro, Samuel Wainer já rumava a São Borja, depois de receber um telegrama de João Goulart: Getúlio falaria. O pronunciamento do ex-presidente, naquele mesmo dia, é um "sim" que resvala no "talvez".

<sup>172</sup> Carta de José Segadas Viana a Getúlio Vargas, 15 set. 1949. Arquivo CPDOC/FGV (GV c 1949.09.15/4).

<sup>&</sup>lt;sup>173</sup> PARGA, Amorim. Lançado o nome de Vargas, ao pipocar de foguetes com uma churrascada regada a champagne. *Diário da Noite*, 19 abr. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>174</sup> OS PRIMEIROS choques de rua entre brigadeiristas e getulistas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1950, p. 6.

Deduz-se o "sim" porque Getúlio diz não recusar ao sacrifício pelos seus. É um "talvez" porque Getúlio trata de manter a porta aberta à conciliação. Insinuava-se também ali um primeiro discurso de campanha, permeado por temas como o fortalecimento da indústria e do sistema de crédito, e a melhoria das condições de vida dos trabalhadores da cidade e do campo. Getúlio faria ainda menção ao que ele chamou de "entrevista histórica" do general Canrobert Pereira da Costa, que afirmara o respeito à Constituição pelas Forças Armadas. É a retórica do sacrifício, entretanto, o que matiza o discurso de 19 de abril de 1950:

Aos meus amigos chamam de queremista. Já se empregou essa palavra como uma mácula, um aviltamento; entretanto, os queremistas são pessoas ordeiras, trabalhadoras e obedientes às leis. Ser queremista é apenas quererme bem pelo que fiz em benefício do povo. Quanto a mim, procuro apagarme e desaparecer dos grandes centros. E porque assim o faço? Porque nada mais me aflige e atormenta do que saber meus amigos perseguidos, sofrendo por minha causa. Se o meu sacrifício for para o bem do Brasil e para o meu povo, levai-me convosco. 175

Samuel Wainer já escrevera que Getúlio era um "prisioneiro do partido". Os petebistas há muito já o declaravam como candidato, fato que usualmente desmentia com uma desconversa ou evadindo-se na gargalhada. O pronunciamento de 19 de abril reafirmava sua relutância em aceitar o cálice da candidatura. Oferecia-se, entretanto, como prisioneiro – não do partido, mas do povo. Danton Coelho, em entrevista aos *Diários*, compreendera a imagem que o ex-presidente se arvorava: "A candidatura Vargas é uma coisa fatal. O próprio sr. Getúlio Vargas não pode escapar. Antes de ser um petebista, ele é prisioneiro do povo". <sup>176</sup>

Um dia antes do aniversário de Getúlio, lenços brancos se haviam agitado em aceno novamente – imitando a coreografia clássica da campanha de 1945 – durante reunião do diretório nacional da UDN, que decidiu por quase unanimidade apresentar o nome do brigadeiro Eduardo Gomes à convenção do partido. Em manifesto, Prado Kelly debitaria da conta do PSD o fracasso do consenso. A prerrogativa da maioria, tese lançada pelos pessedistas em outubro de 1949 e segundo a qual caberia ao partido majoritário indicar o nome do acordo, frustrara o entendimento com a legenda do brigadeiro. Prado Kelly exime a UDN de qualquer pecado: "Em qualquer outra fase de nossa história, nenhum partido terá

\_

WAINER, Samuel. Wainer em São Borja com Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1950, p. 6.
 SIROTSKY, Nahum. – Meu partido (o PTB) continua em negociações com o PSD. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1950, p. 6.

dado, mais do que este, o testemunho público da renúncia a aspirações próprias e legítimas, em proveito do interesse geral do país". O brigadeiro seria confirmado oficialmente candidato no dia 12 de maio.

Com a resolução da UDN em torno de Eduardo Gomes, a caciquia do PSD reuniu-se, no dia 15 de maio, na casa do presidente do partido, Cirilo Jr. Era preciso sair do labirinto. O general Góes Monteiro foi o primeiro a falar: não propôs nomes nem fórmulas. Observou, apenas, que o candidato deveria ter a confiança de Getúlio Vargas – para que pudesse contar com possibilidades de ser apoiado pelo PTB, com o qual o partido ainda mantinha conversas – e não ser hostil ao presidente da República. Em seguida, Oscar Fontoura, do PSD de Minas Gerais, trouxe ao exame dos pares um nome já bastante fora do cartaz: Cristiano Machado, deputado federal e uma das figuras-chave da Revolução de 1930, ex-secretário de estado na gestão do ex-governador mineiro Benedito Valadares.

Antes mesmo que Fontoura se sentasse, levantou-se Agamenon Magalhães, um dos que se debatiam pela candidatura Nereu Ramos: "Eu declarei, antes, que em lugar do sr. Nereu Ramos, somente aceitaria um nome que estivesse à altura. Cristiano Machado é esse nome". Amaral Peixoto concordou em seguida. Com o endosso de Benedito Valadares e do próprio Cirilo Jr., acompanhados pela quase unanimidade do diretório, o nome de Cristiano foi indicado à convenção. <sup>179</sup> Aparentemente soara bem no PSD a sentença. Logo no dia seguinte, Eurico Dutra e Nereu Ramos, dois polos opostos na legenda, viriam dar sua aprovação à escolha do deputado mineiro para a corrida presidencial. O intrincado labirinto em que o PSD se encontrava desde o começo das conversas para a sucessão, na conferência de Petrópolis, parecia enfim se resolver.

Faltava ouvir Getúlio Vargas. Salgado Filho já estava de viagem marcada para São Borja quando lhe veio procurar o presidente do PSD. Os dois partidos há muito discutiam a proposta de um programa, sem ainda ter desanuviado o nome para um eventual acordo. Escolhido Cristiano Machado, restava a Getúlio a definição da rota trabalhista. Já de volta ao Rio depois de levar o nome do PSD à consulta de Vargas, Salgado afirma que o chefe nada tinha a opor à candidatura pessedista. "No entanto", pontua o presidente petebista, "reconhece

<sup>&</sup>lt;sup>177</sup> A UDN acusa o PSD de haver liquidado com os esforços conciliatórios. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>178</sup> Cf. FARIA, Helena. Cristiano Machado. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>179</sup> ACORDOU o PSD para a sucessão presidencial. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 16 mai. 1950, p. 6.

que, como homem de partido, tem compromissos com os seus correligionários. Por isso, encaminhará o nome de Cristiano Machado à convenção nacional do PTB". 180

Era uma cartada sagaz. Como Samuel Wainer já deduzira, Getúlio pretendia-se desinteressado do jogo. Em tudo queria provar sua desambição de voltar ao palácio da Rua do Catete. Ao dizer que entregava aos pares a decisão – já sobejamente conhecida – sobre os rumos do PTB, Getúlio apresentava-se como mero soldado do partido. Lavava as mãos. Era candidato, sabia. Ele prefere, contudo, não dizê-lo ainda, refugar a missão. Todos lhe queriam ouvir o "sim", que insistentemente recusava dar.

A duas semanas da convenção do partido, Samuel Wainer, ainda sem confirmar o nome de Getúlio, envia do Sul nova série de reportagens aos Diários Associados. Passara os últimos oito dias com ex-ditador em Itu. Na foto da primeira página, o repórter aparece coberto pela indumentária gaúcha que Getúlio, sorrindo a seu lado, lhe emprestara.

A cada aterrissagem dos pequenos e heroicos taxis-aéreos da Frota Guarani, que formam uma verdadeira ponte aérea entre esse extremo ponto da fronteira sul e o resto do país, o sr. Getúlio Vargas parece fechar-se mais dentro de si. E com a sua inegável capacidade de despistamento evita as armadilhas que a reportagem mais sequiosa e os políticos mais ansiosos lhe armam a cada passo. Bem humorado e magnificamente disposto, o senador gaúcho permanece imperturbável, esfingético, inabordável. 181

Getúlio soava impenetrável como personagem, mas as confidências e mesmo as ideias já lhe escapavam com mais frequência. Wainer conta, na reportagem, que o senador confiava no apoio popular contra a oposição dos 20 estados brasileiros e do governo federal. Os rumores de golpe, nunca cessados, pareceram-lhe minorados com a posição legalista das Forças Armadas, firmada pelo general Canrobert, em abril. "Antes ameaçavam-me com um golpe militar; hoje me ameaçam com golpe eleitoral", observa o ex-presidente. "Mas não temo nem um nem outro. A unidade do Exército está intacta e as declarações do Ministro da Guerra, general Canrobert não permitem contestação". Getúlio queria desfazer assim os comentários de que havia baseado o lançamento da candidatura nos resultados das últimas eleições do Club Militar, vencidas pelo general e amigo Estillac Leal.

-

<sup>&</sup>lt;sup>180</sup> SIROTSKY, Nahum. Vargas será candidato. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 29 mai. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>181</sup> WAINER, Samuel. Decifrado o enigma do Sul. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 31 mai. 1950, p. 6.

<sup>182</sup> Idem.

Samuel Wainer antecipa, nas suas leituras do ex-ditador, o caráter constitucional e democrático que ele procuraria imprimir à sua imagem de candidato. Democracia seria mesmo o *leitmotiv* da campanha. O ex-presidente já tomara também a decisão de atravessar o país de ponta a ponta, não sem antes provar que dele jamais partiu qualquer resistência à conciliação que evitasse o choque político na sucessão. Ele já dera, a Wainer, o sentido político de sua caminhada à presidência no rastro do fracasso das fórmulas e das costuras: "Tudo indica, entretanto, que já é tarde para essa solução. Por isso mesmo, ninguém se iluda, nós vamos aguentar o rojão". <sup>183</sup>

#### 1.10 A lição do umbuzeiro: a rota para o Catete está desimpedida

Depois de exercer quinze anos de governo, sob todas as suas formas, desde o mais discricionário até o constitucional, o sr. Getúlio Vargas, nos três anos de repousante meditação que lhe proporcionou o seu voluntário exílio em Itu, chegou à conclusão de que o regime democrático convém muito mais ao povo brasileiro do que uma ditadura.<sup>184</sup>

Samuel Wainer, ao querer traduzir a esfinge, revelou o colorido retórico da odisseia de Getúlio Vargas no caminho de volta à presidência da República. As raízes positivistas, o seu flerte com o fascismo e a ditadura do Estado Novo imputavam ao ex-presidente, nos círculos liberais e na quase totalidade da imprensa, a efígie inapagável do caudilho. Getúlio quis dissipá-la. A atmosfera democrática do pós-guerra desabonava qualquer vínculo com um passado autoritário. Getúlio queria anular a ideia que apregoava haver, naquele momento, dois depositários da segurança do regime de 29 de outubro de 1945 – Eduardo Gomes e Cristiano Machado – e uma ameaça – ele, Getúlio.

Enquanto o senador, rompendo vagarosamente o silêncio, era decifrado por Wainer, o governador Adhemar de Barros aterrissava no Rio de Janeiro e bradava: "Nada de convenções! Eu lançarei Getúlio ao livre, talvez aqui no Rio, ainda este mês, com o povo vibrando nas ruas!" Desafiador, Adhemar reclamava assim a paternidade da candidatura Getúlio. Falhou. Às 17h do dia 6 de junho de 1950, reuniu-se o diretório petebista para lançar o nome do chefe trabalhista à sucessão. A nota oficial fora redigida de véspera. O resultado

<sup>&</sup>lt;sup>183</sup> WAINER, Samuel. Decifrado o enigma do Sul. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 31 mai. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>184</sup> Idem. Vargas, agora, rompe com a ditadura. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 01 jun. 1950, p. 1.

QUEIROZ, Ubirajara. Lançarei Getúlio. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 04 jun. 1950, p. 6.

era sabido. Seguiu-se o protocolo de esquivar o partido – e particularmente Getúlio – de qualquer falta pela ruína dos acordos: "Ficou patente – disse o senhor Segadas Viana – que nenhuma culpa cabe ao PTB pelo fracasso dos entendimentos entre o PTB e o PSD, conforme desejava o sr. Getúlio Vargas". <sup>186</sup>

Às 23h do sábado, 7 de junho de 1950, irradiava-se pelas Emissoras Associadas, através da Rádio Tupi, o discurso em que Getúlio, quase candidato, insistia na solução conciliatória, que todos sabiam fracassada. Representantes do PTB, reunidos no Palácio Tiradentes, no Rio, em cujos portões se aglomerava uma multidão, ouviam, ao mesmo tempo de milhões país afora, a fita com a voz de um Getúlio que resistia à batalha. O golpe de misericórdia na tese da união nacional veio no dia 10 de junho, com a convenção nacional do PSD que homologou oficialmente a candidatura Cristiano Machado. As peças do jogo estavam definidas.

Ainda cioso de ser o artífice da candidatura Getúlio, Adhemar reuniria uma multidão em frente ao monumento do Ipiranga, em São Paulo, na noite de 15 de junho, para lançar ele mesmo o candidato. Nem Getúlio, quieto em Itu, nem Danton Coelho, que deveria trazer da estância uma mensagem do senador, apareceram na capital paulista. Adhemar comandaria sozinho o que a imprensa chamou de "brado populista do Ipiranga", um discurso em que atacava o governo federal e recomendava ao Palácio do Catete o nome de Getúlio Vargas, "este ilustre cidadão brasileiro". No palanque, armado no alto da escadaria que leva ao monumento, sobressaía como pano de fundo, em um painel de 10mx15m, a incendiária fotografia publicada em dezembro pelo *Diário da Noite*: Getúlio, em gargalhada que lhe fazia fechar os olhos, abraçado a um também sorridente Adhemar. <sup>187</sup>

Getúlio só falaria como candidato a Samuel Wainer na entrevista que vai às bancas no dia 17 de junho, um dia depois do aceite formal da candidatura pelo PTB. Os Diários Associados, pela pena de Wainer, já eram como tribuna do ex-presidente. Deflagrada a candidatura, parecia desnecessária a leitura da esfinge. "Por intermédio dos Diários Associados' – disse ele – denuncio agora ao povo que estou ameaçado de violências, fraudes, golpes e até atentados pessoais. Esses avisos têm chegado a mim particularmente, por intermédio de emissários disfarçados em amigos ou publicados pela imprensa", lê-se no

-

PIMENTEL, Marcelo. Lança o PTB a candidatura Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 07 jun. 1950, p. 6. 187 - SEJA o que Deus quiser. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 16 jun. 1950, p. 1,6.

*Diário da Noite*. <sup>188</sup> Os jornais de Chateaubriand lhe servem de primeiro palanque para a campanha.

Candidato, Getúlio agora é loquaz. Antes escassas, suas aspas agora sucedem umas às outras na reportagem. Ele afirma a Wainer que os trabalhadores estavam sendo perseguidos porque queremistas. Refuta a acusação do *Jornal do Commercio*, que publicara edital afirmando ser a candidatura Vargas "uma desforra ao movimento de 29 de outubro". Desfaz qualquer aproximação entre comunismo e trabalhismo, "coisas inteiramente diferentes". Exime-se de culpa pelo fracasso dos entendimentos partidários. Repisa, por fim, o veio retórico que definirá as tensões discursivas durante os quatro meses de campanha: "Vou agora para a luta por imposição popular e, se as liberdades públicas e a Constituição asseguradas a todos os cidadãos forem respeitadas, caberá às urnas a última palavra. Mas se forem desrespeitadas, não serão minhas as esperanças frustradas e sim as do povo brasileiro". <sup>189</sup>

Resolvia-se, enfim. Um episódio dos tempos de menino permite entender um pouco da postura extremamente cautelosa que Getúlio sustentara até ali, ameaçado de todos os lados, saraivado pelas ameaças de golpe. Ele relembraria a *O Globo*, em agosto de 1950, uma cena da meninice, das poucas que ainda retinha na memória. Foi em 1896, aos 13 anos, quando, em brincadeiras na sala de jantar de casa, derrubara um quadro de Júlio de Castilhos. O general Manuel Vargas, pai de Getúlio, ouviu de fora o estrondo e foi ver o que se passava. O velho Vargas encolerizou-se ao dar com o retrato estilhaçado de um dos maiores líderes políticos da história do Rio Grande do Sul. Certo de que Getúlio era responsável pelo "crime", ordenou a um peão que procurasse o menino. O guri já fugira.

Passou-se a tarde e chegou a noite. Nada de Getúlio. O general já se acalmara pela peraltice, mas entrava a inquietar-se com o sumiço do filho. Veio a madrugada e, sem sinal do rapaz, mais de trinta pessoas vasculhavam os campos e o mato para descobrir onde se metera. Escondidos, Getúlio e o amigo Gonzaga, cúmplice na derrubada de Castilhos, refugiavam-se no alto de um umbuzeiro, perto de casa, onde pouco antes estivera o próprio general. Dali, viram todo o desenrolar da cena: as buscas, o choro da mãe, as ordens do pai. Getúlio insistia em ficar: "Enquanto não estivermos completamente livres de uma sova, não podemos descer", dizia ao amigo. Entrava já a manhã seguinte quando a mãe, dona Cândida, gritou, chorosa, à porta de casa: "Meu filho, se estás escondido aqui perto, se me ouves, aparece que não te

<sup>&</sup>lt;sup>188</sup> WAINER, Samuel. – Nada me fará recuar. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1950, p. 6. <sup>189</sup> Idem

acontecerá nada. Aparece..." Era hora de descer. Cinquenta e quatro anos mais tarde, quando arrancou de Getúlio essa lembrança, o repórter de *O Globo* deduziria uma lição política do episódio: "E assim aos 12 anos, Getúlio aprendia por experiência própria que, enquanto alguém não garante a situação, não deve descer da árvore". <sup>190</sup>

Em junho de 1950, depois de relutante e inextrincável silêncio, no quase esconderijo de Itu, Getúlio viu que era hora de descer do umbuzeiro: o acordo interpartidário fracassara e as Forças Armadas impunham às eleições um rumo legalista. Getúlio correria ao Catete sem sobressaltos constitucionais mais graves. Nos jornais, contudo, o cenário ainda era tenso. Dois dias depois da primeira entrevista como candidato a Samuel Wainer, o *Diário da Noite* estamparia, prenunciando as cores narrativas da imprensa naqueles dias, a manchete e o subtítulo belicistas: "Como eliminar G. Vargas. Nas mãos de Cristiano e do Brigadeiro a solução democrática e simples da ameaça Getúlio". Estava deflagrada, nas páginas dos diários, a ruidosa contenda das eleições presidenciais de 1950.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>190</sup> O DECURIÃO escapa de uma surra. *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, ago. 1950, p. 11.

<sup>191</sup> COMO eliminar G. Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1950, p. 1.

## Capítulo 2 - A democracia no prelo

"Poderá receber votos quem já rasgou duas constituições (91 e 34), não cumpriu a outorgada por ele mesmo em 37 e não assinou a de 46?", perguntava o *Diário da Noite* em 16 de junho de 1950, sob o título garrafal: "Inelegível". A candidatura Getúlio Vargas, embora presumível desde março de 1949, enfim irrompera da hesitação teimosa do ex-presidente. A arena de guerra verbal desatada na imprensa definira finalmente os seus atores e a sua trama. O acordo interpartidário revelara-se apartado da realidade política brasileira, e seu fracasso expôs uma relação mais complexa do que sugeria a convivência amistosa de udenistas e pessedistas. Ou, como acentua Maria Celina Soares D'Araujo, "a 'união nacional' se inviabiliza na medida em que cada partido veta individualmente qualquer proposta de 'união' que não seja a sua". 192

O que se seguiu ao 17 de junho de 1950 foi a inflexão do método de combate. As convenções partidárias levaram o acordo de 1947 ao cadafalso e a defesa da solução conciliatória deu lugar à engenharia da impugnação. Com o fim das fórmulas de consenso, todas fracassadas, impunha-se encontrar os meios possíveis de impedir a ascensão de Getúlio ao poder. Sob essa nova perspectiva de combate, Murilo Marroquim, em *O Jornal*, foi um dos primeiros a jogar luz sobre uma emenda à Lei Eleitoral que transitava no Senado naquele momento. O projeto de lei 582/1950, proposto pelo deputado Caiado de Godói, da UDN goiana, estabelecia a possibilidade de haver coligações partidárias com mais de um candidato à presidência. Nesse caso, dois partidos coligados poderiam indicar nomes em separado e os votos de cada um receberiam a adição dos votos totais na coligação.

Vertendo-se a aritmética em política, a lei resultaria que, se PSD e UDN estivessem aliançados, os votos de Cristiano Machado e Eduardo Gomes seriam somados aos votos obtidos pelas duas legendas. A justificativa do projeto dava conta de uma solução para o famigerado "problema da sucessão presidencial, que tão profundamente agita as correntes de opinião de período em período, com graves riscos para a tranquilidade do país (...)". <sup>193</sup> O

<sup>&</sup>lt;sup>192</sup> D'ARAUJO, Maria Celina. O segundo... Op. cit., p. 43.

<sup>&</sup>lt;sup>193</sup> BRASIL. Câmara dos Deputados. PL 582/1950. Admite o voto de legenda nas eleições para presidente da República, e dá outras providências. Disponível em:

<sup>&</sup>lt;a href="http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=179200">http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=179200>.</a>

*Diário da Noite* induzia que seria "possível o afastamento do sr. Getulio Vargas sem violências e dentro de princípios já consagrados em outros países democráticos". <sup>194</sup>

Era explicável a preocupação narrativa em dotar essa fórmula de predicados que não maculassem certa aura de democracia. O método de cerceamento da movimentação de Getúlio tinha de ser justificado pelas premissas do regime. Os ataques verbais e o gestual político tentavam equilibrar-se na linha imaginária da legalidade constitucional. Era preciso afastar Getúlio sem conspurcar a aparência democrática dos atos. Um mínimo de coerência constrangia a defesa da solução mais radical, do golpe puro e simples.

Dois flancos de ataque estavam a postos nos dias que se seguiram à indicação do nome de Getúlio pelo PTB: a Justiça Eleitoral, pela via da impugnação da candidatura, cogitada abertamente nos meios políticos; o voto de legenda de Caiado de Godói, como manobra parlamentar. O cerco político pretendia-se sustentado no estrito rito legalista. O *Diário da Noite* já ouvira o jurista Targino Ribeiro, por duas vezes presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e defensor da impugnação da candidatura: "Ora, não seria possível que a Constituição deixasse com capacidade de receber votos populares quem é reconhecida e sabidamente antidemocrático". Um tanto menos moderado, Chateaubriand não escondia o voto pela solução radical, qualquer fosse ela. Dias depois da confirmação da candidatura petebista, o dono dos *Diários* escreveria no conhecido estilo viperino que "a Justiça Eleitoral e o Exército devem sustar o *rush* populista ou não se sabe o que será o dia de amanhã. Nas mãos de Themis ou de Marte, está a sorte do Brasil. Seja como for, é um problema da espada, da justiça ou dos soldados. Só uma ou outra salvará a democracia no Brasil". 197

A estratégia de confronto à candidatura Getúlio, escancarada por Chatô nos seus jornais, convivia, nas mesmas páginas, com o seu contraditório: as reportagens de Samuel Wainer traziam impressões sempre mais favoráveis ao amigo de São Borja. Fazia pouco mais de um ano o repórter tornara-se um quase porta-voz getulista em dois dos mais vendidos e influentes periódicos do Rio de Janeiro. Era uma situação que açulava os círculos da imprensa no Brasil, ainda afeitos à escola europeia, de posições políticas sólidas e aclaradas. Os Diários Associados comportavam, em relação a Getúlio, uma dualidade narrativa na campanha,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>194</sup> A FÓRMULA legal que impedirá a vitória de Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>195</sup> Cf. BOBBIO, Norberto. Liberalismo e Democracia, São Paulo: Brasiliense, 4°ed., 1991; SARTORI, Giovanni. A Teoria da Democracia Revisitada, vol. 1 e 2. São Paulo: Ática, 1994; WEFFORT, Francisco (org.) Qual Democracia? São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>196</sup> INELEGÍVEL. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 16 jun. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>197</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. O pensamento... (Vol. 26). Op. cit., p. 554.

adoçando a pena acidulada de Chateaubriand no indisfarçável texto amistoso de Samuel Wainer.

Foi com essa convivência de contrários que o *Diário da Noite* trouxe, no mesmo dia em que iluminava a emenda Caiado de Godói, uma entrevista de Oswaldo Aranha, na qual o ex-chanceler de Getúlio declarava a Samuel Wainer a disposição de defender a legalidade da candidatura do ex-ditador no Supremo Tribunal Federal, se preciso fosse. "O senador Getúlio Vargas satisfaz aos requisitos exigidos pela nossa Constituição, artigo 80 e seus itens, para ser candidato à presidência da República: é brasileiro, está no exercício dos seus direitos políticos e tem mais de 35 anos" 198, resumia. Duas semanas mais tarde, a manchete do mesmo jornal traria as aspas de Góes Monteiro em reportagem de Samuel Wainer, publicadas com a habitual largueza tipográfica na primeira página: "Faremos continência a Getúlio" foi a resposta do general a emissários da UDN que vieram procurá-lo para tratar de manobras contrárias à candidatura petebista.

Era uma idiossincrasia de Chateaubriand dar ressonância às vozes contrárias ao traço doutrinário dos seus jornais. Os periódicos da grande imprensa, por regra, tinham o hábito de ouvir somente as fontes que endossassem seus editoriais, que se afinassem a suas posições. Joel Silveira – para Chatô, a "víbora" –, que naquele momento assinava uma coluna no *Diário de Notícias*, encucava-se com a liberalidade de Chateaubriand em relação às reportagens de Samuel Wainer – segundo ele, "um adido de imprensa de Getúlio, intérprete diário do seu pensamento e dos seus planos". <sup>199</sup> Estampar a manchete da defesa de Aranha a Getúlio ou as aspas reverenciais de Góes Monteiro – uma concessão sem paralelo nos jornais de grande circulação – faziam dos Diários Associados uma personagem singular entre as folhas cariocas.

O risco Getúlio passara a ser dissecado, na imprensa, pela hermenêutica constitucional. Se Wainer, solitário, dava guarida às teses da legalidade, sobrepunham-se as vozes hostis à ideia da candidatura petebista. O *Jornal do Commercio* faria, dois dias após o "sim" de Getúlio ao PTB, minucioso levantamento das normas da Lei Maior de 1946 para concluir que "um candidato à presidência da República, declaradamente infenso aos princípios contidos na Constituição, não deve ser registrado para habilitar-se ao pleito que possa levá-lo ao poder". <sup>200</sup> Um jurista ouvido pelo mesmo jornal resumia: "É a Lei por sua

<sup>-</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>198</sup> WAINER, Samuel. Aranha: 100% por Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1950, p. 6.

<sup>199</sup> SILVEIRA, Joel. Pingue-Pongue. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 18 jun. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>200</sup> MAIS agudo o problema da inelegibilidade do ex-ditador. *Jornal do Commercio* Apud. *Diário da Noite*, 19 jun. 1950, p. 6.

Carta Magna quem a proíbe [a candidatura]. É o regime na sua verdadeira aplicação que a impede. É a Democracia com seus ideais irmanando o sentimento de todas as classes que a repele". <sup>201</sup>

O tiroteio verbal era resultado do fracasso das alianças de centro e da sempre mais ruidosa caminhada queremista, que punham a solução consensual do "problema da sucessão" em um plano distante, socorrido apenas no famigerado projeto de Caiado de Godói. Os fantasmas e os burburinhos da solução pelas armas tampouco cessavam. Samuel Wainer contaria que, quando o chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, general Newton Cavalcanti, notório antigetulista, chamou ao Palácio do Catete o senador Arthur Bernardes para uma conferência, logo se fez o alarde: "É o golpe, o golpe, o golpe!". <sup>202</sup> Candidato udenista ao governo da Paraíba, o senador José Américo de Almeida cogitava a tese da intervenção armada para garantir a tranquilidade do pleito no país. <sup>203</sup> Em frenesi, os círculos políticos viam o destino institucional do país coberto pelo turvamento dos dias que faltavam ao 3 de outubro.

O *script* retórico das eleições na imprensa parecia bem traçado. Caberia a Getúlio o lugar do totalitário que, infame e arriscadamente, assombrava a democracia pela qual fora derrubado. Assim, a imprensa caminhava, sem trepidações, até as redações darem com uma pauta assoladora: às 3h30 do dia 22 de julho, chegava ao apartamento do brigadeiro Eduardo Gomes, na Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, uma comitiva do Partido de Representação Popular (PRP). Em convenção terminada minutos antes, o partido do ex-chefe integralista Plínio Salgado decidira apoiar o candidato udenista nas eleições presidenciais. Eduardo Gomes recebeu os representantes da legenda em casa e saudou a parceria ao declarar que a causa que os unia era "a de dar maior vitalidade democrática e econômica à Nação". <sup>204</sup> Ao abrigar o espólio do integralismo na sua campanha, o brigadeiro Eduardo Gomes poria a retórica da democracia, até ali tão decantada, numa posição fragilíssima.

-

<sup>&</sup>lt;sup>201</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>202</sup> WAINER, Samuel. – É o golpe, o golpe, o golpe! *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>203</sup> Idem. – Zé Américo que a intervenção das classes armadas como garantia de um pleito pacífico. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>204</sup> DISCURSOU o brigadeiro para o PRP. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1950, p. 6.

## 2.1 O brigadeiro Eduardo Gomes: um retrato hagiográfico do Correio da Manhã

O brigadeiro Eduardo Gomes acordava pontualmente às 6h. Era adepto de exercícios físicos: nadava 200 metros por dia, jogava tênis e vôlei, além de acompanhar o *football*. Costumava saborear café carioca e consumir balas e *drops*. Nascera em Petrópolis, na serra fluminense, mas tinha paladar tipicamente gaúcho: seu prato preferido era churrasco de ovelha. Saía-se tão bom piloto de avião quanto mau motorista de automóvel. Cinéfilo e fã da atriz sueca Ingrid Bergman, chegava a assistir ao mesmo filme em duas ou três sessões. Na cabeceira, Raquel de Queiroz, Monteiro Lobato, Manoel Bandeira, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade. O major-brigadeiro conhecia bem a obra dos aviadores – como ele – Saint Exupery e T. S. Lawrence. Dos homens públicos, dizia admirar o barão do Rio Branco e Winston Churchill. Nunca permitia que o carregassem. Solteiro, venerava a mãe, dona Jenny, de quem só se separara quando preso ou foragido. Não tinha medo da morte.

O perfil intimista do brigadeiro Eduardo Gomes seria publicado pelo *Diário da Noite* às vésperas das eleições de 1950.<sup>205</sup> Seu nome já constava como verbete do anedotário político nacional desde 1945, quando sua patente batizara o doce que senhoras de São Paulo preparavam e vendiam para arrecadar fundos à campanha da UDN. Seu perfil político, contudo, começara a ser escrito no dia 5 de julho de 1922, quando o então tenente aderira à rebelião de oficiais de baixa patente contra as forças do governo Epitácio Pessoa. Sobreviveu, ao lado do tenente Siqueira Campos, na chamada marcha dos "Dezoito do Forte", quando rebeldes abandonaram o Forte de Copacabana para enfrentar um exército de três mil soldados legalistas na orla carioca.

Em 1924, já como um dos líderes do movimento tenentista, participou de novo e fracassado levante. Seria preso novamente no Paraná, quando marchava para integrar-se à coluna do tenente do Exército Luís Carlos Prestes. Foi solto somente em 1926 e, na iminência de uma nova prisão, refugiou-se no interior do país até 1929, quando se apresentou às autoridades policiais e foi novamente preso. Liberto em maio de 1930, logo se perfilhou ao lado dos conspiradores que tramavam a derrubada do presidente Washington Luiz.

Com o golpe de Estado, Eduardo Gomes afastou-se das atividades políticas para se dedicar à carreira militar. Alçado ao posto de brigadeiro em 1941, quatro anos depois se exoneraria da Diretoria das Rotas Aéreas para nova aventura revolucionária. Aliado ao

<sup>&</sup>lt;sup>205</sup> BRIGADEIRO Eduardo Gomes. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 2 out. 1950, p. 1, 6.

movimento militar que depôs Getúlio Vargas e articulado com setores das oposições liberais, seria lançado candidato à presidência da República pela União Democrática Nacional nas eleições marcadas para 2 de dezembro de 1945.

O brigadeiro era um herói-candidato. O ar grave e formal, conservado num semblante usualmente constrito, de pouco riso, lhe imputavam certa solenidade, uma aura de retidão e bravura. Era o primus inter pares, com legenda de democrata e cristão exemplar. <sup>206</sup> Em seu nome se entranhavam as esperanças liberais desde a queda do Estado Novo. Como bem lhe definiu Afonso Arinos de Melo Franco, era a figura primacial do partido: "Eduardo Gomes é o Prestes da burguesia, como o Capitão vermelho é o Brigadeiro do proletariado". <sup>207</sup>

O carioca Correio da Manhã costumava tratá-lo como espécime figural das oposições, exemplo do homem público forjado no ideal liberal-democrata. "O Brigadeiro não é apenas um candidato", escrevia o jornal em 18 de julho de 1950. "O Brigadeiro é, antes e acima de tudo, uma inspiração". 208 Às portas do pleito presidencial, o brigadeiro contava com as páginas benfazejas de quase toda a grande imprensa carioca. A reverência era antiga. Lira Neto, ao escrever sobre a campanha udenista em 1945, já encontrara na leitura dos grandes jornais "uma campanha de sagração cívica que beirava a beatificação". 209

Entre os mais influentes matutinos, estavam com ele o Correio da Manhã, o Diário de Notícias e o Diário Carioca. O vespertino Tribuna da Imprensa, do então vereador Carlos Lacerda, aparecera no fim de 1949 para ampliar o vozerio de oposição a Getúlio Vargas. Os Diários Associados, mesmo em apoio a Cristiano Machado, não lhe eram exatamente contrários. O jornalista Villas-Boas Correa, então repórter de A Notícia, relembraria mais tarde o predomínio político da UDN nas redações cariocas: "Aqui no Rio, a maioria esmagadora da imprensa era udenista". 210

Com o brigadeiro novamente em campanha, a UDN programava comícios em 400 municípios do país, nos quais Eduardo Gomes aterrissaria a bordo de um *Beechcraft* pilotado por ele mesmo. À frente das manifestações estava o Movimento Nacional Popular Pró-

<sup>&</sup>lt;sup>206</sup> Para Maria Victoria de Mesquita Benevides, "Eduardo Gomes era, enfim, aquele que reunia as condições indispensáveis para a primeira tentativa de 'união nacional' contra o Estado Novo". BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit., p. 42.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. 87.

<sup>&</sup>lt;sup>208</sup> ASSIM é o Brigadeiro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>209</sup> NETO, Lira. Op. cit., p. 45.

<sup>&</sup>lt;sup>210</sup> CORRÊA, Luiz Antonio Villas-Bôas. *Villas-Boas Corrêa (depoimento, 1997)*. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 1998, p. 14.

Eduardo Gomes, que organizara ainda em outubro de 1949 o que o Correio da Manhã chamou de "Comício Monstro", nas escadarias do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 211 Foi a primeira das grandes manifestações de apoio ao candidato derrotado em 1945. Era uma sexta-feira, véspera do 29 de outubro, data de sensível conteúdo simbólico às oposições liberais.

O fetiche pelas efemérides da história política recente do país era um dado dos comícios e da imprensa. Em cada aniversário do golpe de 10 de novembro de 1937, o Diário de Notícias rememorava, "à guisa de advertência, todos os malefícios, desastres e crimes que caracterizaram a nefasta ditadura do sr. Getúlio Vargas". <sup>212</sup> O *Correio da Manhã* costumava dedicar seus editoriais de 29 de outubro à lembrança de 1945. "É o dia 29 de outubro, pois, o dia da volta à lei, o dia do Brasil restituído à ordem legal, o dia em que Exército, Marinha e forças aéreas resolveram encerrar uma aventura que ia se tornando inquietante e perigosa"213, trazia a primeira página do jornal em 29 de outubro de 1948.

O próprio nascedouro da UDN estava banhado pela reverência a um marco histórico requerido pelo partido como legado político. Conta Maria Victoria Benevides que o dia escolhido para a fundação da legenda, 7 de abril de 1945, rememorava uma data festejada do liberalismo brasileiro: em outro 7 de abril, este de 1831, o imperador D. Pedro I abdicara do trono em meio à ascendente oposição liberal do país.<sup>214</sup> Ao longo das lutas eleitorais, o gosto udenista pelas datas revelaria ainda um engenho retórico: o 10 de novembro e o 29 de outubro expressavam, respectivamente, uma ameaça renitente e a própria ideia de liberdade.

Lembrar os dois golpes - o de 1937 e o de 1945 - significava dizer que uma democracia rediviva reclamava vigilância enquanto os seus antigos carrascos gozassem de alguma sobrevida. Isto é, o faustoso 29 de outubro viveria assombrado por um outro passado, o 10 de novembro, encarnado ele próprio na figura de Getúlio Vargas. Estes dois marcos temporais e simbólicos, capítulos de um mesmo enredo político, seriam o mote para que, em 1946, Virgílio de Mello Franco parafraseasse a máxima (usual e erroneamente atribuída a Thomas Jefferson) que daria o lema udenista: o preço da liberdade é a eterna vigilância.

<sup>&</sup>lt;sup>211</sup> MILHARES de pessoas exigiram, ontem, Eduardo Gomes. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 out. 1949,

p. 1.
<sup>212</sup> A HISTÓRIA de Getúlio. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1950, p. 3.

A DATA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 out. 1948, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>214</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit., p. 23-24.

O calendário das oposições reservava ainda outra data. O brigadeiro Eduardo Gomes levava a cicatriz da bala que o atingira no dia 5 de julho de 1922. Às 20h desse mesmo dia, em 1950, a UDN organizava comícios simultâneos em todos os estados do país. Em Minas, os diretórios dos 388 municípios preparavam-se para as manifestações. No Rio de Janeiro, a Frente Universitária Pró-Eduardo Gomes reunia 18 de seus membros para, fardados, caminharem do Posto 6 da Praia de Copacabana até a rua Siqueira Campos, refazendo os passos dos revoltosos de 1922. Nos subúrbios da cidade, era a Frente Trabalhista Pró-Eduardo Gomes que organizava os chamados comícios relâmpagos. 216

O *Beechcraft* do brigadeiro já acumulava milhas em julho de 1950. Enquanto Getúlio Vargas não arredara de São Borja, Eduardo Gomes cruzava os céus do país. Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso já estavam no roteiro da agenda do candidato udenista quando o período oficial da campanha sequer fora iniciado. Seu percurso era acompanhado com a devoção dos diários cariocas. O mais apaixonado deles aparecera no Rio de Janeiro do começo do século 20, na manhã de um *sabbado*, como então se grafava na primeira página daquela edição de 15 de junho de 1901.

Tão logo foi às ruas, o *Correio da Manhã* traçaria em seu editorial de estreia o retrato com que pretendia passar à história da imprensa no país: "Há de, forçosamente, ser um jornal de opinião e, neste sentido, uma folha política", definia-se. Contudo, não se tratava de política partidária, logo se apressaria a dizer. "O *Correio da Manhã* não tem nem terá jamais ligação alguma com partidos políticos", afirmava o editorial. Assinava o texto Edmundo Bittencourt, repórter que iniciara a carreira no jornal *A Reforma*, de Porto Alegre, um dos bastiões da causa federalista, movimento que desencadeara, em 1893, uma sangrenta guerra civil no Rio Grande do Sul. Sob a batuta de Bittencourt, o *Correio da Manhã* ficaria conhecido pelo estilo de combate, notadamente oposicionista, com o qual atravessou toda a Primeira República. Desde muito cedo, guiava-se por uma orientação liberal clássica ortodoxa, avessa aos intervencionismos de Estado. 218

Quando, no fim da década de 1920, estava em curso a campanha à sucessão de Washington Luís na presidência da República, começava também a conflituosa relação do jornal com aquele que viria a liderar o movimento de deposição do governo. Getúlio Vargas

<sup>&</sup>lt;sup>215</sup> ACLAMARÁ o Brasil inteiro o nome de Eduardo Gomes a 5 de julho. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1950, p. 3.

DE SÃO Paulo, o brigadeiro falará hoje a todo o país. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 05 jul. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>217</sup> BITTENCOURT, Edmundo. Correio da Manhã. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 jun. 1901, p. 1.

só teria o apoio da folha entre a formação da Aliança Liberal e os primeiros descontentamentos que desembocariam na Revolução Constitucionalista, em 1932. Dali por diante, o *Correio* aquartelou-se na oposição.

Edmundo passara o jornal, ainda em março de 1929, às mãos do filho, Paulo Bittencourt. Ex-aluno de Cambridge, na Inglaterra, e bacharelado pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, Bittencourt já se ambientara no jornal do pai como redator-chefe e articulista político. "Paulo Bittencourt tinha um poder equivalente ao dos barões feudais da Idade Média", compararia Samuel Wainer, em suas memórias. 220 Segundo ele, o que era impresso no *Correio da Manhã* respondia exclusivamente aos humores e interesses do seu dono.

O filho manteve a linha combativa e oposicionista que herdara do pai. Com o golpe de 1937, o jornal faria, segundo o repórter Joel Silveira, uma adesão com "elogios magros". A escrita definitiva do *Correio da Manhã* na crônica política nacional estaria nas páginas da edição de 22 de fevereiro de 1945, quando uma entrevista de José Américo de Almeida a Carlos Lacerda rasgou a censura e desencadeou o processo de implosão da ditadura naquele mesmo ano. A partir daquele momento, o *Correio* reanimaria a sua veia militante, além de revelar, sem disfarce ou embaraço, uma vocação também partidária.

A derrota do brigadeiro Eduardo Gomes nas eleições presidenciais de 2 de dezembro não iria abrandar o fôlego do jornal, que adentrara nas fileiras de combate da recém-criada União Democrática Nacional. Escorada nos primados do liberalismo clássico, a afinidade ideológica entre a folha e o partido permitiria que dali surgisse um estável entrelaçamento político. Um caso talvez mais representativo dessa aproximação encontrava-se diariamente logo na primeira página do matutino: a margem superior esquerda da folha trazia impresso, desde 1923, o nome de um mesmo redator-chefe – Costa Rego, que viria a ocupar, em abril de 1945, uma das cadeiras na primeira reunião do diretório nacional da UDN.

Ex-governador de Alagoas e mais longevo e influente jornalista da folha de Paulo Bittencourt, Pedro da Costa Rego candidatava-se à Câmara dos Deputados pelo partido do brigadeiro em 1950. Para o leitor do *Correio da Manhã* que pretendesse lhe dar o voto, bastaria recortar a cédula impressa sempre ao pé das últimas colunas da página 5, uma folha

. .

<sup>&</sup>lt;sup>219</sup> FERREIRA, Marieta de Morais. Paulo Bittencourt. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>220</sup> WAINER, Samuel. *Minha...* Op. cit., p. 136.

<sup>&</sup>lt;sup>221</sup> Joel Silveira apud. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 111.

depois dos artigos que diariamente assinava. <sup>222</sup> Como chefe de toda a reportagem, passavam ainda pelo crivo de Costa Rego todas as matérias importantes do jornal, e não apenas os editoriais. Era o segundo homem na hierarquia do matutino. <sup>223</sup> Em uma imprensa que não se pejava de partidarismos, o jornal não fugiu à regra: entre exaltações ao brigadeiro e alianças com a UDN, com quem descobrira uma afinidade conjugal, o *Correio da Manhã* desafiara o axioma do seu primeiro editorial-manifesto, aquele de 1901, e decididamente embrenhava-se na peleja partidária – a que praticamente toda a imprensa, aliás, aderiu no processo de abertura política pós-Estado Novo. "Os jornais sem dúvida eram partidários", relembraria o jornalista Villas-Bôas Correa. <sup>224</sup>

Com o brigadeiro nos ares em nova corrida ao Catete, a folha passou a publicar na primeira página uma coluna editorial com a defesa incontida do "candidato nacional", como os pares udenistas lhe chamavam. A causa democrática era o seu fomento narrativo. "Tínhamos em 1945 uma ditadura de acento fascista. Temos em 1950 uma democracia blesa...", escrevia o *Correio da Manhã* em 13 de julho. O brigadeiro personificava, sem qualquer reserva ou comedimento, o remédio possível ao oficialismo intransigente de um Cristiano Machado ou ao assombro autoritário de um Getúlio Vargas.

Para o *Correio da Manhã*, 1950 era um desagravo a 1945. O brigadeiro figurava a retomada do esforço por uma democracia ainda não de todo consumada. "A presença do Brigadeiro na luta vale, num exemplo pessoal, pela expressão possível de todas as palavras", lia-se no *Correio* em 21 de julho. "Ele representa a ordem e, na ordem, o sentimento da liberdade. Ele é a garantia moral contra as injunções; a sua autoridade desarvora tentativas incompatíveis com a pureza das instituições". <sup>225</sup>

Até a madrugada do dia 22 de julho de 1950, a UDN folgava-se na condição de depositária dos veios democráticos do país. Desde o Manifesto dos Mineiros, em 1943, texto seminal para a criação da legenda, o papel retórico das oposições liberais fora o de denunciar a tibieza moral do getulismo, cuja derrota em 1945 não o demovera de todo da paisagem política nacional. A liberdade conquistada em 29 de outubro de 1945 conviveria com o assédio de seus detratores – notadamente, Getúlio Vargas. Súbito, entretanto, um golpe na

84

As cédulas com o nome de Costa Rego e as informações sobre a entrega de material de campanha foram publicadas até as vésperas das eleições do dia 3 de outubro de 1950, nas páginas 4 e 5 do *Correio da Manhã*.

<sup>&</sup>lt;sup>223</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Op. cit., p. 66-67.

<sup>224</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Crônica política do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998, p. 46.

<sup>&</sup>lt;sup>225</sup> O BRIGADEIRO e o sentimento da liberdade. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1950, p. 1.

coerência narrativa dos brigadeiristas foi dado na noite em que Eduardo Gomes recebera em casa os cumprimentos dos convencionais do PRP. Com a feitura das alianças para o pleito de 1950, foi à mesa da oposição a pragmática e indigesta companhia dos perrepistas de Plínio Salgado.

#### 2.2 Anauê, Brigadeiro!

Chamavam-lhe ainda Chefe Nacional, epíteto dos tempos de líder da Ação Integralista Brasileira, movimento político criado em 1932, cujas fileiras chegaram a reunir um milhão de adeptos em todo o país. Os camisas-verdes, apelido dado em alusão ao uniforme com que costumavam desfilar, reuniam-se em torno de uma doutrina nacionalista e conservadora, pregadora de um "Estado integral", corporativo e unipartidário, em muito semelhante ao modelo fascista que vigia na Itália de Benito Mussolini. Em 1937, sob o comando incontestável de Plínio Salgado — cuja pessoa os estatutos integralistas consideravam "intangível" —, a AIB chegou a lançar a campanha do Chefe Nacional às eleições presidenciais do ano seguinte — suspensas, entretanto, com o golpe de 10 de novembro.

Com a consequente dissolução dos partidos, a AIB foi, num pulo, da ilegalidade ao ostracismo. O primeiro aceno de apoio ao golpe de Estado durou pouco. Apesar de alterarem os estatutos da organização, transformando-a em sociedade civil, os integralistas receberam do governo ordens para a completa dissolução da AIB. Em maio de 1938, depois de Plínio Salgado fracassar na tentativa de uma reaproximação com o presidente, setores integralistas organizaram um levante, que seria facilmente debelado. Salgado não foi denunciado nem preso naquele momento. Apenas em maio do ano seguinte, depois de uma curta detenção em São Paulo, seria novamente preso por ordem do general Dutra e enviado à Fortaleza de Santa Cruz, onde ficaria até junho, quando embarca para o exílio em Portugal. De Lisboa, orientava os comandados a apoiar as políticas repressivas do Estado Novo. Anistiado e de volta ao país em 1945, Plínio Salgado fundaria o Partido de Representação Popular (PRP), arregimentando antigos correligionários da AIB. Embora ressaltasse a identidade do novo partido com a doutrina integralista, o ex-Chefe Nacional frisaria, quando tomava posse como presidente da legenda, que o PRP não era o ressurgimento da velha AIB.

Seria um partido pequeno, com votações que raramente ultrapassavam os 5% do eleitorado. 226 A escassa amplitude de influência da legenda, que pouco lembrava a robustez experimentada na década de 1930, não impediria o estardalhaço com que a imprensa carioca recebeu o apoio perrepista a Eduardo Gomes nas eleições de 1950. Afinal, o "chefe verde", crítico das doutrinas liberais e das liberdades públicas, censor do sufrágio universal e propagandista do Estado unitário, aliava-se ao patrono da liberal-democracia pós-Estado Novo. O acordo fora costurado na linha do pragmatismo: a UDN queria apoio perrepista a Gabriel Passos na disputa pelo governo mineiro e dava a Plínio Salgado sustento à candidatura ao Senado pelo Rio Grande do Sul. Habituados a esconjurar os fantasmas que assombravam a democracia brasileira, os brigadeiristas viram-se na presença de um espectro dos tempos que sua própria retórica pretendia extirpar.

No encerramento da convenção perrepista, na noite do dia 22 de julho, o brigadeiro discursaria no Palácio Tiradentes, na presença de Plínio Salgado: "A democracia reclama vitalidade, para que floresçam as suas virtudes, realmente insubstituíveis", <sup>227</sup> assinalou. Tal incoerência não passaria despercebida nos jornais de Chatô, que comparavam a desilusão com o brigadeiro à derrota da Seleção Brasileira para o Uruguai na Copa do Mundo, seis dias antes. "Já não pode a UDN, que aparecerá nos comícios com os seus lenços brancos e gritos de anauê, dizer 'que o preço da liberdade é a eterna vigilância'", escrevia o repórter Wilson Aguiar.<sup>228</sup> Carlos Cavalcanti, no mesmo jornal, previa o colapso do regime na hipótese de vitória de Eduardo Gomes, que faria de Plínio Salgado ministro da Educação para "doutrinar o Brasil nas verdades verdes". 229 Em nota, o Partido Socialista Brasileiro (PSB), criado a partir da Esquerda Democrática, grupo que a UDN abrigou em seus primeiros dias, dizia que a "caça aos votos integralistas está ameaçando de deixar sem defesa a estrutura democrática da República, e o espírito necessariamente antifascista que a deve inspirar". <sup>230</sup> O PSB, aliás, lançaria à sucessão o nome de João Mangabeira, irmão do governador udenista da Bahia, Otávio Mangabeira, e um dos antigos membros da Esquerda Democrática, que rompera ainda em 1945 o vínculo com a UDN.<sup>231</sup>

2

<sup>&</sup>lt;sup>226</sup> Cf. BRANDI, Paulo. Plínio Salgado. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>227</sup> RATIFICOU o P.R.P. seu apoio à candidatura de Eduardo Gomes. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>228</sup> AGUIAR, Wilson. Vargas & UDN. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>229</sup> CAVALCANTI, Carlos. A adesão do Brigadeiro ao sigma. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1950, p. 1,

o. 230 - FALTA de firmeza democrática. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>231</sup> MOREIRA, Regina da Luz. João Mangabeira. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

Essa conduta de ataque ao brigadeiro nos Diários Associados logo traria ao alvo a figura de hábito. O passado era evocado na reedição de cartas, publicadas com largo espaço nas manchetes, do Chefe Nacional ao então ditador Getúlio Vargas no fervor político de 1937. Com um só emblema, Chateaubriand tratava de atacar os adversários de Cristiano Machado. Acuado e premido pela infantaria dos jornais, o brigadeiro viu-se obrigado a dar explicações. Ele alegaria não ter o direito de recusar qualquer apoio que lhe fosse trazido. "Nada, absolutamente nada, exigiram ou poderão exigir da minha parte, se vitoriosa a campanha", <sup>232</sup> declarou ao *Diário da Noite*. Seu sustentáculo mais evidente, o *Correio da Manhã* não tardaria a lhe desagravar. "A miséria dos poluídos na estupidez dos pretextos para denegrir o brigadeiro será diluída na própria abjeção dos autores de tão mesquinhos atos", escrevia o jornal no dia 29 de julho. Qualquer traço de contenção vocabular se esvaía numa torrente parnasiana de louvores. "A canalha deblatera no chão de seus sórdidos interesses, enquanto mais se alteia, inconfundível e gloriosa, intangível e redentora, a legenda do Brigadeiro", <sup>233</sup> concluía o editorial.

Plínio Salgado colava-se como um estorvo à campanha do brigadeiro. Chateaubriand dava corda nos seus jornais ao ataque à aliança improvável, dissonante, sem tampouco poupar Getúlio Vargas da aproximação ideológica com o integralismo nos anos 1930. Veio, contudo, de um pequeno matutino carioca a mais estridente investida à dobradinha udeno-perrespista. O final de julho de 1950 assentara-se oportunamente no segundo andar do número 175 da Avenida Rio Branco, no Largo da Carioca, centro do Rio de Janeiro. Funcionava ali a redação de *O Radical*, quartel da resistência queremista na imprensa carioca.

# 2.3 O contragolpe dos queremistas: o pequenino O Radical se quer notável

O *Radical* vinha do tempo em que as folhas anunciavam-se pelos gazeteiros no grito. Era vendido a 50 centavos de cruzeiro e circulava principalmente nos subúrbios do Rio de Janeiro. Pautas do noticiário policial e trabalhista iam com frequência às suas manchetes. A tiragem no começo dos anos 1950 era modesta: sequer chegava a 10 mil exemplares

<sup>233</sup> A INTRIGA e a má fé servem somente para desmascarar os caluniadores do Brigadeiro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 jul. 1950, p. 1.

EDUARDO Gomes esclarece a questão do seu apoio ao integralismo. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1950, p. 1.

diários.<sup>234</sup> A miudeza não impedia que *O Radical* por vezes se dirigisse aos seus declarados "100 mil leitores", como se gabava. Pois, "como todos sabem *O Radical* é o matutino de maior tiragem na capital da República", exagerava.<sup>235</sup>

Na manhã do dia 20 de julho de 1950, foi à primeira página do jornal a caricatura de um esquálido Plínio Salgado. A seu lado, o brigadeiro Eduardo Gomes. "Braços levantados saudarão daqui por diante o candidato da União Democrática Nacional, reforçando os lenços brancos", lia-se na reportagem, cujo título rememorava ironicamente a conhecida saudação integralista: "Anauê Brigadeiro!". <sup>236</sup> O ímpeto acusatório do jornal, alteado dali por diante, explicava-se no câmbio de posições: súbito, os queremistas passavam da defesa ao ataque. "Se esses cavalheiros que se batem pela candidatura do sr. Getúlio Vargas, alegando falsamente que ele é antidemocrata, que dirão agora do sócio verde?", <sup>237</sup> perguntava reportagem na mesma edição de 20 de julho.

Dar aos udenistas a etiqueta de antidemocratas era a desafronta esperada desde 1945, quando *O Radical* fora o acorde dissonante numa imprensa maciçamente antigetulista. No furor que antecedeu o 29 de outubro daquele ano, suas páginas publicaram telegramas, chegados de todo o país, que exigiam a permanência de Getúlio no Catete. Liam-se nele os manifestos que expuseram as linhas principais do movimento queremista e seus referentes simbólicos, como a expressão "Constituinte com Getúlio". Com a renúncia do presidente, o jornal seria o porta-voz do apoio getulista à candidatura do general Eurico Dutra.

A história do único jornal queremista do Rio de Janeiro remonta à primeira grave crise que Getúlio Vargas teria de contornar depois ocupar pela primeira vez o Palácio do Catete. Ainda no primeiro semestre de 1932, com o Governo Provisório acossado pela crítica da maioria esmagadora dos jornais da capital, o então chefe de polícia do Distrito Federal, João Alberto Lins de Barros, tratou de tutelar a criação de diários favoráveis ao grupo que fora vitorioso em 1930. Segundo Hílcar Leite, jornalista e militante trotskista, os fundos para a criação das folhas viriam de origens diversas, desde o financiamento de banqueiros do jogo do

88

<sup>&</sup>lt;sup>234</sup> A estimativa é feita com base nos percentuais de venda apresentados em pesquisas publicadas no Anuário Brasileiro de Imprensa de 1952. Cf. *Anuário Brasileiro de Imprensa*. Rio de Janeiro: Revista Publicidade & Negócios, 1952.

EXPLICAÇÃO aos leitores. *O Radical*, Rio de Janeiro, 11 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>236</sup> ANAUÊ Brigadeiro! *O Radical*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>237</sup> Idem

bicho até uma suposta "verba secreta" do governo destinada a ações de propaganda do presidente. <sup>238</sup>

Na manhã de 1º de junho de 1932, a pouco mais de um mês da deflagração do conflito com os rebeldes em São Paulo, *O Radical* começou a circular no Rio de Janeiro. Quis-se, em seu subtítulo, "a voz da Revolução". Arrogava-se um jornal destinado a defender e propagar os princípios do movimento que depusera a república oligárquica, segundo a concepção tenentista, no seio da classe trabalhadora. Sufocado o levante paulista em outubro de 1932, João Alberto afastou-se do jornal, que, ameaçado de fechar, foi comprado por Rodolpho de Carvalho. A orientação política, no entanto, permaneceria: *O Radical* seria um jornal de franco apoio a Vargas, e apenas aprofundaria, dali em diante, sua linha popular.

A folha manteve sempre uma linha simpática ao presidente. Teve o cuidado de resguardar a figura de Getúlio mesmo quando bateu no governo. A desafinação começara ainda em 1935, com a decretação da Lei de Segurança Nacional, em um processo de desgaste e desencontros que levaria o jornal, no ano seguinte, a ter por duas vezes suspensa a circulação. Decretado o Estado Novo – que apoiara sem pestanejar num primeiro momento –, o diário manteve-se, segundo Marieta de Moraes Ferreira, crítico às ações repressivas de Estado, sem nunca, contudo, estender descontentamentos ao ditador. Com a abertura política, em 1945, foi um queremista apaixonado. Em 1950, quando o nome de Getúlio infla novamente o movimento que incendiara a política nacional, *O Radical* vai de novo à labuta como expressão mais exata do queremismo na imprensa carioca.

O desacordo entre discurso e método das oposições liberais foi a munição da imprensa queremista nos primeiros embates retóricos da campanha presidencial. Desarmava-se, desse modo, o adversário político de seu libelo discursivo: como assacar a candidatura de Getúlio Vargas, tratando-a como perniciosa à estabilidade democrática, se os udenistas combinavam-se agora com os verdes integralistas? A convenção perrepista do fim de julho, que ratificou o apoio à UDN, mereceu demorada reflexão do jornal. "Os dois, o 'führer' e o candidato, falaram aos seus correligionários, agora irmanados na mesma causa, os nazistas indígenas votando no seu candidato a presidente da República e os udenistas levando ao Congresso um senador fascista", <sup>239</sup> lia-se no dia seguinte.

<sup>&</sup>lt;sup>238</sup> Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. O Radical. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit. <sup>239</sup> TUTELA integralista. *O Radical*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1950, p. 2.

O falseamento dos propósitos democráticos era o ensejo acusatório dos queremistas, que traziam da narrativa liberal as contradições que a realidade escancarara. O estilo era irônico, mordaz, como chamassem os udenistas a ver que o rei estava nu, despido da roupagem retórica com que galantemente costumava cobrir-se. "O sr. Prado Kelly andou, até a semana passada, muito bem vestido de democrata de 18 quilates. Era um dos maiores apóstolos da doutrina de Washington entre os brasileiros", <sup>240</sup> troçava reportagem do dia 23 de julho. UDN grafava-se "União dos Nazistas" numa das notas políticas do jornal. <sup>241</sup> Em reportagem, o partido seria descrito como "poleiro do integralismo, para acomodar as galinhas verdes, irrequietas e saudosas dos desfiles militarizados". <sup>242</sup>

Os assaques sucediam-se diariamente nas páginas do matutino. O flanco de ataque aos udenistas combinava-se com a constante e indômita defesa a Getúlio Vargas, alvo-mor da acidez dos jornais da capital. Até ali, recursos legislativos ou meras conjecturas punham a candidatura petebista numa zona de penumbra, incerta, contingente às periclitações do regime. O veto das classes armadas, a recusa ao registro da candidatura pela Justiça Eleitoral, a inelegibilidade em razão da experiência do Estado Novo, o projeto Caiado de Godói – todas essas possibilidades eram pautas das reportagens e fomento dos artigos de fundo. A campanha presidencial, que ainda não fora oficialmente deflagrada, orbitava, nas batalhas da imprensa, em torno da legalidade da candidatura do ex-ditador.

Protocolado na secretaria do Tribunal Superior Eleitoral no dia 26 de julho de 1950, o pedido de registro da candidatura do senador Getúlio Vargas à presidência da República injetou mais tensão nos embates políticos. O *Diário de Notícias* conclamava os juízes do Tribunal ao exame criterioso de uma decisão que influiria decisivamente nos caminhos do regime democrático. "A nossa pergunta é a seguinte: está o sr. Getúlio Vargas, pelos seus precedentes de ordem moral e histórica, em condições de ser inscrito como candidato? Eleito, poderá ele prestar o juramento de fidelidade, a que já faltou uma vez?", <sup>243</sup> perguntava o jornal no dia 29 de julho. Na manhã seguinte, em nova investida, a folha publicava uma cronologia da história de duas constituições rasgadas pelas mãos de Getúlio e dizia acreditar que os

\_

<sup>&</sup>lt;sup>240</sup> PRADO Kelly é candidato dos integralistas. *O Radical*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1950, p . 5.

<sup>&</sup>lt;sup>241</sup> COISAS... O Radical, Rio de Janeiro, 26 jul. 1950, p. 2.

A UDN virou poleiro. *O Radical*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1950, p. 1.

NOTAS políticas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 jul. 1950, p. 4.

magistrados do TSE não iriam "expor o Brasil, por um erro de apreciação e de lógica, ao transe de uma nova *quebra de juramento* à atual Constituição da República".<sup>244</sup>

Os queremistas, habituados a bater-se pela legitimidade da candidatura de Getúlio, contra-atacavam municiados pela fatídica aliança dos adversários: "Se deve ser negado um registro a alguma candidatura, em nome dos postulados democráticos e na defesa da Constituição votada a 16 de setembro de 1946, certamente será a do sr. Eduardo Gomes, até porque, como demonstrou publicamente, será capaz de tudo, de tudo mesmo". Quem era, afinal, o antidemocrata ou, ainda, de que democracia falamos? Essas perguntas alicerçavam a redação diária do jornal queremista. Dias mais tarde, *O Radical* usaria aspas para denunciar uma "democracia de borracha":

O que eles gostam é da sua própria segurança, ou melhor, da segurança das suas mamatas, das suas marmitas, da situação confortável e abusiva que desfrutam, à sombra de uma democracia de borracha, de uma liberdade de espremedor de batatas... (...)

Os juízes do Superior Tribunal Eleitoral não estão submetidos à lógica bifronte desses pregoeiros da "democracia" para uso interno, desses vexilários de uma doutrina que só lhe calha bem aos seus próprios apetites e à sua covardia...

Getúlio sempre foi um amigo do povo, um autêntico defensor do povo. E democracia sem povo não existe. Vejamos se as próximas eleições confirmarão estas ideias ou se os corujas têm razão...<sup>246</sup>

Essa relação dicotômica entre duas democracias — ou duas compreensões distintas sobre democracia — era a pauta predominante nas discussões que antecediam a partida de Getúlio em campanha. O debate daria, igualmente, as cores das disputas verbais no decorrer da corrida ao Catete. Tais entreveros só foram suspensos na manhã do dia 1º de agosto, quando chegaram à capital notícias de um acidente aéreo nas imediações do município gaúcho de São Francisco de Assis. Um avião da SAVAG encontrara uma colina em pleno voo. A bordo, estava o senador Salgado, que partira de Porto Alegre com destino a São Borja na manhã do dia anterior para avistar-se com o chefe. O acidente monopolizou as atenções da imprensa carioca às vésperas das primeiras viagens de Getúlio, que, ainda relutante em deixar

NÃO é possível. *O Radical*, Rio de Janeiro, 05 ago. 1950, p. 2.

-

<sup>&</sup>lt;sup>244</sup> QUER ser, novamente, presidente da República. *Diário de Notícias*, 30 jul. 1950, p. 3.

PELA Ordem. *O Radical*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1950, p. 2.

a estância, mandaria pelo filho Lutero Vargas uma carta de despedida, lida no funeral do senador. A liderança de Salgado Filho, contudo, já havia sido mitigada com a ascensão de Danton Coelho no PTB, que assumira, com a intervenção do próprio Getúlio, a presidência da Executiva Nacional do partido cinco dias antes da tragédia.<sup>247</sup>

Ainda sob o impacto do desastre que matara o ex-ministro da Aeronáutica, a imprensa começaria a tratar da iminente partida de Getúlio, finalmente deixando São Borja para embarcar em campanha pelo país. Aos 68 anos, quinze dos quais como chefe de governo, o ex-presidente experimentaria pela segunda vez uma corrida presidencial — a primeira fora ainda no final da década de 1920, com a formação da Aliança Liberal, derrotada pela chapa situacionista de Júlio Prestes. Em outubro de 1930, contudo, Getúlio entraria no Palácio do Catete ocupando a cadeira que Washington Luiz, defenestrado por uma junta militar, deixara. Em 1934, seria eleito indiretamente pelo Congresso Nacional. Um golpe de Estado em 1937 estenderia o poder por mais oito anos. A campanha getulista, em 1950, era uma novidade: os queremistas debutavam no jogo eleitoral.

## 2.4 Democracia, essa palavra: a peleja de liberais e trabalhistas

Em julho daquele ano, já circulava no Rio de Janeiro a "Cartilha do Queremismo", impresso com 34 razões, entre feitos dos anos de poder, para dar o voto ao candidato trabalhista. Era uma publicação do Centro Nacional Queremista, reunião de remanescentes do movimento original de 1945. A estratégia de difusão do ideário queremista usava dos mesmos expedientes que caracterizaram sua gênese: panfletos, cartazes, comícios volantes e as páginas de *O Radical*. Era inegável a simbiose entre a folha e o movimento que despontara no ocaso da primeira passagem de Getúlio pelo Catete.

O Radical foi, desde o começo, o esteio impresso dos queremistas, sem ocupar-se de qualquer mascaramento da afinidade política. Estava para Getúlio, naquele momento, como o *Correio da Manhã* estava para Eduardo Gomes. Desagravo apaixonado e apologia desmedida a seus candidatos inundavam as páginas das duas folhas. Cumpria-se ainda no Brasil o protocolo das gazetas políticas que militavam no começo do século.<sup>248</sup> A peleja das tribunas ia

<sup>248</sup> Para um estudo sobre como as paixões políticas invadiam as redações dos jornais da Primeira República, ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 323-354.

<sup>&</sup>lt;sup>247</sup> Sobre a atuação de Danton no PTB, ver: D'ARAUJO, Maria Celina Soares. *Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996, p. 54-57.

aos jornais no verbo mais viperino. Seguia-se o rito de uma imprensa que deixava os fatos se permearem das injunções editoriais: as reportagens políticas tendiam à hipérbole; os comentários, ao louvor laudatório.

A história de *O Radical* guarda um episódio de peraltice política – e de eficiência retórica. A um mês das eleições estaduais de 1947, o vereador carioca José Junqueira e o jornalista João Luís de Carvalho (irmão do já falecido Rodolpho de Carvalho, que fora dono do jornal) bateram à porta de Segadas Viana, chefe do PTB no Rio. Junqueira recordou-lhe que dali a dois dias Eduardo Gomes faria aniversário. "Vamos fazer uma brincadeira com o Brigadeiro?", propôs o vereador. A ideia começava por imprimir, pelas máquinas de *O Radical*, folhas de jornal com o retrato de Getúlio e a inscrição "Ele voltará".

O plano, a partir daí, era uma traquinagem. Após angariar o dinheiro necessário para cobrir os custos da impressão, um grupo saiu pelo bairro do Flamengo a bordo de um pequeno caminhão abarrotado dos papéis da propaganda e de algumas latas de cola. Era a véspera do aniversário do brigadeiro. A manhã seguinte revelaria o "presente" que os queremistas ofereciam ao mais festejado nome udenista: durante todo o percurso do seu apartamento na Zona Sul carioca até a sede da Aeronáutica, no aeroporto Santos Dumont, o brigadeiro foi agraciado pela profecia espalhada por toda a praia do Flamengo. O "Ele voltará" definitivamente *pegara*.<sup>249</sup>

O Radical era um queremista confesso. Então diretor do jornal, o jornalista Georges Galvão (que herdara o jornal do sogro Rodolpho de Carvalho, morto em 1946) deixava-se continuamente fotografar ao lado de Getúlio e publicava, não raro na primeira página, os retratos dessa aliança. Um dos mais populares repórteres da folha, José Venerando da Graça, o "Graveto", era naquele ano candidato a vereador pelo PTB no Rio. À Câmara dos Deputados, candidatava-se o já vereador Benedito Mergulhão, que assinava uma coluna diária no jornal. Em seu santinho de propaganda, diagramado sempre abaixo de seu espaço editorial na terceira página, lia-se: "Só prometo isto: se eleito, farei o que puder e serei fiel ao programa de Vargas".

A fidelidade de *O Radical* seria reconhecida por Salgado Filho, em carta a Getúlio Vargas datada de fevereiro daquele ano. O então presidente do PTB, contrário à existência de um jornal oficial, tratava de enaltecer o "sincero apoio" da folha queremista: "Mesmo durante

93

<sup>&</sup>lt;sup>249</sup> VIANA, José de Segadas. *José de Segadas Vianna (depoimento, 1983)*. Rio, FGV/CPDOC – História Oral, 1987, p. 379.

as crises terríveis porque tem passado o jornal, carecendo do amparo do Governo e seus amigos, jamais deixou de realçar os seus serviços quando à frente dos destinos do País". <sup>250</sup>

Foi sem reserva ou moderação que *O Radical* levou à sua primeira página do dia 2 de julho uma espécie de brado: "Brasileiros! Queremistas!". Era o Manifesto do Centro Nacional Queremista. O texto retomava a origem do movimento, nas lides de 1945, e exortava a revolução de 1930, que levara o ex-ministro da Fazenda de Washington Luiz à presidência da República. "ELE' é, para nós, QUEREMISTAS, a própria revolução, que espontou em 30, em sua insopitável marcha para a consecução final de seus objetivos", dizia o texto. Uma leitura sobre a fragilidade da democracia liberal, incapaz de satisfazer as necessidades sociais e econômicas do país, sublinhava a acusação da "democracia de borracha" que *O Radical* já fizera:

A vossa vitória, a nossa vitória, a vitória de Getúlio Vargas, será a vitória do Povo brasileiro, deste povo de inconfundíveis pendores democráticos, mas que almeja, quer, impõe uma democracia não apenas de fachada, aparente, de alguns em benefício de poucos, mas uma democracia social e econômica em que sejam realmente iguais as possibilidades oferecidas a todos os integrantes da comunidade nacional.<sup>251</sup>

Rebentava nos jornais da capital uma guerra semântica. Vocábulo que inundara o repertório das oposições no processo de erosão do Estado Novo e fora igualmente requerido pelos queremistas no vozerio pela permanência de Getúlio em 1945, democracia continuava a ser objeto de disputa retórica. Liberais valiam-se dele como própria razão da luta política, fazendo-o preceito do seu escopo ideológico e programático. Trabalhistas desconfiavam de uma "democracia" - assim, usualmente grafada entre aspas – que restava como mero pretexto para uma elite que pretendia aboletar-se no poder, insensível às demandas sociais do país. Se não datam de 1945, os desacordos sobre as compreensões de democracia no Brasil firmaram-se, com mais clareza, nas tensões entre os principais partidos políticos que despontavam no rastro de um regime já combalido. Fossem partituras, os manifestos liberais e trabalhistas, espargidos naquela imprensa diária, teriam democracia como nota repetitiva e cristalina, com a diferença de que as afinações soassem inteiramente dissonantes uma da outra.

94

<sup>&</sup>lt;sup>250</sup> Carta de Joaquim Salgado Filho a Getúlio Vargas, 08 fev. 1950. Arquivo CPDOC/FGV. (GV c 1950.02.08/1).

<sup>&</sup>lt;sup>251</sup> BRASILEIROS! Queremistas! *O Radical*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1950, p. 1, 3.

Em seu clássico sobre a UDN, Maria Victoria Benevides apontaria três elementos que, reunidos em uma mesma bandeira, tornaram possível a coesão de um partido que reunia tendências distintas, quando não antagônicas: a reconquista das liberdades democráticas, a promessa de eleições presidenciais e um candidato-herói, o major-brigadeiro-do-ar Eduardo Gomes. A primeira reunião partidária, em 7 de abril de 1945, já antecipava alguns dos temas que seriam predominantes no repertório udenista nas eleições de dezembro daquele ano, como a liberdade de imprensa e de associação, a anistia, o restabelecimento da ordem jurídica, a realização de eleições livres e o sufrágio universal. A UDN, já na retórica dos primeiros dias, apresentava-se em clara consonância com a defesa das liberdades públicas sufocadas pelo Estado Novo. O alvo da cólera será um só, unânime e absoluto: o regime getulista", observa Benevides.

"Foi o renascer da Democracia", comemorava o *Correio da Manhã* no dia seguinte à sessão solene que criara a União Democrática Nacional, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). "A Democracia rompe, esta noite, sua manhã triunfante", declarava Oswaldo Aranha, ex-ministro de Getúlio. "Esta convenção é o fim da tirania", decretava Arnon de Mello. "Com ela consolidamos definitivamente as liberdades públicas roubadas ao povo brasileiro em 1937 e reconquistadas em 22 de fevereiro. A campanha em que nos empenhamos, que não é propriamente uma campanha eleitoral, mas uma campanha de libertação, já está vitoriosa", resumia o político alagoano. Estavam reunidos naquela noite membros das antigas oligarquias destronadas com a Revolução de 1930, ex-aliados de Getúlio, grupos liberais com vínculos regionais, e as esquerdas. Este último grupo, reunido sob a denominação Esquerda Democrática (ED), logo se desgarraria do partido – com quem se alinhava apenas na defesa das liberdades individuais e na oposição à ditadura – para criar o Partido Socialista Brasileiro (PSB).

A UDN que se desenhava naquela noite de 7 de abril de 1945 afinava-se, antes, às linhas que compuseram o que pode ser considerado o seu primeiro esboço ideológico: o Manifesto dos Mineiros, um documento subscrito por 92 assinaturas de membros das elites liberais de Minas Gerais, vertido a público em 1943 como uma resposta "à espoliação do poder político de Minas Gerais a partir da ascensão de Getúlio Vargas", que "traíra a Aliança

.

<sup>&</sup>lt;sup>252</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit., p. 24.

<sup>&</sup>lt;sup>253</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>&</sup>lt;sup>254</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>&</sup>lt;sup>255</sup> CONSAGRADA pelas forças democráticas a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 08 abr. 1945, p. 1.

Liberal". <sup>256</sup> A retórica do manifesto, segundo Benevides, exprimia a defesa puramente formal das liberdades democráticas. "Se chega a sugerir o abandono aos temas do 'liberalismo passivo' e a defender 'uma certa democratização na economia'" – escreve a autora – "não há menção alguma às questões cruciais que uma nova democracia teria que enfrentar: o problema do trabalho, a ampliação na participação política dos setores populares e a liberdade sindical."<sup>257</sup>

Levado ao Tribunal Superior Eleitoral em agosto de 1945, o estatuto da UDN ainda acenaria às esquerdas ao adotar propostas como a reivindicação do direito de greve e da liberdade dos sindicatos. Entretanto, alçadas aos comícios do brigadeiro nas eleições daquele ano, essas inflexões não conseguiram afastar da UDN os carimbos ideológicos da democracia liberal ortodoxa, divorciada das preocupações com as fragilidades socioeconômicas do país. Afonso Arinos de Melo Franco, um dos signatários do Manifesto Mineiro e figura histórica do partido, faria, em 1948, um retrato preciso da imagem que a legenda assumiria nos primeiros anos de sua existência: "A União Democrática Nacional é a legítima herdeira da tradição liberal da reforma dos costumes políticos e administrativos. É o estuário para onde confluíram os remanescentes da pregação política do civilismo, da Reação Republicana, da Alianca Liberal". compara.<sup>258</sup>

"Seus ideais moralizadores – continua Afonso Arinos –, sua confiança no progresso democrático, sua preocupação com as liberdades individuais fazem dela o padrão do liberalismo burguês. (...) Representa, como ideologia, o liberalismo das classes médias urbanas mais cultas, o liberalismo burguês, mais político que social", define. Embebida pelo espírito retórico de uma democracia de matriz liberal, a União Democrática Nacional seria alojada, no imaginário político, no embaraçoso posto de partido de escol. Com a marca de nascença dos "bacharéis" e do grande latifúndio, assinaturas mais evidentes do Manifesto dos Mineiros, a UDN ficaria reconhecida por reunir uma elite política e econômica que, apesar dos acenos programáticos à democracia social, punha em plano remoto a questão do trabalho e dos direitos de cidadania.

Do outro lado da mais aguda polarização política da época, estava o Partido Trabalhista Brasileiro, criado como esteio do legado e das políticas trabalhistas de Getúlio

96

\_

<sup>&</sup>lt;sup>256</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit., p. 35.

<sup>&</sup>lt;sup>257</sup> Ibidem, p. 36.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Op. cit., p. 87.

Vargas nos quinze anos em que ocupara o Palácio do Catete. Três "ismos", entrelaçados e intercambiáveis, dariam origem ao PTB no crepúsculo do Estado Novo: o *trabalhismo* como projeto político, o *getulismo* como a sua personalização e o *queremismo* como movimento social. <sup>260</sup> Como resultado dessa equação, a cartilha petebista defenderia a inflexão na qual um liberalismo excludente e uma democracia meramente formal dessem lugar à emergência de uma democracia econômica e a uma política de ampliação dos direitos sociais.

Getúlio já protagonizara, da tribuna da Assembleia dos Representantes, no Rio Grande do Sul, encarniçadas batalhas orais em defesa de um Estado forte. O jovem deputado, na década de 1910, já se batia contra o que chamava "velha teoria econômica do *laissez faire*". <sup>261</sup> Os quinze anos de Catete aprofundariam, em seu pensamento, a tese da "obsolescência do liberalismo burguês", contraposta por um modelo econômico nacional-desenvolvimentista e – sobretudo durante o Estado Novo – por um regime político centrado no Poder Executivo. De São Borja, já em seu "exílio", o então senador sedimentava o ideário de uma democracia social que se sobrepusesse ao modelo liberal de direitos formais. "Devemos nos empenhar em trabalhar para a organização de uma democracia planificada, a fim de que se constitua a defesa efetiva dos trabalhadores", dirá Getúlio, durante uma visita à sede do PTB em Porto Alegre. <sup>262</sup>

Essa compreensão alternativa, ou mesmo contrária, de uma democracia que superasse os formalismos da ortodoxia liberal fora consolidada no Estado Novo. Vértice mais visível desse esforço ideológico, a revista Cultura Política, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, em 1941 publicara emblemático artigo que apontava os "erros e ilusões da democracia liberal", derivados de uma adaptação artificial de um regime incompatível com a realidade nacional. Escrito por Azevedo Amaral, o texto poderia expressar o que Ângela de Castro Gomes chamou de "novo conceito de democracia", que inaugurava uma experiência política única na história do país. Segundo a autora, o conceito do projeto político-ideológico do Estado Novo "tratava de expurgar o conceito de democracia das ficções

\_

<sup>&</sup>lt;sup>260</sup> FERREIRA, Jorge. *O imaginário*... Op. cit., p. 76.

<sup>&</sup>lt;sup>261</sup> NETO, Lira. Op. cit., p. 93.

<sup>&</sup>lt;sup>262</sup> Citado por NETO, Lira. Op. cit., p. 93.

<sup>&</sup>lt;sup>263</sup> AZEVEDO, Amaral. Realismo político e democracia. In: *O pensamento político do presidente*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p. 23-35. Para uma análise da revista Cultura Política, editada entre 1941 e 1945, ver: CÂMARA, Marcelo Barbosa. *Cultura Política - Revista Mensal De Estudos Brasileiros (1941-1945): um voo panorâmico sobre o ideário político do Estado Novo*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2010. <sup>264</sup> GOMES, Ângela de Castro. O redescobrimento do Brasil. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi et al. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 123.

liberais, transformando-o em uma forma de organização estatal cujo objetivo era a promoção do bem do povo/trabalhador, até então excluído da realização de seu próprio destino". <sup>265</sup>

Desde que despontara o queremismo nos primeiros meses de 1945, o movimento que daria origem ao Partido Trabalhista Brasileiro abraçara vivamente a ideia segundo a qual democracia era uma palavra que admitia semântica política. Isto é, a democracia dos liberais não era a mesma democracia dos trabalhistas. Em manifesto publicado em *O Radical*, na manhã de 4 de outubro de 1945, trabalhadores arguiam o que uma tão decantada "democracia" lhes dera até antes de 1930, quando a Aliança Liberal abatera a república oligárquica e pusera Getúlio no comando do país. O texto era uma resposta aos cortejos de palanque que os "tais democratas" faziam à classe trabalhadora. Àquela altura da crise do regime, a questão do trabalho era incontornável, e granjear espaço no operariado urbano, uma questão de sobrevivência política: "Mas por que, então, falam hoje tanto em operário; em proteção ao operário, em casa para o operário, quando antigamente, antes do advento getuliano, eles, os tais 'democratas', não se lembravam do operário nas suas campanhas políticas e nos parlamentos?!", ironizava o texto. <sup>266</sup> O recado era claro: envoltos por aspas que denunciavam uma falácia, os "democratas" liberais seriam defensores, desde sempre, de uma democracia particularista e surda às reivindicações dos trabalhadores.

Em estudo sobre o movimento queremista, Jorge Ferreira ilumina essa peleja interpretativa sobre democracia travada por liberais e trabalhistas, excitada no exato momento em que a ditadura ruía e, num movimento análogo, crescia o prestígio do ditador. Como essa palavra, embebida da mais densa carga simbólica daqueles dias, era assimilada pelos trabalhadores pró-Getúlio, quando o próprio Getúlio via-se cercado por uma oposição que se arvorava democrática? Democracia assumirá, no contexto em que Getúlio era sacado do poder, as cores políticas dos contendores. "Os queremistas, naquele momento, não compreendiam a democracia da mesma maneira que os liberais udenistas", escreve Ferreira. "Para estes, democracia era o direito de votar nos candidatos indicados pelos partidos políticos. Para os líderes queremistas, democracia era o regime político que expressava a vontade do povo, a soberania popular, a decisão da maioria", compara o autor. Como num jogo dialético, "querer" Getúlio importava, de fato, dois "quereres": o querer escolher o próprio presidente e o querer, como corolário, a resoluta garantia de que os direitos sociais

-

<sup>&</sup>lt;sup>265</sup> GOMES, Ângela de Castro. O redescobrimento... Op. cit., p. 127.

<sup>&</sup>lt;sup>266</sup> Citado por FERREIRA, Jorge. *O imaginário*... Op. cit., p. 58.

não seriam aniquilados por "democratas" de rótulo liberal. "A democracia, sobretudo, era o regime que garantia a cidadania social dos trabalhadores", conclui Ferreira. <sup>267</sup>

Retomada em 1950, essa disputa narrativa apenas prenunciava os termos da campanha. Democracia seria um tópico estrategicamente colocado nas linhas que comporiam os discursos de Getúlio país afora. E o tempo de espera se esgotava. Com os brios revigorados pela marcha ao Catete e armados com um vasto repertório simbólico – entre beligerante, irônico e apoteótico –, os queremistas preparavam as veredas de Getúlio Vargas no retorno ao Rio de Janeiro. A agenda já era conhecida: ele sairia de Itu no dia 9 de agosto, com destino a Porto Alegre, primeira parada da comitiva. De lá, no dia seguinte, partiria a São Paulo. O avião rumaria então à capital da República. Na tarde de um sábado, 12 de agosto de 1950, o ex-presidente tornaria a pisar o campo do Vasco da Gama, na zona portuária do Rio de Janeiro, cenário de comícios de 1º de Maio durante o Estado Novo.

Os caminhos da propaganda queremista não passavam despercebidos pelas outras tropas da imprensa carioca. Ainda em abril, o *Diário da Noite* pusera em evidência os "métodos organizativos e de trabalho político e revolucionário adotados pelos comunistas de todo o mundo", autorizados pela cúpula do PTB.<sup>268</sup> O *Diário de Notícias* previa uma campanha exaltada: "Queremistas', 'populistas', comunistas e peronistas – todos congregados em torno do ex-ditador, - pretendem agitar o país, num grande movimento demagógico", <sup>269</sup> lia-se numa coluna do jornal.

Getúlio, a coisa de dois mil quilômetros da agitação queremista da capital da República, preparava-se para traçar o país, aterrissando em 77 municípios. Na tarde do dia 9 de agosto, a habitual indumentária gaúcha deu lugar à estampa formal do homem público: terno preto, cartola, bengala numa das mãos, o inseparável charuto na outra. O relógio de sol da estância marcava 14h25 quando Getúlio despediu-se dos peões e embarcou num *Douglas*, ao lado de Adhemar de Barros, com destino ao aeroporto Moinhos de Vento, na capital gaúcha. "Mas esse relógio de sol da fazenda Itu", observaria um documentário da época, "marca a hora zero da história da jornada". <sup>270</sup>

<sup>26</sup> 

<sup>&</sup>lt;sup>267</sup> FERREIRA, Jorge. *O imaginário...* Op. cit., p. 68.

<sup>&</sup>lt;sup>268</sup> PARGA, Amorim. Células do PTB. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 14 abr. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>269</sup> NOTAS políticas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1950, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>270</sup> Uma análise sobre o documentário "E ele voltou" pode ser encontrada em KORNIS, Monica Almeida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 34, julho-dezembro de 2004, p. 71-90.

### 2.5 De Itu para o Catete: Getúlio sai em campanha

As eleições de 1950 excitavam tensões não resolvidas na primeira estada de Getúlio no Palácio do Catete. O integralismo tornara às pautas das rodas de conversa desde que o brigadeiro Eduardo Gomes arranjara-se com Plínio Salgado. Um dos maiores opositores à dissolução da velha AIB em 1937, Newton Cavalcanti ocupava então a chefia do Gabinete Militar de Dutra às vésperas das viagens da campanha petebista. Partiram dele as declarações que mais açularam a imprensa naqueles dias. O general reuniu jornalistas no seu gabinete e acusou o PTB de receber financiamento estrangeiro para cobrir os fundos da campanha: o dinheiro, segundo ele, proviria dos cofres do governo argentino de Juan Domingo Perón.

Newton Cavalcanti era personagem conhecido da crônica política brasileira. Em setembro de 1937, então comandante da Vila Militar, foi um dos generais a chancelar o golpe de Estado de 10 de novembro. Belicoso, justificava a repressão baseado no chamado Plano Cohen, documento atribuído à Internacional Comunista, contendo instruções detalhadas para um golpe vermelho. O texto, descobriu-se depois, fora forjado pelo capitão do Exército Olímpio Mourão Filho. Newton Cavalcanti só recuaria do apoio que dera à intervenção armada quando a Ação Integralista Brasileira foi à degola com a ditadura recém-instaurada.<sup>271</sup>

As especulações sobre a afinidade ideológica – e a parceria tática – de Getúlio com Perón não eram novidade nos círculos políticos. Em janeiro, o general Flores da Cunha, deputado da UDN gaúcha, previa "a intenção de marcharem juntos, na América do Sul, o ditador Perón e o ex-ditador brasileiro". O repórter David Nasser traduzia, em julho, entrevista de Getúlio ao correio argentino *La Epoca*, na qual o chefe trabalhista expressava o lema que, segundo ele, tinha em comum com o mandatário argentino: "Que haja pobres menos pobres e ricos menos ricos". Eleito presidente em 1946, Perón adotara uma política econômica e social em muito parecida com a do colega brasileiro – nacionalização de companhias estratégicas, desenvolvimento industrial e concessão de benefícios trabalhistas.

Alvo da infantaria municiada pelas acusações do general Newton Cavalcanti, Getúlio preparava-se para o primeiro teste de fogo de sua popularidade como candidato à presidência. Passavam alguns minutos das 16h de 9 de agosto, uma quarta-feira, quando o *Douglas* da Cruzeiro do Sul, vindo de Itaqui, aterrissou na capital gaúcha. Getúlio Vargas desembarcou

<sup>&</sup>lt;sup>271</sup> Cf. PECHMAN, Roberto. Newton Cavalcanti. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>272</sup> GETÚLIO marcha com Peron e busca o voto dos comunistas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1950,

p. 1. <sup>273</sup> NASSER, David. Mobilização e publicidade. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 05 jul. 1950, p. 6.

em meio a uma multidão que, no afã de saudá-lo, já rompera os cordões de isolamento que protegiam a pista de pouso. Da porta da aeronave, o candidato acenava com um gesto particularmente seu: o braço direito erguido à meia altura, em ângulo de 90° com um antebraço que ritmava, mãos espalmadas, o movimento de vai e vem.<sup>274</sup> Com a pista abarrotada de gente, um trajeto de 100 metros, que separava o avião do veículo que o levaria pelas ruas da capital gaúcha, tomou 30 minutos a pé. Depois de percorrer em carro aberto os cerca de oito quilômetros até o Grande Hotel, no centro da cidade, Getúlio seria coadjuvante de uma cena ainda mais curiosa: como uma multidão se aglomerasse às portas do edifício, foi preciso que o tenente Gregório Fortunato, segurança pessoal do ex-presidente, erguesse o candidato no colo para furar a barreira e alcançar o saguão do prédio.<sup>275</sup>

Reportagem de *O Jornal* narraria *flashs* do frenesi que se instalara no apartamento 108 do Grande Hotel, onde o ex-presidente fora se hospedar:

Lá dentro ocorriam cenas indescritíveis. Comprimido e apertado por uma pequena multidão de *leaders* trabalhistas e admiradores, o sr. Getúlio Vargas suava e gemia. Eram abraços, sorrisos e lágrimas. Mulheres em pranto abraçavam o ex-ditador. Outras, iam mais longe: ajoelhavam-se e oravam em frente do sr. Getúlio Vargas, como se fosse um deus. O senador sorria com o seu sorriso conhecido de sempre.

Os jornais de Chateaubriand calculavam em 50 mil o número de pessoas que acorreram ao Largo da Prefeitura para saudar o candidato. Porto Alegre – Getúlio rememoraria – fora o centro no qual, então jovem estudante de Direito, no começo dos anos 1900, fizera as primeiras incursões na lide política. Ali, no primeiro comício da campanha, o roteiro narrativo da sua candidatura não demora a vir nas linhas do discurso, datilografado em 15 páginas.<sup>276</sup> Getúlio reafirmaria que sua relutância em deixar as coxilhas só fora vencida pelos apelos que a ele chegavam de todo o país. "Aqui estou, portanto, para combater convosco a boa causa, obediente, como sempre, aos mandamentos do povo", diz.

O acento do primeiro discurso, recheado de números, recairia sobre as realizações dos 15 anos em que ocupara a presidência da República, em um cotejo com a administração de Eurico Dutra. A Getúlio não escapa, no entanto, o dado meramente especulativo e, talvez por

101

\_

<sup>&</sup>lt;sup>274</sup> As cenas da chegada de Getúlio a Porto Alegre, em 9 de agosto de 1950, estão documentadas no filme "E ele voltou...", disponível no CPDOV/FGV.

<sup>&</sup>lt;sup>275</sup> RECEPEÇÃO bastante concorrida em Porto Alegre ao ex-ditador. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1950, p.

<sup>1. &</sup>lt;sup>276</sup> INICIADA a campanha do ex-ditador. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1950, p. 2.

isso, o mais controverso: ele tinha plena consciência das tramas que se preparavam para fechar-lhe as portas do Catete. As tentativas de impugnação da candidatura e a tramitação, ainda não sufocada, do projeto de Caiado de Godói vêm a seu discurso como indícios da urdidura de golpistas:

Mas todas essas tentativas frustradas de golpes brancos ou vermelhos hão de ser frustradas pela vontade popular, que não aceitaria jamais outra sentença, para o pleito de outubro, senão a de urnas livres, com as votações apuradas de acordo com as leis vigentes e não de diplomas improvisados, sob a pressão do medo da nossa própria vitória.

Foi com idêntica tática de acusar ataques à democracia que Getúlio pôs-se a falar no comício do Vale do Anhangabaú, em São Paulo, na noite de 10 de agosto. Sempre na companhia de Adhemar de Barros, chegara ao aeroporto de Congonhas na tarde daquele mesmo dia. Horas antes, um incidente injetara mais tensão na passagem de Getúlio pelo estado que tentara depô-lo em 1932: cerca de 300 estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco reuniram-se para espalhar prospectos, boletins e cartazes contra a candidatura do PTB. Em meio a uma fogueira de jornais com o retrato do ex-ditador, um comício improvisado evocou a revolta constitucionalista. Ao dar com a cena, queremistas se indispuseram com os acadêmicos e houve um princípio de confusão, com imprecações e trocas de sopapos.<sup>277</sup>

Como protocolo de palanque, Getúlio seguia um roteiro preciso: louvava as virtudes da terra que pisava, exaltava os feitos de sua presidência, apontava os males da administração que a seguira e explanava suas credenciais político-ideológicas e planos de governo. O trabalhismo, no comício de São Paulo – que, segundo o *Correio da Manhã*, reuniu 20 mil pessoas e, na conta de *O Radical*, 300 mil –, aparece como contraponto à democracia formal, regime que seria indiferente ao desequilíbrio socioeconômico que define a vida nacional. Contudo, na leitura do discurso, é justamente esta democracia formal, cantada em verso e prosa pelas oposições, que beira a debacle:

Os que fingidamente proclamam seu receio de que eu rasgue a Constituição, o que querem é rasgá-la. Porque é rasgar a Constituição o lançarem mão de

102

<sup>&</sup>lt;sup>277</sup> CONFLITO entre estudantes e queremistas em São Paulo. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1950, p. 2.

chicanas, sofismas ou violências, como os que estão sendo lembrados para burlar as eleições.

São esses os inimigos do povo, e eu os denuncio nesta oportunidade! Falam em democracia, mas temem as urnas!<sup>278</sup>

Desenhado como um neoconvertido a democrata, Getúlio era continuamente desmentido pela imprensa carioca, pródiga em rememorar a experiência estado-novista. Na manhã seguinte ao comício do Anhangabaú, o *Diário de Notícias* enumerava, numa análise do artigo 141 da Constituição de 1946, os atentados do ex-presidente aos direitos fundamentais do homem. E concluía: "Ele invoca o direito, que supõe ter, de usar as armas da democracia, o voto popular que ontem exclamava não encher barriga nem dar cobertor, para destruir o regime".<sup>279</sup> Usava-se da conhecida desconfiança que os trabalhistas depositaram desde sempre na democracia liberal para imputar-lhes o papel de oportunistas.

Soava um despautério que, depois de duas constituições rasgadas, Getúlio reclamasse respeito à Carta de 1946. O seu passado autoritário lhe era assiduamente arremessado às faces. "Vargas, em tempo algum de sua carreira política, foi democrata e republicano, no sentido de propugnar os mandatos eletivos e temporários", escreve José Eduardo de Macedo Soares, no *Diário Carioca*. "Foi sempre um meio-sangue da ditadura positivista, como foi igualmente mestiço em religião cristã, pragmático e aproveitador, personalista em todas as suas atitudes políticas". <sup>280</sup>

Mais experimentados em apontar os vícios da democracia liberal, os queremistas atuavam, naquele momento, em um papel que coube historicamente aos seus detratores: o de arautos das liberdades públicas. Assim, *O Radical* evocaria por mais de uma vez a clássica tese do discurso de Gettysburg, no qual Abraham Lincoln definira a democracia como expressão do poder popular. "O Brasil é uma Democracia...", começava o editorial da edição de 1º de agosto. "Democracia é o governo do povo, pelo povo e para o povo, que possuindo uma constituição democrática lhe assegura os direitos e aponta os deveres dos cidadãos e governantes", ensinava. A tática narrativa dos queremistas baseava-se na defesa intransigente das garantias constitucionais de consulta e obediência à vontade popular. As manobras legais de sufocamento da democracia eram vigorosamente rechaçadas. "Será um crime nefando

<sup>&</sup>lt;sup>278</sup> VARGAS, Getúlio. *A campanha presidencial*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1951, p. 73.

<sup>&</sup>lt;sup>279</sup> O SR. Getúlio Vargas e os direitos fundamentais do homem. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 ago.

<sup>&</sup>lt;sup>280</sup> SOARES, J. E. de Macedo. O velho mitômano. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1950, p. 1.

postergar esses direitos outorgados na Constituição. Será uma lei extemporânea, vexatória, antidemocrática, somente própria aos regimes ditatoriais fora de moda. O GOVERNO FOI ELEITO PELO POVO! Deve, pois, consultá-lo", <sup>281</sup> concluía o jornal.

Pouco antes, em julho, Benedito Mergulhão antecipara o teor da retórica queremista. "Se o governo emana mesmo do povo, deixemos que o povo escolha o governo que deseja", defendera o jornalista. "Perdem tempo os estranhos exegetas dos textos democráticos, das disposições constitucionais ao afirmarem que a volta de Vargas seria um retorno ao totalitarismo. Concordo em parte", ponderaria Mergulhão. "Voltando ao Catete, Vargas terá sido realmente a expressão da vontade da quase totalidade do povo", ironiza.

## 2.6 Ele falará: em São Januário, o reencontro com o Rio de Janeiro

Desde as primeiras horas da manhã do sábado, 12 de agosto de 1950, os ouvintes cariocas da Rádio Guanabara, 1360KHz AM, recebiam notícias detalhadas sobre um dos mais aguardados comícios das eleições presidenciais. Por questões de segurança, a hora do pouso do avião que traria Getúlio de São Paulo não fora divulgada pela comissão que organizava a recepção, chefiada pelo deputado Segadas Viana. O primeiro ato político do expresidente na capital da República desde que abandonara a tribuna do Senado era cercado de algum mistério e de um disciplinado trabalho militante.

A passagem de Getúlio pelo Rio fora cuidadosamente arquitetada. Os queremistas cariocas dividiram-se em comissões temáticas: na principal delas, a comissão central, atuava o diretor de *O Radical*, que mobilizara a folha para tratar dos preparativos da visita. Nas páginas do jornal, a comissão de comícios volantes convocava aqueles que dispunham de carros aparelhados com amplificadores e alto-falantes.<sup>283</sup> O próprio Georges Galvão poria à disposição duas caminhonetes equipadas com rádio. Outras comissões cuidavam, separada e metodicamente, de todos os detalhes do comício.

A rua era o principal terreno de ação propagandista: nos bairros da cidade, eram organizadas caravanas, alimentadas pelos indefectíveis cartazes, painéis, dísticos. Passeatas e comícios volantes chamavam os queremistas à recepção em São Januário. O ritual era

104

<sup>&</sup>lt;sup>281</sup> PELA Ordem. O Radical, Rio de Janeiro, 01 ago. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>282</sup> A RÁDIO Guanabara em combinação com O Radical fará ampla reportagem desde a chegada do senador Getúlio Vargas. *O Radical*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>283</sup> VARGAS falará ao povo. *O Radical*, Rio de Janeiro, 08 ago. 1950, p. 5.

pormenorizado: com os carros em movimento, alto-falantes anunciavam: "Atenção, brasileiros! Sábado, às 14h, Getúlio Vargas irá ao encontro do povo no tradicional Estádio Vasco da Gama, em São Januário". Em um ponto de maior movimento, o veículo parava e, em torno dele, se formavam aglomerações e despontavam discursos espontâneos. Eram os chamados comícios-relâmpagos. Tudo tinha de durar até 15 minutos — os oradores da equipe falavam por até três minutos, para logo sobrevirem as manifestações do público e o carro continuar o ciclo.<sup>284</sup>

O PTB contratou bondes e lotações para levar os queremistas, de 16 pontos do Centro e da Zona Norte, ao estádio de São Januário. Centenas de carros particulares também se dispuseram a dar carona àqueles que quisessem ver Getúlio. Eram chamados "comandos queremistas", abrigo de passageiros que erguiam flâmulas e bandeirolas com o retrato do velho.<sup>285</sup> O dono de *O Radical*, naquele momento junto com a comitiva de Getúlio, pusera os serviços de alto-falante, postos à frente da redação, no Largo da Carioca, sem descanso durante o horário permitido. Cinquenta mil cartazes foram rodados na rotativa do jornal. Com chamados ao comício, outros dois repórteres do matutino, José Venerando da Graça e Antonio Peres, "rebentaram a garganta de tanto gritar", contava Benedito Mergulhão.<sup>286</sup>

Getúlio Vargas desembarcou no aeroporto Santos Dumont, nas margens da Baía de Guanabara, às 15h de um sábado ensolarado. Acompanhado da mulher, Darcy Vargas, do inseparável cabo eleitoral Adhemar de Barros, do coronel Dulcídio Cardoso e de Batista Luzardo, o ex-presidente saiu, acomodado no banco de um carro amarelo sem capota, em direção ao estádio de São Januário. Depois de descer a rua São José e atravessar metade da Avenida Rio Branco, o veículo alcançaria a Avenida Presidente Vargas. Tomadas ao longo dos cerca de três quilômetros da via, as cenas descritas pela reportagem de *O Radical* desenham o quadro de uma comoção. Homens, mulheres e crianças choram e riem ao veem passar o homem cujo nome batizara aquela mesma via. Motoristas buzinam estridentemente enquanto Getúlio acena, empunhando uma bandeira do Brasil. O carro segue até o estádio, onde discursos – entre eles, o de João Goulart – preludiavam desde o começo da tarde a chegada do ex-presidente. O comício era retransmitido pelo serviço de alto-falantes de *O Radical*, que reunia queremistas em frente à redação, na Galeria Cruzeiro, no centro do Rio.

-

<sup>&</sup>lt;sup>284</sup> GETÚLIO em S. Paulo. *O Radical*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1950, p. 5.

<sup>&</sup>lt;sup>285</sup> GETÚLIO no Rio, amanhã. *O Radical*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1950, p. 5.

<sup>&</sup>lt;sup>286</sup> MERGULHÃO, Benedito. Despeito! *O Radical*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1950, p. 3.

Ao microfone, em São Januário, Segadas Viana anuncia que Getúlio está a caminho. Às 15h40, o carro amarelo, enfim, irrompe no campo e Getúlio, de pé, sorri com o aceno clássico. "Getúlio traja uma roupa cor de carne. Não se lhe nota a marcha dos anos. É o homem de sempre, renovado pela vida do campo", descreve O Radical. Os gritos pelo nome de Getúlio, ritmados no compasso silábico GE-TÚ-LIO, somam-se às notas do Hino Nacional, executado pela Banda da Penha. "O leitor deve desculpar a nossa falta de recursos para descrever com precisão o que foi esse instante", lê-se na edição do dia seguinte de O Radical. "Não há mesmo elementos suficientes para uma impressão, embora vaga, desse momento de intensa vibração". 287

Com dificuldade e protegido pelo tenente Gregório Fortunato – "o fiel Gregório de todas as horas" -, Getúlio alcança a tribuna de honra. Ali, encontra-se com Café Filho, deputado potiguar cotado pelo PSP para concorrer à vice-presidência na sua chapa. Chega depois Adhemar. De Alencastro Guimarães, candidato ao senado pelo PTB fluminense, vem a saudação ao candidato, com a referência, sempre trazida à lembrança, aos dias seminais de 1945. "Senhor Getúlio Vargas, como em 1945 as multidões, prescientes do que viria acontecer, nós clamamos, sob este sol bendito do bendito céu desta Pátria, a decisão irrevogável, a vontade inexorável, com a certeza inabalável das convicções absolutas, seguros de que nada deterá o ímpeto da nossa marcha – Nós queremos Getúlio!", diz. 288

O discurso segue o roteiro de toda a campanha: Getúlio reverencia o Rio de Janeiro no qual ele, então líder da Aliança Liberal, desembarcara em janeiro de 1930. Ladeando os louvores à história política do estado, correm números e feitos das realizações da década e meia de presidência: da construção da Companhia Siderúrgica Nacional aos investimentos na agropecuária, das obras de saneamento da Baixada Fluminense à ampliação de vias no centro da capital. A segunda parte do discurso traz a narrativa da sua saída do governo, do repouso em São Borja e das perseguições que passara constantemente a denunciar.

Getúlio quis explicar-se por que praticamente abandonara o Senado, a cuja tribuna só subira em quatro ocasiões, ainda no primeiro ano de mandato. "Criaram em torno de mim um ambiente irrespirável", afirma o candidato. "Eu era o ex-ditador, o conspirador incorrigível, o inimigo da democracia, uma ameaça constante ao regime. Os ataques pessoais mais virulentos, as mentiras mais imprudentes, as injúrias, a chacota, o ridículo, tudo procuraram

 $<sup>^{287}</sup>$  GOVERNARÁ com o povo. <br/> O Radical, Rio de Janeiro, 13 ago. 1950, p. 2.<br/>  $^{288}$  Idem.

lançar sobre mim os escribas oficiais e oficiosos", assevera. Os escribas a que alude são os homens de imprensa, esses que gozavam "a lua-de-mel das recentes núpcias com o poder que se inaugurava". Getúlio conta ainda de espionagens, telefones censurados, correspondências controladas, amigos perseguidos.<sup>289</sup>

Foi em razão desse sufocamento, dirá Getúlio, que pedira licença e se afastara para a estância no Sul. "Eu desempenhava a função de patrulha dum comboio, sofrendo o bombardeio dos corsários",<sup>290</sup> metaforiza, no discurso. Daí o que seguiu – ele aponta – foi a alta inflacionária e o aumento excessivo dos impostos, o crescimento da dívida interna e a desvalorização da moeda. No retiro, com "a vida simples e rude do homem do campo", pensara em abandonar de uma vez a atividade política, se conseguisse, "com a boa vontade dos dirigentes e o sufrágio do povo, um novo Governo justo e humano que conciliasse todos os brasileiros".<sup>291</sup>

O desinteresse pessoal fora, desde muito cedo, um dado presente nas aspas que Getúlio entregava à imprensa. No comício de São Januário, Getúlio se esmera por explicar o porquê de aceitar a indicação do PTB: "Deus é testemunha da minha humildade e dos esforços que fiz nesse sentido. Tudo em vão. E o povo me foi buscar no meu retiro. Não pude resistir aos apelos vivos, constantes e quase imperativos. Eis o motivo da minha presença neste lugar e nesta hora", <sup>292</sup> ele diz. Como fecho do mais aguardado discurso da campanha presidencial, Getúlio articula as frases que dariam a manchete de *O Radical* no dia seguinte: "Se for eleito a 3 de outubro, no ato da posse, o povo subirá comigo as escadas do Catete. E comigo ficará no Governo". <sup>293</sup>

À saída do comício, o carro de Getúlio ainda passaria em frente à redação de *O Radical*, repleta de queremistas que, em plena Avenida Rio Branco, acompanharam pelos alto-falantes o discurso de São Januário. A pé, o grupo seguiu a comitiva até o prédio do Senado, na Cinelândia, a alguns metros dali, antes de o carro ganhar a Avenida Beira-Mar e rumar até o apartamento de Getúlio, no bairro quase vizinho do Flamengo.<sup>294</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>289</sup> VARGAS, Getúlio. Op. cit., p. 98.

<sup>&</sup>lt;sup>290</sup> Ibidem, p. 99.

<sup>&</sup>lt;sup>291</sup> Ibidem, p. 100.

<sup>&</sup>lt;sup>292</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>293</sup> Ibidem, p. 101

<sup>&</sup>lt;sup>294</sup> GOVERNARÁ com o povo. *O Radical*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1950, p. 9.

### 2.7 Cristianizar: a propósito de um verbo

Com a chegada de Getúlio à Capital, o fato político mais reverberado na imprensa carioca depois do comício de São Januário – que os jornais "brigadeiristas" davam como um fracasso de público<sup>295</sup> – foi um encontro que mexia numa das indefinições mais azedadas da campanha. Getúlio Vargas tinha conversa marcada, na noite do mesmo sábado, com o senador Góes Monteiro, aliado das lutas revolucionárias de 1930, chefe do Estado Maior do Exército durante o Estado Novo e um dos generais responsáveis pela sua queda, em 1945. O pessedista Góes era o nome que Getúlio queria como candidato à vice-presidência na chapa com o PTB.

Foi um reencontro de velhos companheiros, marcado na casa de Danton Coelho. Estavam "emocionadíssimos", contava reportagem de *O Radical*.<sup>296</sup> Seria um reatamento sem "nenhum caráter político, mas unicamente sentimental", como Góes quis despistar ao *Diário Carioca*.<sup>297</sup> O senador alagoano era constrangido a explicar a reaproximação com o ex-ditador de que se gabava ter deposto. O espírito de 29 de outubro – a *sua* data – parecia estremecido com as fotos que chegavam aos jornais, retratando-o em sorrisos com Getúlio. "Em 1950, o 3 de Outubro será o seu 2 de Novembro", escreve o *Correio da Manhã*, prevendo o pleito de outubro como o "golpe" derradeiro na carreira política de Góes.<sup>298</sup>

O segundo encontro, dali a dois dias, e as notícias que pululavam na imprensa faziam crer que as conversas não fossem tão despojadas de trato político, como quis o general. A vice-presidência fora mesmo oferecida pelo PTB. Danton chegaria a formalizar o pedido a Góes, que, aceitando o convite, consultaria o presidente do PSD, Cirilo Jr., sobre a possibilidade de integrar a chapa de Getúlio. O "não" do partido chegou-lhe no fim de agosto, em carta de três páginas. O aceite "seria de espantar", escreveu-lhe Cirilo Jr. 299 Segundo os jornais de Chatô, a aproximação fora resultado de tática arquitetada por Batista Luzardo, do pedaço queremista do PSD: o objetivo seria esvaziar a campanha de Cristiano Machado em favor de Getúlio. 300

Estava em gestação um verbo que, ao longo da década de 1950, o repertório político recomendaria sempre que um candidato se visse abandonado pelos próprios correligionários.

<sup>&</sup>lt;sup>295</sup> DESFEITO o mito da popularidade do ex-ditador. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>296</sup> GETÚLIO e Góis estão juntos. *O Radical*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>297</sup> O ENCONTRO com Vargas não revogou o espírito de 29 de outubro. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>298</sup> GÓIS e as datas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>299</sup> NEGADA permissão do PSD, Góis ainda não desistiu. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 01 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>300</sup> PIMENTEL, Marcelo. Decomposição da frente popular. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1950, p. 1.

"Cristianizar", até ali apenas o ato de converter ao cristianismo, passaria a significar também uma espécie de traição política. Cristiano Machado era retratado como o protagonista involuntário de um movimento de debandada do PSD em direção à candidatura de Getúlio. Contudo, para sustentar a hipótese de traição, seria necessário provar que um pacto de fidelidade inicial fora rompido. Aqui, o problema: Cristiano não foi abandonado no meio do caminho; antes, parece ter sido a solução possível de uma candidatura que já nascera derrotada.

A aceitação da chamada fórmula mineira, na reunião que, em novembro de 1949, tirou Nereu Ramos do páreo e cindiu de vez o PSD, deixara o partido conflagrado. Contra o grupo da "copa e cozinha", frequentadores do Catete e fieis a Dutra, rebelara-se uma facção mais próxima a Getúlio Vargas. "Devo dizer-te que os elementos dutristas do PSD gaúcho aqui continuam futricando, mas sem êxito. Eu já receitei para o meu partido uma coisa paradoxal: a cisão. Não há outra coisa a fazer", escrevera João Neves da Fontoura, em carta ao amigo e expresidente. "Devemos nos constituir num PSD independente. O pessoal do Rio Grande, em Porto Alegre, concordou com a minha sugestão. Se tal se der, sairemos com uma tropa arrastando quatro ou cinco Governos Estaduais. Isso quer dizer muito. Depois, veremos, segundo a máxima napoleônica: 'engaja-se a batalha *et puis on voit*'". Em tradução política livre, significava confrontar a posição dutrista e apoiar a candidatura do PTB, sem a exata clareza das consequências do ato de rebelião.

O PSD chegara às vésperas da decisão, já em maio de 1950, sem um nome para a disputa e com uma escancarada dissidência, que confabulava abertamente a candidatura Getúlio. Reunidos na casa do presidente Cirilo Jr., os pessedistas, como cordiais inimigos, sentavam-se para dar fim a uma disputa que se desenhava nos bastidores. Benedito Valadares, que insistira em um nome de Minas Gerais, não contava com a hipótese Cristiano Machado, alternativa que já vetara anteriormente. O mineiro de Sabará, além de não contar com o beneplácito de Valadares, não era benquisto no Catete. "O Dutra não queria o Cristiano", lembraria Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Segundo a filha de Getúlio, o general não digeria bem o fato de Cristiano ter um irmão comunista, o escritor Aníbal Machado. 302

Em análise sobre o PSD, Lucia Hippolito chega à conclusão de que o modelo político inaugurado pelas eleições de 1950 teve como ingrediente a interferência, em maior ou menor

109

<sup>&</sup>lt;sup>301</sup> Carta de João Neves da Fontoura a Getúlio Vargas, 26 abr. 1950. Arquivo CPDOC/FGV (GV c 1950 04 26/2)

<sup>&</sup>lt;sup>302</sup> PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. Op. cit., p. 49.

grau, do presidente da República nos processos de deliberação interna dos partidos, sempre com resultados negativos para a autonomia do sistema partidário. Dutra vetara o nome de Nereu Ramos, em razão de sua proximidade com Getúlio, e trabalhou para emplacar o mineiro Bias Fortes. A articulação PSD/PTB, ensaiada por Ernani do Amaral do Peixoto, respirava pela improbabilíssima hipótese de Dutra e Getúlio assentirem com um mesmo nome. Volta-se então ao começo da brincadeira, isto é, o PSD não escolhe a Fulano porque o Dutra não quer nem a Beltrano porque tu não o achas bonito!", resumiria João Neves, em carta a Getúlio. 304

O jornalista José Soares Maciel Filho – que fora, durante o Estado Novo, chefe do Conselho Nacional de Imprensa, órgão que reunia jornalistas e diretores de jornal do país – contaria que, antes da reunião que decidira a rota do PSD, Nereu fora convencido de que só derrotaria Valadares com um nome mineiro. Quando Oscar Fontoura, do grupo ligado a Válter Jobim, tira da cartola Cristiano Machado, consuma-se o contra-ataque. Oscar Fontoura de entusiasmada defesa de Agamenon Magalhães, a candidatura é aceita pela maioria como saída viável: o PSD dissidente impunha uma derrota a Valadares e ao Catete. Cristiano lançava-se à presidência com a singular circunstância de carecer do apoio das metades que cindiam o partido entre dutristas fieis e queremistas conjurados.

Atento à guerra interna travada no partido do Catete, Assis Chateaubriand, então um dutrista inveterado, poria os seus Diários Associados a serviço do deputado mineiro logo que seu nome é referendado. No entanto, o "candidato democrático", como os jornais da cadeia passaram a chamá-lo, custava a empolgar. Sem a projeção de Getúlio Vargas ou Eduardo Gomes, dois nomes já devidamente assentados na arena política nacional, Cristiano Machado contava basicamente com a máquina poderosa do PSD e a fidelidade de Chatô ao Catete.

Ex-prefeito de Belo Horizonte, o improvável candidato pessedista nascera em Sabará, Minas Gerais, numa chácara às margens do rio das Velhas. Aos 17 anos, fizera o primeiro discurso político, ao saudar o então presidente Wenceslau Braz, de passagem pela cidade. A essas páginas de biografia pessoal e política, o *Diário da Noite* acrescentaria outras, de natureza mais amena: Cristiano, 1,67m, 70 kg, colarinho nº 38, sapatos nº 39, óculos de aros

\_

<sup>&</sup>lt;sup>303</sup> HIPPOLITO, Lucia. Op. cit., p. 87.

<sup>&</sup>lt;sup>304</sup> Carta de João Neves da Fontoura a Getúlio Vargas, 15 abr. 1950, Arquivo CPDOC/FGV (GV c 1950.04.15/1).

<sup>&</sup>lt;sup>305</sup> Segundo o *Correio da Manhã*, a candidatura teria sido articulada, de fato, por Agamenon Magalhães, Fausto de Freitas Castro e Cordeiro de Farias, que fizeram de Oscar Fontoura seu porta-voz. D'ARAUJO, Maria Celina. *O segundo...* Op. cit., p. 71.

grossos e calvície incompleta, não roncava. O deputado – que escrevia à máquina com um só dedo e era fã de jabuticabas – também não ajudava a mulher em casa; tampouco atrapalhava. 306

"O povo não conhecia Cristiano", começa Benedito Mergulhão, no oposicionista *O Radical*. "Quando lhe falaram neste nome, logo imaginou que se tratava do Rei da Dinamarca, muito mais popular entre nós do que o sorridente e afável filho das ilustres montanhas mineiras". A *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, espetava que, eleito deputado constituinte por Minas Gerais, Cristiano Machado passara os últimos três anos de mandato "sem apresentar um só projeto, sem pertencer a uma só comissão legislativa, sem ocupar a tribuna uma só vez". Desde a dissolução do acordo interpartidário, o *Correio da Manhã* também passara a cerrar artilharia mais pesada contra Dutra e o Catete. Cristiano será o novo alvo. "A candidatura do sr. Cristiano Machado significa a tentativa da continuidade do atual estado de coisas, que é tão insatisfatório quanto o da ditadura", analisa editorial publicado a um mês das eleições. "Nasceu dentro de uma situação política e essa situação é que lhe marcaria a fisionomia como orientação de governo". <sup>309</sup>

O jornal de Paulo Bittencourt ria-se do abandono que a candidatura Cristiano não conseguia conter. "Lemos que o sr. Cristiano Machado acaba de mandar confeccionar, em ótimo alfaiate, a casaca com que pretende tomar posse do Catete", lê-se na coluna "Pingos & respingos". "Precipitação, amigo Cristiano: há muito pessedista por aí, ainda virando a casaca...", avisa o texto.<sup>310</sup> Pessedista dos mais próximos de Getúlio, Ernani do Amaral Peixoto afirmaria, anos depois, que não havia ambiente para se falar em Cristiano no Rio. Acúrcio Torres, também do PSD, certa vez ensaiara levantar o nome do candidato de Dutra em um comício no município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense: "Além do presidente Getúlio Vargas, que foi muito aclamado aqui, temos um brilhante candidato, o mineiro Cristiano Machado", sugeriu às cerca de 10 mil de pessoas que o ouviam. O deputado e líder pessedista recebeu como resposta uma vaia que duraria pelo menos dois minutos.<sup>311</sup>

\_

<sup>&</sup>lt;sup>306</sup> CRISTIANO Monteiro Machado. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 02 out. 1950, p. 1,6.

<sup>&</sup>lt;sup>307</sup> MERGULHÃO, Benedito. Os três candidatos. O Radical, Rio de Janeiro, 05 jul. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>308</sup> PREZADO leitor. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 03 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>309</sup> UM mês. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>310</sup> PINGOS & respingos. Correio da Manhã, 29 ago. 1950, p. 4.

GAMARGO, Aspásia et al. *Artes da política: diálogo com Amaral Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 320.



**Imagem 5**: "Anauê, brigadeiro!", provoca o jornal queremista. (*O Radical*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1950. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).



**Imagem 6**: *O Radical* convoca os getulistas a São Januário. (*O Radical*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1950. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).



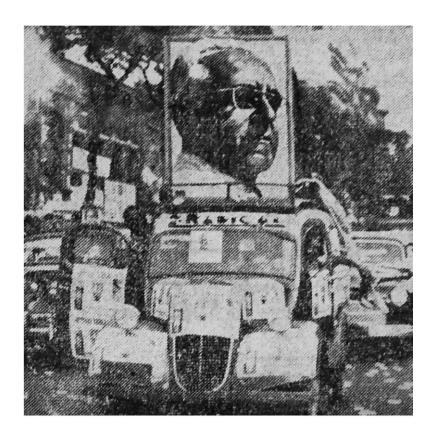
**Imagem 7**: Em Mato Grosso, mulheres preparam um caminho de flores para Getúlio. (Arquivo CPDOC/FGV).



**Imagem 8**: PSD homologa Cristiano Machado e cria novo verbo: cristianizar. (Arquivo CPDOC/FGV).



**Imagem 9**: Comício na Bahia. "Iluda-se quem quiser: a vitória de Vargas está assegurada se funcionarem as regras democráticas das eleições", escreverá Samuel Wainer, de Salvador. (Arquivo CPDOC/FGV).



**Imagem 10**: *O Radical*: o pequeno matutino era um queremista confesso. (*O Radical*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

### 2.8 O caso Café Filho

O namoro entre Getúlio e Góes Monteiro irritava Adhemar de Barros. Para o governador de São Paulo, a vice-presidência cabia a João Café Filho. "Getúlio não confiava em Café, tinha-lhe horror físico", escreverá Wainer em suas memórias. Evitando o nome e a companhia do ex-combatente da Aliança Nacional Libertadora (ANL), Getúlio tentava administrar a insistência de Adhemar em empurrar-lhe o vice. Com uma luta surda, os dois "se entredevoram", escreve o *Diário da Noite*, no fim de agosto. O governador paulista não era dado a cerimônias: para ele, o PTB dependia do PSP para chegar ao Catete e não estava em condições de recusar nomes. "Café Filho está para o senador Vargas assim como Vargas está para Café Filho. Um não pode prescindir do outro", dirá Adhemar ao *Diário da Noite*. 314

O intrincado jogo que decidiria a formação da chapa era efeito colateral de um acordo costurado pelo pragmatismo eleitoral. O caso começara a ser delineado nas eleições estaduais de 1947. O pleito era a oportunidade para que Getúlio fizesse a primeira medição do seu prestígio em São Paulo, termômetro para a corrida presidencial. Como aponta Maria Celina D'Araujo, apesar de o PTB não ser o partido forte de São Paulo, e isso por uma ação deliberada de seus dirigentes, era nesse estado que as condições para uma vitória nacional tinham que ser criadas. Getúlio apoiou, naquela ocasião, o candidato a vice-governador Cirilo Jr., pessedista de oposição a Adhemar de Barros. Cindido, o PSD lançaria também o nome de Novelli Jr., com o apoio de Dutra e do próprio Adhemar, candidato ao Palácio dos Campos Elíseos pelo recém-criado PSP. Segundo Lucília de Almeida Neves, Adhemar temia ver eleito um vice-governador que pudesse ameaçar sua estrutura de poder, no caso de ter de se afastar do governo de São Paulo para concorrer à presidência da República. República.

Contados os votos paulistas, Getúlio Vargas viu não apenas a derrota de Cirilo, como se deu conta do fraco desempenho do PTB nas eleições municipais. "Vargas, diante dessa derrota, avaliou, então, o perigo de uma aliança efetiva Dutra-Ademar (fragmentação do PSD e enfraquecimento do PTB) e, imbuído de um forte pragmatismo, antecipou-se a esta possível aliança, buscando decididamente uma aproximação com o governador de São Paulo", analisa

<sup>312</sup> WAINER, Samuel. Minha... Op. cit., p. 39.

<sup>313</sup> SIROTSKY, Nahum. Enquanto em público Adhemar e Getúlio se abraçam, nos bastidores se entredevoram. *Diário da Noite*, 28 ago. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>314</sup> - A ELEIÇÃO de Vargas depende do PSP. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>315</sup> D'ARAUJO, Maria Celina. *O segundo...* Op. cit., p. 49.

<sup>&</sup>lt;sup>316</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op. cit., p. 90.

Lucília de Almeida Neves.<sup>317</sup> A ascensão de Adhemar e as precárias bases regionais do PTB reclamavam um movimento de contenção do ademarismo em São Paulo. Em lugar de confrontá-lo, Getúlio foi cortejá-lo.

Datam ainda de janeiro de 1948 os primeiros contatos entre emissários. Dois anos depois, como resultado de encontros secretos ou escancarados, um acordo terminaria por selar o pacto partidário para as eleições presidenciais. Pelas linhas de um documento, assinado na fazenda Santos Reis em março de 1950, reconheciam-se as dificuldades que a desincompatibilização do governador criaria no cenário político nacional: afinal, Novelli Jr. revelara-se uma pedra no sapato de Adhemar – com quem, a exemplo de Dutra, já rompera. Aceitava-se, pois, o lançamento da candidatura Vargas. Além disso, o documento encaminhava uma futura fusão do PTB e do PSP em único grande partido, cuja chefia caberia ao próprio Adhemar. Por fim, o texto sugeria que, nas eleições seguintes, Getúlio, uma vez eleito, lançasse o governador paulista à sua sucessão à presidência. 318

Samuel Wainer estava em Santos Reis no dia em que o acordo foi selado. Ele contaria, em suas memórias, ter visto um Getúlio mais reticente e preocupado. "Wainer, tenho umas pessoas que hoje vêm me visitar e não gostaria que tu as encontrasses", disse o senador. "Mas, já que estás aqui, espero que conserves total discrição sobre este encontro". Em segredo, aterrissaria minutos depois Adhemar de Barros, a bordo de seu DC-3, a "boate voadora". Trancados, os dois chefes partidários, acompanhados de Danton Coelho e Erlindo Salzano (os verdadeiros tecelões do acordo, por PTB e PSP, respectivamente), firmaram a parceria. À saída, Adhemar, sem esconder irritação, revelou a Wainer uma espécie de traquinice política de Getúlio: ao receber a caneta para assinar o documento, o petebista ponderou que, em razão dos esforços que desenvolvera para a consumação do acordo, Danton Coelho merecia assinar o pacto. Adhemar ficou atônito, mas Vargas tratou de passar a caneta a Danton e se livrou de apor a sua assinatura no documento. 320

Um mês depois, quando a aliança já não era segredo, Assis Chateaubriand faria troça dessa aproximação, julgando ser Adhemar mais uma presa do ex-ditador. "Passava pela cabeça de Adhemar de Barros a ideia leda e cega de converter Getúlio e trazê-lo como um santinho milagreiro, como uma espécie de santa dos Coqueiros, para a sua candidatura", ri-se

117

-

<sup>&</sup>lt;sup>317</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op. cit., p. 90.

<sup>&</sup>lt;sup>318</sup> Acordo em Santos Reis, elaborado por Erlindo Salzano e Danton Coelho, 19 de março de 1950. Arquivo CPDOC (GV c 1950.03.19).

<sup>&</sup>lt;sup>319</sup> WAINER, Samuel. *Minha...* Op. cit., p. 29.

<sup>&</sup>lt;sup>320</sup> Ibidem, p. 30.

Chatô. "Donde chegava o governador de São Paulo? Da Sibéria? De Burma? De Pilão Arcado? Ou do Piancó? Onde já se viu Getúlio Vargas largar esse tesouro que é seu, que é genuinamente seu, senão debaixo de muita bala, de muita baioneta e carros de assaltos e bombas de avião?", pergunta o dono dos Diários Associados. "O resultado foi o que se viu, e o que se está vendo: Getúlio Vargas candidato, e Adhemar o descuidado, o *roulé*, tão pateta, que ainda fala em apoiar a candidatura de quem lhe passou o paco", debocha.

Ao adiar a própria corrida ao Catete, Adhemar não abria mão de lançar à vicepresidência quem bem entendesse. No PTB, a resistência a Café Filho era endossada pelo
presidente do partido, Danton Coelho, em oposição ao grupo de Segadas Viana e Alberto
Pasqualini, partidários da aceitação do acordo. Segundo o próprio general Góes Monteiro
confidenciara a Danton, Café não era bem visto nos meios chamados conservadores. A crise
se arrastava, com indisfarçável desconforto, na medida em que o candidato petebista
recusava-se a abraçar o nome imposto por Adhemar. Getúlio trataria publicamente do caso
ainda em agosto, numa reunião com jornalistas em sua residência no Rio. Abordado pelos
repórteres, se sairia com um dos métodos preferidos: tomar o lugar do entrevistador.
"Excelente oportunidade para fazer um teste", se esquivaria Getúlio, quando o imbróglio da
vice-presidência veio à pauta. "Como vocês encaram a candidatura do Café Filho?" O
encontro com os jornalistas, no edifício Uruguai, no bairro do Flamengo, passearia pelos fatos
e versões que a campanha produzira até aquele momento.

Getúlio é ferino quando comenta as declarações do general Newton Cavalcanti, perguntando se haveria "alguém suficientemente imbecil" para acreditar na história do financiamento peronista à campanha do PTB. É seguro quando explica que a "reforma de base" a que se referira no discurso de São Paulo não se confunde com reforma constitucional: "Refiro-me apenas à estrutura econômica", explica-se. O retiro em São Borja, a morte de Salgado Filho, o petróleo, a ONU, a questão dos trabalhadores no campo – Getúlio responde, entre um sorriso e outro, às investidas dos repórteres. Chega à conversa o 10 de novembro de 1937, segundo o ex-ditador "uma imposição das circunstâncias e dos acontecimentos internacionais", do qual não se arrependia. O perigo do golpe – não o de outrora, mas um eventual vindouro – é cogitado pelos jornalistas. Getúlio é incisivo: "Não tenho dúvida: serei empossado". 322

\_

<sup>&</sup>lt;sup>321</sup> "TOMAREI posse!". *O Radical*, 17 ago. 1950, p. 2.

## 2.9 O ditador e a flor de lótus: estudos de anatomia da imprensa carioca

"Cada povo tem o governo que merece", disparou o ministro Cunha Melo, do Tribunal Superior Eleitoral, na sessão do dia 18 de agosto de 1950. "Quem quiser o chicote, que vote nele. Defiro, assim, o pedido de registro da candidatura do sr. Getúlio Vargas à Presidência da República". Se Cunha Melo acompanhava, com um libelo acusatório, o voto do relator Ribeiro da Costa, dando unanimidade à tese que acudia a legalidade da candidatura registrada em julho pelo PTB. Os seis juízes da Corte não encontraram na Constituição ou no Código Eleitoral qualquer óbice aos direitos políticos de Getúlio Vargas.

O caso mexera outra vez no vespeiro que era a imprensa quando a legitimidade da candidatura do chefe do Estado Novo invadia a pauta política. *O Radical* é quem apresenta as armas queremistas: respondendo ao *Diário de Notícias*, que devotava fé num possível indeferimento do pleito do PTB, o matutino de Georges Galvão escreverá que a "confiança desse órgão insípido, incolor e insensato" no ministro Ribeiro da Costa se traduzia no desejo de satisfazer os "pavores dos 'pseudodemocratas'", dando aos "udeno-integralistas uma grande alegria galinácea".<sup>324</sup>

Cogitar a cassação da candidatura Vargas não fora tópico dos discursos do brigadeiro. As campanhas, aliás, pareciam correr sem destemperos, em clima um tanto diverso daquele que se respirava em 1945. A animosidade, naquele momento, era uma campanha particular do *Diário de Notícias*, inflamada nos textos que insistiam em prever a iminência de uma ruína institucional com a volta de Getúlio – cujos predicados de "embusteiro", "mistificador", "golpista", "nazifascista" e "liberticida" cabiam num único editorial. Esse comportamento do diário, numa cruzada em favor da impugnação do ex-ditador, não escaparia a *O Radical*:

O sr. Gomes, homem de vida limpa, que dorme cedo para acordar com o dilúculo, que mastiga bem os alimentos, anda uma hora depois do almoço, não conversa com pessoas de sexo contrário senão diante de testemunhas fidedignas, estranhou a estultice udeno-fascista, que tenta desprestigiar de vez a Justiça Eleitoral, inutilizando-lhe as finalidades.

<sup>&</sup>lt;sup>323</sup> O S.T.E. registrou por unanimidade a candidatura de Getúlio Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1950, p. 1, 6.

<sup>&</sup>lt;sup>324</sup> RETRATO. O Radical, Rio de Janeiro, 17 ago. 1950, p. 2.

<sup>325</sup> EDUCAÇÃO política. *O Radical*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>326</sup> A VOLTA do liberticida. *Diário de Notícias*, 12 ago. 1950, p. 4.

E, enquanto o brigadeiro Gomes diz aquilo, um matutino perfeitamente leviano, legitimamente colocando à disposição das "liberdades públicas" e do "espírito democrático", aconselha riscarem o nome do senador Getúlio 'Vargas de entre os candidatos à presidência da República, naturalmente porque a "barbada" está "na cara" e não é possível haver graça num pleito dessa espécie...

Triste o destino dessa imprensa de "pierrot das cavernas". 327

Fazia parte da índole editorial de *O Radical* o confronto direto com os demais jornais cariocas. Editoriais, colunas e reportagens costumavam rebater, na mesma moeda, o que se escrevia sobre Getúlio nas mais influentes folhas da capital. Donos de jornais, "esses tardios democratas", eram alvos rotineiros do periódico queremista: *O Radical* afirmaria, irônico, que homens poderosos da imprensa "'mamaram' gordas verbas do DIP e das suas penas, hoje tão democráticas, tão indignadas contra o regime vigorante até outubro de 1945, saíram rasgados elogios (...) – a Vargas e ao próprio regime". <sup>328</sup>

O exercício da crítica aos pares tinha espaço diariamente reservado na terceira página. Comandada pela acidez cômica de Gondim da Fonseca, ali se imprimia a coluna "Imprensa em Revista", que resenhava, sarcástica, os jornais de véspera. "O que Dantas-Jabuti sugere é que não seja registrada pelo Tribunal Superior Eleitoral a candidatura de Getúlio", escreve Gondim em 17 de julho, parodiando – como de praxe – o nome de Orlando Dantas Ribeiro, diretor do *Diário de Notícias*. "Sugere a bandalheira, a pouca vergonha, a safadeza. Onde se viu um senador da República não poder candidatar-se?", completa. 329

O Radical gostava de fulanizar os jornais. Uma fileira de barões da imprensa desfilava pelas suas páginas. Eram aguilhoados nas reportagens e escarnecidos nas colunas assinadas. O jornal, numa licença de comparação, era como o baixinho invocado e voluntarioso que, metido entre gigantes, fica na ponta dos pés, franze o cenho, ergue o indicador e sai a disparar vitupérios. Era um miúdo em uma arena de titãs. Naquele momento, a gritaria disparada contra o jornal de Orlando Dantas Ribeiro, contrário à aceitação da candidatura de Getúlio Vargas ao Catete, queria contestar as credenciais de democrata irredutível que o diário amealhara em duas décadas de existência.

<sup>328</sup> ARREPENDER-SE de quê? *O Radical*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1950, p. 5.

120

<sup>&</sup>lt;sup>327</sup> RETRATO. O Radical, Rio de Janeiro, 17 ago. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>329</sup> IMPRENSA em revista. *O Radical*, Rio de Janeiro, 17 ago. 1950, p. 3.

O *Diário de Notícias* aparecera na esteira do movimento político de oposição às oligarquias, em junho de 1930, a poucos meses da eclosão do golpe que levaria Getúlio Vargas ao poder. Como quase toda a imprensa, apoiou a Aliança Liberal. Engrossaria, menos de dois anos depois, o coro também quase uníssono que pedia o fim do Governo Provisório e a convocação de uma Constituinte. Assentava-se, dali por diante, na oposição ao getulismo. A folha de Orlando Dantas Ribeiro, que disputava o primeiro lugar nas vendas com *O Jornal*, de Chatô, ficaria no imaginário da imprensa da época como um bastião da resistência ao Estado Novo: o *Diário de Notícias* era reconhecido por ter desobedecido a ordens do DIP e se negado a exaltar o regime autoritário de 1937.<sup>330</sup> Fora, segundo Nelson Werneck Sodré, um caso de fato excepcional: "Entre os jornais empresariais, raríssimos foram os que não se corromperam".<sup>331</sup>

Essa desconfortável circunstância de uma imprensa que, segundo Joel Silveira, aderira ao Estado Novo "compulsoriamente ou gostosamente" virara uma das armas queremistas nas trincheiras impressas das eleições de 1950. Afinal, o autoritarismo de Estado que silenciou e reprimiu descontentes combinara-se com uma política de "troca de favores" benquista por homens de imprensa. Depois que Vargas caiu os puxa-sacos deram-lhe as costas", lê-se no *Radical* a poucas semanas do pleito presidencial. "Transformaram-se em comedores de lótus, aquela flor que provoca o esquecimento, que afeta a memória...". 334

Entre os alvos prediletos, estava outro líder de vendas, o *Diário Carioca*, um dos baluartes da oposição a Getúlio. O jornal rodara pela primeira vez na madrugada de 17 de julho de 1928, movido pelo fim específico de cerrar artilharia ao governo de Washington Luiz. Fundara-o José Eduardo de Macedo Soares, membro de um clã tradicional no Rio de Janeiro e que fora, na década de 1910, dono do influente *O Imparcial*, folha de oposição ao presidente Hermes da Fonseca.

O regozijo com o êxito da Aliança Liberal em outubro de 1930 durou pouco mais de um mês e alguns editorais laudatórios. Logo o periódico passaria à oposição ao Governo Provisório de Getúlio Vargas. O ápice da tensão viria no conturbado mês de fevereiro de 1932, em meio aos primeiros embates que levariam à Revolução Constitucionalista: a sede da

 <sup>330</sup> Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário de Notícias. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.
 331 SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 382.

<sup>&</sup>lt;sup>332</sup> Joel Silveira apud. BARBOSA, Marialva. Op. cit., p. 111.

<sup>&</sup>lt;sup>333</sup> Cf. CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce. Op. cit., p. 167-178.

<sup>334</sup> MERGULHÃO, Benedito. Está na hora de aderir. O Radical, Rio de Janeiro, 07 set. 1950, p. 3.

folha foi empastelada em um ataque militar atribuído ao chamado Clube 3 de Outubro, que reunia quadros do movimento revolucionário de 1930.<sup>335</sup>

Com a Constituição de 1934, o jornal reata com a situação. Com a de 1937, aplaude vivamente o novo regime. "Se algum dia se fez no Brasil uma transformação evolutiva de suas instituições políticas, com aquiescência e aprovação das massas populares, esse dia foi o 10 de novembro transato", assinava Macedo Soares, no artigo-manchete "Mentiras e intrigas dos vencidos". Ele, que entregara em 1932 a direção do diário a Horácio de Carvalho, continuava a ser o mentor político do jornal, uma espécie de "eminência parda". Era um editorialista sofisticado, o mais exímio do celeiro de redatores brilhantes que era o *Diário Carioca*. Capitaneada por Pompeu de Sousa, aquela redação viria a ser responsável, nos anos 1950, pela renovação da linguagem de imprensa no Brasil, com o uso das técnicas da escola americana de jornalismo.

"Sabem os leitores que não foi fácil aos amigos e associados do velho Vargas montar o 'golpe' de 10 de novembro de 1937", começa Macedo Soares, no artigo que foi à primeira página do *Diário Carioca* no dia seguinte ao início da campanha getulista em 1950. "Evidentemente, eram fracos os pretextos para a mudança do regime. Contudo, o velho Vargas, dando o golpe, ultrapassou os desejos de seus autores, visto que não mudou regime nenhum, limitando-se a demolir o até então vigente, ficando no bem-bom da sua ditadura personalista", dispara. 340

Em meio às investidas contra Getúlio, J. E. de Macedo Soares fazia, aqui e ali, deferências ao governo Dutra, então um dos alvos do ex-ditador, que recomendara seu nome ao Catete nas eleições de 1945. "O general Dutra não deve, não teme. Sabe que o povo o respeita e estima", desagrava-o o jornalista. Como o clima das campanhas fosse ameno, ele reclamava publicamente pelo acirramento dos comícios. "Desmascarar as simulações de Vargas seria mesmo metade do caminho andado a vitória e consolidação do regime", observa. "Entretanto, quer Cristiano como o Gomes não fazem nada disso. Limitam-se a repetir trechos

<sup>335</sup> Cf. LEAL, Carlos Eduardo. Diário Carioca. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>336</sup> SOARES, J. E. de Macedo. Mentiras e intrigas dos vencidos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1937, p. 1

<sup>337</sup> PECHMAN, Robert. José Eduardo de Macedo Soares. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

<sup>338</sup> WAINER, Minha... Op. cit., p. 128.

<sup>&</sup>lt;sup>339</sup> Nélson Werneck Sodré atribui essa mudança à figura de Luís Paulistano, então chefe de redação do jornal nos anos 1950.

<sup>&</sup>lt;sup>340</sup> SOARES, J.E. de Macedo. 1937-1950. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>341</sup> Idem. O candidato incongruente. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1950, p. 1.

de pareceres e relatórios administrativos, que a bem dizer, não têm nada a ver com a verdadeira campanha eleitoral", chiava. 342

Entre o pessoal do *Diário Carioca*, J. E. de Macedo Soares, como assinava seus artigos de primeira página, atendia por "Senador". O apelido não vinha apenas de uma mesura à ascendência que mantinha em relação à linha editorial do jornal. Deputado federal por duas vezes pelo antigo Partido Republicano Fluminense (1915-1923), parlamentar constituinte em 1933 pelo Partido Popular Radical (que ajudara a fundar naquele mesmo ano) e senador eleito pelo Distrito Federal em 1935, Macedo Soares era dono de lastro considerável na vida política fluminense. 344

O caso mais notável de influência se passou ainda em 1937, quando Getúlio Vargas começava a sua fase mais autoritária à frente do governo federal. Ernani do Amaral Peixoto, ex-ajudante de ordens do presidente, foi nomeado interventor do então Distrito Federal, indicado pelo grupo político liderado por Macedo Soares. Entretanto, segundo escreve Robert Pechman, o ex-diretor do *Diário Carioca* pretendia que Peixoto exercesse apenas um mandato tampão, para que ele próprio pudesse assumir o poder no estado. O plano naufragou quando Vargas, pretendendo barrar sua ascensão, orientou Amaral Peixoto a assumir de forma definitiva a interventoria. Houve, no entanto, compensações: os principais postos no governo foram entregues a quadros favoráveis a Macedo Soares, que, mais tarde, com a deterioração das relações com o interventor, terminariam perdendo seus cargos.<sup>345</sup>

Em abril de 1945, o "Senador" estava na primeira reunião do diretório nacional da União Democrática Nacional, quando foram nomeadas as comissões para a elaboração do primeiro projeto de estatutos do partido. Ele, que abrira as portas da sede do jornal para encontros da cúpula udenista,<sup>346</sup> integraria a comissão de orientação política da legenda.<sup>347</sup> O passado de simpatias ao golpe de 1937, contudo, permanecia guardado nos arquivos. A menos de um mês das eleições presidenciais de 1950, *O Radical* desenterraria um daqueles textos tóxicos, no qual Macedo Soares deitava elogios frondosos à ditadura recém-implantada. "O atual regime do Brasil é uma democracia avançada, mas genuinamente americana", escrevera

<sup>-</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>342</sup> SOARES, J.E. de Macedo. Para rir ou para chorar. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>343</sup> WAINER, Samuel. *Minha...* Op. cit., p. 128.

<sup>&</sup>lt;sup>344</sup> PECHMAN, Robert. Op. cit.

<sup>345</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>346</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Op. cit., p. 109.

<sup>&</sup>lt;sup>347</sup> PECHMAN, Robert. Op. cit.

na alvorada do regime estado-novista, segundo Benedito Mergulhão revelara.<sup>348</sup> Daí, o tom mordaz com que o jornal queremista avaliaria o percurso retórico de um dos mais virulentos e influentes jornalistas do país: "Dutra fará bem se meditar nesse panegírico. Ele prova duas coisas: Getúlio é o maior e o sr. J. E. de Macedo Soares revela espantosa versatilidade. Confere?"

# 2.10 A pedra começa a rolar da montanha: a cruzada getulista

Quando o Tribunal Superior Eleitoral decidiu-se pela abertura das urnas às cédulas de Getúlio Vargas, o candidato ainda não deixara a Capital, em tratativas com Góes Monteiro depois do comício de São Januário. Somente no dia 19 de agosto, retomaria a rota da campanha, aterrissando em Pirapora, no norte de Minas Gerais. De lá, seguiria ao Maranhão, primeira estada de um roteiro que incluía os estados do Norte e do Nordeste. No palanque, Vargas caminhava por um discurso de conteúdo social e nacionalista. 350

O trabalhismo, na retórica eleitoral, ocuparia um lugar destacado. "Nem a ditadura do proletariado, nem a ditadura das elites, o que a sociedade moderna aspira é ao trabalhismo, ou seja, à harmonia entre todas as classes, à democracia com base no trabalho e no bem estar social", <sup>351</sup> Getúlio dirá mais tarde no comício de Araçatuba, no interior de São Paulo. O candidato parecia depositar no trabalhismo valor retórico semelhante ao que dava à ideia de conciliação: ele queria suspender as previsões de um governo agitador e classista. <sup>352</sup>

Segundo Lucilia de Almeida Neves Delgado, as inclinações trabalhistas que saíam dos discursos de Getúlio atendiam a um propósito mais imediatista. O candidato procurava angariar o apoio eleitoral das camadas populares urbanas, além de afirmar um compromisso com políticas de consenso e colaboração de classes. Estaria ali expressa, segundo a autora, uma "visão utilitária inerente ao trabalhismo varguista, traduzida no caráter imediato do processo eleitoral". 354

124

<sup>&</sup>lt;sup>348</sup> MERGULHÃO, Benedito. *Surpresa*... O Radical, Rio de Janeiro, 8 set. 1950, p. 3.

<sup>349</sup> Idem

<sup>&</sup>lt;sup>350</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit., p. 95.

<sup>&</sup>lt;sup>351</sup> VARGAS, Getúlio. Op. cit., p. 419.

<sup>&</sup>lt;sup>352</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit., p. 95.

<sup>&</sup>lt;sup>353</sup> Ibidem, p. 95-96.

<sup>&</sup>lt;sup>354</sup> Ibidem, p. 95.

O caso, parece-nos, é que naquele momento *trabalhismo* e *getulismo* eram mais provavelmente, para usar um conceito da semiologia, significantes de um mesmo significado. Ou seja, eram dois registros verbais que expressavam uma ideia única. Como propõe Ângela de Castro Gomes, em referência à emergência do movimento queremista em 1945, "sem o suporte ideológico do trabalhismo, o queremismo teria sido praticamente impossível". *Trabalhismo, queremismo* e *getulismo* foram escritos, no dicionário político dos trabalhadores pró-Vargas, nas linhas de um mesmo verbete. "Trabalhismo e queremismo bebiam da mesma fonte; eram, basicamente, a mesma 'ideia'", analisa Castro Gomes. 357

É possível, ainda, que ao lado das contingências eleitorais mais imediatas houvesse ali também um ensaio, mero esboço da inflexão política que o Partido Trabalhista Brasileiro experimentaria no decurso da década de 1950. Uma tensão acompanharia o PTB desde o seu nascedouro até pelo menos a morte de Getúlio. À dependência que a legenda mantinha em relação ao nome, ao legado e à mística do ex-presidente, opunha-se uma ala, comandada por Alberto Pasqualini, que tentava fazer do PTB um partido mais programático, de cunho de doutrinário trabalhista, menos dependente da influência de um só homem. Naquele momento, entretanto, era muito difícil afastar a plataforma da campanha petebista da marca pessoal de Getúlio Vargas. Fernando Ferrari, reconhecido como um dos ideólogos da legenda, certa feita se resignaria, um tanto cético: "Deixemos que o presidente passe... depois, se possível, faremos um partido."

Getúlio já mandara pela filha Alzira um recado a Pasqualini, que insistira, em carta, <sup>360</sup> na necessidade de uma campanha de natureza menos pessoal e mais doutrinária: "Dize ao Maneco [Manuel Vargas, filho de Getúlio] que, ao passar em Porto Alegre, dê ao Pasqualini a seguinte resposta: eu não vou fazer a campanha doutrinária do trabalhismo, e sim (...) campanha para vencer, com aliados que não são do partido e com o povo em geral."<sup>361</sup>

Poucas semanas antes, João Neves da Fontoura o havia alertado sobre o perigo dos "excessos doutrinários do Pasqualini, pena de criar-se uma atmosfera de pânico social e

<sup>&</sup>lt;sup>355</sup> Cf. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

<sup>&</sup>lt;sup>356</sup> GOMES, Ângela de Castro. A invenção... Op. cit., p. 267.

<sup>&</sup>lt;sup>357</sup> Ibidem, p. 268.

<sup>&</sup>lt;sup>358</sup> Sobre a tensão entre as facções getulista e trabalhista no PTB, ver especialmente: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit., p. 52- 62.

<sup>359</sup> Citado por DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit., p. 62.

<sup>&</sup>lt;sup>360</sup> Carta de Alberto Pasqualini a Getúlio Vargas, 08 de julho de 1950. Arquivo CPDOC (GV c 1950.07.08).

<sup>&</sup>lt;sup>361</sup> Citado por NETO, Lira. Op. cit., p. 191.

suspeita, que é o que desejam os teus inimigos". <sup>362</sup> Getúlio – que mantinha em casa toda a obra de Harold Laski, um dos expoentes do trabalhismo inglês e membro do Labour Party britânico <sup>363</sup> – conservava-se apoiado em uma leitura um tanto mais moderadora e conciliatória do trabalhismo, provavelmente preocupado em não irrigar animosidades em uma campanha já suficientemente tensa.

A recusa a essa inclinação mais doutrinária não significou um afastamento absoluto do corte mais ideológico do partido. Desde que despontara para a sucessão na célebre entrevista a Wainer, Getúlio adotara o discurso de que um eventual consenso político deveria vir por meio de costuras programáticas. Essa estratégia esteve na fórmula que respondia às tentativas de encontrar o candidato único: Vargas invertera a equação ao afirmar que era necessário, antes do candidato, estabelecer-se a definição de programa. Desse modo, ao mesmo tempo em que evitara assumir compromissos danosos com os partidos do acordo interpartidário, que obstruíssem as rotas de uma candidatura própria, Getúlio tratara igualmente de adular a veia doutrinária do PTB e de afirmá-lo politicamente na arena partidária nacional.

De São Paulo, ainda chegariam relatos de uma cena curiosa que pode ter endossado a adoção do vocábulo na retórica de palanque. Depois de a Rádio Nacional dar, em fevereiro de 1950, a notícia da vitória do Partido Trabalhista na Inglaterra, o interior paulista foi sacudido por comícios em praça pública, como se a eleição houvesse ocorrido no Brasil. "Sem dúvida alguma a Era é do trabalhismo", comemoraria Nélson Fernandes, os ouvidos de Getúlio na Assembleia Legislativa de São Paulo. Tentando equilibrar-se entre recusas a uma filiação doutrinária mais explícita e acenos ao trabalhismo como linha programática de governo, Getúlio começava o percurso mais alvissareiro da sua caminhada na volta ao Catete.

Era a excursão pelas regiões Norte e Nordeste do país. A cruzada getulista, segundo Samuel Wainer anotaria no *Diário da Noite*, corria em "atmosfera quase britânica". Getúlio, sereno nos comícios, era recebido diplomaticamente pelos governadores de estado e chefes militares. Se os Diários Associados desde muito cedo se haviam decidido por atacar a candidatura de Getúlio, um dos seus repórteres ia em direção solitária e francamente contrária.

<sup>&</sup>lt;sup>362</sup> Carta de João Neves da Fontoura a Getúlio Vargas, 23 de junho de 1950. Arquivo CPDOC (GV c 1950.06.23/2).

<sup>&</sup>lt;sup>363</sup> PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. Op. cit., p. 99.

<sup>&</sup>lt;sup>364</sup> Carta de Joaquim Salgado Filho a Getúlio Vargas, 15 de setembro de 1949. Arquivo CPDOC (GV c 1949.09.15/5).

<sup>&</sup>lt;sup>365</sup> Carta de Nélson Fernandes a Getúlio Vargas, 01 de março de 1950. Arquivo CPDOC (GV c 1950.03.01/1).

<sup>&</sup>lt;sup>366</sup> WAINER, Samuel. Impacto poderoso para a surpresa de 3 de outubro. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 1 set. 1950, p. 6.

Wainer já não economizava na grafia amistosa com que descrevia a cruzada getulista pelo país, uma campanha feita, segundo ele mesmo, com "educação política e respeito às regras democráticas". O clima ameno da passagem da comitiva fazia "desmoronar as cidadelas da oposição ao seu direito legal de candidato", deduziria o repórter. O candidato evitava questões controvertidas, poupando de ataques pessoais o general Dutra e os demais adversários de campanha.

O périplo nortista começara pelo município de Carolina, no Maranhão. Depois de aportar, naquele mesmo dia, em Marabá e Santarém, no Pará, o comboio seguiria até Manaus. "Não fora o protesto unânime de brasileiros responsáveis e as reservas do Estado Maior Geral das Forças Armadas", dirá Getúlio em comício na capital do Amazonas, "e o nosso desarvorado Governo Federal teria concordado totalmente com a entrega das assombrosas virtualidades amazonenses aos trustes cosmopolitas, sob o disfarce da proteção das Nações Unidas, organismo transnacional de conciliação dos interesses econômicos das grandes potências". <sup>369</sup> Ao lado do trabalhismo, o nacionalismo era quem ditava a linha ideológica da campanha getulista.

Depois de deixar a capital amazonense na manhã seguinte, a comitiva voou por cinco horas sobre a floresta amazônica até aterrissar no aeroporto Val de Cans, em Belém, já de volta ao Pará. Getúlio atravessaria de barco a Baía do Guajará em direção ao Largo de Nazaré, onde mais de 20 mil pessoas o esperavam para o comício do fim da tarde. Durante o trajeto, o candidato era saudado pelas populações ribeirinhas e pelas tripulações das velhas "gaiolas", embarcações a motor que cruzam os rios da região, em meio a apitos estridentes das suas sirenes.<sup>370</sup>

Coincidindo o comício com a hora da Ave Maria, anunciada pelos sinos da velha igreja da praça, Getúlio, já em terra, interromperia o discurso para pedir ao povo que se recolhesse a um momento de meditação religiosa. O pedido parecia antecipar um gesto de resposta aos ataques que a imprensa carioca faria dali a pouco, pondo em xeque a relação entre Vargas e a Igreja. Em 22 de setembro, a 11 dias das eleições, a Liga Eleitoral Católica (LEC), uma derivação da Ação Católica, divulgaria uma lista com nomes desaconselhados ao

<sup>-</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>367</sup> WAINER, Samuel. Vargas, seus 21 comícios, nos seis dias de agitação. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 set. 1950, p. 7.

<sup>&</sup>lt;sup>368</sup> Ibidem, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>369</sup> VARGAS, Getúlio. Op. cit., p. 125.

<sup>&</sup>lt;sup>370</sup> WAINER, Samuel. Comícios de Vargas em S. Luiz e Belém. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1950, p. 1.

voto dos fiéis. A Igreja censurava o nome de Café Filho, mas Getúlio escaparia do index – um fato "chocante" para o *Diário da Noite*. <sup>371</sup>

A campanha era descrita com linhas quase dramáticas. Samuel Wainer contaria de mulheres que, segundo ele, combinando ardor político com fervor religioso, se atiravam "como alucinadas diante do carro de Vargas ou esperando horas pela oportunidade de tocar em suas vestes ou beijar a sua mão". O repórter de Chatô via o ex-presidente sacudir os lugares porque passava e alterar a rotina das cidades. Na manhã de 22 de agosto, a capital maranhense acordou com as boas-vindas a Getúlio que o senador Vitorino Freire mandara imprimir no *Diário de São Luiz*. Quando o candidato desceu ao solo para o segundo comício naquele estado, soube que os trabalhadores do comércio e da indústria haviam abandonado o trabalho e decretado feriado espontâneo para recebê-lo. 373

Em Natal, no Rio Grande do Norte, queremistas invadiram a gigantesca base aérea de Parnamirim para receber o ex-presidente. Com razões desconhecidas, haviam chegado à capital da República boatos sobre um suposto atentado que Getúlio teria sofrido naquela cidade. Como Chatô mandasse saber a Wainer o que houvera, o candidato à presidência ditou ao repórter um telegrama patusco para ser enviado ao Rio: "Tenho recebido manifestações tão vibrantes, entusiásticas e afetuosas, que atentados contra mim só poderiam se dar por excesso de amor". Antes do comício daquela noite em Natal, 20 mil pessoas já se aglomeravam à frente da residência onde Getúlio fora se hospedar. Da capital potiguar, Wainer assinaria que em "toda a sua história política, o Rio Grande do Norte jamais assistira espetáculo igual ao da recepção de Vargas". 375

Getúlio ditou no Recife, em 27 de agosto, o que a reportagem de *O Jornal* definiu como o mais importante discurso da campanha. O texto traduzia os fundamentos políticos da retórica getulista, sublinhando algumas das principais linhas do programa de governo, como o nacionalismo econômico, a industrialização do país, a mecanização da lavoura e a extensão da legislação social aos trabalhadores do campo. Em suas memórias, Wainer conta que Getúlio, ao se deparar com a multidão que tomava a Praça 13 de Maio, guardou no bolso do paletó o

<sup>&</sup>lt;sup>371</sup> GETÚLIO escapou. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 22 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>372</sup> WAINER, Samuel. Impacto poderoso para a surpresa de 3 de Outubro. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 01 set. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>373</sup> Idem. Comícios de Vargas em S. Luiz e Belém. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>374</sup> Idem. Vargas proclamará em Campina Grande o apoio a José Américo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1950, p. 2

<sup>&</sup>lt;sup>375</sup> Idem. Test inesperado de popularidade dos candidatos. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1950, p. 6.

discurso datilografado e começou: "Brasileiros, pernambucanos: o que aqui está escrito é o que está escrito no meu coração. E todos vocês sabem o que está escrito no meu coração: meu amor pelo povo!" 376

Era um domingo chuvoso na capital pernambucana. Getúlio e a comitiva haviam chegado às 11h, vindos de João Pessoa, na Paraíba. Ainda no aeroporto, foram recebidos por João Cleofas, candidato ao governo do estado pela UDN (e a quem o PTB declararia apoio), e por representantes do governador Barbosa Lima Sobrinho. A noite, a reportagem de *O Jornal* calculou 100 mil pessoas enfrentando forte chuva para ver um Getúlio, que, olhando o povo que fora ouvi-lo, segredaria ao amigo e aliado do PSD: "Luzardo, você tinha razão: é a pedra que está começando a rolar da montanha". 378

Sentindo o *frisson* da praça, no centro do Recife, o general Americano Freire, comandante da Zona Militar do Norte, admitiria a Cleofas: "Não podemos fugir à evidência dos fatos. O fenômeno Vargas é hoje uma mística nacional". O cenário de multidões em aclamação levaria Samuel Wainer a enviar ao patrão um telegrama de Salvador, onde dali a três dias outros milhares acorreriam à Praça da Sé para ouvir Getúlio: "Iluda-se quem quiser: a vitória de Vargas está assegurada se funcionarem as regras democráticas das eleições". <sup>379</sup>

Do nordeste do país, a comitiva desceria pela costa atlântica, com escala em Vitória, no Espírito Santo, até retornar ao Rio de Janeiro. Em Petrópolis, na região serrana fluminense, o então candidato pessedista ao governo do estado, Ernani do Amaral Peixoto, temia que o sogro encontrasse frieza – não do tempo da serra, mas do povo em praça pública. Um comício estava agendado para as 15h de uma terça-feira, quando a maior parte dos trabalhadores estaria em horário de expediente. A preocupação se desfez já perto da hora marcada, ao candidato se dar conta da multidão que ocupava toda a extensão do Largo Dom Afonso, no centro histórico da cidade. "O comércio não fechou, as fábricas não fecharam, mas o povo abandonou o trabalho e foi", rememoraria Amaral Peixoto.<sup>380</sup>

Os aviões da comitiva petebista abrigavam, além de Getúlio e Adhemar, aliados e assessores diversos, reorganizados em cada fase da excursão pelo país. Um só jornalista

129

<sup>&</sup>lt;sup>376</sup> WAINER, Samuel. *Minha*... Op. cit., p. 37.

<sup>&</sup>lt;sup>377</sup> NEM o temporal impediu ao povo de Recife de ouvir a palavra de Vargas. *O Radical*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>378</sup> NÃO, declara G. Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1950, p. 1,6.

<sup>&</sup>lt;sup>379</sup> WAINER, Samuel. *Minha...* Op. cit., p. 38.

<sup>&</sup>lt;sup>380</sup> CAMARGO, Aspásia et al. Op. cit., p. 245.

embarcava: Samuel Wainer.<sup>381</sup> A imprensa carioca, quase toda ela, optara por boicotar a campanha do PTB, silenciando sobre os passos do ex-ditador. O *Correio da Manhã*, cobrindo em detalhes as viagens do brigadeiro, "esquecera" Getúlio. A leitura diária dos principais jornais cariocas fazia crer que houvesse dois candidatos em campanha e um espectro, caliginoso e sombrio, que assombrava o país. Getúlio não era propriamente tratado como um candidato; era, antes, um passado. Uma metonímia de 1937.

Fosse uma pauta incontornável, como o comício na Capital, os jornais tratavam de verificar o desinteresse e quase tédio que a candidatura petebista, segundo eles, provocava. O *Diário de Notícias* dava com detalhes a geografia dos espaços vazios no estádio de São Januário no comício de 12 de agosto. "Desfeito o mito da popularidade do ex-ditador", assinala a reportagem do dia seguinte. Getúlio não enchera nem a metade das arquibancadas, tentaria provar o *Diário Carioca*. 383

Em *O Jornal*, Murilo Marroquim dizia, já em setembro, que a candidatura varguista sofria de "saturação" e que lhe faltava organização partidária para obter votos no interior, onde PSD e UDN teriam penetração. "Ora, o chefe populista não pôde minar, conforme esperava, os dois maiores partidos centristas nacionais", 384 escreve Marroquim, que vaticinaria o fim da Era Vargas: "[Getúlio] aproxima-se, portanto, de sua última grande cartada na política brasileira: não sairá mais de Itu como presidente da República". 385

Benedito Mergulhão, em *O Radical*, fez pouco caso do quadro apático que os jornais cariocas pintavam como campanha getulista. "Relativamente a Vargas, isto é, ao único candidato das massas, adota-se uma política boba: abstração das suas possibilidades, como se o líder nacional não passasse de um João Ninguém", observa. "Erro de técnica, como se vê, porque o respeitável público acha graça, diverte-se com a prosápia dos *condottieri sloper* e vai procurando as cédulas de Vargas e do PTB", desdenha Mergulhão.<sup>386</sup>

<sup>-</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>381</sup> WAINER, Samuel. Test inesperado da popularidade dos candidatos. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1950, p. 6.

DESFEITO o mito da popularidade do ex-ditador. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>383</sup> GETÚLIO não lotou nem a metade do campo do Vasco. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>384</sup> MARROQUIM, Murilo. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 09. set. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>385</sup> Idem. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 13 set. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>386</sup> MERGULHÃO, Benedito. Vargas está com tudo! *O Radical*, Rio de Janeiro, 06 set. 1950, p. 3.

#### 2.11 Um personagem e dois roteiros: retratos do velho

Corria setembro e a indefinição sobre a vice-presidência já constrangia Café Filho, imposto por Adhemar de Barros em troca do apoio do PSP à candidatura Vargas. À possível resistência que o nome de Café tivesse nos meios conservadores, somava-se uma nova circunstância, de que Getúlio dera conta logo nas primeiras semanas da campanha. Dadas as estrondosas manifestações de apoio popular que recebera em todo o país, ele já não considerava imprescindível a benção ademarista para voltar ao Catete. "O sr. Getúlio Vargas considera o apoio popular um fato consumado. O seu problema, agora, consiste em captar as simpatias dos círculos que até o momento ainda fazem restrição ao seu nome", comentava reportagem de *O Jornal*, provavelmente escrita por Wainer, na manhã de 1° de setembro. 387

Romper com Adhemar talvez fosse manobra ainda muito arriscada em uma eleição que, como se sabia, cercava-se de incertezas. Em carta a Getúlio, José Soares Maciel Filho fizera uma advertência, ainda em setembro de 1949: "O problema não é vencer. É vencer em condições de poder governar depois. Toda e qualquer luta só deve ser desencadeada depois de esgotadas as possibilidades de uma vitória sem crise." <sup>388</sup> Era prudente granjear apoios e evitar confrontos mais acintosos.

Além disso, Adhemar já mostrara musculatura política nas eleições estaduais de 1947, em São Paulo, estado que Getúlio sempre considerou essencial para o sucesso da campanha. "Penso que dentro de dois meses o Ademar será nosso prisioneiro, mas hoje considero sua aliança fundamental para a vitória. Um candidato da UDN ou do PSD apoiado pelo governador de S. Paulo será duro de bater", intuía Danton Coelho, em carta remetida a São Boria, datada de maio de 1950.<sup>389</sup> Chegaria pouco depois à estância outra correspondência, muito mais reticente do que a primeira. Assinava-a, desta vez, João Goulart.

"O que ele deseja com a propaganda exagerada e paga que está mandando fazer em torno da FRENTE POPULAR?", perguntava retoricamente ao chefe o deputado petebista. 390 Ele passara quatro dias no Rio e em São Paulo, sondando nos círculos políticos as impressões

<sup>&</sup>lt;sup>387</sup> GETÚLIO não considera imprescindível ao êxito de sua campanha o apoio do PSP. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 01 set. 1950, p. 3.

<sup>388</sup> Carta de José Soares Maciel Filho a Getúlio Vargas, set. 1949. Citado por D'ARAUJO, Maria Celina. O segundo... Op. cit., p. 76.

Carta de Danton Coelho a Getúlio Vargas, 01 mai. 1950. Arquivo CPDOC/FGV (GV c 1950.05.01/1).

<sup>&</sup>lt;sup>390</sup> Carta de João Goulart a Getúlio Vargas, 06 mai. 1950. Arquivo CPDOC/FGV (GV c 1950.05.06/3).

sobre uma eventual candidatura Vargas. "Tenho muitas dúvidas a respeito do seu apoio. Na minha opinião o que ele deseja no momento é a criação de um ambiente de confusão onde ele [...] poderá surgir como herói", sugeria Jango.

A expressão "Frente Popular" – propositadamente escrita em maiúsculas por Jango, como um alerta – era um complicador na estratégia de não incitar medo aos grupos que temiam uma irrupção social comandada pelos dois chamados "populistas". Vargas havia proposto, muito antes, em entrevista a Wainer, a criação de uma "Frente Democrático-Trabalhista". A propaganda de Adhemar, no entanto, prevaleceu. De qualquer modo, a escolha do governador era menos tóxica do que a "Frente Populista", etiqueta com que parte da imprensa passaria a tratar a união entre os dois ex-desafetos.

Alheio a esses melindres, Adhemar de Barros exigia, já no correr da campanha, que Getúlio incensasse a candidatura de Café Filho. O imbróglio da vice-presidência começaria a ser resolvido no fim da noite de 8 de setembro, quando o candidato à presidência recebeu Café em seu apartamento no Rio. O gabinete de trabalho do senador já estava repleto de jornalistas quando o deputado potiguar apareceu. Ambos se esquivaram dos repórteres. "Quero apenas conversar com este homem", limitou-se a dizer Getúlio, enquanto puxava Café pelo braço até uma sala contígua, onde se trancaram para um conversa reservada. Dali a pouco, de volta ao gabinete, os dois dariam aos fotógrafos uma cena que parecia responder às dúvidas dos jornalistas: de mãos dadas, frente a frente, ensaiavam sorridentes um movimento de abraço. 391

Contudo, o apoio a Café ainda não saíra explicitamente dos lábios de Getúlio. Pouco mais de uma semana depois, horas antes de comício em Bauru, no interior de São Paulo, o deputado dera um ultimato a Adhemar: "Não posso continuar nesta situação ambígua com o meu nome lançado sem que haja, no entanto, o tratamento correspondente. Desejo hoje uma palavra final", relembraria Café em suas memórias.<sup>392</sup> Naquele dia, Getúlio, sem mais resistir, recomendaria pela primeira vez o nome de Café Filho à vice-presidência da República.

Bauru era um das 12 cidades do interior paulista que Getúlio, sempre acompanhado por Adhemar, percorreria num espaço de cinco dias. Era parte da liturgia queremista que o povo invadisse a pista de pouso dos aeroportos para receber o candidato logo que as portas da aeronave fossem abertas. Em Ribeirão Preto, além da recepção à saída do voo, organizou-se

-

<sup>&</sup>lt;sup>391</sup> UNIDOS! *O Radical*, Rio de Janeiro, 09 set. 1950, p. 1, 3.

<sup>&</sup>lt;sup>392</sup> FILHO, Café. *Do Sindicato ao Catete*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966.

outro gesto coletivo na cidade, repetido país afora: mulheres, em pé nas calçadas que margeavam o caminho da comitiva até o local do comício, atiravam flores à passagem de Getúlio. Dois dias antes, em São José do Rio Preto, Samuel Wainer contaria de um "povo cujos aplausos estrepitosos quase tornavam impossível ouvir os discursos dos oradores que compareceram aos comícios de Vargas". O repórter de Chatô diria testemunhar tudo aquilo sozinho. "Graças à miopia da imprensa, tornei-me o dono de uma espécie de marcha de Napoleão", secreverá em suas memórias.

Outra cena curiosa, antes pitoresca que sublime, ocorrera pouco antes em Uberaba, no Triângulo Mineiro. Enquanto aguardavam a chegada do avião que partira de Belo Horizonte, o prefeito do lugar, Boulanger Pucci, e um fazendeiro local discutiam a quem cabia o direito de hospedar o candidato à presidência. Como os dois não chegassem a um acordo, o caso terminou de forma barulhenta. O fazendeiro sacou uma arma e disparou contra o prefeito. Socorrido o baleado e detido o agressor, os outros que ali esperavam Getúlio não arredaram do lugar até que o avião finalmente descesse à pista de pouso. 396

Este episódio, quem o narrava era *O Radical*. O jornal queremista noticiava a campanha municiado pelos telegramas que chegavam dos municípios. Os cenários dos comícios eram descritos com a mesma vocação apoteótica de Wainer. Onde o *Correio da Manhã* vira 20 mil pessoas, no comício do Anhangabaú, em São Paulo, *O Radical* contara 300 mil. "Tudo quanto se pode escrever a respeito do comício desta noite será pouco, inexpressivo, para dizer o que, na verdade, foi a inesquecível demonstração de coesão das forças populares, aliadas para levar o senador Getúlio Vargas ao poder", <sup>397</sup> lia-se na edição do dia seguinte. Da tribuna de honra de São Januário, no comício do Rio, *O Radical* viu "à passagem de Getúlio, senhoras clamarem pelo seu nome soluçando convulsivamente. De todos os lados se erguiam brados aclamatórios, como o rugir de um oceano encapelado". <sup>398</sup> De Belém, os telegramas contavam de uma "grande massa, tomada de verdadeiro delírio". <sup>399</sup>

As páginas do jornal imprimiam, distribuídas em colunas que às vezes tomavam pedaços de três folhas, a íntegra dos discursos de Getúlio. Pródigo em ler e resenhar os

<sup>&</sup>lt;sup>393</sup> "O POVO decidirá com o voto os novos rumos do Brasil!". *O Radical*, Rio de Janeiro, 15 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>394</sup> WAINER, Samuel. Vargas, seus 21 comícios, nos seis dias de agitação. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>395</sup> Idem. *Minha*... Op. cit., p. 37.

<sup>&</sup>lt;sup>396</sup> DISPUTARAM a primazia de hospedar Getúlio. *O Radical*, Rio de Janeiro, 13 set. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>397</sup> POR ti, Brasil. *O Radical*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>398</sup> GOVERNARÁ com o povo. *O Radical*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1950, p. 2

<sup>&</sup>lt;sup>399</sup> GETÚLIO aclamado! *O Radical*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1950, p. 1.

demais jornais da capital, *O Radical* usava os testemunhos de Wainer como espécie de prova dos nove. Era tamanha a distância entre as reportagens de Wainer e a rota editorial dos Diários Associados que a folha queremista tomaria de empréstimo textos do repórter para comprovar que a campanha de Getúlio era mesmo um sucesso extraordinário. As palavras de Wainer seriam, segundo o jornal, "o testemunho fiel de um repórter, adversário político do expresidente", que "não pôde fugir à verdade de confessar" a superioridade de Vargas nos comícios, em número e em entusiasmo. O jornal, não há dúvida, interpretava erroneamente o repórter de Chateaubriand – longe de ser um adversário político, era um aliado indisfarçado.

Existem pelo menos duas hipóteses – não excludentes – que explicam porque o primeiro conglomerado de comunicação do país adotou essa postura ambivalente numa imprensa que dificilmente admitia o contraditório. A primeira está precisamente no fato de serem, os Diários Associados, um conglomerado. Havia uma vocação de império, traduzida na estratégia de alcançar públicos diversos, açambarcando leitores de diferentes faixas econômicas e orientações políticas. O que os movia era a procura inata pela vendagem farta, pelo leitorado numeroso, alcançado na vastidão continental do país. E Getúlio Vargas, sabiase, fazia esgotarem-se jornais desde que despontara como chefe de governo, no já distante novembro de 1930.

Conta-se que, preso pela primeira vez por conspirar ao lado dos rebeldes em 1932, Chateaubriand, já livre, fora chamado ao Catete para um bate-papo com o presidente. "Chamei-o aqui porque vocês dos Associados me fazem muita falta", brincou Getúlio, já no fim da conversa. Chateaubriand, com a mesma e habitual veia cômica, devolveria: "Pois é, ditador, desde que paramos de publicar seus retratos, nossas vendagens têm sido um desastre. Estou ansioso por poder tirar suas fotografias da gaveta, quero voltar a vender jornais e revistas às dúzias". <sup>400</sup>

O diálogo meio zombeteiro, narrado por Fernando Morais, é apenas uma peça representativa de um quadro mais profundo de compensações mútuas. Além dos retratos de Vargas, Chateaubriand mirava também os cofres de um governo que, pela compra de espaço publicitário nos jornais, engrossava o caixa dos grandes jornais da época. <sup>401</sup> Por sua vez, Getúlio encontrava nas vendas vultosas de Chateaubriand uma poderosa ferramenta de

nn

<sup>&</sup>lt;sup>400</sup> MORAES, Fernando. Op. cit., p. 318.

<sup>&</sup>lt;sup>401</sup> "Sob a sua inspiração [de Chateaubriand] a imprensa não só aumenta a participação nas verbas da publicidade oficial como aprofunda os vínculos com o poder, garantindo benefícios além da venda normal do espaço, como abatimento de 50% em passagens, nomeações no serviço público etc.". BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 262.

projeção política. "O Chateaubriand, que era um gênio, sobretudo para fazer dinheiro, além de ser um jornalista genial, começou a ampliar a sua rede pondo-a a serviço de Vargas", afirmaria Segadas Viana, repórter de Chatô nos anos 1930 e, mais tarde, um dos fundadores do PTB. "Houve determinado momento em que o Vargas também dependia da rede publicitária do Chateaubriand", diz Segadas. <sup>402</sup> Numa relação mutualística, Getúlio e Chatô sabiam como explorar os cabedais de poder um do outro.

Uma segunda hipótese é aquela que encontra nessa dualidade o faro de Chateaubriand para o desenrolar da sucessão. Tratava-se de instinto político. Uma ostensiva hostilidade durante a campanha, sem concessões ou abrandamentos, poderia lhe causar embaraços futuros se Getúlio Vargas tornasse a ocupar o Catete. Chatô muito provavelmente evitava indispor-se com quem rumava a passos largos de volta à presidência da República.

Um diálogo no elevador do prédio dos Associados, testemunhado pelo ilustrador Augusto Rodrigues, terminaria por reforçar essa conduta que combinaria fustigadas e carícias ao ex-presidente. Ao ouvir de Samuel Wainer que a volta de Getúlio, pelo que vira nos comícios, era coisa certa, Chatô se rende. "Pode dar total cobertura a Vargas, que eu mando o Murilo Marroquim acender uma fogueira para queimá-lo", desfechou. "O senhor faz a campanha de Getúlio e eu mando o Marroquim sustentar a oposição a ele. Assim estaremos bem com qualquer lado que ganhar", revelou um pragmático Chatô. 404 Contudo, é possível que Murilo Marroquim não precisasse do estímulo do chefe para atuar a favor de Dutra. O principal articulista político de *O Jornal*, que em maio fora nomeado, pelo presidente, diretor do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 405 era também candidato a uma cadeira na Câmara dos Deputados pelo PSD de Alagoas. 406

Getúlio Vargas era protagonista de dois enredos conflitantes, escritos ao mesmo tempo nos jornais cariocas. Samuel Wainer, solitário nos Diários Associados, e o queremista *O Radical* desenhavam aquelas que pareciam ser as mais estrepitosas e consagradoras reverências jamais feitas a um homem público no Brasil. Do outro lado dessa contenda narrativa, nas raras vezes em que se ocupavam do dia a dia da campanha, os demais jornais

\_

<sup>&</sup>lt;sup>402</sup> VIANA, José de Segadas. Op. cit., p. 62.

<sup>&</sup>lt;sup>403</sup> Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro, "os *Diários* oscilavam em seu apoio em função dos interesses políticos e econômicos imediatos do seu proprietário." RIBEIRO, Ana Paul Goulart. Op. cit., p. 74.

<sup>404</sup> MORAES, Fernando. Op. cit., 513.

<sup>&</sup>lt;sup>405</sup> TEM novo diretor o Serviço de Informação Agrícola. *Diário da Noite*, 10 mai. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>406</sup> Marroquim teria apenas 104 votos naquelas eleições, ocupando o último lugar entre os oito suplentes do PSD no estado de Alagoas. Cf. BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Dados estatísticos: eleições federais e estaduais, realizadas no Brasil em 1950, vol. 2, 1952, p. 84.

intuíam o fracasso como roteiro natural de uma candidatura que ameaçava as instituições democráticas.

O ex-ditador aproximava-se do primeiro teste nas urnas como candidato à presidência da República desde que a chapa da Aliança Liberal fora derrotada em 1930. É provável que, depois de dar conta do furor que causara no país, estivesse um tanto mais confiante na própria estatura eleitoral. Em conversa com jornalistas, ainda em Salvador, um diálogo sublinha essa hipótese, ao mesmo tempo em que confirma o estreitamento de uma relação já patente: a Getúlio, um repórter pergunta que impressão o candidato levava daquela excursão pelo Norte, já às vésperas de terminar depois de percorrer onze estados: "Vocês não leem as crônicas de Samuel Wainer?", devolve Getúlio. "Pois eu subscrevo tudo o que ele escreve."

-

<sup>&</sup>lt;sup>407</sup> SUBSCREVO todas as crônicas escritas por Samuel Wainer. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 02 set. 1950, p. 3.

### CAPÍTULO 3 - O Três de Outubro

Da janela de uma lotação que atravessava o bairro do Maracanã, na Zona Norte do Rio, avistava-se uma faixa triangular estendida: "Aqui estamos com o Brigadeiro". A leitura da propaganda bastou para que o condutor do carro jogasse ao ar a fagulha de uma contenda verbal: "Aqui nessa zona dá muito brigadeiro", começou o homem. Foi preciso pouco tempo para que a fagulha resultasse em princípio de incêndio. 408

Um senhor, já mais idoso, respondeu ao comentário com um protesto antigetulista. Sem demora, o condutor retrucou: "As leis sociais viriam de qualquer jeito, e usei, mas era preciso um homem que tivesse peito. E esse homem foi Getúlio", defendeu. Era uma voz solitária, contudo. Logo outro passageiro atalhou: "O que ele fez foi criar os institutos, para o qual eu e o meu patrão pagamos e Getúlio até agora não deu a parte dele. O governo não paga", reclamou o comerciário que fora ao socorro do primeiro brigadeirista.

O chofer insistiu na peleja. "Você se esquece que Getúlio criou também a Polícia Especial", pontuou. "Quando sai 'porrada' na rua ninguém se lembra que foi ele quem inventou a história. No tempo dele, era muito pior. E, além do mais, ele está muito velho. E velho não serve mais para isso", alfinetou. O fim meio sem nexo da frase era uma espetada malcriada no senhor brigadeirista. O caso só não deu em briga porque o carro já chegava à Praça Sete, em Vila Isabel, destino final da lotação. Era o fim da tarde de 30 de setembro, último dia oficial de campanha nas ruas antes das eleições. O epicentro, como também narraria o *Diário Carioca*, fervilhava a poucos quilômetros daquele episódio.

Abarrotado e barulhento, o centro do Rio de Janeiro vivia uma expectativa febril. O comércio da Avenida Rio Branco fechava as suas portas ao som dos hinos e sambas dos candidatos. Estridentes, caixas amplificadoras, postadas sobre carretas que atravancavam todo o tráfego da via, inundavam o céu carioca à procura dos eleitores de última hora. Um caminhão integralista, pintado com um mapa do Brasil em verde-oliva, feito uma alegoria, dava uma nota carnavalesca àquela cena. Do alto de outro carro, um homem bradava um poeminha ao alto-falante: "Cristiano Machado / Candidato altaneiro / É o Cristiano Machado / O candidato do povo brasileiro". Abaixo dele, um queremista distribuía cédulas de Getúlio,

<sup>&</sup>lt;sup>408</sup> FEIRA eleitoral ontem na Avenida no encerramento da campanha política. *Diário Carioca*, 01 out. 1950, p.

enquanto apontava para um enorme retrato de Eduardo Gomes e, aos berros, acusava: "O brigadeiro é contra o trabalhador!".

Em banquinhas de calçada, vendedores de bugigangas tentavam esgotar o estoque de bonecos, cinzeiros, medalhas e outras bagatelas com as fotografias impressas de Getúlio Vargas e do brigadeiro Eduardo Gomes. A peça mais cara era o disco com o samba queremista e o hino de Getúlio, interpretados pelo cantador Luiz Vieira, da Rádio Tupi: cobravam-se 35 cruzeiros pelo vinil. 409

Cristiano Machado, que ficara de fora do comércio de miudezas eleitorais, protagonizara dias antes um fato pouco alardeado, mas histórico: dos estúdios das Emissoras Associadas, de Assis Chateaubriand, o candidato entrou para a história como o primeiro candidato à presidência da República – ou a qualquer outro cargo – a ser televisionado na América Latina. Com o busto enquadrado pelas lentes da câmera, Cristiano leu um discurso escrito em papel e inaugurou a propaganda política de tevê no país. A televisão no Brasil tinha apenas sete dias e raros aparelhos de recepção.

Campanha ainda se fazia nos rádios e nas ruas, como mostrava a Avenida Rio Branco na tarde daquele sábado. Um homem vestido de Carlitos aparecia ora à frente de grupos com cartazes do PTB, ora comandando manifestações do PSD. Outro, do alto de uma perna de pau, exibia um retrato do candidato pessedista à presidência. Em meio ao vai e vem de cabos eleitorais, charges improvisadas colavam-se às paredes dos prédios da avenida. Uma delas apresentava Getúlio de bombachas e poncho, sobre a legenda: "Só me falta trocar de roupa". Outra era um tête-à-tête entre o mesmo Getúlio e Eurico Dutra, que ouvia do ex-presidente: "Velhinho vá aprontar as suas malas, trata de sair que eu já vou pra lá". 413

A cada quarteirão, dezenas de bancas de distribuição de cédulas disputavam espaço e eleitores. Pipocavam denúncias, de lado a lado, de manipulações farsescas para inutilizar os papeizinhos de votação. Pelas páginas de *O Radical*, queremistas mais desavisados

<sup>&</sup>lt;sup>409</sup> FEIRA eleitoral ontem na Avenida no encerramento da campanha política. *Diário Carioca*, 01 out. 1950, p.

<sup>3.
&</sup>lt;sup>410</sup> Fotolegenda. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 27 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>411</sup> Sobre a história da televisão no Brasil, cf. RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAME NTO, Igor; Roxo, Marco (org.) *História da Televisão no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010; HAMBURGER, ESTHER. "Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano". In: SCHWARCZ, L. M. (org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. <sup>412</sup> MAIS de mil homens retirando cartazes. *Diário Carioca*, 01 out. 1950, p. 13.

<sup>&</sup>lt;sup>413</sup> FEIRA eleitoral ontem na Avenida no encerramento da campanha política. *Diário Carioca*, 01 out. 1950, p.

aprenderam que nada poderia vir impresso na cédula além do cargo pretendido, do nome do candidato e do partido. Notícias davam conta de que cédulas com a inscrição "Ele voltará" no verso, <sup>414</sup> marcadas com carmim (corante vermelho que anularia o sigilo) ou carimbadas com a caricatura de Getúlio estavam em circulação no Rio. <sup>415</sup> Recomendava-se jogá-las fora.

O fim de tarde no centro da cidade mantinha acesa a temperatura a poucas horas de a lei determinar o silêncio das campanhas. À medida que a noite caía, o frêmito da Avenida Rio Branco, no lugar de arrefecer, ficava ainda mais intenso. Foguetes e sirenes faziam cada vez mais barulho. É que a alguns metros dali já estava armado o palanque de um dos mais importantes e aguardados comícios a que o Rio de Janeiro assistiria nas eleições de 1950.

## 3.1 Do brigadeiro aos "Trabalhadores do Brasil".

"Eis, trabalhadores do Brasil, a condição a que vos reduziram os que se intitulam vossos protetores", disse o brigadeiro Eduardo Gomes à multidão que o ouvia com lenços brancos nas mãos. "Continuastes, apesar das fanfarras da propaganda oficial, relegados à categoria dos reclusos dos campos de concentração das ditaduras nazista e soviética", comparou. "Sois, na legislação do trabalho, os párias da sociedade", disparou o candidato udenista, às vésperas do dia decisivo. 417

A UDN programara com especial desvelo aquele comício – ou *meeting*, como preferia o *Correio da Manhã* – na Esplanada do Castelo, na região central do Rio de Janeiro. À tarde, naquele sábado, 30 de setembro, o Movimento Nacional Popular Pró-Eduardo Gomes organizara uma caminhada pelas ruas do Centro, com farta distribuição de santinhos e flâmulas com o rosto do "candidato nacional". Do Largo de São Francisco, também no Centro, estudantes da Faculdade Nacional de Direito sairiam em passeata rumo ao local do comício. <sup>418</sup> Uma peça lúdica era preparada para a noite: caminhões brigadeiristas formariam um círculo na Esplanada, iluminando com seus faróis o ato final da campanha. <sup>419</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>414</sup> CUIDADO, eleitores! O Radical, Rio de Janeiro, 23 set. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>415</sup> MERGULHÃO, Benedito. O povo há de vencer! O Radical, Rio de Janeiro, 27 set. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>416</sup> FEIRA eleitoral ontem na Avenida no encerramento da campanha política. *Diário Carioca*, 01 out. 1950, p.

<sup>3. 417</sup> CONSAGRAÇÃO definitiva o comício da Esplanada do Castelo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 out. 1950, p. 1

<sup>&</sup>lt;sup>418</sup> O BRIGADEIRO falará hoje ao povo carioca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>419</sup> PARA o comício do dia 30. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 28 set. 1950, p. 4.

Os ouvintes cariocas poderiam ouvir o último discurso do brigadeiro pelas ondas das

rádios Tupi, Tamoio, Jornal do Brasil e Vera Cruz. Todos os detalhes estavam ensaiados: a

programação do comício previa que, após a execução do Hino Nacional, ecoaria pela

Esplanada o Hino do Brigadeiro, cantado em coro pelo Teatro Experimental de Ópera. 420 A

canção solene era remanescente dos comícios de 1945:

Brigadeiro, Brigadeiro

Candidato sem igual

Brigadeiro, Brigadeiro

Esperança Nacional. 421

Outra amena quadrinha era impressa em milhares de panfletos que se espalhavam

entre os brigadeiristas na Esplanada:

O Campeonato Mundial

Nós perdemos, brasileiro!

Mas não percamos, pessoal

*Na eleição: o Brigadeiro!*<sup>422</sup>

"O brigadeiro encerra hoje a sua campanha", começara o Correio da Manhã no dia em

que o brigadeiro Eduardo Gomes esperava a consagração definitiva de uma jornada que

consumira tempo e saliva. 423 Até meados de setembro, o brigadeiro já percorrera 44.217

quilômetros, traçados em 170,5 horas de voo. Em dois meses e catorze dias de campanha, o

candidato já visitara 146 cidades, em 16 estados. O Correio da Manhã calculava que dois

milhões e meio de pessoas ouviram pelo menos um dos 171 discursos que Eduardo Gomes

<sup>420</sup> O BRIGADEIRO falará hoje ao povo carioca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 1.

<sup>421</sup> PARA o comício do dia 30. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 set. 1950, p. 4.

<sup>422</sup> FOI o maior comício nesta cidade o do Brigadeiro ontem na Esplanada. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 01 out. 1950, p. 1.

<sup>423</sup> O BRIGADEIRO falará hoje ao povo carioca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 1.

140

fizera nas cinco regiões do país. 424 "Foi a maior [campanha] a que o Brasil já assistiu em sua história política", afirmaria a edição do Correio da Manhã que saudava o comício da Capital.

Fiel camarada desde a saga oposicionista de 1945 – quando Eduardo Gomes foi pela primeira vez alçado à sucessão eleitoral -, o Correio da Manhã costumava recuperar a memória daquele movimento inconcluso, que fora vitorioso ao derrubar o governo, mas derrotado ao não ocupá-lo. "A cidade vai viver e vibrar às 20 horas de hoje com o mesmo sentimento da noite de 28 de novembro de 1945, quando no largo da Carioca se realizou o monumental comício de encerramento da primeira campanha brigadeirista", previra o jornal.

O retorno, sentimental e retórico, aos dias de 1945 era parte de uma linha argumentativa clara: a "campanha da redenção", incensada cinco anos antes, não cumprira ainda o seu propósito definitivo. "O povo carioca recolherá as palavras finais do candidato nacional, nesta antevéspera do pleito de 3 de outubro. As suas próximas palavras já não serão do candidato, mas do presidente eleito", vaticinava um eufórico e otimista Correio da Manhã. 425

Passava um pouco das 20h quando o senador Hamilton Nogueira, da UDN do então Distrito Federal, deu início ao esperado comício da Esplanada. Logo após esse primeiro discurso, que reverenciaria a militância estudantil pró-brigadeiro, Afonso Arinos de Melo Franco foi ao microfone para ler uma mensagem do governador mineiro Milton Campos. Prado Kelly, presidente do partido, e o deputado Adauto Lúcio Cardoso engrossaram a lista dos que preparavam o clímax do encontro. A certa altura, o líder católico Alceu Amoroso Lima, outro dos oradores de alta linhagem udenista, perguntou à multidão: "Quereis voltar à ditadura? Quereis a continuação da mediocridade?". Um uníssono "não" precedeu o alerta: "Já imaginastes a desgraça que seria para o Brasil a derrota eleitoral do Brigadeiro?" A essa ameaça, responderam-lhe em coro: "Já ganhou! Já ganhou! Já ganhou!" 426

Talvez fosse apenas um recurso estratégico - artifício psicológico próprio das campanhas eleitorais –, mas a confiança dos brigadeiristas parecia insuperável nas páginas dos jornais. A despeito de certo pessimismo ter, há muito, contaminado a cúpula udenista<sup>427</sup>, o que ia aos diários era uma fé inabalável na vitória do brigadeiro. Tudo era referendado em

<sup>&</sup>lt;sup>424</sup> 44 mil quilômetros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>425</sup> O BRIGADEIRO falará hoje ao povo carioca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>426</sup> CONSAGRAÇÃO definitiva o comício da Esplanada do Castelo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 out.

<sup>&</sup>lt;sup>427</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit., p. 78.

números. Em 1950, os institutos de pesquisa ainda não se aventuraram a sondagens eleitorais ampliadas. Os cálculos, carregados de otimismo, eram feitos nas próprias redações. O *Diário de Notícias* já empreendera uma série de ilações e costuras matemáticas para afirmar, com pretensa base estatística, que a UDN ocuparia a presidência da República a partir de 31 de janeiro de 1951. "Vê-se por estes cálculos, que o Brigadeiro irá ganhar as eleições de outubro por um mínimo de 429.000 votos sobre Cristiano e 1.221.000 sobre o ditador deposto em 1945", afirmara o jornal.<sup>428</sup>

Na Esplanada, Odilon Braga, candidato à vice-presidência na chapa udenista, foi o último a ocupar o microfone antes de estrugirem fogos coloridos e lenços brancos se agitarem no ar. Entrava em cena o brigadeiro Eduardo Gomes. Às suas costas, avultava um painel no qual se delineava um imenso mapa do país, ladeado pela fotografia do próprio candidato, com a inscrição "1922-1950 – Sempre pela democracia". As linhas do último e mais aguardado discurso da campanha udenista, contudo, deixariam a retórica do heroísmo e do compromisso democrático em segundo plano. O brigadeiro queria abordar outro tema, com o qual a UDN tentava afinar-se de modo particular: Eduardo Gomes levava à Esplanada um viçoso discurso em defesa do trabalho e dos direitos do trabalhador.

A escolha não era de todo estranha. A UDN dos primeiros dias já ensaiara uma tentativa de afinação com as demandas trabalhistas. Maria Victoria de Mesquita Benevides sublinha que, na campanha udenista em 1945, a reivindicação do direito de greve e da liberdade sindical eram apresentadas como "armas essenciais à defesa dos interesses dos trabalhadores". Esses tópicos, segundo a autora, foram fundamentais por terem conquistado, cada um a seu modo, as simpatias das esquerdas e dos conservadores. O programa de primeira hora udenista previra ainda a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, além de outros direitos sociais que demandavam um modelo de Estado protetor.

Em 1950, o brigadeiro tentava retomar a pauta. "Não sou, de modo algum, infenso à atual legislação trabalhista", fazia questão de pontuar. Ainda em junho, quando a campanha começava a tomar corpo, o candidato udenista assistira à criação da Frente Trabalhista Pró-Eduardo Gomes. "Os trabalhadores marcharão convosco", publicara o *Correio da Manhã*,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>428</sup> AS ELEIÇÕES de 1945 e as de 1950. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 set. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>429</sup> FOI o maior comício nesta cidade o do Brigadeiro ontem na Esplanada. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 01 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>430</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit., p. 46.

<sup>431</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>432</sup> O BRIGADEIRO falará hoje ao povo carioca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 1.

reproduzindo em manchete a frase de um dos operários do grupo, que fora visitar o candidato em seu gabinete de campanha. 433 O brigadeiro – e a imprensa que o sustentava – articulava tentativas de aproximação com as classes operárias.

Uma estratégia discursiva própria, no entanto, teria de ser adotada. Afinal, ao PTB de Getúlio Vargas coubera a defesa do legado do conjunto de leis que, editadas nos anos de poder getulista, desembocariam na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943. Sob pena de não reclamar para si justamente a herança política do grupo a que se opunha, a UDN viu-se obrigada a engendrar uma operação de discurso: o brigadeiro era trabalhista, sim, queriam dizer; mas também crítico de um perverso trabalhismo getulista.

O equilíbrio era um tanto escasso e por uma razão simples: ao mesmo tempo em que se apressava a dizer que não era infenso à legislação trabalhista, Eduardo Gomes teria que, de algum modo, atacar fragilidades de um dos maiores trunfos políticos de seu adversário. Foi com esse desafio que o brigadeiro subiu ao palanque da Esplanada do Castelo. Depois de um introito tipicamente à Prado Kelly – redator dos seus discursos –, com referências rebuscadas aos valores da fé, da liberdade e da justiça, o que se ouviu naquela noite foi uma demorada e detida explanação sobre o que o brigadeiro chamou de "concepção imoral do salário mínimo".434

O raciocínio partia da premissa de que, ao atender apenas as necessidades básicas de subsistência do trabalhador, o salário mínimo era um afronta à dignidade humana. O assalariado, sob este sistema, equiparava-se a uma máquina, e o trabalho, a um mero produto. "É relegado o trabalho ao estatuto de mercadoria, que se procura adquirir, como as demais, pelo menor preço do mercado", compara o brigadeiro. Ora, ao nivelar-se à mercadoria concluirá o orador –, o preço do trabalho dependerá do custo de sua produção, que será, precisamente, o custo da subsistência do trabalhador.

Com um discurso de sotaque sociológico, o brigadeiro Eduardo Gomes tentava pôr abaixo os possíveis méritos do Decreto-Lei Nº 1.262, de 1º de março de 1940, que definia o salário mínimo como aquele capaz de satisfazer as necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte. 435 "Esta disposição deverá ser eliminada da nossa legislação trabalhista como uma nódoa que macula, de modo irremediável, todo o sistema das

<sup>433 &</sup>quot;OS TRABALHADORES marcharão convosco". Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 14 jun. 1950, p. 1.

<sup>434</sup> A ORAÇÃO do candidato nacional. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 out. 1950, p. 5. 435 Idem.

relações sociais da produção", defendia o brigadeiro. "Onde as demais exigências do trabalhador considerado como ser humano, as exigências da recreação, de educação, de viagem e de acesso ao gozo dos demais bens da civilização e da cultura", perguntava o candidato. "Não! O trabalhador não é escravo; nem o salário pode ser concebido como custo de produção do trabalho", bradava.

A saída a esse sistema desumano estaria, segundo este raciocínio, na revisão de uma lógica perversa que alienava do trabalhador o produto final da sua produção. Porque "o princípio de que o produto final é de exclusiva propriedade de um dos seus parceiros e, precisamente, do mais afortunado deles, (...) constitui a causa principal da desarmonia reinante no atual sistema das relações sociais da produção", concluía Eduardo Gomes.

O brigadeiro falava diretamente aos trabalhadores, esgrimindo um improvável discurso de acento de esquerda: "Não tendes, como é vosso direito, nenhuma participação no produto final que resulta do processo cooperativo da produção. Continuais excluídos das relações sociais da produção, e o vosso salário em caso algum se medirá pelo valor, por maior que ele seja, do resultado final do processo de produção".

Perto já da meia-noite, no fim da longa exposição, veio o veredito, como um *grand finale*: "Aí está, trabalhadores do Brasil, revelado aos vossos olhos o monstruoso aparelho, graças ao qual se vos subtrai com a mão esquerda mais do que a mão direita fez o aceno de vos dar", disparou o brigadeiro. Entretanto, era a "mão esquerda" – para aproveitar a metáfora – que o brigadeiro oferecia aos trabalhadores. O candidato da UDN acabara de revisitar, sem o citar e talvez sem o saber, uma das mais caras teses do pensamento marxista. O comício da Esplanada do Castelo foi uma demorada e contundente denúncia do processo alienatório que fundamenta a chamada mais-valia capitalista. 436

Trazido à luz em 1945, o primeiro programa udenista ainda admitia – além dos pontos em defesa da greve e da liberdade sindical – traços de certo intervencionismo estatal e de planificação econômica estatal suplementar à iniciativa privada. Esse primeiro teor programático justificara o apoio dos liberais "modernos" ou de esquerda, mas não o das elites econômicas e liberais que temiam uma política de abertura às classes populares. "Algo estava

-

<sup>&</sup>lt;sup>436</sup> Cf. MARX, Karl. *O Capital* (vol. 1). São Paulo: Nova Cultural, 1988.

fora do lugar: ou o programa da UDN ou certos grupos que nela ingressaram", escreve Maria Victoria de Mesquita Benevides. 437

Os quadros da "esquerda" da UDN, particularmente abrigados na chamada Esquerda Democrática, se retirariam do partido ainda no correr de 1945. A partir dali, a veia conservadora começaria a prevalecer como diretriz udenista. Como aponta Benevides, gradativamente a UDN abandonaria sua postura de franco apoio aos direitos trabalhistas e se tornaria adversária veemente da intervenção estatal na economia. Mas havia eleições a disputar. O que saía, portanto, dos discursos da UDN em 1950 era um ruidoso, necessário e particular sinal às classes trabalhadoras. Afinal, do outro lado da disputa eleitoral, estava Getúlio Vargas e seu PTB, herdeiro de todo o lastro das leis sociais que haviam alterado substancialmente a vida dos trabalhadores nas duas décadas anteriores.

# 3.2 Um espectro ronda o brigadeiro: ecos do marmiteiro

Se a UDN já caminhava doutrinariamente para o abandono das ideias progressistas, a retórica de palanque tinha de manter-se, no entanto, afinada às reivindicações populares. Quando o brigadeiro Eduardo Gomes foi ao microfone no Castelo, sabia-se que, sem acenos aos trabalhadores, a batalha era perdida. Escarmentado pela derrota sofrida cinco anos antes, o brigadeiro oferecia aos trabalhadores um programa já muito alardeado ao longo da campanha. "O governo do brigadeiro será de estímulo ao trabalho e de rígida aplicação da justiça social", afirmara em editorial o *Correio da Manhã*. 439

O *Diário de Notícias* ia além e, ao mesmo tempo em que acusava a demagogia dos adversários (sobretudo a do "riquíssimo ex-ditador"), fazia questão de sublinhar que o brigadeiro era homem de poucas posses e parcas rendas. Afinal, soaria falsa uma inclinação trabalhista vinda de quem, segundo reparara Barbosa Lima Sobrinho, "surgia solene, com um jeito heráldico, que impunha distância". A efígie de herói de 1922 tinha, portanto, de dar lugar a uma face mais humana e próxima da gente comum. "Do lado do brigadeiro, devem

 $<sup>^{\</sup>rm 437}$  BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit., p. 53.

<sup>&</sup>lt;sup>438</sup> Ibidem, p. 47.

O BRIGADEIRO e a iniciativa privada. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>440</sup> Citado por BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit., p. 46.

estar os que trabalham, os que vivem do produto do seu trabalho, os que não possuem riquezas. É o verdadeiro candidato do pobres", frisava o *Diário de Notícias*. 441

Era compreensível que a imprensa brigadeirista saísse à cata de fatos e cenas que, revestidos de simbolismo, dessem cores de sinceridade àquela afirmação. Um deles aconteceu às 9h do dia 7 de julho de 1950, quando o brigadeiro estacionou seu carro na Avenida Rodrigues Alves, perto do Armazém 11 do cais do porto carioca, caminhou até a entrada do lugar, pediu licença ao fiscal da Alfândega para entrar, e rumou em direção a um grupo de operários que confabulava perto dali. Cumprimentou-os e foi cumprimentado. A pé, percorreu as instalações portuárias, detendo-se às vezes para conversar com grupos de funcionários, que lhe explicavam detalhadamente a rotina do cais.

Eduardo Gomes queria se inteirar dos pormenores laborais. Ele, que ouvia tudo com atenção e cuidado, faria elogios à destreza daqueles homens que se movimentavam rapidamente entre os armazéns. Em um barzinho, o brigadeiro parou para saborear um café em companhia dos estivadores. "Os trabalhadores se sentiam à vontade junto a Eduardo Gomes e não faltavam as usuais expressões de acolhimento", relataria o *Correio da Manhã*, que mandara, às pressas, um repórter e um fotógrafo ao cais do porto tão logo chegara à redação a notícia de que o brigadeiro confraternizava com os operários. <sup>442</sup>

A resistência a um discurso mais conservador (como o brigadeiro cabalmente demonstrara na Esplanada) e os folguedos de intimidade com os trabalhadores eram artifícios de quem se esforçava por dissolver uma pecha amarga e renitente. O caso ocorrera perto das eleições que, em 1945, opuseram o general Eurico Dutra, o comunista Iedo Fiúza e o então favoritíssimo brigadeiro Eduardo Gomes, símbolo das oposições vitoriosas em 29 de outubro daquele ano. A famigerada cena passara-se no majestoso Teatro Municipal do Rio de Janeiro, povoado por uma seleta plateia de encasacados. O candidato udenista afirmaria, ali, não precisar "dos votos dessa malta de desocupados que apoia o ditador" para se eleger presidente da República. "Malta" era o aglomerado de queremistas que, na compreensão do brigadeiro, recebera dinheiro do Ministério do Trabalho para participar das manifestações de apoio a Getúlio durante os meses que precederam a sua queda. 444

-

<sup>&</sup>lt;sup>441</sup> CANDIDATO dos pobres. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 out. 1950, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>442</sup> VISITARÁ, hoje, Porto Alegre o brigadeiro Eduardo Gomes. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 08 jul. 1950, p. 1.

<sup>443</sup> NETO, Lira. Op. cit., p. 49.

<sup>&</sup>lt;sup>444</sup> FERREIRA, Jorge. *O imaginário...* Op. cit., p. 81.

O discurso do Teatro Municipal era transmitido pelo rádio. Ao ouvir a frase do brigadeiro, o empresário Hugo Borghi – que enriquecera durante o Estado Novo com a venda de algodão e era então um dos principais articuladores do movimento queremista – foi ao dicionário e deitou os dedos e os olhos sobre o verbete *malta*: "agrupamento de lobos; conglomerado de má catadura; operários que percorrem as linhas ferroviárias levando suas marmitas; marmiteiros...". Estancou e viu que o último daqueles sinônimos era dotado de singular potencial explosivo. No dia seguinte, Borghi acionou uma cadeia de 150 rádios: "A maior prova que o senhor Brigadeiro é o candidato dos grã-finos, dos milionários, dos ricos, dos barões, dos exploradores do povo é que ele declarou que não precisa do voto dos marmiteiros", desferiu o empresário.

De imediato, os jornais ressonaram a acusação. "Entre a plebe e a elite, um divisor: - o marmiteiro", afirmou manchete de *O Radical*. 446 O jornal queremista continuaria depois a explorar a "marmita" como signo do trabalhador comum desprezado pela empáfia do brigadeiro e dos grã-finos. O *Correio da Manhã* acusara o golpe: "Para impedir a vitória do verdadeiro candidato do povo, juntaram-se todos: integralistas, saudosistas da ditadura antigamente chamados queremistas, dutristas, prestistas, hoje também conhecidos como fiuzistas; e desse caldo nasceu a mentira dos 'marmiteiros'". 447 O jornalista Carlos Lacerda ainda tentaria alertar o brigadeiro e a UDN sobre a toxicidade da etiqueta de barão que se colava ao nome do candidato udenista. Deu em nada. Ao lado do apoio à candidatura Dutra que finalmente chegara de São Borja – Getúlio fora enfim convencido de que a vitória udenista poderia dar início a um movimento de desforra –, o caso dos "marmiteiros" terminou por implodir o favoritismo de Eduardo Gomes.

Cinco anos depois, na Esplanada do Castelo, o brigadeirista *Correio da Manhã* tentava dar aos leitores a ideia de que aquele comício não era uma reunião de abastados: "Operários, funcionários, estudantes, comerciários, uns vestidos com apuro de quem vai a uma festa, outros esportivamente, outros com humildade, eram encontrados em todos os recantos da praça imensa, ao lado de senhoras da sociedade, de advogados, parlamentares, médicos, intelectuais, atraídos pela mesma fascinação e confiança no Brigadeiro". <sup>448</sup> Esse

-

<sup>&</sup>lt;sup>445</sup> FERREIRA, Jorge. *O imaginário...* Op. cit., p. 81.

<sup>446</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>447</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>448</sup> CONSAGRAÇÃO definitiva o comício da Esplanada do Castelo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 out. 1950, p. 1.

congraçamento, retrato de um quadro mais amigável do que aquele pintado em 1945, não fora, entretanto, percebido pelas lentes queremistas de *O Radical*.

"O comício do Brigadeiro, sábado último, na Esplanada do Castelo, foi uma parada de elegância e requinte grã-fino", espetou o jornal carioca. "Os seus adeptos ali chegavam em caríssimos automóveis, trajando roupas pelos mais recentes figurinos, transnadando perfumes raros. As imediações ficaram completamente coalhadas de 'baratas' e carros outros, modelo 1950. Era uma exibição afrontosa de riqueza e luxo", descreveu *O Radical*. 449

"E o sr. Eduardo Gomes?", perguntara ainda em julho Benedito Mergulhão, no mesmo jornal e na mesma toada. "Tem lastro no coração das massas trabalhadoras? Não tem", afirmou sem circunlóquios. "Homem de elite, improvisado na política, arte para a qual jamais revelou vocação, arrima-se no apoio dos ricos, daqueles que não conhecem aperturas, que ignoram o que é curtir privações e chegar ao fim do mês sem dinheiro bastante para o senhorio, a farmácia e o vendeiro", continuou, mordaz.

Mergulhão tentava desnudar os acenos de comício aos trabalhadores. "Agora, compreendendo que precisa estender a mão ao povo, cortejá-lo, visitá-lo nos seus cortiços, buscar, enfim, a popularidade, tem descido das alturas para surgir, muito desajeitado e constrangido, nos ambientes em que a massa vive", debocha. "Conta-se que até em favela já excursionou, tomando conhecimento, tarde embora, dos problemas que atormentam a legião que vegeta nos subsolos da sociedade", escreve o jornalista.

De outro flanco da imprensa carioca, por vezes escapavam certos ranços elitistas que terminavam por deslegitimar as concessões de estilo do brigadeiro. Os udenistas teimavam em não compreender uma cultura política que lhes era estranha. Os "de baixo" – para usar a expressão de Edward Thompson<sup>450</sup> – permaneciam como ilustres desconhecidos aos seus olhos. Exemplo dessa sensível falta de empatia ocorrera uma semana antes do comício da Esplanada. Em reportagem, o *Diário de Notícias* denunciara que os "candidatos mais aguçadamente demagógicos" estavam desobedecendo à norma do TSE que proibira o uso de marchinhas de carnaval na propaganda de candidatos. Getúlio, por sinal, colecionava-as. A mais célebre delas, escrita por Haroldo Lobo e Marino Pinto, ficaria famosa na voz de Francisco Alves:

<sup>450</sup> Cf. THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977; SHARPE, Jim. A História vista de baixo. IN: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

<sup>&</sup>lt;sup>449</sup> VOTOS em brancos, pretos e lilás... *O Radical*, Rio de Janeiro, 02 out. 1950, p. 2.

Bota o retrato do velho outra vez.

Bota no mesmo lugar

Bota o retrato do velho outra vez.

Bota no mesmo lugar

O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar. 451

Para o *Diário de Notícias*, um dos líderes de vendas no Rio, "as composições carnavalescas e caipiras, dessas que constituem a chamada sub-música popular", eram incompatíveis com a seriedade do ato cívico de votar. Gravadas, segundo o jornal, em "discos picarescos e chocantes para o tipo de campanha que é preciso realizar", essas marchinhas continuavam, a despeito da medida moralizante, a tocar e ressoar pela cidade. <sup>452</sup>

Se o brigadeiro Eduardo Gomes evitava, com uma inflexão de comportamento, a reedição do traumático caso do "marmiteiro", os jornais cariocas namoravam perigosamente outro infortúnio. O *Correio da Manhã*, já às vésperas das eleições, escorregaria em comentário racista de fácil leitura. O jornal tentara fazer pilhéria com a figura onipresente do chefe da segurança de Getúlio, o negro Gregório Fortunato, que comandara a guarda pessoal do presidente. "Votar em Getúlio Vargas e no PTB significa votar no 'tenente' Gregório. Significa destinar ao Brasil um futuro preto", lia-se numa coluna ao pé da página 3 da edição que celebrava o pujante discurso de Eduardo Gomes na Esplanada do Castelo.

Esse elitismo que a UDN tinha notória dificuldade em podar chegou a aproximar-se mesmo das ideias mais daninhas: o discurso daquele mesmo sábado fora encerrado com a palavra do jovem Wilson Leite Passos, 453 mentor do Movimento Nacional Popular Pró-Eduardo Gomes e que, seis anos mais tarde, criaria no Rio de Janeiro, onde se elegera vereador pela UDN, o Serviço Municipal de Eugenia (décadas depois, Passos proporia uma lei que previa a criação de incentivos fiscais para famílias com pais e filhos sadios, em

\_

<sup>&</sup>lt;sup>451</sup> NETO, Lira. Op. cit., p. 201.

<sup>452</sup> AINDA na propaganda partidária a sub-música popular. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 set. 1950, p. 3. 453 CONSAGRAÇÃO definitiva o comício da Esplanada do Castelo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 out. 1950, p. 3.

detrimento de famílias com algum doente incurável ou portador de deficiência física ou mental). 454

# 3.3 A cruz e a espada: Getúlio remove as últimas cercas ao Catete

Foram 52 dias de cruzada pelo país, após quase cinco anos de retiro na fronteira gaúcha. Em quase todo o tempo da campanha, Getúlio Vargas voou a bordo de um *Douglas* DC-3 da Cruzeiro do Sul, prefixo PP-CBY, batizado de "Tamoio". Um *Lokeed* e um *Eletra* da Varig foram usados em aeroportos menores. Adhemar de Barros cedeu também o seu "Cidade de São Paulo" para as viagens petebistas. Até às vésperas das eleições, Getúlio já percorrera cerca de 40 mil quilômetros, em 90 horas de voo. 455

A "Caravana da Vitória" levava, além de membros do PTB e do PSP, o pessedista rebelado Batista Luzardo, "que bateu o recorde de discursos", segundo *O Radical*. O locutor oficial da campanha era o radialista João Gaia Gomes, da Rádio América, de São Paulo, que comandava os comícios irradiados pelo Brasil afora. O cenário das passagens do candidato conjugava atos rotineiros: flores, serpentinas, bandeiras, cartazes, filas de carros e caminhões, concentrações nos aeroportos, multidões que seguiam a pé a comitiva.

"A campanha eleitoral, empreendida pelo senador Getúlio Vargas, através de todos os Estados da Federação, há de ficar na história política do Brasil como a maior, a mais gigantesca e mais espontânea das consagrações jamais tributadas pelo povo brasileiro a um homem público", derramava-se o único jornal queremista do Rio de Janeiro. A reportagem era publicada dez dias depois de Getúlio ter dado o último fôlego da campanha em uma série de visitas a municípios gaúchos.

Começara em Erechim, passara por Passo Fundo e Carazinho, antes de chegar a Santa Maria, cidade na qual um filme conhecido se repetiria: flores eram atiradas à passagem do expresidente. 457 Cachoeira, depois Santa Cruz do Sul, e Caxias - onde Getúlio Vargas desfilou pelas ruas acompanhado por cavalarianos vestidos em trajes típicos – fizeram parte da rota

<sup>&</sup>lt;sup>454</sup> WILSON Leite Passos, candidato a vereador pelo PP. *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 set. 2008. Disponível em: <a href="http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2008/wilson-leite-passos-candidato-vereador-pelo-pp-5001791">http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2008/wilson-leite-passos-candidato-vereador-pelo-pp-5001791</a>.

<sup>&</sup>lt;sup>455</sup> DIA da vitória!!! O Radical, Rio de Janeiro, 02 out. 1950, p. 3.

Asó ROTEIRO para o Catete de Getúlio Vargas! *O Radical*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 1.

tracejada pela comitiva. <sup>458</sup> Seguiram-se São Jerônimo e Pelotas, que preparava um "comíciomonstro" para o dia 26 de setembro, na Praça Pedro Osório. <sup>459</sup>

Rio Grande, Bagé e Uruguaiana vieram depois. Em Alegrete, um cortejo de carros seguiu Getúlio Vargas do aeroporto até a casa em que lhe ofereceriam um churrasco à moda da terra. Livramento, São Gabriel e Santo Ângelo precederam o último comício. Getúlio Vargas retornava, depois de quase dois meses de viagens, à velha querência, São Borja. E agora, chego à minha terra natal: a terra dos folguedos da minha infância, dos devaneios da adolescência e da vitória pelo trabalho", refestelava-se Getúlio, num curtíssimo discurso. Venho fatigado do esforço e das emoções. Mas trago o coração limpo de ódios, de malquerenças ou queixas", garante o candidato. "Nem ressentimentos tenho. Quem os tiver que com ele se alimente. Eu só trago amor", diz um Getúlio bem à vontade com os seus.

Um sempre amistoso – ou mesmo amoroso – Getúlio Vargas cuidara de desarticular, desde o início da campanha, os focos de resistência a seu nome. Às ameaças materiais – como os rumores de golpe militar e as manobras legais de impedimento – reunira-se uma simbólica, ainda em meados de setembro. O fim da jornada foi assombrado pelo aguardado manifesto da Liga Eleitoral Católica, a LEC, que traria uma lista de nomes desautorizados ao voto dos católicos. Café Filho não passou pelo crivo católico "em virtude de seu passado hostil às reivindicações" da associação. Só no Distrito Federal, 623 dos 988 candidatos ficaram sem a benção "lequista". <sup>461</sup> Getúlio, a quem se acusava ora peronista, ora comunista, escaparia ileso. O manifesto da LEC, de qualquer modo, fez algum ruído na imprensa carioca, ávida por munição antigetulista.

Como Getúlio não constasse do index, o *Diário de Notícias* procurou nas entrelinhas do documento uma censura ao ex-ditador. "Condena a Igreja o golpe de 1937", dera notícia do jornal de Orlando Dantas Ribeiro. O dado mais sensível para os queremistas, contudo, era a possível vinculação da candidatura de Getúlio aos comunistas, cujo partido fora posto na ilegalidade em 1947. A LEC, sem muito alarde, faria apenas uma advertência às "manobras comunistas", dando conta de que militantes vermelhos infiltravam-se em outros partidos para

<sup>458 &</sup>quot;REDUÇÃO nos preços dos alimentos e das utilidades". *O Radical*, Rio de Janeiro, 24 set. 1950, p. 1. 459 GETÚLIO ao povo. O Radical, Rio de Janeiro, 26 set. 1950, p. 1.

<sup>460 &</sup>quot;ATÉ três de outubro pela nossa vitória". *O Radical*, Rio de Janeiro, 29 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>461</sup> DIRIGE-SE a LEC ao eleitorado da Capital da República. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 set. 1950, p.

<sup>2. 462</sup> CONDENA a Igreja o golpe de 1937. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 set. 1950, p. 3.

disputar o pleito. Em agosto, aliás, o Partido Comunista, ainda clandestino, divulgara um manifesto com a pregação do voto em branco.

"A 3 de outubro, Cristo só estará no coração dos getulistas", escrevera *O Radical*, em editorial a três dias da divulgação do manifesto católico. "Viramos as costas aos integralistas mistificadores e aos comunistas traidores da Pátria e da Religião". <sup>463</sup> Era uma resposta antecipada a um temido veto a Getúlio. Tratava-se também de uma delimitação inequívoca: queremistas cá e comunistas lá. Tramada em 1945, nos episódios que levaram à irrupção da "Constituinte com Getúlio", <sup>464</sup> movimento das demandas queremistas, a antiga parceria deveria ficar, na opinião do jornal, depositada nos arquivos da história, preferivelmente debaixo de espessa camada de poeira.

Luís Carlos Prestes – alertava *O Radical* – era o agente nº 17 do antigo Kominform, articulação internacional dos Partidos Comunistas. Era o "ex-senador do Kremlin" o "lacaio de Stálin", o "inimigo da Igreja", o "apátrida", "o que ameaçou trair o Brasil no caso de guerra com a Rússia". Demarcando diferenças de projeto e se dizendo alérgico "aos extremismos da direita e da esquerda", o jornal pregava o equilíbrio entre capital e trabalho, por meio de um "programa que consulta a índole pacífica de nosso povo e a formação cristã de nossa gente". O jornal, ao mesmo em que recusava qualquer afinidade com os comunistas – o que era atitude particularmente prudente em razão de Eurico Dutra ocupar a presidência da República naquele momento –, fazia contínuas mesuras à Igreja.

A folha passara a publicar em sequência, nas primeiras páginas, fotografias de Getúlio em compromissos de natureza religiosa. Em uma delas, bem recente, ele aparecia conversando com o arcebispo de Cuiabá, dom Aquino Correia. Fora uma espécie de providencial antídoto: a foto era publicada na mesma página em que, noutro canto, Getúlio aparecia abraçado a Café Filho. Essas visitas, segundo *O Radical*, desfaziam "certas intrigas, tecidas com o intuito visível de criar um ambiente desfavorável à candidatura". <sup>468</sup> Outra imagem, escavada da década de 1930, mostraria o então presidente entregando um relógio de

\_

<sup>&</sup>lt;sup>463</sup> PELA ordem. *O Radical*, Rio de Janeiro, 13 set. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>464</sup> Sobre a participação dos comunistas no movimento queremista, ver especialmente: MACEDO, Michelle Reis de. Op. cit., p. 91-98.

<sup>&</sup>lt;sup>465</sup> PRESTES e a sucessão. *O Radical*, Rio de Janeiro, 16 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>466</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>467</sup> PELA ordem. *O Radical*, Rio de Janeiro, 19 set. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>468</sup> A IGREJA com Getúlio. *O Radical*, Rio de Janeiro, 09 set. 1950, p. 1.

ouro cravejado de brilhantes ao então cardeal romano Eugenio Paccelli, que, em 1950, já comandava a Santa Sé como papa Pio XII. 469

*O Radical* aproveitava, além das imagens, narrativas de campanha. Uma delas contava que, em Salvador, Getúlio entrara na Igreja de Nosso Senhor do Bonfim acompanhado por uma multidão que, ao saudá-lo, minou completamente o silêncio do templo. Irritado, o padre da paróquia ergueu a voz para censurar e fazer cessar a balbúrdia. No dia seguinte, ao ouvir o caso contado por um repórter, um vigário que acompanhava Getúlio na também baiana Ilhéus não se conteve: "Se eu estivesse na Igreja do Bonfim, não teria repreendido o povo porque o aplaudia", refletiu. "E sabe por que senador? Porque se aquele padre olhasse para trás, talvez ele surpreendesse a imagem de Nosso Senhor também aplaudindo", sugeriu o religioso. <sup>470</sup>

Getúlio também já se mostrara preocupado com uma possível ranhura na relação com a Igreja. Sabedor da ameaça de uma condenação, ele habilmente se armaria com as armas de um adversário. Em Petrópolis, a pouco menos de duas semanas da divulgação do manifesto da LEC, Getúlio levou ao palanque trechos do discurso que Alceu Amoroso Lima, líder católico e brigadeirista, fizera em Roma no último dia 3 de julho. Tristão de Ataíde, que comentava um discurso em que o papa censurava o feudalismo e o patriarcalismo econômicos, disse em certo momento que "quem no Brasil é contra o Sr. Getúlio Vargas porque ele é o autor de uma legislação social que deu ao operário brasileiro a consciência de que já existe, cai sob a condenação das palavras do Santo Padre". 471

"Ora", advertirá Getúlio, "se a nossa legislação tem por si o apoio da autoridade máxima da Igreja Católica, como afirma o ilustre católico, por sinal nosso adversário político, é porque obedeceu aos princípios da justiça social, conformados nas fontes mais puras do pensamento cristão". A LEC resolvera, por fim, não afrontá-lo. Logo que veio à luz o manifesto que livrara Getúlio da censura católica, *O Radical* afirmaria, com grandiloquência metafórica: "Assim, [o povo] saberá, a 3 de outubro, lançar-se às urnas, como numa cruzada abençoada por Deus contra o Anticristo, a fim de esmagar a cabeça ainda ameaçadora da hidra vermelha, esse monstro que passou a respirar pelos pulmões da política oficial..." Os "pulmões", no caso, eram os da campanha de Cristiano Machado, a quem jornal acusara de receber financiamento e apoio sigilosos dos comunistas.

-

<sup>&</sup>lt;sup>469</sup> VARGAS e a Igreja. *O Radical*, Rio de Janeiro, 20 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>470</sup> RUMO ao Catete. *O Radical*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 5.

<sup>&</sup>lt;sup>471</sup> VARGAS, Getúlio. Op. cit., p. 314.

<sup>4/2</sup> Idem.

<sup>&</sup>lt;sup>473</sup> PELA ordem. *O Radical*, Rio de Janeiro, 17 set. 1950, p. 2.

Getúlio parecia, portanto, ter superado o risco da excomunhão eleitoral. Naquele 30 de setembro, em São Borja, ele só reafirmava o caráter sossegado e sereno de toda uma campanha. Três dias antes, os leitores cariocas já haviam encontrado nas bancas a última entrevista do candidato a Samuel Wainer, em que se desenhava um Getúlio que, embora apaziguador, também mostrava firmeza de não sucumbir às ameaças que o circundavam. A última conversa, às vésperas das eleições, reafirmaria também o caráter estreitíssimo daquela relação. Ledor e intérprete do pensamento e dos gestos de Getúlio na grande imprensa, Wainer transmitiria o que próprio candidato chamava de "manifesto à nação". 474

Da mesma forma como já se servira do repórter no lançamento da candidatura, quando alertou o país sobre a urdidura de golpes que se armavam contra ele, Getúlio quis, no apagar das luzes, tratar de ameaças. Segundo o senador, havia rumores do risco de falsificação e deturpação de resultados das urnas, para o benefício do "candidato oficial", o pessedista Cristiano Machado. Se fraude houvesse, ele cogitava se juntar a Eduardo Gomes para uma resposta conjunta à violação.

Getúlio, ao recapitular os episódios da campanha, recordou os cumprimentos que recebera de quase todos os comandantes de Regiões Militares. Ele considerava essas visitas uma mostra da disposição em que se encontravam as Forças Armadas de assegurar o respeito à Constituição. Os riscos materiais de golpe ruíam de modo semelhante aos riscos simbólicos de uma condenação da Igreja. Getúlio deu-se conta de que os cercos ao Catete eram abstrações já superadas.

A poucos dias das eleições, o general Mascarenhas de Morais, comandante da lendária Força Expedicionária Brasileira, dera um recado que seria levado à manchete de *O Radical*: "O povo e meus camaradas de armas já conhecem meu pensamento: estou ao lado de Getúlio Vargas. Ele é o meu candidato". <sup>475</sup> Canrobert Pereira da Costa, logo no dia seguinte, revelaria certo enfado ao ter de responder pela enésima vez se as Forças Armadas respeitariam o resultado do pleito: "Mas não há nada! E nada há a temer!" Góes Monteiro seguiu no mesmo tom: "Acabemos com isto! Vamos para as urnas! Quem for eleito, não tenhamos

<sup>&</sup>lt;sup>474</sup> WAINER, Samuel. Vargas e brigadeiro. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 27 set. 1950, p. 7.

<sup>&</sup>lt;sup>475</sup> É ESTE o candidato do Marechal Mascarenhas: Getúlio! *O Radical*, Rio de Janeiro, 29 set. 1950, p. 1.

dúvidas, será reconhecido e tomará posse". O general, aliás, já subira à tribuna do Senado para, num ato bastante simbólico, reafirmar a unidade dos altos comandos militares. 478

Coube ao general Estillac Leal, presidente do Club Militar, levar aos jornais as declarações mais contundentes em defesa do processo eleitoral. Segundo ele, os chefes militares estavam "prontos para reprimir, com exemplar energia, qualquer atentado à Constituição, às leis e, sobretudo, à soberania popular, que é o fundamento do regime sob cuja égide vivemos". Leal via um possível golpe como o detonador "de uma guerra civil sangrenta e terrível, que levaria a Nação ao caos e à anarquia". O general não economizava nas tintas dramáticas com que previa um eventual descarrilamento da ordem constitucional: "Acredito que a ninguém sobrará 'a coragem inaudita', como diria Euclides da Cunha, de dar o primeiro tiro provocador do que seria, no meu modo de ver, um Sarajevo nacional". 479

Getúlio, contudo, sustentava-se mesmo era na garantia do ministro da Guerra. As declarações que Canrobert Pereira da Costa dera ainda em abril – o *Correio da Manhã* as chamaria de "golpe no golpe" – são mais uma vez rememoradas. "Estou certo que a maioria absoluta do Exército compartilha da mesma forma de pensar e sentir do seu ilustre chefe, isto é, a de que o Exército é o guardião mais avançado dos direitos constitucionais do nosso país", <sup>481</sup> diz Vargas. Eram as suas últimas palavras dirigidas à imprensa como candidato à presidência da República, preocupado como sempre em acusar as tramas que se teciam contra a sua volta e endossar o caráter conciliatório e desapaixonado da sua candidatura.

Outro manifesto, por escrito, viria em 30 de setembro. "Já agora chegou o momento de correr os olhos sobre esses quase dois meses de jornada e o de fazer, perante a Nação, um balanço das forças que foram ao meu encontro na longa peregrinação cívica iniciada em Porto Alegre a 9 de agosto", diz Getúlio da mesma São Borja que, em 19 de abril de 1949, acorrera à Granja São Vicente para a churrascada que servira de primeiro esboço da campanha presidencial. Os caminhos da comitiva — da "vastidão amazônica a estas fronteiras meridionais, das populações de beira-mar às do Brasil Central" — eram repassados na mensagem dirigida ao povo brasileiro. Getúlio aduz que não acendeu "fogueiras de paixões",

\_

<sup>&</sup>lt;sup>477</sup> VARGAS e o Exército. *O Radical*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>478</sup> "POLÍTICOS inescrupulosos (diz Góis) querem dividir as Forças Armadas do País". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 21 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>479</sup> VARGAS e o Exército. *O Radical*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>480</sup> GÓIS e as datas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>481</sup> WAINER, Samuel. Vargas e brigadeiro. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 27 set. 1950, p. 7.

como temiam e propagavam os críticos de uma eventual candidatura do ex-chefe do Estado Novo. En nem açulei a revolta das massas", completa, "empobrecidas pela terrível alta do custo de vida e desfalcadas, acima de tudo, do tesouro das esperanças". 483

Às vésperas das eleições, ainda se cogitavam adiamentos, quarteladas ou golpes brancos, minuciosamente procurados nas linhas da Carta de 1946. O manifesto reclama pela confiança dos eleitores na segurança do voto e no respeito aos direitos e garantias individuais próprios dos regimes democráticos. "Esse é o preceito fundamental da democracia: o povo elege e o eleito governa", <sup>484</sup> assinala o ex-ditador, a 72 horas de ter o nome levado às urnas.

# 3.4 Atrás da cortina, os destinos do país: a hora de votar

Fazia frio na manhã carioca de 3 de outubro de 1950. Com o tempo fechado, gente vestida de casacos e suéteres de lã circulava pelas ruas da cidade. O céu cinzento só clareou a partir do meio-dia, mas sem desfazer uma atípica temperatura de primavera no Rio de Janeiro. Fora decretado feriado naquela terça-feira em que mais de oito milhões de brasileiros iam às urnas. No Rio de Janeiro, as 1.922 seções eleitorais viveriam, a exemplo do clima meteorológico, um dia apaziguado. 487

Os matutinos cariocas celebrariam – cada qual a seu modo – a data republicana. "O mesmo instrumento – o voto – que o mais graduado da hierarquia social empunhava, naquele momento, estava, igualmente, ao livre alcance da mão calosa do mais humilde e obscuro dos cidadãos", salientaria, no dia seguinte ao pleito, editorial de *O Radical*. Essa equanimidade de direitos, para o *Diário de Notícias*, era, no entanto, contrabalançada por uma desigual capacidade de julgamento, "pois é desgraçadamente certo que mesmo o voto secreto não liberta de todo o eleitor inculto".

Esse eleitor, para o jornal, padecia "de destreino democrático e de intoxicação demagógica, que turvam as faculdades volitivas da grande parte do eleitorado". <sup>488</sup> A abertura democrática incutira, em pedaços da imprensa, a tese – resistente no tempo – da fragilidade de

484 VARGAS, Getúlio. 1951, op. cit., p. 663.

<sup>&</sup>lt;sup>482</sup> VARGAS, Getúlio. 1951, op. cit., p. 662.

<sup>483</sup> Idem

<sup>&</sup>lt;sup>485</sup> CALMA e ordem nas eleições do Rio. *O Radical*, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>486</sup> O TEMPO. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 03 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>487</sup> O 3 DE OUTUBRO de 1950. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 1, 6.

<sup>&</sup>lt;sup>488</sup> SUPREMA decisão. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 out. 1950, p. 4.

consciência de um eleitor supostamente "manipulado" ou "desinformado". Apenas essa hipótese explicaria o fato de ele não votar seguindo as mesmas inclinações das "classes cultas", regidas por uma pretensa liberdade de espírito e consciência inalcançáveis por estratos sociais menos afortunados.

Nas ruas cariocas, o movimento de eleitores era intenso desde as primeiras horas da manhã. A *Tribuna da Imprensa*, debutante em eleições, mandara os repórteres às zonas eleitorais. O jornal narraria casos como o de um eleitor que, acometido por uma crise de nervos, tremia a mão a ponto de não conseguir assinar o nome na lista de votantes. Teve de desistir. Em frente a São Januário – continuava a folha –, cabos eleitorais ofereciam bananas e sanduíches acompanhados de cédulas de um candidato a deputado federal. Em outro canto da cidade, uma senhora apareceu munida com o título de eleitor de 1934. Não votou. Na 23ª seção, um homem comunicou à mesa eleitoral que sua mulher faltaria ao pleito porque dera à luz uma criança fazia poucas horas. Os mesários felicitaram o papai e sugeriram dois nomes ao bebê: se menina, Eleição; se menino, Três de Outubro. 489

Votava-se a partir de pequenas cédulas brancas e retangulares de papel, preferencialmente de 7cmx10cm ou com dimensões que, uma vez dobradas ao meio ou em quatro, coubessem no envelope oficial de votação. Apenas a designação do cargo pleiteado, a legenda do partido e o nome do candidato poderiam vir na cédula, impressos ou datilografados. Em cabine protegida por uma cortina, o eleitor acomodava os papéis (naquelas eleições, eram presidente e vice, dois senadores, deputado federal e vereador) no envelope e fechava-o com cola, antes de depositá-lo na urna em frente à mesa eleitoral. 491

Ao fim da votação, as urnas eram vedadas com selo de chumbo e, acompanhadas por mesários, representantes dos partidos e um policial militar, conduzidas pelo presidente da seção até uma agência dos Correios e Telégrafos. <sup>492</sup> As caixas com os votos seguiriam dali até o Hotel dos Estrangeiros, na Praça José de Alencar, no Flamengo, onde as cédulas seriam contadas. Essa era a liturgia do voto em 1950, que, nas ruas, mantinha também um ritual particular: às 17h, quando os rádios anunciaram o fim do pleito, eleitores e cabos eleitorais

\_

<sup>&</sup>lt;sup>489</sup> MUITA ordem e muito caso pitoresco. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>490</sup> RECOMENDAÇÕES úteis aos eleitores. *O Radical*, Rio de Janeiro, 23 set. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>491</sup> COMO votar. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>492</sup> CALMA e ordem nas eleições do Rio. *O Radical*, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 2.

jogaram ao alto as cédulas que ainda retinham nas mãos, fazendo das principais ruas da cidade um "verdadeiro lençol branco de papel". 493

Um dos repórteres da *Tribuna da Imprensa* que, durante o dia, percorrera a cidade à procura de histórias, deitaria na máquina, mais tarde, impressões do que vira. "Havia pela cidade toda uma unção, uma disposição cívica, e, dentro da alegria do feriado, na alacridade da criançada colecionando cédulas, um certo fervor", contava o jornalista. Em várias seções eleitorais, ele encontrara queremistas exultantes, dando "ao ditador senil de São Borja os apelidos mais torpes que o seu vocabulário lhe poderia atribuir": era "o barrigudinho", "o pequenino", "o baixinho". Estavam ali para trabalhar contra a democracia com as armas da democracia, acusava-lhes o repórter. "O voto que lhe havia sido recusado pelo 'Pequenino' usavam-no para levá-lo novamente ao poder. Era imundo", bombardeava. 494

Fazia menos de um ano que Carlos Lacerda, esse repórter, rodara pela primeira vez a sua *Tribuna da Imprensa*. O vespertino aparecera nas bancas em 27 de dezembro de 1949, pouco tempo depois de o jornalista, então no *Correio da Manhã*, desentender-se com Paulo Bittencourt e sair do jornal para fundar a sua própria folha. Antes de dar adeus à velha casa (onde, em fevereiro de 1945, fizera com José Américo de Almeida a mais importante entrevista da carreira), fez um último pedido ao chefe: "Me empresta o nome Tribuna da Imprensa que eu vou tentar fazer um jornal". Um título parecido – "Na Tribuna da Imprensa" – fora usado pelo *Correio da Manhã* na coluna em que o próprio Lacerda acompanhara, com artigos diários, os trabalhos da Constituinte de 1946.

Lançada uma subscrição pública de ações e reunida a soma de capital inicial para a compra de prédio, maquinário e contratação de jornalistas, em pouco tempo a *Tribuna da Imprensa* já circulava no Rio de Janeiro. Vendia pouco. Segundo o próprio Lacerda, a tiragem inicial alcançava 6 mil exemplares diários. <sup>497</sup> A pouca ressonância de números era contraposta pela implacável e cáustica verve que o exímio polemista já desfiava numa carreira que combinava, como xifópagos, o jornalismo e a política. A *Tribuna da Imprensa* confundia-se com o seu dono, nome em franca ascendência na vida pública nacional: a folha era conhecida

<sup>494</sup> LACERDA, Carlos. Começa a vigília. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>493</sup> CALMA e ordem nas eleições do Rio. *O Radical*, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 2.

<sup>495</sup> Cf. BARBOSA, Marialva. Op. cit., p. 165-168. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Op. cit., p. 143-153.

<sup>&</sup>lt;sup>496</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 75.

<sup>&</sup>lt;sup>497</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer: o corvo e o bessarabiano*. São Paulo: Editora Senac, 1998, p. 54.

como "o jornal de Carlos Lacerda", <sup>498</sup> 36 anos, vereador que, em 1947, batera o recorde de votação para a Câmara no Distrito Federal. <sup>499</sup>

Lacerda contava apenas 15 anos quando começou a carreira profissional, em 1929, escrevendo artigos para o *Diário de Notícias*. Três anos depois, ingressaria na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, época em que vai se aproximar da Federação da Juventude Comunista, órgão ligado ao PCB. A filiação ao marxismo (Lacerda foi um dos articuladores da Aliança Libertadora Nacional, que encabeçou em 1935 o fracassado levante conhecido como Intentona Comunista) duraria até 1939: o rompimento definitivo fica consolidado quando a revista *Observador Econômico e Financeiro* publica artigo de sua autoria, encomendado pelo DIP, em que contava a história do comunismo no Brasil e afirmava, perto do fim, que o Partido Comunista fora desbaratado graças ao Estado Novo. <sup>500</sup>

Após passagens pela *Diretrizes* – do futuro desafeto Samuel Wainer – e por *O Jornal*, de Chatô, Lacerda chega como *freelancer* ao *Correio da Manhã*, última estada antes de lançar o seu próprio jornal. O mais acerbo crítico do getulismo poderia enfim exercer, sem qualquer polimento, a conhecida verrina. Os leitores da *Tribuna da Imprensa* mais ávidos pela aspereza de estilo poderiam ir direto aos artigos impressos na página 4, onde Carlos Lacerda pertinazmente disparava contra Getúlio.

Em 1º de junho de 1950, a seis dias de o PTB lançar o nome do senador à sucessão presidencial, foi às páginas da *Tribuna* aquele que talvez seja um dos mais conhecidos artigos da história da imprensa no Brasil. Em poucas linhas, Carlos Lacerda escrevia uma declaração de guerra a Getúlio e esboçava uma página de sua própria biografia: "O Sr. Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à Revolução para impedi-lo de governar". <sup>501</sup>

Ao aguardar em vigília a contagem das cédulas, Lacerda resumiria o sentimento que provavelmente corria em outras redações cariocas. Começava a contagem dos votos no Hotel dos Estrangeiros: "Dias a fio, agora, estarão os apuradores entregues à tarefa de saber se a vontade democrática dos brasileiros vai predominar ou se teremos a ditadura por eleição". <sup>502</sup>

<sup>499</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Op. cit., p. 75.

<sup>&</sup>lt;sup>498</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Op. cit., p. 143.

<sup>&</sup>lt;sup>500</sup> Cf. KELLER, Vilma. Carlos Lacerda. In: In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>501</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Op. cit., p. 54, 55.

<sup>&</sup>lt;sup>502</sup> LACERDA, Carlos. Começa a vigília. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 4.



**Imagem 11**: O brigadeiro trabalhista: Eduardo Gomes tentava se aproximar dos trabalhadores. (*O Radical*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1950. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).



**Imagem 12**: Getúlio democrata: às vésperas do pleito, *O Radical* publica quadro da Escola Nacional de Belas Artes em que Getúlio aparece no alto de um trinca democrática, com Churchill e Roosevelt. Abaixo, como assombrações da Segunda Guerra, estão Hirohito (Japão), Hitler (Alemanha) e Mussolini (Itália). (*O Radical*, Rio de Janeiro, 30 set. 1950. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).



**Imagem 13**: O *Diário de Notícias*: "salvar a democracia e recuperar a Nação". (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 out. 1950. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).



**Imagem 14**: De Santos Reis a São Pedro: por Samuel Wainer, o último manifesto. (*Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 out. 1950. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

# 3.5 Tramas de um crime perfeito: golpear a democracia para preservála

O saguão do Hotel dos Estrangeiros era célebre por ter sido o palco do assassinato do senador Pinheiro Machado, esfaqueado pelas costas em uma tarde de setembro de 1915. Fincado entre as ruas Senador Vergueiro e Barão do Flamengo, na Zona do Sul do Rio, o lugar vivia, no primeiro dia após as eleições de 1950, uma movimentação atordoante. Acotovelam-se jornalistas, candidatos, assessores e curiosos, todos famintos pela divulgação dos primeiros números. "A afluência de curiosos era tanta que – segundo se dizia e temia – lá estavam não um grande número de cidadãos desocupados, mas sim, todos os candidatos a vereador pelo Distrito Federal", dizia a *Tribuna da Imprensa*. <sup>503</sup>

Exatamente às 12h do dia 4 de outubro, a primeira das urnas do Rio de Janeiro foi aberta para conferência. Era proveniente do Teatro Municipal, 13ª seção da 1ª Zona Eleitoral. O primeiro envelope foi aberto sob o olhar atento do batalhão de fotógrafos e curiosos. Getúlio Vargas saiu na frente com um voto. Tudo era acompanhado ao vivo pela Rádio Tupi, que fazia cobertura especial do local da apuração, irradiando por meio de boletins regulares a contagem das cédulas. 505

No Largo da Carioca, a Galeria Cruzeiro já estava repleta de queremistas, brigadeiristas e cristianistas, vigiados de perto pela Guarda Municipal. À medida que os resultados eram divulgados por alto-falantes, vaias, aplausos, gestos e ameaças eram lançados de lado a lado. <sup>506</sup> A festa era maior do lado queremista, que, logo sabedor de que Getúlio já tomava a dianteira, saiu em passeata festiva pelo Centro, embalada pelo Hino Nacional. <sup>507</sup> Só no dia seguinte os jornais cariocas começariam a publicar os números que, embora parciais, desenhavam o retorno de Getúlio Vargas ao Catete.

Às 9h da quinta-feira, 5 de outubro, Getúlio tinha 130.778 votos, contra 53.267 do brigadeiro Eduardo Gomes. Um pouco mais atrás, Cristiano Machado amealhara 33.075 cédulas. Só 308 votos eram para João Mangabeira, um dos membros da antiga Esquerda Democrática, braço inicial da UDN que formaria o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Š08 Às

<sup>&</sup>lt;sup>503</sup> CONFUSÃO no primeiro dia. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>504</sup> COMEÇOU a apuração no Rio. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>505</sup> OS RESULTADOS das eleições em transmissões especiais da Rádio Tupi. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>506</sup> O POVO acompanha a apuração. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>507</sup> VARGAS: 174.000. *O Radical*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>508</sup> RESULTADOS até as 9h. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, p. 1.

14h, depois de confirmar-se a liderança de Getúlio, a segunda edição do *Diário da Noite* já lançaria, em manchete estrondosa, a tese do abandono a Cristiano Machado: "Quase todo o PSD votou em Getúlio", afirmava o jornal de Assis de Chateaubriand.<sup>509</sup> No dia seguinte, o *Diário Carioca* endossaria o diagnóstico que se colaria à biografia do mineiro de Sabará: "Traição geral a Cristiano", desferiu a folha.<sup>510</sup>

Essa era apenas uma das hipóteses que a imprensa carioca teve de levantar para explicar por que o ex-ditador, deposto fazia tão pouco tempo, voltava ao poder pelo voto democrático. Aos poucos deglutida, a derrota desafiava os jornais do Rio de Janeiro a exprimir como a democracia permitira que Getúlio Vargas regressasse de seu exílio, do qual não poderia ter escapado. Teses começaram a irromper. No *Diário Carioca*, José Eduardo de Macedo de Soares encontrara duas explicações para a debacle udenista. Uma delas, segundo ele, era "a enormidade da corrupção posta em prática por Adhemar". A segunda decorria "aritmeticamente da infeliz divisão dos votos democráticos", resultado da ruína do acordo interpartidário de 1948. O artigo não terminaria sem um habitual aceno aos quartéis, prática a que a imprensa passaria a recorrer sempre com mais vigor a partir dali: "Será que os generais do 29 de Outubro estão assaz coriáceos para submeterem-se docilmente a fazer continências ao velho, na formatura militar da sua volta ao Catete?" <sup>511</sup>

O *Correio da Manhã* terminara as eleições com a mesma grandiloquência reverencial e esparramada ao brigadeiro. A edição que foi às ruas no dia 4, quando as rádios já anunciavam a dianteira de Getúlio, trazia um panegírico do processo democrático e a ratificação de um otimismo sempre incontido: "Resta agora abrir as urnas para encontrar dentro delas o que deve ser inevitável: a vitória, a eleição, a consagração do Brigadeiro". Dos jornais da capital, o *Correio da Manhã* parecia ser o único que, ainda na manhã do dia seguinte, considerava, com cálculos e prognósticos, a possibilidade de o brigadeiro ultrapassar numericamente um já distante Getúlio. 513

"Vê-se já agora que o sr. Cristiano Machado não era candidato de ninguém, a não ser do general Dutra e de um pequeno grupo mais chegado ao Catete", rendia-se o *Correio da Manhã* já no quarto dia de apuração, quando começava a reconhecer a derrota ao mesmo

164

<sup>&</sup>lt;sup>509</sup> OUASE todo o PSD votou em Getúlio. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, 2ª ed., p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>510</sup> COMUNICADA a derrota ao Gen. Dutra pela Direção do PSD. Traição Geral a Cristiano. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 06 out. 1950, p. 1.

<sup>511</sup> SOARES, José Eduardo de Macedo. Tempestade de verão. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, p. 1.

<sup>512</sup> RESULTADO auspicioso. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 04 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>513</sup> EXPECTATIVA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950.

tempo em que endossava a tese de traição lançada pelo *Diário da Noite*. <sup>514</sup> O jornal de Paulo Bittencourt também daria a sua contribuição ao manancial de hipóteses para explicar a votação de Getúlio, àquela altura em 725.709 votos, contra 424.967 do brigadeiro. Segundo a manchete daquele dia, 15% do eleitorado comunista teriam votado em Getúlio.

Para Joel Silveira, do *Diário de Notícias*, não havia o que discutir quanto ao veredito, qualquer fosse ele. O raciocínio de todo o artigo, publicado no dia 5, era uma reverência ao pleito democrático – e confessadamente um chavão. "Mas é que os chavões também têm a sua hora", explicou-se. "Repitamos, pois, um deles, aquele que diz que 'o povo tem o governo que merece'", sentenciou Silveira. Em "Considerações sobre uma derrota", a coluna política do mesmo *Diário de Notícias* repisaria no dia seguinte a tese, então dada como fato nos círculos políticos, da traição do PSD a Cristiano Machado. 516

*O Radical* preferiu dar as notícias do carnaval fora de época com que os queremistas animaram a Avenida Rio Branco, em frente à redação do jornal. Como lhe era peculiar, o pequeno matutino não deixaria de alfinetar os grandes da imprensa carioca, derrotados depois de gastarem toneladas de papel e tinta para desancar a candidatura de Getúlio. "Se os nossos leitores encontrarem Chatô e Macedo Soares, deem lembranças", tripudiou o jornal. Mais tarde, dispararia contra os já audíveis rumores de desmanche do pleito: "Os udenistas, um dia perderão a mania. A convulsoterapia eleitoral os curará do vício antipopular..." <sup>518</sup>

Um após o outro, os jornais cariocas ficaram a conjecturar sobre as razões dos resultados que, à medida que os votos eram contados no Hotel dos Estrangeiros, reabriam as portas do Palácio do Catete a Getúlio Vargas. O mais novo deles, a *Tribuna da Imprensa*, não perderia muito tempo remoendo os fatos e conjunturas que haviam impingido uma segunda derrota eleitoral ao brigadeiro Eduardo Gomes. Sem demora, Carlos Lacerda levou uma pergunta – e ao mesmo tempo um chamado – ao título do primeiro artigo publicado depois de as urnas sugerirem a vitória de Getúlio: "E agora?". <sup>519</sup>

Lacerda lançaria ao ar a primeira centelha de golpe. Era um traço de estilo. Mais do qualquer outra folha da época, a *Tribuna da Imprensa* quis sacodir com suas páginas a vida

<sup>&</sup>lt;sup>514</sup> REARTICULOU-SE a frente de 1945 num cavalo de Tróia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 out. 1950.

<sup>&</sup>lt;sup>515</sup> SILVEIRA, Joel. Fé e chavão. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>516</sup> CONSIDERAÇÕES sobre uma derrota. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 06 out. 1950, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>517</sup> CERTOS mosaicos... O Radical, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>518</sup> PELA ordem. *O Radical*, Rio de Janeiro, 13 out. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>519</sup> LACERDA, Carlos. E agora? *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, p. 4.

política nacional. A ela, não bastava o papel de mera escriba da história. Se os demais jornais igualmente se arvoraram atores do teatro político – e de fato eram, há muito, na medida em que os atributos de imparcialidade ainda não faziam parte dos manuais de jornalismo –, a *Tribuna da Imprensa* levou essa compreensão ao paroxismo. As primeiras eleições presidenciais cobertas pelo jornal revelariam um modo particular de imiscuir-se no processo democrático e, também, de lidar com os assuntos partidários.

Apesar da raiz udenista, a *Tribuna da Imprensa* quis-se diferente dos demais bastiões antigetulistas do Rio de Janeiro. Ficou distante da exaltação acrítica do *Correio da Manhã* (aliás, fora mesmo contrária à indicação do brigadeiro para concorrer novamente à presidência da República<sup>520</sup>). O jornal de Carlos Lacerda também não tinha sombra da maleabilidade dos Diários Associados, capazes de oferecer a Getúlio Vargas afagos e bordoadas a um só tempo. Era um tanto menos cortês do que o *Diário de Notícias*, que reconheceria formalmente a derrota depois de bater-se toda a campanha por evitá-la.<sup>521</sup>

O próprio *Correio da Manhã*, aliás, se curvaria à legitimidade do pleito, mesmo um tanto desgostoso e sempre reclamando a vigilância das Forças Armadas. "Embora demagógica a sua campanha pela conquista dos votos, porque prometeu ao povo milagres que jamais pensou em cumprir, a sua eleição foi livre. (...) É um poder essencialmente democrático, porque consentido pela maioria relativa da nação", reconheceria editorial do dia 11 de outubro.

Carlos Lacerda, entretanto, não se confundia com nenhum deles. Em seu germinal artigo "E agora?", de fato ele faria, como os demais jornais, uma retrospectiva dos erros, espécie de autópsia da derrota. Ele acusou os que se "entregaram a uma euforia perfeitamente idiota" pró-brigadeiro e os que confiaram na máquina governamental como garantia de vitória. Censurou os que defenderam a legitimidade da candidatura Getúlio Vargas com base nos códigos legais. Lamentou o descaso que levou ao fracasso da emenda Caiado de Godói, que previa a soma dos votos de candidatos coligados (nem Eduardo Gomes nem Cristiano Machado haviam se movido para apoiá-la). A partir daí, a *Tribuna da Imprensa* capitanearia os movimentos de reação.

Depois de explanar os erros acerca dos quais jurou ter alertado, Carlos Lacerda argumentava que tinha de finalmente ser ouvido. E o recado não admitia interpretação dúbia:

\_

<sup>&</sup>lt;sup>520</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*, Op. cit., p. 99.

<sup>&</sup>lt;sup>521</sup> A DECISÃO das urnas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 out. 1950, p. 4.

ele compararia as eleições de 1950 àquelas nas quais Hitler, Mussolini e Perón haviam chegado ao poder, também pelo voto democrático. A coligação totalitária de Getúlio estaria se acercando do poder pela mesma via do sufrágio, dirá Lacerda. Ele clamava por reação aos líderes que, por inépcia ou erro de cálculo, haviam conduzido o país àquela situação: "Não podem, agora, escudados numa afirmativa hipócrita de respeito às urnas, furtar-se ao dever de reagir. Quiseram fazer uma experiência à nossa custa. Quiseram furtar-se ao dever de se unirem para preservar a Constituição. Agora, em nome da Constituição, defendam-na!<sup>522</sup>

Carlos Lacerda despia-se de pudores de método. Antes, as possibilidades de veto a Getúlio haviam frequentado a imprensa permeadas por uma contradição incômoda: como cassar um direito político legítimo sem conspurcar a democracia? Murilo Marroquim, em *O Jornal*, encucara-se bem antes com esse dilema: "Como pretender que o regime se defenda, sem ele próprio destruir-se nessa defesa? Como proibir, em resumo, que Vargas se candidate, se emposse e governe, sem romper a Constituição de 46, com a instalação de um governo provisório cujos resultados não poderiam ser claramente vislumbrados?". <sup>523</sup>

O projeto Caiado de Godói e o pedido de impugnação do registro da candidatura Getúlio Vargas foram as manobras mais próximas de tentar responder essa equação. O primeiro morrera engavetado no Congresso; o segundo não encontrara amparo em qualquer texto legal. Carlos Lacerda, contudo, parecia dar pouco crédito a filigranas constitucionais, aos pruridos legalistas do que chamou de "afirmativa hipócrita de respeito às urnas".

A despeito da contrariedade com formalismos jurídicos, Lacerda usaria de um deles para julgar que as eleições eram plenamente anuláveis. "Violado o Código Eleitoral", tentaria o repórter quatro dias depois das eleições. Ele ensaiava uma primeira tese de anulação das urnas ao afirmar que as juntas eleitorais funcionaram sem a observância legal de contar com três juízes de direito. "Já estará o país tão acovardado que ninguém mais pensará em defender a Lei contra os abusos daqueles encarregados de fazê-la respeitada?", pergunta o jornalista. 524

Fracassado o primeiro tiro, Carlos Lacerda tomaria depois um discurso de Abraham Lincoln para sugerir que o país – segundo ele inapelavelmente rachado ao meio – não poderia ser "metade escravo e metade livre". Ele vaticinaria uma constatação que, com alguma frequência, seria revisitada para explicar derrotas eleitorais no país. "Está declarada no Brasil

-

<sup>&</sup>lt;sup>522</sup> LACERDA, Carlos. E agora? *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 05 out. 1950, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>523</sup> MARROQUIM, Murilo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 02 jun. 1950, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>524</sup> LACERDA, Carlos. Violado o Código Eleitoral. *Tribuna da Imprensa*, 07 out. 1950, p. 4.

uma guerra de classes", sentenciou em dado momento. "Uma parte considerável do povo brasileiro, digamos mesmo a maioria, resolveu que o país deve – seria mais prudente dizer que essa parte decidiu que ele pode eventualmente – voltar à ditadura. Não lhe interessa a liberdade senão para aclamar o responsável pela escravidão", espingardeou Lacerda.

Estava delineada a causa filosófica pela qual o dono da *Tribuna da Imprensa* entendia que pormenores normativos não poderiam se sobrepor a supostas razões de Estado. Para Carlos Lacerda, a metade do eleitorado que optara pela "escravidão" não tinha o direito de condenar a que escolhera a "liberdade". "A casa, portanto, está dividida", afirmaria. "Não é uma separação ocasional do jogo político, mas uma divisão fundamental, que atinge a própria concepção da sociedade e do Estado, para não dizer a concepção da vida". Lacerda retornaria, em livre hermenêutica, ao argumento de Lincoln — o país teria de decidir, sem subterfúgios, entre dois destinos postos no horizonte. "Ou se escraviza — e o sr. Getúlio Vargas se apossa do Brasil por tempo realmente indeterminado (...) — ou defende a sua liberdade contendo o sr. Getúlio Vargas nos seus impulsos de chegar ao Poder para, em nome da Constituição, mais comodamente trai-la". <sup>525</sup>

Essa convocação daria algum resultado. Veio à baila, dias depois, a tese da "maioria relativa", sustentada pelo udenista Aliomar Baleeiro na Câmara e incensada pelos jornais. <sup>526</sup> A manobra partia do princípio de que, apesar de a Constituição de 1946 não exigir a maioria absoluta para a eleição do presidente da República, o sistema democrático obrigava a fazê-lo. Marcelo Pimentel, no *Diário da Noite*, explicaria o raciocínio engendrado pelas oposições derrotadas: "Ora, para que haja governo do povo, desde que esteja igualmente implícito que no sistema democrático a maioria é que governa, há de se compreender, que para que tal ocorra, necessário se torna que haja uma maioria, sem o que não haveria um governo nitidamente do povo, e sim o governo de um minoria sobre a maioria". <sup>527</sup>

O argumento, como o repórter teria de frisar, não encontrava qualquer amparo no texto constitucional. A UDN e o PSD, além de fracassarem na costura do candidato único, não deram ao projeto Caiado de Godói (ressurreto nas conversas políticas) a atenção devida,

<sup>525</sup> 

<sup>&</sup>lt;sup>525</sup> LACERDA, Carlos. Sem liberdade não há união. *Tribuna da Imprensa*, 09 out. 1950, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>526</sup> NETO, Lira. Op. cit., p. 199.

<sup>&</sup>lt;sup>527</sup> LACERDA, Carlos. Sem liberdade não há união. *Tribuna da Imprensa*, 09 out. 1950, p. 4

porque, segundo o jornalista, temerosos de enfraqueceram seus próprios candidatos. "A realidade agora os atordoa e andam cantando soluções retardadas", observaria o repórter. <sup>528</sup>

O caso, de fato, teria repercussão de curto fôlego. O brigadeiro Eduardo Gomes – que começava a nublar-se enquanto ensaiavam-se os primeiros acordes oratórios da famosa "Banda de Música", o grupo udenista que faria oposição inflamada ao governo no Congresso<sup>529</sup> –, depois de reconhecer a derrota, poria ainda mais uma pá de cal sobre os rumores de golpe. Em meio ao zum-zum-zum sobre a anulação do pleito e a hipótese de eleição de indireta do próximo presidente, o símbolo das oposições antigetulistas defenderá o respeito aos resultados das urnas e argumentará que, por *fair play*, deveria ser reconhecida a vitória de Getúlio.<sup>530</sup>

## 3.6 Fazenda São Pedro, Uruguaiana: o último manifesto

"Como vão as coisas por aí?", indaga João Goulart, pelo microfone da estação de rádio amadora instalada em uma fazenda de Uruguaiana, na fronteira gaúcha entre a Argentina e o Uruguai. Getúlio Vargas, a seu lado, era o mentor da pergunta, recebida a quilômetros dali pelo aparelho receptor sintonizado em um prédio do bairro carioca do Flamengo. O filho, Lutero Vargas, o governador eleitor Ernani do Amaral Peixoto e Georges Galvão, diretor de *O Radical*, entre jornalistas e outros ouvintes acomodados no apartamento vizinho ao de dona Darcy Vargas, queriam também saber notícias do presidente quase eleito. <sup>531</sup>

João Goulart acompanhava Getúlio Vargas na moderna e confortável estância da fazenda São Pedro, terras de Batista Luzardo que então serviam de refúgio ao candidato, àquela altura com 867.306 votos contados, exatos 442.206 a mais do que conseguira até ali o brigadeiro Eduardo Gomes. A sugestão de estadia viera de Gregório Fortunato, depois de percorrer dezenas de fazendas no estado e chegar à conclusão de que aquela reunia as melhores condições de conforto e segurança para o chefe. A fazenda de Itu tinha estrutura ainda muito precária e a de Santos Reis fora descartada por uma razão mais subjetiva. O

169

<sup>&</sup>lt;sup>528</sup> PIMENTEL, Marcelo. Nulidade do pleito. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 30 out. 1950, p. 6.

<sup>&</sup>lt;sup>529</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Op. cit., p. 84.

<sup>&</sup>lt;sup>530</sup> SIROTSKY, Nahum. O brigadeiro é pelo reconhecimento da vitória de Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 19 out. 1950, p. 4.

<sup>&</sup>lt;sup>531</sup> LUTERO fala com Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 07 out. 1950, p. 1, 2.

irmão Protásio Vargas, dono das terras e filiado ao PSD, decidira apoiar Cristiano Machado naquelas eleições. <sup>532</sup>

Samuel Wainer chegara no dia 6 de outubro à estância, para encontrar um Getúlio "mais preocupado do que alegre" ao passo que a contagem dos votos levava-o de volta ao poder. "A cada nova vitória que o rádio anuncia para o candidato trabalhista, o seu rosto permanece impassível, e de sua boca não sai qualquer comentário, de seus lábios não parte nenhum prognóstico", descreve-o Wainer. O desenho desse personagem grave e zeloso, sem fumos de exultação ou arrogância, era possivelmente também parte um estratagema para desarmar os focos de golpismo já aceso na capital da República. Wainer aterrissara em Uruguaiana em posse das cartas em que Alzira Vargas e João Neves da Fontoura alertavam sobre possíveis manobras de impedimento da posse. 533

Sobre a mesa do ainda senador, se acumulavam telegramas de repórteres americanos à procura de entrevistas ou simples declarações. As imprensas argentina, uruguaia e chilena também queriam ouvir qualquer coisa do futuro presidente. Getúlio, alheio às investidas, aproveitava os dias na fazenda com longas cavalgadas na companhia de Luzardo. Ele permanecia impassível em meio à movimentação de repórteres e fotógrafos que já haviam desfeito o bucolismo da estância. Arredio, parecia recorrer à velha lição do umbuzeiro, aquela traduzida pelo repórter da *Revista do Globo* que fora às bancas em agosto: "... enquanto alguém não garante a situação, não deve descer da árvore". Getúlio limitou-se a duas frases para os jornais, entre outras curtas observações: "Minha dívida para com este povo é muito grande e os compromissos que com ele assumi nesta campanha são imensos. Confio em Deus que não me faltarão forças para não desapontar tantos milhões de brasileiros que estão me dando a maior prova de confiança que um homem poderia desejar receber de seu povo". 535

Samuel Wainer amparava o pensamento de Getúlio ao mesmo tempo em que o patrão Assis Chateaubriand mandava, por meio de um artigo, recado direto ao presidente eleito. "Velho e incorrigível totalitário", começa Chatô. "Ganhastes, nas urnas que fechastes. Tal a nossa vitória, tal o trunfo do regime que escorraçastes e que restauramos, nos idos de 45, à sombra da vitória que as nações policiadas pelas instituições livres conquistaram sobre os

<sup>-</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>532</sup> NETO, Lira. Op. cit., p. 197.

<sup>533</sup> WAINER, Samuel. Minha... Op. cit., p. 15.

<sup>&</sup>lt;sup>534</sup> O DECURIÃO escapa de uma surra. *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, ago. 1950, p. 11.

<sup>&</sup>lt;sup>535</sup> WAINER, Samuel. Chega do Sul a mensagem silenciosa de Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 09 out. 1950, p. 1, 10.

totalitários, refratários à lei da democracia representativa". Era um dos últimos disparos contra Getúlio antes de, menos de três meses depois, os dois se encontrarem no Rio de Janeiro, entre saudações amistosas e tapinhas no bumbum. "Getúlio era tudo que Chateaubriand abominava, Chateaubriand não merecia a menor confiança de Getúlio. Mas pareciam velhos amigos", lembraria anos depois Samuel Wainer. 537

O repórter, também em suas memórias, conta que logo após ter chegado à fazenda São Pedro, foi até Getúlio para extrair dele declarações mais contundentes sobre o futuro governo. O senador concordou, mas se absteve de responder a um questionário. Getúlio deu a Samuel Wainer, segundo conta este último, a liberdade de escrever todo o conteúdo da entrevista. "Bem, tu conheces meu o pensamento", teria justificado Getúlio. "Redija a entrevista, com pergunta, e resposta, e logo mais, após o jantar, vamos revê-la em conjunto". <sup>538</sup>

Às dez da noite, de pijama, Getúlio, ao lado de Batista Luzardo e João Goulart no quarto de dormir, ouviu Samuel Wainer ler as 12 laudas do texto. "Profeta, gostei muito da entrevista. E gostei por duas razões. A primeira, porque tu incluíste nela tudo o que eu disse. A segunda, porque incluíste nela tudo o que eu não disse", resumiu Getúlio, ao fim da leitura. Em suas memórias, Wainer revelaria comoção por ouvir, pela primeira vez, Getúlio chamá-lo pelo apelido que dali por diante ele e seus íntimos usariam. Apelidado de Profeta, uma possível menção ao seu homônimo bíblico, Samuel Wainer narraria o episódio também com linhas de uma autoimagem abonadora. "Mas, ao criar esse apelido, ele certamente pensava no fato de que eu fora o primeiro repórter brasileiro a prever e anunciar o seu retorno". 539

A entrevista de São Pedro tomaria toda a capa da edição de 13 de outubro do *Diário da Noite*. Nela, uma fotografia menor do perfil de Samuel Wainer encimava outra, maior, de Getúlio, com o conhecido sorriso aberto. Algo como ¾ da página eram preenchidos por duas palavras enormemente grafadas: "MEU PROGRAMA". Naquele momento, Getúlio já falava como candidato: ele ultrapassara a marca de dois milhões e meio de votos, abrindo mais de um milhão de diferença em relação a Eduardo Gomes. <sup>541</sup>

\_

<sup>&</sup>lt;sup>536</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. *O pensamento...* (Vol. 27). Op. cit., p. 859.

<sup>537</sup> WAINER, Samuel. Minha... Op. cit., p. 119.

<sup>&</sup>lt;sup>538</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>&</sup>lt;sup>539</sup> Ibidem, p. 16, 17.

<sup>&</sup>lt;sup>540</sup> Idem. Meu programa. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>541</sup> A APURAÇÃO nos estados até as primeiras horas da manhã. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 out. 1950, p. 6.

Eram dez pontos elencados. Falava-se da representação das forças políticas do país na composição do novo governo, da orientação e papel do PTB, da defesa nacional e das indústrias de base, da posição diante das classes armadas, das relações internacionais, da entrada de capitais estrangeiros, da harmonia entre capital e trabalho inspirada no trabalhismo inglês. Um dos tópicos era pressagiador: "A Nação deve preparar-se para grandes sacrifícios" (eram sacrifícios em razão da crise econômica, a reportagem explicaria). Outro, ao mesmo tempo, era uma posição inarredável e uma mesura ao presidente Dutra: "Respeito à Constituição, predominância democrática e elogio ao governo pela lisura e honestidade do pleito". O primeiro dos dez tópicos, no entanto, reunia os demais em um único compromisso maior e urgente: "Governarei acima das competições e desentendimentos políticos". 542

"Caso as urnas confirmem até o fim os resultados já apurados, chegarei ao poder com o coração limpo de ódios e ressentimentos, com a minha vontade liberta de qualquer desejo de vingança ou represália", diz Getúlio (ou Wainer, em seu nome) na entrevista que chegava ao Rio com a função de esvaziar os ânimos mais exaltados e dar as linhas principais do próximo governo. 543 "Farei um governo de orientação trabalhista, a exemplo, aliás, do que hoje ocorre em alguns dos países mais adiantados e civilizados do mundo", salienta. "Refiro-me especialmente à Inglaterra e aos países escandinavos, à Suécia, à Noruega, Dinamarca, que são consideradas nações de organização modelar". 544

Getúlio reafirmaria ainda uma última vez a confiança no respeito das classes armadas à imposição das urnas. De certo modo, ela antecipava-se à entrevista em que Canrobert Pereira da Costa vaticinaria definitivamente a guarda das instituições em defesa de um pleito em que, segundo o ministro, "imperou tão sadiamente a liberdade e o espirito democrático". 545 Getúlio, apoiado no chefe do Exército, descria em rumores de golpe. "Ninguém tem o direito de falar em nome do Exército Nacional senão os seus próprios dirigentes", assevera. "E neste sentido, não só o atual Ministro da Guerra, o ilustre General Canrobert Pereira da Costa, como todos os oficiais superiores submetidos neste momento ao seu comando, poderão prestar depoimentos autorizados". 546

A entrevista de São Pedro era como o ponto de chegada de outra, publicada com estrondo há coisa de um ano e sete meses. Tratavam-se dos mesmos personagens: Getúlio

<sup>&</sup>lt;sup>542</sup> WAINER, Samuel. Meu programa. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 13 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>543</sup> Ibidem, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>544</sup> WAINER, Samuel. Meu programa. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 13 out. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>545</sup> CANROBERT e a posse de Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 20 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>546</sup> WAINER, Samuel. Meu programa. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 out. 1950, p. 2.

Dornelles Vargas, o ex-presidente deposto que cautelosamente caminhava, sob a saraivada irrefreável de adjetivos corrosivos da imprensa carioca, de volta ao Palácio do Catete. Samuel Wainer, o repórter que fizera o ex-ditador reaparecer, pelas páginas dos Diários Associados, no teatro da sucessão presidencial. Os roteiros das duas entrevistas – polos extremos do início e fim de uma campanha que havia, segundo Wainer, "consagrado o maior líder popular que o Brasil já possuiu"<sup>547</sup> – eram diferentes pelas circunstâncias que as separavam: em São Borja, Getúlio era só um observador atento do pleito que se aproximava; em Santos Reis, falava como presidente eleito. Eram semelhantes, contudo, no desenho esboçado de Getúlio.

As duas entrevistas sugeriam um mesmo homem que se queria desapaixonado e isento de ódios ou ímpetos de desforra. Revelavam o mesmo trabalhista preocupado em defender a conciliação dos valores do capital e do trabalho, apoiado na ideia de colaboração de classes. Ecoaram, sobretudo, o mesmo intransigente defensor da democracia e da ideia de soberania dos povos. Getúlio Vargas reavivaria, em São Pedro, as marcas com que pretendia selar o seu retorno ao poder.

"O Brasil acaba de oferecer ao mundo, nesta eleição, um exemplo de democracia e de ordem sem igual na história do nosso Hemisfério", afirma o presidente eleito. Getúlio impunha a si mesmo um compromisso de fazer tudo para "que esse exemplo frutifique, porque só dentro de um regime baseado no apoio livre e consciente do povo e moldado pela Constituição a que todos devem estar empenhados em cumprir, poderá o Brasil ter assegurado a sua posição de relevo como nação soberana e progressista". Do mesmo modo, exigia que fossem assegurados os atos legais de respeito à decisão das urnas, corroborando, aliás, o pensamento já exposto na entrevista de Santos Reis, quando certo temor já fizera brotar hipóteses de soluções antidemocráticas.

Tenho hoje todos os motivos para crer que o governo cumprirá sua palavra empenhada no sentido de assegurar a predominância democrática do Brasil através [de] uma transferência normal dos poderes públicos para aqueles que acabam de sair consagrados pela confiança do povo neste embate eleitoral, que marca para o nosso país o início de uma nova era.<sup>548</sup>

O programa – ao mesmo tempo um compromisso com a manutenção do regime – aportava no Rio de Janeiro quase ao mesmo tempo em que a UDN já costurava um manifesto,

173

<sup>&</sup>lt;sup>547</sup> WAINER, Samuel. Chega do Sul a mensagem silenciosa de Vargas. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 09 out. 1950, p. 1, 10

<sup>&</sup>lt;sup>548</sup> Idem. Meu programa. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 out. 1950, p. 4.

escrito por Prado Kelly e Afonso Arinos, no qual afastava a possibilidade de cooperação com o novo governo e afirmava, sem mais rodeios, a tendência ideológica que a campanha tentara desmentir: "(...) a UDN não concorda com as diretrizes programáticas do trabalhismo e pretende ficar na vigilância, defendendo soluções que julga mais justas e adequadas aos problemas nacionais", antecipava as linhas do documento o *Diário da Noite*. A UDN – que cogitava expulsar os membros que atendessem ao chamado da ampla coalização imaginado por Getúlio – buscava identificar-se, definitivamente, com "o liberalismo conservador, isto é, será um partido de centro com soluções liberal-democráticas, ficará equidistante das esquerdas e das direitas, tendendo, porém, para o conservantismo". 549

A delimitação ideológica era, ao mesmo tempo, uma recusa à tese da "união nacional", descartada com o retorno do ex-ditador. A beligerância não cessara. Enquanto o próprio Afonso Arinos afirmava à *Tribuna da Imprensa* que "o sr. Getúlio Vargas fatalmente dará um golpe de Estado, como é do seu agrado, sob a égide de uma ditadura"<sup>550</sup>, setores do seu partido preparavam manifestações em homenagem aos cinco anos do 29 de outubro de 1945, a data mais festejada pelos grupos liberais. <sup>551</sup> "A canalha udenista que experimente!", bradava *O Radical*, antecipando-se aos possíveis clamores pelo impedimento da posse que pudessem vir das comemorações da UDN. <sup>552</sup>

O aceno à concórdia estrategicamente dado por Getúlio Vargas fracassou em arrefecer os ânimos políticos. Os esforços retóricos do ex-presidente, escorados pela pena amistosa de Samuel Wainer – o mesmo repórter que, por sugestão do próprio Getúlio, fundaria em 1951 a sua *Última Hora*, um dos reformadores da imprensa carioca e bastião do pensamento getulista<sup>553</sup> –, conseguiram frustrar as ameaças mais imediatas ao pleito, mas não desarticularam a escalada oposicionista que se seguiria às eleições. A campanha de 1950 só esboçara a intensa refrega – incensada por uma imprensa incendiária e indócil – em meio a qual o ex-presidente tornaria a ocupar do Palácio do Catete.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>549</sup> SERÁ expulso quem aderir a Getúlio. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 26 out. 1950, p. 1, 4.

<sup>&</sup>lt;sup>550</sup> OPINARÁ a UDN, amanhã, sobre a nulidade das apurações. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 10 out. 1950, p. 10.

O 29 de Outubro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>552</sup> A CANALHA udenista que experimente! *O Radical*, Rio de Janeiro, 27 out. 1950, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>553</sup> WAINER, Samuel. *Minha*... Op. cit., 126.

# **EPÍLOGO**

Os últimos dias de janeiro de 1951 eram cercados pela expectativa de duas celebrações no Rio de Janeiro. No Teatro João Caetano, no centro da cidade, a cantora Marlene passaria o cetro de "Rainha do Rádio" à Dalva de Oliveira, que superara outras sete concorrentes ao disputado trono.<sup>554</sup> No dia seguinte, 31 de janeiro, Getúlio Dornelles Vargas subiria novamente as escadarias do Palácio do Catete para tomar posse como presidente da República, depois de conquistar 3.849.040 – ou 48,7% – de votos nas eleições de 1950.<sup>555</sup>

As eleições de 1950 revelaram um Getúlio que, com astúcia política, habilmente escrevera o seu nome no pleito. O cálculo pedia notória maestria: afinal, era preciso sair do silêncio sem fazer barulho. Getúlio Vargas amargava o ocaso de quinze anos de poder, afastado do centro político do país e tratado como um estorvo a que uma democracia tinha o dever de manter quieto.

A imprensa carioca, estridente nos meses que antecederam a queda do ex-ditador, achegava-se confortavelmente ao presidente Eurico Dutra e, ao mesmo tempo, maldizia o Estado Novo, como um alerta. Sem o poder da máquina governamental, com a repelência dos grandes jornais e sustentado por um partido de bases ainda precárias, Getúlio encontrou na terça-feira de Carnaval de 1949 uma primeira porta de reentrada na vida pública do país.

O caso Samuel Wainer revelou a habilidade política de Getúlio: o ex-presidente, acossado por uma imprensa infensa a seu nome, soube usar, com destreza, as páginas do maior grupo de comunicação do país em seu favor. O tino comercial e político de Assis Chateaubriand – que via seus jornais se esgotarem com o sorriso de Getúlio na primeira página e não queria indispor-se com quem começava a marchar de volta ao Catete – ofereceu ao ex-presidente o que lhe era negado nas demais paragens da imprensa carioca.

Os Diários Associados, comandados pela pena cáustica de Chatô, deram o espaço e a publicidade necessários para que o então senador pudesse paulatinamente se esgueirar na sucessão. Cauteloso e sem rompantes de candidato, Getúlio chegou às bancas do Rio de Janeiro com acenos à concórdia e à conciliação. Lido nos jornais, o seu nome provocou dois

<sup>&</sup>lt;sup>554</sup> DALVA será coroada hoje. *A Noite*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1950, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>555</sup> BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Dados estatísticos: eleições federais e estaduais, realizadas no Brasil em 1950, vol. 2, 1952. Disponível em:

http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/13043/dados estatisticos vol2.pdf?sequence=3.

sentimentos díspares: temor nos gabinetes políticos da oposição que há pouco o derrubara, e furor nas ruas que reeditavam o queremismo nunca de todo adormecido.

Foram duas vozes e duas frentes de combate que permitiram a Getúlio Vargas escrever seu nome nas cédulas das eleições presidenciais de 1950. A primeira, feita de sinais ambíguos, foi transmitida a Samuel Wainer nas páginas dos Diários Associados. Era uma voz com um quê de desinteresse, como desse às classes conservadoras a ideia de que ele, Getúlio, não tinha rancores, não tramava secretamente comandar a irrupção de um movimento de ruptura da ordem, nem pretendia qualquer desforra. Entretanto, embora se arvorasse um mero observador da situação política, Getúlio sabia que era ele o protagonista inconteste do pleito de 1950.

A segunda voz, quem a deu foi o queremismo revigorado pelo retorno do "velhinho", como o chamou Haroldo Lobo na marchinha que animou concentrações queremistas durante a campanha. Começou com a "churrascada de São Borja", no aniversário de 67 anos comemorado na Granja do amigo João Goulart, para irromper pouco mais de um ano depois, em um périplo que fez terremotos por cidades de todo o país.

Outras vozes tentavam sobressair umas às outras na imprensa carioca. O queremista *O Radical* deu guarida, como Wainer, ao pensamento de Getúlio. Além disso, o pequeno jornal exerceu com vigor a verve militante e reafirmou os manifestos em defesa da soberania e da democracia social, como já fizera em 1945, quando o presidente cambaleava no Catete. Do flanco oposto, a artilharia contra Getúlio, disparada das redações dos principais jornais da capital da República, revelou a mesma disposição bélica dos dias que antecederam a queda do então ditador, cinco anos antes.

O pleito de 1950 revisitava, em fatos e estilo, os dias em que um movimento civilmilitar derrubara o Estado Novo e convocara eleições pela primeira vez desde 1930. Os personagens eram, em tese, os mesmos: o brigadeiro Eduardo Gomes, efígie das oposições responsáveis por intimarem o ditador a deixar o Catete; e Getúlio Vargas, o presidente deposto que, mesmo sem sair de São Borja, provocava tremores na sucessão.

Os perfis eram reescritos nos jornais. Para a imprensa pró-brigadeiro, Eduardo Gomes era o símbolo das liberdades públicas – sufocadas pelo Estado Novo e reconquistadas em 29 de outubro de 1945 – e a garantia das instituições democráticas; Getúlio era o demagogo que assombrava a democracia, reaproximando-se do poder com seu incontrolável pendor

totalitário. Pelas tintas queremistas, o brigadeiro era uma representação da grã-finagem e do elitismo udenistas, refratários ao trabalhador simples e às suas reivindicações; Getúlio, ao contrário, inspirava a força do trabalhismo como modelo de condução econômica e justiça social, garantia da manutenção e aprofundamento das leis que modificaram a vida dos trabalhadores enquanto ocupara a cadeira de presidente da República. O pessedista Cristiano Machado entrara no roteiro como mero coadjuvante que, involuntariamente, terminaria célebre quando as hipóteses de traição do PSD começam a ganhar espaço na imprensa.

Em 1950, os personagens principais (Getúlio e Brigadeiro) e os perfis traçados (o democrata x o ditador; o elitista x o trabalhista) eram, portanto, retomados na mesma imprensa que os engendrara em 1945. Se existem semelhanças, há também rupturas. Uma delas decorreu das diferentes posições que Getúlio ocupava na vida política nacional. Se, em 1945, o presidente comandava o país sob a batuta de uma Constituição autoritária outorgada em 1937, agora Getúlio vinha de longo e acalmado "exílio" na São Borja dos tempos de menino, afastado mesmo do Senado para o qual se elegera. Antes, tratava-se de expurgar o ditador, acusando-lhe de tentar manobras continuístas para não deixar o poder. Em 1950, o caso era um tanto mais delicado: as oposições antigetulistas tinham de encontrar razões suficientes para impedir o então senador de, na plenitude dos seus direitos políticos, pleitear a presidência da República.

Essa incômoda conjuntura deu aos queremistas pesada munição para atacar as maquinações dos "democratas" – como gostavam de grafar – que, diante da caminhada de Getúlio no retorno ao Catete, esmeravam-se por frustrar a soberania popular livremente expressa nas urnas. Se decantavam tanto a democracia – dirão os queremistas –, como justificariam o impedimento, sem qualquer amparo legal, da eleição e posse de Getúlio Vargas? Tentativas haveria. Todas, insustentáveis nos termos da Constituição de 1946, terminariam fracassadas.

Uma segunda ruptura ocorreu no quadro de uma nova imprensa que começava a se delinear. A década de 1950 marca o começo do ocaso das principais folhas cariocas que haviam escrito, em suas páginas, a história política do país na primeira metade do século. O *Diário de Notícias* e os jornais de Assis Chateaubriand, dois dos mais vendidos e influentes da Capital, iriam ao longo dos anos perdendo leitores à medida que a imprensa se reinventava – cada vez mais próxima ao modelo americano de jornalismo objetivo e, em tese, imparcial – e novos títulos invadiam as bancas. O *Diário Carioca*, um dos principais reformadores de

estilo, também experimentaria um decréscimo gradual das vendas no fim da década, a exemplo do cinquentenário *Correio da Manhã*. O único jornal queremista do Rio de Janeiro, aliás, não resistiu à debacle econômica. Afundado em dívidas, *O Radical* desligou as máquinas em 1954. 557

Dois títulos, contudo, avultavam ao mesmo tempo em que permaneciam atados à verve política (sem deixarem de ser, cada um a seu modo, reformadores da imprensa de seu tempo). Eram precisamente a *Última Hora*, de Samuel Wainer, e a *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda. O primeiro, rodado em 12 de junho de 1951, vinha na esteira da relação de cumplicidade que começara a se estabelecer no fim da tarde de 1º de março de 1949, quando o então repórter dos Diários Associados desceu a São Borja para trazer as palavras do expresidente aos jornais. <sup>558</sup> Carlos Lacerda, por sua vez, começara a disparar petardos diários contra a candidatura Getúlio tão logo a *Tribuna da Imprensa* foi rodada, ainda no fim de 1949.

Ensaiavam – Samuel Wainer e Carlos Lacerda – o intenso e irascível combate que travariam durante o segundo governo Vargas. Wainer seria então o único sustento ao getulismo na imprensa, sobretudo quando, em 1954, o cerco se fecha contra o presidente eleito. Carlos Lacerda, que em 1950 se batera vivamente para provar a ilegitimidade da vitória eleitoral de Getúlio, seria o líder do pelotão responsável por insuflar a famigerada crise de agosto de 1954. O mais incontido dos críticos ao retorno de Getúlio ao Catete seria um dos protagonistas, aliás, da saída definitiva do ex-presidente: o episódio da Rua Toneleiro, quando Lacerda sofre atentado que seria atribuído à guarda pessoal de Getúlio, culminaria no recrudescimento da oposição e no suicídio do presidente, premido por um golpe militar.

A jornada vitoriosa da campanha de 1950, celebrada no Palácio do Catete naquela noite de 31 de janeiro de 1951, era, sob certo ângulo, a mediatriz de dois marcos políticos impressos nas páginas da imprensa. Getúlio começara o trajeto na pacata e silenciosa estância Santos Reis, em São Borja, à sombra dos cinamomos centenários que testemunhariam a chegada de Samuel Wainer para a lendária entrevista – ao mesmo tempo um primeiro desenho da campanha e um esboço da afinidade política expressa mais tarde na *Última Hora*. O roteiro terminaria na manhã de 24 de agosto de 1954, sob a infantaria impressa que Carlos Lacerda

\_

<sup>556</sup> BARBOSA, Marialva. Op. cit., p. 155.

<sup>557</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. O Radical. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Op. cit.

lideraria nas páginas da sua *Tribuna da Imprensa*, depois de já ter delineado os seus métodos políticos e retóricos no pleito de 1950.

### **BIBLIOGRAFIA**

### Correspondências

Arquivo Getúlio Vargas do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV). Disponível em: <a href="http://www.cpdoc.fgv.br/">http://www.cpdoc.fgv.br/</a>.

#### Periódicos

A Noite (Rio de Janeiro, 1951). Acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Anuário Brasileiro de Imprensa (Rio de Janeiro, 1952). Acervo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Correio da Manhã (Rio de Janeiro, 1901, 1948, 1950). Acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Diário Carioca (Rio de Janeiro, 1950). Acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Diário da Noite (Rio de Janeiro, 1949, 1950). Acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Diário de Notícias (Rio de Janeiro, 1950). Acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Revista do Globo (Rio de Janeiro, 1950). Acervo do autor.

O Jornal (Rio de Janeiro, 1949, 1950). Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

O Radical (Rio de Janeiro, 1950). Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

*Time* (Nova York, 1949). Acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV).

#### Acervo audiovisual

*E ele voltou*... Documentário disponível no acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV).

#### Textos e documentos legais

BRASIL. Câmara dos Deputados. PL 582/1950. Admite o voto de legenda nas eleições para presidente da República, e dá outras providências. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=179200.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Dados estatísticos: eleições federais e estaduais, realizadas no Brasil em 1950, vol. 2, 1952. Disponível em: <a href="http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/13043/dados estatisticos vol2.pdf?sequence=3">http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/13043/dados estatisticos vol2.pdf?sequence=3</a>.

### Memórias, biografias e depoimentos

CAMARGO, Aspásia et al. *Artes da política: diálogo com Amaral Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CORRÊA, Luiz Antonio Villas-Bôas. *Villas-Boas Corrêa (depoimento, 1997)*. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Crônica política do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

MORAES, Fernando. Chatô: o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. *Alzira Vargas do Amaral Peixoto (depoimento, 1979)*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC – História Oral, 1981.

VIANA, José de Segadas. *José de Segadas Vianna (depoimento, 1983)*. Rio, FGV/CPDOC – História Oral, 1987.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

\_\_\_\_\_. Samuel Wainer I (depoimento, 1996). Rio de Janeiro, CPDOC/Associação Brasileira de Imprensa (ABI), 2010.

### Artigos e coletâneas

CHATEAUBRIAND, Assis. *O pensamento de Assis Chateaubriand*. (vol. 26 e 27). Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000.

VARGAS, Getúlio. A campanha presidencial. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

#### Referências

AARÃO REIS, Daniel; FERREIRA, Jorge (orgs.). Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964). As esquerdas no Brasil, volume 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <a href="http://www.cpdoc.fgv.br/">http://www.cpdoc.fgv.br/</a>.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Totalitarismo e revolução. *O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Grafia da Vida: Reflexões e Experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

AZEVEDO, Amaral. Realismo político e democracia. In: *O pensamento político do presidente*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. História Cultural da Imprensa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BLOCH, March. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOBBIO, Norberto. Liberalismo e Democracia, São Paulo: Brasiliense, 4ºed., 1991.

CÂMARA, Marcelo Barbosa. *Cultura Política - Revista Mensal De Estudos Brasileiros* (1941-1945): um voo panorâmico sobre o ideário político do Estado Novo. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2010.

CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro: história dos Diários Associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

COTTA, Luiza Cristina Villaméa. *Adhemar de Barros (1901-1969): A origem do "Rouba, mas faz"*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n.35, dez. 2007.

D'ARAUJO, Maria Celina Soares. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

FERREIRA, Jorge. João Goulart: uma biografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

\_\_\_\_\_. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular (1945-1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

(	$\sim$	populismo e su	1	C::1:~	D 11 . 1	D:-	.1 .	T '	2001
(Org.).	"	- nonulismo e su	a nistoria	U 1VIIIZACAO	- Brasileira:	K10 (	ae.	Janeiro	- 2001
 (018.).	$\sim$	populitionio e su	ci itisto i teri	CIVIIIZagao	Diamin.	1110		ounciro,	-001

\_\_\_\_\_; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Tânia; MOREL, Marco; NEVES, Lúcia (Org.). *História e Imprensa - representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Vargas: o capitalismo em construção*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

HAYASHI, Marli. Rouba, mas faz. In: *Revista de História*. Disponível em: <a href="http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/rouba-mas-faz">http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/rouba-mas-faz</a>>.

HIPPOLITO, Lúcia. De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KORNIS, Monica Almeida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 34, julho-dezembro de 2004, p. 71-90.

KUNHAVALIK, José Pedro. Os Militares e o Conceito de Nacionalismo: disputas retóricas na década de 1950 e início dos anos 1960. (Tese - Doutorado em Sociologia Política). Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Lacerda x Wainer: o corvo e o bessarabiano. São Paulo: Editora Senac, 1998.

LAVAREDA, Antônio. *A democracia nas urnas: o processo partidário eleitoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. IUPERJ, 1991.

MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento queremista e a democratização de 1945: trabalhadores na luta por direitos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

MARX, Karl. O Capital (vol. 1). São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *História e Culturas Políticas*. Belo Horizonte: Editora Argumentum, 2009.

\_\_\_\_\_. Introdução à história dos partidos políticos brasileiros. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NETO, Lira. *Getúlio (1945-1954): da volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi et al. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

RÉMOND, René. Por uma História Política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010.

Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

SAMPAIO, Regina, Ademar de Barros e o PSP. São Paulo: Global Editora, 1982.

SARTORI, Giovanni. A Teoria da Democracia Revisitada, vol. 1 e 2. São Paulo: Ática, 1994.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo biografias - historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 3-21, 1997.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. IN: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas *perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, R.; BICALHO, M.F.; GOUVÊA, M.F. (org.). Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

SOUZA, Maria do Carmo Campelo de. *Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930-1964)*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

STEFFENS, Marcelo Hornos. *Getúlio Vargas biografado: análise de biografias publicadas entre 1939 e 1988*. Tese (Doutorado em História). Belo Horizonte: UFMG, 2008.

TAVARES, José Nilo. *Getúlio Vargas e o Estado Novo. O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo.* Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VICTOR, Rogério Lustosa. *Entre o veto e a coesão: memórias em disputa no surgimento do PRP*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH - SP, 2011.

WEFFORT, Francisco (org.) Qual Democracia? São Paulo: Companhia das Letras, 1992.